



**A importância das redes sociais na cobertura  
jornalística do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia  
e a Rússia, em 2022, no Jornal das 8 da TVI**

ANA MARGARIDA FILIPE DAMÁZIO

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
MESTRE EM JORNALISMO

Orientador:

Professor Adjunto Convidado Paulo Moura, Escola Superior de Comunicação Social,  
Instituto Politécnico de Lisboa

Outubro de 2023

### **Declaração anti-plágio**

Eu, Ana Margarida Filipe Damázio, declaro por minha honra que a presente dissertação é da minha exclusiva autoria, baseando-se em investigação integralmente própria. Mais declaro que procedi à correta identificação e utilização das fontes, textos e estudos alheios, não incorrendo nas modalidades reconhecidas como plágio.

Lisboa, 20 de outubro de 2023

A mestrandia,

Ana Damázio

---

## **Agradecimentos**

**Aos meus pais**, os maiores responsáveis por esta conquista. Por todo o apoio, por toda a dedicação e por nunca desistirem de acreditar e de demonstrar o orgulho que sentem. Por todo o amor e por estarem ao meu lado em todos os momentos.

**Aos meus avós**, que fizeram sempre os possíveis e os impossíveis para que alcançasse as minhas ambições. Por todo o carinho, apoio e dedicação.

**Aos meus irmãos**, que nunca faltaram com uma palavra de incentivo e que, nas suas formas mais características, dividiram a felicidade de fazer este percurso comigo.

**Ao meu avô** que, onde quer que esteja, tenho a certeza que me guia todos os dias e que hoje sorri como tão risonho que era. A “escola” está feita como tanto gostarias.

**Aos “meus”** por tudo e tanto.

**Ao orientador Paulo Moura** pelo conhecimento, disponibilidade e ajuda de sempre.

## **Resumo**

O presente estudo pretende compreender a importância e a influência das redes sociais na cobertura jornalística do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022, ou seja, entre 24 de fevereiro e 24 de março de 2022, no Jornal das 8 da TVI. O método de investigação utilizado é o misto, sendo aplicadas técnicas de investigação de carácter quantitativo e qualitativo. A análise de conteúdo quantitativa dos 28 episódios do Jornal das 8 da TVI permite caracterizar e compreender o uso dos conteúdos das redes sociais durante as emissões do telejornal. Com uma análise descritiva adicional é também possível acrescentar e reforçar os dados da caracterização. Já as duas entrevistas semiestruturadas realizadas aos enviados especiais da TVI, que estiveram na Ucrânia durante o primeiro mês de guerra em 2022, permitem entender o uso das redes sociais e dos seus conteúdos no terreno de guerra no período referido. Através de uma análise interpretativa dos resultados obtidos com as duas técnicas é ainda possível identificar a rede social mais utilizada quanto aos conteúdos utilizados na emissão, e quanto ao trabalho jornalístico dos enviados especiais. Pedro Moreira e Filipe Caetano dão ainda a conhecer os desafios que as redes sociais geram numa situação de conflito, abordam a concorrência ao jornalismo e refletem sobre a importância das redes sociais na cobertura deste conflito.

**Palavras-chave:** *enviado especial, guerra, jornalismo, redes sociais, Ucrânia.*

### ***Abstract***

This study aims to understand the importance and influence of social media networks in the news coverage of the first month of the war between Ukraine and Russia in 2022, that is, between 24 February and 24 March 2022, on the TVI's *Jornal das 8*. The research method used is mixed, incorporating both quantitative and qualitative research techniques. The quantitative content analysis of the 28 episodes of TVI's *Jornal das 8* makes it possible to characterize and understand the use of social media content during TV news broadcasts. An additional descriptive analysis can also help to add or reinforce data from the characterization. The two semi-structured interviews conducted with TVI's special envoys, who were in Ukraine during the first month of the war in 2022, allow us to understand the use of social media and its content on the battlefield during this period. Through an interpretative analysis of the results obtained with these two techniques, we can also identify the most used social media network in terms of the content used in the broadcast and the journalistic work of the special envoys. Pedro Moreira and Filipe Caetano also reflect on the importance of social media networks in covering this conflict, analyze the challenges they provide in a conflict situation and discuss them as a potential's competitors to traditional journalism.

**Keywords:** *journalism, social media, special envoy, Ukraine, war.*

## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Estado da arte.....</b>	<b>4</b>
1. Uma guerra europeia em 2022: A invasão militar russa à Ucrânia.....	4
1.1. Uma guerra antiga.....	6
1.1.1. Da União Soviética à Revolução Maidan.....	8
1.1.2. Entre a Maidan e 2022.....	10
1.2. O início da guerra.....	11
2. O fenómeno das redes sociais.....	16
2.1. O início das redes sociais.....	16
2.2. A definição de rede social.....	17
2.3. O aparecimento contínuo e veloz das redes sociais.....	20
2.4. O uso da internet e das redes sociais.....	24
3. A relação entre a guerra, as redes sociais e o jornalismo.....	29
3.1. A guerra noticiada nas redes.....	30
3.2. O poder das redes sociais na guerra.....	31
3.2.1. Uma arma de propaganda política.....	33
4. A utilização das redes sociais no jornalismo de guerra.....	35
4.1. As redes sociais mais utilizadas pelos jornalistas.....	37
4.2. Os desafios dos jornalistas nas redes sociais.....	37
4.3. As redes sociais são concorrentes do jornalismo?.....	38
5. Quem é o jornalista na guerra?.....	39
5.1. A origem dos repórteres de guerra.....	42
5.2. A importância do repórter de guerra ou enviado especial.....	44
<b>Opções metodológicas.....</b>	<b>47</b>
1. Pergunta de partida e objetivos de investigação.....	47
2. Método e técnicas de investigação.....	47
<b>Apresentação de resultados.....</b>	<b>52</b>
1. Entre o dia 24 de fevereiro e o dia 24 de março no Jornal das 8 da TVI.....	52
2. Na Ucrânia no primeiro mês da guerra com a Rússia em 2022.....	62

<b>Discussão de resultados.....</b>	<b>69</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>79</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>84</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>106</b>

### **Índice de Apêndices**

<b>Apêndice A.....</b>	<b>106</b>
<b>Apêndice B.....</b>	<b>108</b>
<b>Apêndice C .....</b>	<b>121</b>
<b>Apêndice D .....</b>	<b>211</b>
<b>Apêndice E.....</b>	<b>212</b>
<b>Apêndice F.....</b>	<b>214</b>
<b>Apêndice G.....</b>	<b>230</b>

### **Índice de gráficos**

<b>Gráfico 1   Número de conteúdos das redes sociais utilizados em cada um dos episódios do Jornal das 8 analisados.....</b>	<b>54</b>
<b>Gráfico 2   Tipo de intervenção em que os conteúdos das redes sociais foram utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados.....</b>	<b>54</b>
<b>Gráfico 3   Género jornalístico em que os conteúdos das redes sociais foram utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados.....</b>	<b>55</b>
<b>Gráfico 4   Rede social de origem dos conteúdos utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados.....</b>	<b>56</b>
<b>Gráfico 5   formato dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados .....</b>	<b>56</b>
<b>Gráfico 6   temas representados nos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados .....</b>	<b>57</b>
<b>Gráfico 7   intervenientes representados nos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados .....</b>	<b>58</b>

<b>Gráfico 8</b>   país representado nos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados .....	<b>58</b>
<b>Gráfico 9</b>   tempo de emissão dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados .....	<b>59</b>
<b>Gráfico 10</b>   citação de fonte dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados .....	<b>60</b>
<b>Gráfico 11</b>   propósito da utilização dos conteúdos das redes sociais nos episódios do Jornal das 8 analisados .....	<b>60</b>
<b>Gráfico 12</b>   relevância dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados .....	<b>61</b>
<b>Gráfico 13</b>   anúncio dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados .....	<b>62</b>

### **Índice de Quadros**

<b>Quadro 1</b>   Variáveis e categorias selecionadas para a análise de conteúdo quantitativa.....	<b>48</b>
<b>Quadro 2</b>   Dados gerais da emissão e da análise dos 28 episódios do Jornal das 8 da TVI.....	<b>106</b>
<b>Quadro 3</b>   Dados específicos da emissão dos 28 episódios do Jornal das 8 da TVI analisados.....	<b>108</b>
<b>Quadro 4</b>   Análise descritiva dos 28 episódios do Jornal das 8 analisados.....	<b>127</b>
<b>Quadro 5</b>   Referências às redes sociais nos 28 episódios do Jornal das 8 analisados.....	<b>216</b>

### **Índice de Tabelas**

<b>Tabela 1</b>   Total de conteúdos das redes sociais utilizados nos 28 dias do Jornal das 8 analisados.....	<b>53</b>
<b>Tabela 2</b>   Formato dos conteúdos das redes sociais utilizados em cada tipo de intervenção nos episódios do Jornal das 8 analisados.....	<b>71</b>
<b>Tabela 3</b>   Temas representados em cada formato dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados.....	<b>72</b>

<b>Tabela 4</b>   Temas representados em cada rede social de origem dos conteúdos utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados.....	<b>73</b>
<b>Tabela 5</b>   Citação de fonte em relação aos temas representados nos episódios do Jornal das 8 analisados .....	<b>74</b>
<b>Tabela 6</b>   Citação de fonte em relação aos intervenientes representados nos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados.....	<b>75</b>
<b>Tabela 7</b>   Relação entre o tema e o propósito da utilização dos conteúdos das redes sociais nos episódios do Jornal das 8 analisados .....	<b>76</b>
<b>Tabela 8</b>   Relação entre o tema e a relevância dos conteúdos utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisado .....	<b>77</b>

## Introdução

“Começou a guerra!” ou “A Rússia invadiu a Ucrânia” foram expressões que o mundo inteiro leu ou ouviu a partir das 4 horas da manhã do dia 24 de fevereiro de 2022. Na televisão, na rádio, no digital ou nas redes sociais, as primeiras informações daquela que viria a ser uma guerra ‘para ficar’ chocavam todos os que não acreditavam numa invasão russa ao território ucraniano (Gessen, 2022, par. 4). Por outro lado, as primeiras insurgências credibilizavam os especialistas que alertavam, há várias semanas, para a deslocação das tropas russas para a fronteira, e da conseqüente iminência de um conflito armado (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 10; Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 9).

Desde informações táticas ou militares, a dados estatísticos, imagens ou vídeos das colunas militares ou dos primeiros bombardeamentos, o tema “Rússia vs. Ucrânia” invadiu não só o espaço mediático, como o dia-a-dia de cada um. Em pouco tempo, os líderes mundiais, os analistas e os especialistas, ou mesmo os civis, começaram a reagir, e a guerra russa na Ucrânia tornou-se o tema mais falado, discutido e pesquisado do ano (Rangel, 2022, par. 1).

Apesar da precaução de algumas agências de comunicação e de meios de comunicação social, que semanas antes do início da guerra enviaram meios para ‘apalpar’ terreno (Gessen, 2022, par. 5-6), os avanços da Rússia em direção à Ucrânia surpreenderam quase todos. Foi então que, os primeiros factos surgiram maioritariamente, através da comunicação oficial de atores políticos ou das redes sociais – também elas meios de comunicação oficiais para figuras de renome (Apêndice C). Rapidamente esta guerra foi intitulada como “a primeira guerra das redes sociais” por vários autores (Ciuriak, 2022a; Ciuriak, 2022b, p. 33; Luigi, 2022, par. 1; Rangel, 2022, par. 2; Santos, 2022, par. 4), sendo que as plataformas se tornaram uma fonte de informação, um fórum de discussão, um meio de pedir socorro ou mesmo um meio propagandístico e arma para os países envolvidos ou afetos à guerra (Neto, 2022, secção “Ciberataque”, par. 1-9).

Numa zona de conflito, onde muitas vezes é difícil o jornalista estar para fazer chegar a informação do que se passa no terreno, o ‘jornalismo do cidadão’ ganha espaço (Patrick & Allan, 2013, pp. 163-165). Em Portugal, e em várias partes do mundo, os conteúdos gerados pelos cidadãos locais ou por quem estava presente nas cidades ucranianas atacadas e invadidas pelos russos, e publicados nas plataformas sociais, invadiram o *online* e os telejornais.

Contudo, a utilização das redes sociais para vários propósitos num conflito armado não foi novidade na Ucrânia. Como explicam Soares (2018), Luigi (2022) ou Santos (2022), marcos importantes como a Primavera Árabe, a Guerra do Iraque ou o 11 de setembro já tinham vislumbrado a importância que as redes sociais iam ter noutros momentos de tensão. Aliás, na Síria, nos Estados Unidos da América ou mesmo na Ucrânia, a necessidade do uso das plataformas sociais pelos cidadãos, pelos invasores ou invadidos e, sobretudo, pelos jornalistas foi sendo cada vez mais evidente (Mandel, 2019; Sacco & Bossia, 2015). Com um papel importante quanto à disponibilização da informação, as redes sociais também tiveram um papel preponderante na propaganda política e enquanto meio de ataque e manipulação.

Em 2022, na Ucrânia, não foi diferente. Esta guerra que, historicamente, começou muito antes (Conant, 2022, par. 2) ganhou uma dimensão diferente das guerras mais recentes do século. De acordo com o Google Trends (2022a), a palavra ‘Ucrânia’ foi das mais pesquisadas no mundo, enquanto, por exemplo, em Portugal várias perguntas afetas à guerra foram as mais colocadas (Google Trends, 2022b).

Desde o início que o conteúdo partilhado nas redes sociais permitiu acompanhar de perto o conflito como nunca foi possível. No entanto, e apesar da novidade de ‘mostrar em direto’ o que se passava no terreno (Rangel, 2022, par. 1-3), as redes sociais intensificaram os desafios já antes implicados na informação e no jornalismo. O surgimento das *fake news* e da desinformação foi, desde logo, inevitável (Holroyd, 2022), salientando ainda mais a importância da presença de um jornalista num conflito armado.

Mas que relação pode ter o jornalista com as redes sociais e, em especial, no terreno de guerra? As redes sociais ajudam, prejudicam ou complementam o trabalho jornalístico? A cobertura jornalística de uma guerra é influenciada pelas redes sociais e os seus conteúdos? Se sim, de que forma?

A presente dissertação de mestrado pretende explorar a importância das redes sociais na cobertura jornalística do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022 no Jornal das 8<sup>1</sup> da TVI. Para perceber de que forma as redes sociais influenciaram a cobertura jornalística, dentro e fora do terreno de guerra, durante este período e no espaço de informação enunciado, procura-se caracterizar o uso dos conteúdos das redes sociais, compreendê-lo e entendê-lo a partir da ‘pele’ do enviado especial.

---

<sup>1</sup> Após 11 anos, a TVI voltou a alterar o nome do formato “Jornal das 8” para “Jornal Nacional” (Valadares, 2023). Dado que a alteração ocorreu durante a elaboração do estudo e depois do período analisado, a antiga nomenclatura manteve-se.

Desta forma, o objeto de estudo é a utilização das redes sociais e dos seus conteúdos (imagem, vídeo, som e texto) nas peças jornalísticas e nos diretos do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, em 2022 (24 de fevereiro a 24 de março), do Jornal das 8 da TVI. Já para pergunta de partida elaborou-se a seguinte: “De que forma é que as redes sociais influenciaram a cobertura jornalística no primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, em 2022, no Jornal das 8 da TVI?”.

O tema proposto para estudo revela-se importante devido à sua atualidade, uma vez que, até ao momento da entrega desta dissertação, a guerra entre a Ucrânia e a Rússia continuava. Por outro lado, a proximidade com o país, com o conflito e as suas consequências atribuem-lhe uma pertinência ainda maior. Simultaneamente, as redes sociais estão cada vez mais presentes no dia-a-dia, proporcionando crescentes oportunidades e desafios, também evidentes no jornalismo. Nesta guerra, as redes sociais foram desde o início um elemento permanente, sendo importante investigar as suas influências na cobertura jornalística do conflito e o seu papel, aparentemente, cada vez mais presente e relevante no campo jornalístico.

Com vista a recolher os dados e factos mais claros possíveis é utilizado o método de investigação misto, que inclui uma técnica de investigação quantitativa e uma técnica de investigação qualitativa. Respetivamente, a análise de conteúdo quantitativa e as entrevistas permitiram concretizar os objetivos estabelecidos, através de uma posterior análise interpretativa e crítica. Ainda como meio de suporte aos resultados obtidos com a aplicação das duas técnicas, realizou-se uma análise descritiva do conteúdo observado.

Estruturalmente, o trabalho começa com a presente introdução, seguindo-se o enquadramento teórico da guerra, das redes sociais, do jornalismo de guerra e da relação entre os três elementos. A par da operacionalização de conceitos e do estado da arte, são incorporadas as opções metodológicas, que apresentam a pergunta de partida e os objetivos específicos da investigação, tal como o método e as técnicas utilizadas, que são descritos e valorizados. Sequencialmente surge a apresentação dos resultados, que são discutidos na secção seguinte. Para finalizar são apresentadas as principais conclusões sobre o tema em estudo, enunciadas as principais limitações encontradas durante a execução da dissertação e sugeridas novas oportunidades de estudo relacionadas com a temática.

## **Estado da arte**

### **1. Uma guerra europeia em 2022: A invasão militar russa à Ucrânia**

Mesmo sob a ameaça do presidente da Rússia, Vladimir Putin, eram poucos os que acreditavam em mais um conflito armado entre russos e ucranianos em pleno ano de 2022. Segundo Gessen (2022), a população da Ucrânia não esperava que a invasão militar acontecesse (par. 4). Nem mesmo as “pessoas mais bem informadas” que “achavam que Putin estava apenas a chamar a atenção da diplomacia coercitiva” (Gessen, 2022, par. 4). No entanto, havia quem dissesse que mesmo que a Rússia avançasse com a invasão, esta seria “rápida como a da Crimeia [em 2014]” e “uma operação de precisão, com uso de tecnologia avançada e indolor” (Gessen, 2022, par. 4).

Aconteceu. Às 4 horas e 30 minutos da madrugada de 24 de fevereiro de 2022 foram lançados os primeiros mísseis russos que atingiram várias cidades ucranianas, incluindo a capital Kiev (Expresso, 2022, par. 2). Por esta altura estava lançada uma vasta operação militar russa contra a Ucrânia, com as tropas a atravessar as fronteiras em blindados russos e constantes bombardeamentos a atingirem instalações militares, hospitais, zonas residenciais e até civis no território ucraniano (Gessen, 2022, par. 2).

De acordo com o Expresso (2022a), os ataques concentravam-se, inicialmente, no leste e no sul da Ucrânia, mas a invasão acabou por avançar em três frentes, estendendo-se a norte (par. 4). Perto das 5 horas da madrugada, as tropas russas desembarcavam em Odessa, uma cidade ucraniana localizada nas margens do Mar Negro (Expresso, 2022a, par. 2). Já “outras forças militares, também sob o comando de Moscovo, cruzavam a fronteira em direção a Kharkiv” (Expresso, 2022a, par. 3). Por outro lado, “nos arredores de Kiev aconteciam os primeiros ataques com mísseis a caças ucranianos estacionados numa base [militar]” (Expresso, 2022a, par. 4). E antes das 6 horas da manhã desse mesmo dia já soavam as sirenes em Kiev, alertando para a possibilidade de iminentes ataques aéreos (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 10).

As forças russas utilizaram várias linhas da frente desde a Rússia, da Bielorrússia e do território já ocupado na Ucrânia – a Crimeia (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 10). Como consequência, a Ucrânia foi obrigada a impor a lei marcial<sup>2</sup> a todo o território, dando início a uma mobilização geral de todas as forças de reserva para a defesa do país.

---

<sup>2</sup> Com base na lei “O Regime Legal da Lei Marcial”, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, proibiu que os homens entre os 18 e os 60 anos saíssem do país e pediu a libertação dos presos com experiência militar para combaterem pela Ucrânia (Guimarães, 2022, par. 3).

O plano russo era “capturar Kiev em três dias, colapsar a resistência do exército ucraniano, uma recepção amigável em grande parte dos territórios ucranianos e controlar todo o território até ao dia 9 de maio, o chamado ‘Dia da Vitória’” (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 10). Os tempos que se seguiram foram de tumultos.

Kiev, Kharkiv, Mariupol, Kherson e Odessa são os nomes das muitas cidades ucranianas onde os ataques aéreos, marítimos e terrestres se intensificaram todos os dias (Reuters, 2022). Desde investidas a torres de comunicação ou de eletricidade, a portos, a aeroportos, a usinas nucleares, a edifícios patrimoniais e não patrimoniais e a tantos outros alvos (Dias, 2022; Nunes, 2022b; Reuters, 2022), a Rússia não parecia ter dó.

Os ataques russos resumiram o território ucraniano a escombros, matando e ferindo centenas de pessoas e obrigando os resistentes a sobreviverem sem mantimentos para satisfazerem as necessidades básicas, como comer ou beber água (Firpo, 2023, secção “Março”, par. 1). Posteriormente, os crimes de guerra, como os massacres nas cidades, começaram a ser denunciados. Enquanto isso, alguns objetivos russos na Ucrânia falhavam e novos eram delineados.

### **Os números do conflito armado**

A guerra entre a Ucrânia e a Rússia foi considerado o conflito geopolítico mais consequente desde o fim da Guerra Fria (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 4) e “a maior ameaça à paz e à segurança na Europa” (Mankoff, 2022, par. 1).

Após as primeiras 12 horas da invasão russa, as forças ucranianas contabilizaram 203 ataques que resultaram em 50 mortos - 40 militares e dez civis (Expresso, 2022a). Já num balanço do primeiro dia de conflito, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, anunciava novos números: “137 ucranianos mortos, entre os quais soldados e civis, e mais de 169 feridos” (Euronews, 2022a, secção “Presidente da Ucrânia anuncia 137 mortos”, par. 1). Já o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) anunciava que mais de 120 mil pessoas tinham fugido da Ucrânia após as primeiras 24 horas sob ataque e 850 mil pessoas tinham-se deslocado internamente (Vogt *et al.*, 2022, secção “UN says more than 120,000 Ukrainian refugees have fled since Thursday”).

Os dias seguintes continuaram a ser de sobressalto. Com o conflito a decorrer tornava-se difícil anunciar novos e corretos números. Contudo, ao fim de uma semana, a Organização das Nações Unidas (ONU) avançava novas estimativas oficiais: “227 civis mortos e 525 feridos” (Nunes, 2022b, secção “Mortos e feridos”, par. 1). No caso dos militares, enquanto o governo ucraniano assumia mais de nove mil soldados russos

mortos, a defesa de Putin afirmava que eram apenas 496. Quanto ao lado ucraniano, o governo contava 2870 militares mortos e 3700 militares feridos. No que diz respeito aos refugiados, já eram mais de um milhão de ucranianos que tinham abandonado a pátria.

Com as vítimas a aumentar de semana para semana, no final do primeiro mês de guerra eram milhares os mortos e centenas os feridos de ambos os lados, entre eles muitos civis ucranianos (Euronews, 2022b, par. 10). A ONU divulgou que até ao dia 24 de março de 2022 tinham morrido 1035 civis e 1650 tinham ficado feridos, admitindo que se estimava serem muitos mais, dado a dificuldade de chegar a todas as áreas afetadas (Dias, 2022, par. 3). Por sua vez, o Ministério da Defesa da Ucrânia afirmava que eram já 1351 mortos e 3825 feridos ucranianos. Quanto aos militares, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) calculava que a Rússia já tinha entre 7 mil a 15 mil baixas - entre soldados mortos, feridos e capturados (Dias, 2022, par. 3). Sobre os militares ucranianos, os números mantinham-se sem novas atualizações, tendo a última sido feita a 12 de março por Zelensky.

De acordo com os dados do ACNUR, a crise de refugiados continuava a intensificar-se ao fim de um mês de guerra (Euronews, 2022b). Mais de 3,6 milhões de ucranianos tinham sido obrigados a fugir do país, e na maioria eram mulheres e crianças (Alves, Dantas e Público, 2022, secção “A crise dos refugiados”, par. 1). Mais de metade destes refugiados (2,1 milhões) atravessaram a fronteira para a Polónia, enquanto outros fugiram para a Roménia (555 mil), Moldávia (371 mil) e outros países fronteiriços e europeus, como a Hungria, a Eslováquia, a Bielorrússia ou até mesmo a Rússia (Agência Lusa, 2022a).

Portugal, por exemplo, foi um dos destinos escolhidos por, aproximadamente, 18 mil cidadãos da Ucrânia para se refugiarem da guerra (Dantas & Alves, 2022, secção “A crise dos refugiados”, par. 3). Enquanto uns fugiam para fora do país, quase 3,5 milhões de ucranianos eram obrigados a deslocarem-se internamente (Euronews, 2022b, par. 5). Assim, 30 dias depois do início do conflito, quase 10 milhões de ucranianos abandonaram as suas casas e as suas vidas para lutarem pela sobrevivência, enquanto outros milhares aguardavam a oportunidade de o fazer (Agence France-Press, 2022b, par. 2).

### **1.1. Uma guerra antiga**

A história entre os dois países envolvidos na guerra europeia que marcou o início do ano de 2022 começou muitos anos antes. Como afirma Conant (2022), desde o século XVII que parte do atual território ucraniano pertencia ao Império Russo (par. 4). Mesmo

com a sua queda, o território foi reconquistado à força pela União Soviética (URSS) (Conant, 2022, par. 4), da qual a Ucrânia e a Rússia fizeram parte até 1991 - o ano em que a URSS foi dissolvida (Kotoulas & Puszta, 2022, p. 7).

Após a dissolução, o parlamento ucraniano proclamou a independência da Ucrânia a 24 de agosto de 1991, cinco dias depois do presidente da Rússia na época, Boris Iéltsin, colocar tanques nas ruas de Moscovo numa tentativa de desafiar um golpe militar pelos comunistas (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 4). No dia 1 de dezembro, a população elegeu Leonid Kravchuk como presidente da Ucrânia, deixando claro que era necessário a separação civilizada da Rússia. No entanto, os líderes russos mostraram-se contra.

Para a Rússia, a Ucrânia foi desde sempre uma criação da União Soviética (Mankoff, 2022, p. 2). Remontando ao século XIX, no sistema educacional do Império Russo já se defendia que o povo russo era tripartido, sendo composto “pelos ‘grandes russos’, pelos ‘pequenos ucranianos’ e pelos ‘brancos bielorrussos’” (Mankoff, 2022, p. 3). Como consequência e clara evidência desta trilogia, em 1863, o ministro da Administração Interna da Rússia emitiu um decreto que proibia a publicação e a instrução da língua ucraniana, uma lei que permaneceu até 1905.

De acordo com Mankoff (2022), o nacionalismo ucraniano apenas surgiu durante o decorrer do século, quando o território que hoje corresponde à Ucrânia foi dividido entre a Rússia e a Áustria-Hungria (p. 3). Com o colapso dos dois impérios, o Império Russo e o Império Austro-Húngaro, a identidade ucraniana sobressaiu pela primeira vez, permitindo que a Ucrânia conquistasse um pequeno período de independência enquanto a Rússia defrontava a Polónia na Guerra Civil Russa, em 1917.

Já em 1920, o período de independência da Ucrânia terminou e “o país foi russificado” (Mankoff, 2022, p. 4). Mais tarde, em 1989, a política do último líder da URSS, Mikhail Gorbachev, ofereceu a oportunidade aos movimentos nacionalistas para se mobilizarem – incluindo o Movimento Popular da Ucrânia -, levando à dissolução da União Soviética. Segundo Haesebrouck e Taghon (2022), os russos não estavam de acordo com o fim do Estado, mas esta era a forma mais fácil dos próprios se livrarem do líder soviético, hierarquicamente superior ao presidente russo (p. 4).

A 8 de dezembro de 1991, os então presidentes da Ucrânia, da Rússia e da Bielorrússia – Leonid Kravtchuk, Boris Iéltsin e Stanislav Shushkevich, respetivamente - reuniram-se para negociar a nova relação entre os três países (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 4). Desta negociação resultaram os Acordos de Belovezh, que dissolveram, então, a URSS e estabeleceram a Comunidade de Estados Independentes.

### **1.1.1. Da União Soviética à Revolução Maidan**

Após a separação oficial dos três países e da independência ucraniana, ainda havia questões políticas e económicas para serem resolvidas, entre as quais estavam o controlo do terceiro maior arsenal nuclear do mundo e a divisão da Frota do Mar Negro da União Soviética, ligada à cidade portuária de Sevastopol, na Ucrânia, e à península da Crimeia (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 5).

Os anos seguintes foram feitos de tentativas de negociação e de cooperação com a Rússia, de tentativas de aproximação à NATO e à União Europeia (UE), de fraudes eleitorais, de crises políticas e económicas, e de revoluções que espelhavam o descontentamento de 20 anos da população ucraniana (Haesebrouck & Taghon, 2022, pp. 5-6). A 21 de novembro de 2013 deu-se início à maior das revoluções da Ucrânia: “Revolução da Dignidade”, “Revolução Maidan” ou “Revolução Ucraniana de 2014”.

A manifestação que começou por ser estudantil, depressa se tornou uma manifestação popular (Expresso, 2019, par. 2) Reunidos na principal praça de Kiev, os ucranianos demonstraram-se contra a cedência à pressão da Rússia para a Ucrânia não assinar o Acordo de Associação, que abria uma zona de comércio livre com a União Europeia e que estreitava os laços com o Ocidente, afastando o país das relações políticas e económicas com os russos (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 6). A repressão das autoridades tornava-se cada vez mais violenta, mas os ucranianos não recuaram e exigiram que o presidente ucraniano da altura, Viktor Yanukóvytch, e o primeiro-ministro, Mykola Azarov, “saíssem de cena” (Expresso, 2019, par. 2). Acusado de incompetência e traição, Yanukóvytch começou a perder o apoio dos membros do partido, do parlamento e das forças de segurança, e viu-se obrigado a fugir para a Crimeia (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 7). Meses mais tarde apareceu, pela primeira vez, em público e justificou que fugiu da Ucrânia por “temer pela vida” (Expresso, 2019, par. 6).

A Crimeia foi da Rússia desde “Catarina, a Grande”, mas foi transferida para a Ucrânia em 1954 (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 5). A Rússia contestava a legalidade desta decisão desde a independência ucraniana e, por isso, aproveitou as novas eleições ucranianas em 2014 para soldados russos tomarem pontos estratégicos da península (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 8).

A 27 de fevereiro de 2014, o russo Serguey Aksyonov foi nomeado primeiro-ministro da Crimeia, isolando cada vez mais a Ucrânia que, entre outras medidas, via os sinais de televisão e de rádio cortados (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 8). Com 97% dos eleitores a apoiarem a reunificação da Crimeia com a Rússia, os combates eclodiram

na região do Donbass - onde viviam inúmeros ucranianos que falavam russo -, por mão dos separatistas apoiados pela Rússia. Nas regiões orientais, as tropas russas e os separatistas pró-russos conseguiram a separação da Ucrânia, estabelecendo a República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk. Já um grupo de mercenários russo conquistou a cidade de Slovyansk (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 8).

Kiev respondeu aos ataques com a criação de uma “Operação Antiterrorista” e as hostilidades entre as duas partes ganharam uma nova dimensão, culminando oficialmente no “conflito do Donbass” (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 9; Mankoff, 2022, p. 6).

Numa tentativa de parar os combates na Ucrânia, os representantes das Repúblicas separatistas, a Ucrânia, a Rússia e a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) – com mediação da França e da Alemanha – estabeleceram os “Acordos de Minsk” (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 9). O Acordo de Minsk-I, assinado em setembro de 2014, visava o cessar-fogo e incluía algumas cláusulas solicitadas pela Rússia sobre o estatuto especial do Donbass, nomeadamente, a possibilidade de existirem eleições locais na região. Porém, os combates continuaram e a necessidade de um novo acordo era cada vez mais evidente. Surgiu o Acordo de Minsk-II, com o qual a Ucrânia pretendia acabar de vez com o conflito e recuperar a soberania. Já a Rússia pretendia canalizar políticas, substancialmente, autónomas para as Repúblicas independentes, de forma a minar a soberania ucraniana.

Com a Crimeia anexada em 2014, a Rússia conseguiu ampliar, significativamente, o território (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 8). Além disso, tomou o controlo total da base militar de Sevastopol e da costa do Mar Negro, demonstrando a capacidade militar russa. Ao mesmo tempo, reduziu, consideravelmente, o poder da Ucrânia a nível territorial e político, e conseguiu obstruir a candidatura ucraniana à União Europeia e à NATO.

Mankoff (2022) afirma que, desta forma, os russos fortaleceram a ideia de fraqueza e artificialidade do estado ucraniano, e tentaram controlar outras cidades ucranianas, embora sem sucesso (p. 9). Foi a própria economia russa que acabou por sofrer um revés com as sanções aplicadas pelos Estados Unidos da América e pela União Europeia (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 8). Inicialmente dirigidas à Crimeia, o pacote de sanções económicas alargou-se depois da rebelião no Donbass e depois do abatimento do avião civil MH-17, o que enfraqueceu a posição da Rússia.

### **1.1.2. Entre a Maidan e 2022**

Após a revolução de 2014, as eleições ucranianas foram antecipadas de 29 de março de 2015 para 25 de maio de 2014 (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 8). Petro Poroshenko foi eleito e as relações entre o Ocidente e a Ucrânia fortaleceram-se. Como resposta à anexação da Crimeia e à ocupação de Donetsk e Lugansk, o apelo à integração da Ucrânia na União Europeia e na NATO cresceu (Mankoff, 2022, p. 6). Se antes da invasão russa, em 2014, o apoio estava abaixo dos 50%, no início de 2022 já 62% dos ucranianos o desejavam, representando mais de dois terços da população. Ainda que a integração não tivesse sido concluída durante os anos anteriores, o país assinou o Acordo de Associação com a União Europeia - do qual fazia parte o acordo da Área Profunda e Abrangente de Livre Comércio - logo a seguir à revolução. No entanto, este só entrou em vigor a 1 de setembro de 2017 (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 8).

A NATO, apesar da especulação, não ofereceu qualquer adesão à Ucrânia, nem interveio diretamente no país em 2014 (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 8). Por sua vez, apoiou nas necessidades mais específicas, ajudando a reformar o exército ucraniano e a reforçar a capacidade de lidar com os russos.

Durante o mandato, Poroshenko tentou inverter algumas medidas a fim de restaurar a soberania ucraniana: Em 2019 designou o ucraniano como a língua oficial daquele Estado e exigiu que todos os meios de comunicação social publicassem em ucraniano (Mankoff, 2022, p. 6). Porém, o presidente não conseguia dar uma resposta adequada aos problemas sociais e económicos do país, nem corresponder aos pedidos de melhoras das condições de vida da população ou da eliminação da corrupção que se mantinha no parlamento ucraniano (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 9). Assim, novas eleições foram marcadas e, insatisfeitos com os diversos partidos políticos e com as elites, os ucranianos elegeram, em 2019, Volodymyr Zelensky, um novato na política.

Conforme Haesebrouck e Taghon (2022), Zelensky era uma figura política focada no povo e anticorrupção (p. 9). No que diz respeito à política externa, o presidente pretendia tomar uma posição pacífica sobre a Rússia, mas não aceitava a rendição da península da Crimeia. A longo prazo, o próprio começou a tomar medidas: Tentou modificar e, mais tarde, abandonar o segundo acordo de Minsk; ordenou o fecho das redes de televisão pro-Rússia; mandou prender Viktor Medvedchuk - o oligarca que financiava as televisões russas e o principal procurador do Kremlin na Ucrânia -; pressionou a reforma dos serviços de segurança e forçou a erradicação dos simpatizantes russos, que eram parte integrante da aquisição russa da Crimeia (Mankoff, 2022, p. 9).

O novo presidente não convenceu, inicialmente, os ucranianos pela falta de uma agenda política clara e por entender pouco de política internacional, já que a sua experiência era reduzida (Marvão & Guerreiro, 2022, par. 1). Com os discursos e tomadas de decisão destemidos conquistou o povo. Atualmente, os ucranianos descrevem-no como um dos “heróis” da Ucrânia, e a mais recente guerra no país foi a grande responsável pelo novo apelido de Volodymyr Zelensky (Forbes Internacional & Marmé, 2023).

## **1.2. O início da guerra**

No início de 2021, a Rússia aumentou a pressão sobre a Ucrânia e sobre os parceiros ocidentais (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 10). Em abril, os russos enviaram 100 mil soldados para a fronteira com a Ucrânia. As tropas retiraram-se mais tarde, mas rapidamente voltaram às suas posições em novembro.

A 17 de dezembro de 2021, o Ministério das Relações Externas da Rússia revelou um “conjunto de quereres” em relação à Ucrânia, entre os quais estavam um acordo entre a Rússia e os Estados Unidos da América, composto por medidas que garantiam a segurança da Rússia e dos estados-membros da NATO (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 9). Nestas medidas, o Kremlin pedia que os EUA e a NATO cessassem qualquer atividade militar na Europa Oriental e na Ásia Central – de interesse russo –, e pediam a garantia de que a NATO não se iria expandir aos estados pós-soviéticos, bem como a garantia de que a Ucrânia e a Geórgia não iriam integrar a organização (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 6; Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 9).

O Ocidente não cedeu às pretensões da Rússia e o país foi alertado para as severas sanções económicas que iria sofrer caso voltasse a invadir a Ucrânia - como retaliação -, tal como em 2014 (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 9). Ainda que a invasão fosse negada continuamente, os Estados Unidos da América, o Reino Unido e a Estónia advertiram que estava iminente um ataque entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022.

Ao iniciar 2022, a situação escalou. Consoante Gessen (2022), a repressão já tinha aumentado na própria Rússia em janeiro, pois o espaço para a expressão política estava a diminuir (par. 7). Por esta altura Vladimir Putin planeava instalar um líder em Kiev para governar a Ucrânia a seu mando – o chamado “governo fantoche” (Gessen, 2022, secção “What Putin thinks”, par. 6). Tal ambição foi impulsionada pelas várias vitórias militares na Chechénia, na Geórgia e na Síria, além da rendição da Crimeia, em 2014.

Anteriormente, o presidente russo já tinha instalado governos fantoches nas autoproclamadas Repúblicas populares no leste da Ucrânia (Gessen, 2022, secção “What

Putin thinks”, par. 9). No entanto, até à invasão de 2022, os russos continuavam a negar o envolvimento nas regiões separatistas, tentando manter as aparências como um poder legítimo (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 8). Gessen (2022) afirma que Putin achava que Zelensky era um fantoche do Ocidente e que, portanto, “a Ucrânia não era real” (secção “What Putin thinks”, par. 9).

A 21 de fevereiro de 2022, a Rússia reconheceu a República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk “como duas autoproclamadas pseudopolíticas em Donbass, controlas por separatistas pró-Rússia” (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 10). No dia seguinte, o Conselho da Federação da Rússia autorizou o uso da força militar no exterior e a entrada do exército russo nos territórios separados da Ucrânia Oriental.

Três dias depois, no dia 24 de fevereiro, e com o pretexto de combater o “nazismo ucraniano” e “proteger os cidadãos”, Moscovo lançou “uma operação militar especial” sobre a Ucrânia (Haesebrouck & Taghon, 2022, p. 10). De acordo com Mankoff (2022), no início da invasão calculavam-se 190 mil soldados russos na fronteira ucraniana (p. 10) - os tais que teriam sido destacados no final de 2021 (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 9).

Gessen (2022) explica que esta guerra foi prevista, mas que tanto os especialistas como os cidadãos ucranianos achavam que não iria durar muito (par. 1). Ao mesmo tempo, os investigadores previam a vontade dos ucranianos em lutar de volta, dado que um estudo anterior indicava que a maioria estava disposta a lutar pelo país, incluindo os falantes ucranianos na parte Ocidental e os falantes russos, ucranianos e até bilingues do leste (Mankoff, 2022, p. 5).

Tal como a vontade de defender o país evidencia, a identidade cívica da Ucrânia acabou por ser consolidada pela Revolução da Dignidade de 2014, pela anexação da Crimeia e pela intervenção no Donbass (Mankoff, 2022, p. 6). Com grandes progressos desde então, a Ucrânia passou a incluir a maioria dos falantes russos do leste e do sul na comunidade por meio da educação, dos *media*, da legislação, do uso do idioma, da religião, da política e das etnias, acelerando a dissociação com a Rússia e unindo o povo. No entanto, e apesar dos avanços, ainda existe alguma “consciência russa” na Ucrânia, pois alguns cidadãos continuam a identificar-se mais com a União Soviética do que com os estados pós-soviéticos, devido, sobretudo, ao idioma russo e às instituições religiosas russas (Mankoff, 2022, p. 7).

## **As principais motivações da Rússia**

A invasão russa de 2022 pode ter sido uma tentativa de inverter a dissociação entre os dois países do leste da Europa (Mankoff, 2022, p. 7), mas os motivos vão mais além. De acordo com Toal (2017), citado por Masters (2023), o objetivo de Putin “foi sempre o de devolver à Rússia o estatuto de grande potência no norte da Eurásia” e o “objetivo final não era recriar a União Soviética, mas tornar a Rússia novamente grande” (secção “What are Russia’s objectives in Ukraine?”, par. 1). Tais objetivos são consonantes com Haesebrouck e Taghon (2022) que referem que o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia, Sergey Lavrov, defendeu que a Rússia faria tudo o que fosse possível para impedir a adesão da Ucrânia [à NATO e à União Europeia] e da Geórgia à Ucrânia (p. 7).

Considerada uma ameaça à segurança vital russa e aos interesses económicos russos, a aproximação da Ucrânia ao Ocidente faria com que um grande número de russos saísse da influência da Rússia (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 34). A economia do Donbass [proveniente do negócio do carvão e dos minérios de ferro] ia ser separada da Rússia e da União Económica da Eurásia, desenvolvendo-se, depois, com o investimento europeu e americano - o que faria “efeito dominó” sobre a Bielorrússia (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 34). Assim, a melhor forma de o impedir seria fazer com que toda a área fosse controlada por Moscovo, originando uma estreita cooperação económica entre os Estados, e possibilitando vantagens geoestratégicas através do controlo do Mar de Azov e da costa norte do Mar Negro (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 28). Ademais, uma zona comercial fechada entre a Rússia e a NATO também estava em vista.

De acordo com Kotoulas e Pusztai (2022), o objetivo principal da invasão russa à Ucrânia é “derrubar a política de segurança mundial de origem ocidental”, sendo que tal objetivo é parte da ambição de “criar uma área de influência e de controlo na antiga esfera soviética, que se estende à Bielorrússia, à Ucrânia, à Geórgia, à Arménia e aos estados da Ásia Central” (p. 18). Os autores afirmam que a nova reorientação estratégica dos Estados Unidos da América em relação à Europa, ao leste e sul da Ásia, bem como a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão, em 2021, foram o que deu a esperança à Rússia de que iriam conseguir uma vitória fácil na Ucrânia (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 27).

Com vários argumentos históricos, ideológicos e geopolíticos, a Rússia tentou justificar a invasão militar. Não obstante, Kotoulas e Pusztai (2022) reiteram que existem referências à guerra de 2022 como “a continuação da Grande Guerra Patriótica, que ocorreu entre 1941 e 1945, em documentos internos oficiais do exército” (p. 23). O símbolo “Z”, que identifica as tropas russas, simboliza os 77 anos desde o fim vitorioso

dessa guerra. Além do mais, supõem que os russos tentem imitar a “Guerra de Inverno” travada com a Finlândia em 1939, de onde os russos saíram com um acordo favorável: A Finlândia não integrou a NATO ainda que, estrategicamente, tenha sido o vencedor da guerra (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 26). Também os laços culturais e comuns entre russos e ucranianos, bem como a história que compartilharam na época da União Soviética, foram justificativas válidas para os russos.

Ao nível ideológico, a propaganda russa avançou uma narrativa contra “um regime nazista na Ucrânia”, iniciado pela Brigada Azov, de extrema-direita - uma unidade de Guarda Nacional Ucraniana -, que defendia Mariupol ao mesmo tempo que utilizava símbolos nazistas (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 22). Por outro lado, e ao nível geopolítico, a Rússia demonstrou-se contra qualquer expansão da NATO na região central e oriental da Europa desde o acordo do fim dos anos 80 e início dos anos 90, assumindo que a guerra era uma resposta ao expansionismo ao longo dos últimos anos. Os russos apontaram ainda a proteção das suas minorias no exterior do país, no leste da Ucrânia e na Crimeia como uma forte motivação.

### **Alguma das principais consequências da invasão à Ucrânia**

Tal como afirmam Kotoulas e Pusztai (2022), a invasão foi mal recebida por quase todo o mundo e, de imediato, surgiram sanções económicas à Rússia por parte dos Estados Unidos da América e da União Europeia (p. 12). O país norte-americano e a NATO descartaram, desde o início, a intervenção militar direta na Ucrânia, com receio que o conflito evoluísse para uma terceira guerra mundial (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 18). Assim, as sanções surgiram através de outras vias.

A União Europeia já tinha aplicado sanções à Rússia desde 2014, após a anexação ilegal da Crimeia (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 13). No entanto, depois do início da invasão de 2022, impôs pacotes de medidas graduais e muito mais graves: Proibiu, parcialmente, a importação do petróleo russo e iniciou um plano de redução de décadas da dependência energética do gás e do petróleo russos. As consequências na economia russa foram instantâneas e consideráveis, sendo que a maioria dos clientes de gás e de petróleo pertenciam à União Europeia - os mesmos que pretendiam a independência energética da Rússia até 2030 (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 36). Também no campo de batalha as consequências foram evidentes: A Rússia perdeu muito capital que estava a ser utilizado para financiar as tropas militares russas e, aos poucos, estas ficavam sem suprimentos e eram obrigadas a desertar e a abandonar os meios e o local de combate.

As sanções políticas e económicas aplicadas à Rússia aumentavam com o passar do tempo, mas estas viriam a afetar quase todos os países ao redor do mundo e não só a Rússia. Os altos preços de energia e a interrupção da cadeia de abastecimento a nível regional e global originaram crises energéticas, económicas e financeiras em variados setores de mercado, entre os quais o mercado alimentar (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 18). Enquanto grandes produtores e exportadores de alimentos essenciais – como o óleo de girassol, o centeio, a cevada, o milho e o trigo -, a Ucrânia e a Rússia viram os pedidos de importação a diminuir. A Ucrânia por razões óbvias e a Rússia porque proibiu as exportações como retaliação das sanções económicas por parte da UE e dos EUA (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 36). Desta forma, os preços dos bens essenciais aumentaram e os problemas económicos assolaram vários países, sobretudo os mais dependentes nos continentes africano e asiático.

Entre outros tipos de sanções que foram impostas durante o primeiro mês de guerra, como a exclusão de sete bancos russos do SWIFT – “o principal sistema de comunicação que os bancos utilizam para realizar transações transfronteiriças seguras e rápidas” (Dantas & Alves, 2022, secção “As sanções e o impacto na Rússia”), também os oligarcas russos viram os seus bens congelados em vários países.

Por outro lado, os bombardeamentos indiscriminados às áreas residenciais, aos hospitais e aos civis criaram a maior crise humanitária dos últimos anos, caracterizada por várias vítimas mortais e feridos (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 19). Gerou-se também uma grande onda de refugiados, que se intensificou à medida que a guerra evoluiu e que foi considerada a maior vaga desde a segunda guerra mundial.

Ao redor do mundo, milhares de cidadãos de várias nacionalidades organizaram manifestações para exigir a retirada imediata da Rússia da Ucrânia (Tiago, 2022, par. 1). Desde Portugal, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Polónia ou Bélgica, a países como Chipre ou Taiwan, os cidadãos mostraram-se contra a guerra e contra Vladimir Putin, apelando à paz. Até mesmo na Rússia, muitos cidadãos mostraram-se contra desde o primeiro dia e manifestaram-se nas principais cidades russas, como São Petersburgo (Lorena, 2022, par. 5). A adesão foi de tal forma grande que a repressão da polícia, que era cada dia mais violenta, levou à detenção de milhares de russos (Reis, 2022, par. 1).

### **A resistência ucraniana e a mudança no mundo**

A resistência e a força ucranianas eram o que a Rússia não esperava encontrar e muito menos sofrer milhares de perdas a nível militar e material. Não imaginava sequer

falhar o objetivo inicial de conquistar a capital Kiev (Mankoff, 2022, p. 10), mas essa falha deu à Rússia a oportunidade de se reagrupar várias vezes e alterar, continuamente, objetivos estratégicos e concretizá-los através de ataques.

Entre várias consequências e mudanças a nível global, e de várias índoles, como a adesão da Finlândia e da Suécia à NATO – que tinham receio de uma guerra europeia (Kotoulas & Pusztai, 2022, p. 32) -, a Rússia continuou a atacar, esperando a rendição da Ucrânia e a conquista do território.

## **2. O fenómeno das redes sociais**

### **2.1. O início das redes sociais**

A história das redes sociais começou entre 1960 e 1970 com o aparecimento da internet (Jones, 2015, secção “The Rapid Growth of the Internet”, par. 1). Na época, várias organizações públicas e privadas tentavam encontrar formas de os computadores comunicarem entre si. Já nas décadas seguintes estes tornaram-se mais pessoais e surgiram os *blogs*, como o Open Diary, em 1998, e o LiveJournal, em 1999, e os sistemas de boletins (Hines, 2022, secção “Bulletin Board Systems”). Ambos “prepararam o terreno para o surgimento das redes sociais” (Jones, 2015, secção “The Rapid Growth of the Internet”, par. 1).

O LiveJournal, além de permitir a partilha de ideias e a criação de uma comunidade através dos comentários, também oferecia a capacidade de os utilizadores se tornarem “amigos” de outros utilizadores que pensavam da mesma forma (Hines, 2022, secção “The Birth of Social Blogging”, par. 3). O *blog* assemelhava-se, por isso, às redes sociais que foram surgindo paralelamente.

Segundo Jones (2015), Six Degrees e Friendster foram as primeiras plataformas de redes sociais a emergir em 1997 e em 2002, respetivamente (secção “Old Social Media Sites”, par. 1-5). A primeira permitia ao utilizador a inscrição através do email, a criação de perfis individuais e a adição de “amigos” à sua rede pessoal. Já a segunda, considerada concorrente do Six Degrees, permitia o mesmo, mas também era possível partilhar vídeos, fotografias e mensagens com outros utilizadores. Além disso, permitia ainda que cada utilizador fizesse comentários nos perfis de outros utilizadores, desde que fizessem parte das redes pessoais uns dos outros (Jones, 2015, secção “Old Social Media Sites: Friendster”, par. 1). Anos mais tarde, Friendster foi descrita como “uma comunidade

*online* que conecta pessoas através de redes de amigos para namorar e fazer novos amigos” (Hines, 2022, secção “From Social Dating To Social Gaming”, par. 1).

Enquanto o Six Degrees foi descontinuado em 2001, o Friendster continuou oficialmente ativo até 2019, embora tenha sofrido algumas alterações com o passar do tempo: Em 2011, a rede tornou-se um site de jogos onde “as pessoas se podiam conectar, jogar (...) e partilhar o seu progresso” (Hines, 2022, secção “From Social Dating To Social Gaming”, par. 4). 2015 foi o ano em que todos os serviços da rede foram suspensos (Jones, 2015, secção “Old Social Media Sites: Friendster”, par. 3).

## **2.2. A definição de rede social**

Embora nenhuma das redes sociais consideradas pioneiras ainda esteja ativa, ambas contribuíram para as inúmeras definições do termo “rede social”. Jones (2015) afirma que, de uma ou de outra forma, cada uma das definições reflete que as redes sociais são “diferentes formas de comunicação *online* utilizadas pelas pessoas para criar redes de contacto, comunidades e coletivos para partilhar informações, ideias, mensagens e outros conteúdos, como vídeos” (secção “What is Social Media?”, par. 1). Hines (2022) corrobora a ideia, dizendo que a definição é muito semelhante aquela que está presente no “Merriam-Webster Dictionary” (par. 1) - um dos dicionários americanos mais antigos, editado no século XIX.

Para Adami (*s.d.*), uma rede social “é uma estrutura que interrelaciona empresas ou pessoas que estão conectadas pelas mais diversas relações” (par. 1). O autor acrescenta ainda que se denomina de rede social todo “o complexo das relações entre pessoas que fazem parte de um grupo e que facilitam a [sua] interação” (Adami, *s.d.*, par. 4). Por outro lado, Boyd e Ellison (2007) definem as redes sociais como sendo “plataformas na internet que permitem aos indivíduos construir um perfil público dentro de um sistema limitado, partilhar uma conexão com outros utilizadores e ver a lista de conexões que os outros utilizadores possuem dentro da plataforma” (p. 211). Esta definição é validada por Recuero (2009) que complementa que uma rede social é “um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e as suas conexões (interações ou laços sociais)” (p. 24). Para a autora, enquanto os atores são as pessoas envolvidas na rede, e que moldam as estruturas sociais através da interação da constituição de laços sociais, as conexões são constituídas pelos laços sociais formados através da interação social dos atores (Recuero, 2009, p. 25).

Já Kaplan e Haenlein (2010) defendem que as redes sociais são ainda mais simples de definir: “São um grupo de aplicações baseadas na internet que foram construídos sobre os fundamentos ideológicos e tecnológicos da *Web 2.0*, e que permitem a criação e a troca de conteúdo gerado pelo utilizador” (p. 61). Tal definição é praticamente compartilhada por Guille *et al.* (2013) que afirmam que uma rede social resulta de um serviço web que permite ao utilizador criar uma página de perfil, publicar mensagens e conectar-se a outros utilizadores, criando relações sociais (secção “Basics of online social networks and information diffusion”, par. 1).

Embora se determinem variadas definições para “rede social” desde o seu aparecimento, com a evolução das próprias redes sociais, as definições alargaram-se ainda mais. De acordo com a Equipa editorial de Conceito.de (2022), a noção de rede social está relacionada com a estrutura onde um grupo de pessoas mantém algum tipo de relação (par. 3). No entanto, e com o passar do tempo, o conceito passou a definir “um sítio de internet que favorece a criação de comunidades virtuais” (Equipa editorial de Conceito.de, 2022, par. 5). Tais “sítios web são serviços que permitem desenvolver redes em função dos interesses dos utilizadores, partilhando fotografias, vídeos e informação em geral” (Equipa editorial de Conceito.de, 2022, par. 5).

Segundo Correduría Inteligente (2020), as redes sociais são plataformas digitais que permitem a ligação e a interação entre diferentes pessoas, bem como a disseminação ilimitada de informação (par. 1). Os utilizadores das redes sociais podem ser indivíduos ou organizações de vários tipos (Correduría Inteligente, 2020, secção “O que são redes sociais e como funcionam?”, par. 1), sendo que aquilo que começou com a criação de perfis individuais, e através dos quais é possível partilhar todo o tipo de conteúdo, hoje é também uma das melhores ferramentas que as empresas têm para se aproximarem dos públicos-alvo (Correduría Inteligente, 2020, secção “O que são redes sociais e como funcionam?”, par. 2). Desta forma, o autor atribui cinco características fundamentais às redes sociais: “conectividade”, “interação”, “personalização”, “em tempo real” e “viral” (Correduría Inteligente, 2020, secção “Características das redes sociais”).

Já Rodrigues (2023) define as redes sociais como sendo “sites e aplicações que operam em níveis diversos”, tais como “ao nível profissional, de relacionamento ou outros”, mas que “permitem sempre a partilha de informação entre pessoas e/ou empresas” (secção “O que é rede social?”, par. 1).

Ainda a título de exemplo, Gouveia (*s.d.*) define as redes sociais como plataformas onde as pessoas podem consumir conteúdo de outros gratuitamente, partilhar o seu

próprio conteúdo e conectar-se com outras pessoas através de “gostos, comentários e mensagens privadas” (secção “O que são redes sociais?”, par. 1). O objetivo principal destas plataformas é conectar pessoas, mas também facilitar a partilha de informação e a comunicação com outros (Gouveia, *s.d.*, secção “O que são as redes sociais?”, par. 2-3). No entanto, além de informar, as redes sociais podem assumir outras diferentes funções, como por exemplo, a de entreter ou a de vender. Por isso, Gouveia (*s.d.*) define quatro grupos de redes sociais: “rede social de relacionamento”, “rede social de entretenimento”, “rede social profissional” e “rede social de nicho” (secção “Tipos de Redes Sociais”).

### **Rede social vs. *social media***

As largas definições do termo “redes social” contribuíram para algumas controvérsias, o que fez com que os termos ‘rede social’ e ‘*social media*’ fossem diferentes para uns e sinónimos para outros. Tal originou a necessidade em vários autores de categorizar ou distinguir ‘rede social’ de ‘*social media*’.

Para Baruah (2012), o termo ‘*social media*’ iguala-se a ‘rede social’ e “assume diversas formas diferentes incluindo revistas, fóruns na internet, *weblogs*, *blogs* sociais, *microblogging*, wikis, podcasts, fotografias ou imagens, vídeos (...)” (p. 1). Já para Jones (2015), quando se aborda a definição de “redes sociais” deve-se ter em conta que estas incluem uma comunicação *online* e que dependem do conteúdo gerado pelo utilizador, o que faz com que os sites e os *blogs* não sejam considerados redes sociais, pois nem todos os indivíduos podem publicar neles e há várias restrições quanto ao conteúdo partilhado (secção “What is Social Media?”, par. 4-5).

Por sua vez, Kaplan e Haenlein (2010) criaram um esquema de classificação para distinguir os diferentes tipos de ‘*social media*’ (p. 60). De acordo com os autores, existem seis tipos diferentes: Os “projetos colaborativos”, como é o caso da Wikipédia; os “*blogs* e os *microblogs*”, como o Twitter; as “comunidades de conteúdo”, como o Youtube; os “sites de redes sociais”, como o Facebook; os “mundos de jogos virtuais”, como o World of Warcraft e os “mundos sociais virtuais”, como a aplicação Second Life (Kaplan & Haenlein, 2010, p. 61). Baruah (2012) também categorizou as redes sociais em quatro: Os “sites de redes sociais”, que fornecem uma plataforma baseada na *web* para a construção de redes sociais ou de relações entre pessoas para partilhar interesses ou atividades através da internet, do email e dos telemóveis; os “*blogs*”, caracterizados como os lugares *online* onde um indivíduo, um grupo ou uma corporação apresenta um registo de atividades, pensamentos ou crenças; os “sites de geração e partilha de conteúdos”,

considerados fontes de informação para vários temas; e “os sites de avaliação para os utilizadores”, que são os sites que servem para avaliar produtos e serviços (p. 4).

Rodrigues (2023) também optou por diferenciar os dois termos, caracterizando ‘*social media*’ como o uso de tecnologias digitais na criação do diálogo entre as pessoas (secção “Qual a diferença entre redes sociais e mídias sociais?”, par. 2). Para o autor, este é um termo amplo que abrange os diferentes tipos de *media* como, por exemplo, os vídeos, os *blogs* e as próprias redes sociais. Embora Rodrigues (2023) assuma que “não deixa de ser verdade” que ‘redes sociais’ e ‘*social media*’ podem ser usados como sinónimos, diferenciá-los permite entender o uso de cada um deles” (secção “Qual a diferença entre redes sociais e mídias sociais?”, par. 1).

Ainda que com diferentes definições e perspetivas, os autores convergem na ideia que Rodrigues (2023) destacou: “Os *social media* ajudam as pessoas a juntarem-se por meio da tecnologia, enquanto as redes sociais melhoram essa conexão” (secção “Qual a diferença entre redes sociais e mídias sociais?”, par. 6). É por isso que “o propósito principal das redes sociais é o de conectar pessoas” (Rodrigues, 2023, secção “Qual a diferença entre redes sociais e mídias sociais?”, par. 4).

### **2.3. O aparecimento contínuo e veloz das redes sociais**

De acordo com Giddens (1999), o advento da comunicação é uma das maiores características da globalização (p. 22). O autor afirma que “a comunicação eletrónica não é apenas um meio de transmitir informações com maior rapidez”, como é “a sua existência [que] altera o próprio quadro das nossas vidas, ricos ou pobres” (Giddens, 1999, p. 23). Como parte dessa comunicação eletrónica e, conseqüentemente da globalização, estão as redes sociais, parte da era da *Web 2.0* - a segunda geração tecnológica da web que a tornou mais dinâmica e social (Kerner, 2022, secção “O que é a Web 2.0?”, par. 1).

O aparecimento das primeiras redes sociais parece não ser, no entanto, unânime e existe uma certa controvérsia (Equipa editorial de Conceito.de, 2022, secção “Primeira rede social da história”, par. 1). De acordo com Adami (*s.d.*), antes da rede social Six Degrees, surgiu a primeira rede social, em 1995, nos Estados Unidos da América e no Canadá, com o objetivo de conectar os estudantes das faculdades – a Classmates (par. 2). Por sua vez, DAquino (2012) refere que no mesmo ano surgiu a rede The Globe, que permitia aos utilizadores publicar conteúdo pessoal e interagir com pessoas com interesses comuns (secção “Seguir, compartilhar, curtir e muito mais: Enfim, as redes sociais...”, par. 2). Porém, ainda no ano anterior, em 1994, apareceu a plataforma

GeoCities, caracterizada por DAquino (2012) como uma rede que mostrava “ao mundo os primeiros traços das redes sociais” (secção “Seguir, compartilhar, curtir e muito mais: Enfim, as redes sociais...”, par. 1) e que fornecia recursos para as pessoas criarem páginas de internet categorizadas de acordo com as suas localizações.

Ainda que com o aparecimento de várias plataformas de redes sociais nos anos anteriores (boyd & Ellison, 2007; Kaplan & Haenlein, 2010; Jones, 2015; Hines, 2022; Rodrigues, 2023), foi apenas a partir do ano de 2000 que a internet se popularizou e que as redes sociais atingiram uma grande massa de utilizadores (DAquino, 2012, secção “Seguir, compartilhar, curtir e muito mais: Acompanhando o ‘boom’”, par. 1).

Depois do surgimento de Friendster, a primeira rede social a receber tal denominação de acordo com DAquino (2012), apareceram também outras redes como o Fotolog, que permitia publicar fotografias acompanhadas de ideias ou sentimentos (secção “Seguir, compartilhar, curtir e muito mais: Acompanhando o ‘boom’”, par. 2), o Last.FM, uma rede dedica a música, o Flickr ou o Vimeo (Adami, *s.d.*, par. 2). Já em 2002 e em 2003 foram lançados o LinkedIn e o MySpace, duas redes sociais que continuam a contar com milhares de utilizadores e que ocupam o lugar das redes sociais mais populares de sempre (DAquino, 2012, secção “Seguir, compartilhar, curtir e muito mais: Acompanhando o ‘boom’”, par. 4).

### **As redes sociais mais populares**

Segundo Jones (2015), o LinkedIn foi originalmente criado para conectar as pessoas com contactos profissionais, académicos e até mesmo com as empresas, mantendo desde sempre o seu propósito (secção “When Did LinkedIn Start?”, par. 1). No final do primeiro ano de vida, a rede social contava com apenas 100 mil membros (Gajić, 2023), mas 20 anos depois conta com 875 milhões de utilizadores (Macready, 2023). Já o MySpace tornou-se rapidamente na maior rede social durante o primeiro ano, conectando milhares de utilizadores no mundo inteiro (Jones, 2015, secção “When Was MySpace Created?”, par. 1). Se em 2004 se contavam 5 milhões de utilizadores, em 2008 a rede social atingiu o pico de utilizadores, contando com 115 milhões de utilizadores (Zandt, 2021). A partir desse ano, o declínio de utilizadores tornou-se cada vez mais evidente devido ao aparecimento e popularização de outra rede social (Jones, 2015, secção “The Decline of MySpace”, par. 1-5). Em junho de 2022, o MySpace contava com pouco mais de 6 milhões de utilizadores (Wise, 2023, secção “How Many People Still Use MySpace in 2023?”, par. 3).

Mesmo sendo um grande fenómeno nos seus primórdios, o MySpace não é hoje uma das redes mais populares, ao contrário do LinkedIn. Gouveia (*s.d.*) salienta que, juntamente com o Facebook, o Instagram, o TikTok, o Twitter, o Youtube, o Pinterest, o Messenger e o WhatsApp, o LinkedIn compõe o leque das principais redes sociais (secção “Quais são as principais redes sociais?”). Tal ideia é corroborada pelos diferentes dados estatísticos apresentados por Kemp (2023a), que demonstra que no “TOP 10” das plataformas de redes sociais mais utilizadas em janeiro de 2023 estão o Facebook, o Youtube, o WhatsApp, o Instagram, o WeChat, o TikTok, o Facebook Messenger, o DouYin, o Telegram e o Snapchat (secção “Social media platforms: monthly active users”), sendo as preferidas dos utilizadores.

Algumas destas plataformas tornaram-se muito populares num curto período. Em 2004 surgiu aquela que é considerada a “maior rede social até hoje”, o Facebook (DAquino, 2012, secção “Anos vindouros”, par. 1) - a responsável por destronar o MySpace. Apesar ter sido criado nesse ano por Mark Zuckerberg, com Eduardo Saverin, Andrew McCollom, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, o Facebook só chegou à grande maioria dos países em 2006 - inicialmente foi criado, exclusivamente, para e por estudantes de Harvard, nos Estados Unidos da América (DAquino, 2012; Jones, 2015). A partir daí, qualquer pessoa com mais de 13 anos, com ou sem ligação a uma universidade, podia utilizar a aplicação (Jones, 2015, secção “When Was Facebook Founded?”, par. 1). Rapidamente o número de utilizadores do Facebook cresceu e, em 2008, tornou-se o site mais visitado do mundo, contando com 100 milhões de utilizadores (Dixon, 2023a).

Já o Youtube nasceu em 2005, pela mão de Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, com o objetivo de servir as necessidades de partilha de vídeo numa altura em que os métodos de captura estavam em expansão, mas os métodos de partilha mantinham-se inalterados (Gogoni, 2023b). No fim do ano de lançamento, a plataforma já tinha cerca de 8 milhões de vídeos visualizados diariamente. Atualmente conta com mais de dois mil milhões de utilizadores, e está disponível em 80 idiomas diferentes (GMI Blogger, 2023).

Por sua vez, em 2006 surgiu uma das redes sociais consideradas concorrentes do Facebook, o Twitter<sup>3</sup> (Jones, 2015, secção “When Did Twitter Start?”, par. 1). A nova rede destacava-se por permitir aos utilizadores escreverem mensagens até 140 caracteres (Hines, 2022, secção “The Rise of Today’s Most Popular Social Platforms: Twitter”, par. 2). Esta política manteve-se até 2017 quando os limites de caracteres foram duplicados

---

<sup>3</sup> Elon Musk, empresário detentor do Twitter, renomeou a rede social para X (ECO, 2023). A alteração ocorreu durante a elaboração deste estudo pelo que se manteve o antigo registo.

em quase todos os idiomas, exceto em chinês, japonês e coreano (Jones, 2015, secção “When Did Twitter Start?”, par. 1).

A semelhança entre as duas plataformas concorrentes (o Facebook e o Twitter) era tão grande que a própria China, em 2009, lançou uma plataforma híbrida que conjugava as ferramentas de ambas, tornando-se uma das maiores redes sociais de sempre – o Weibo (Jones, 2015, secção “When Did Twitter Start?”, par. 1). No entanto, ainda que considerada concorrente, o Twitter demorou seis anos a ultrapassar o número de utilizadores que o Facebook conseguiu em dois, contando com mais de 112 milhões de utilizadores em 2012 (Iqbal, 2023).

Já o Instagram surgiu, em 2010, como uma rede social que se destacava por ser “uma aplicação apenas para *smartphones*, com foco exclusivo na partilha de fotografias e vídeos” (Jones, 2015, secção “When Did Instagram Start?”, par. 1). Com um grande crescimento desde o lançamento, após dois meses já contava com mais de um milhão de utilizadores - sendo comprada, em 2012, pelo Facebook.

No ano seguinte, em 2011, foi lançada a rede social que se tornou uma das mais populares entre o público mais jovem, e que permitia aos utilizadores enviarem fotografias (que desapareciam depois de serem abertas) uns para os outros - o Snapchat (Jones, 2015, secção “When did Snapchat Start?”, par. 1). Atualmente, esta rede social permite aos utilizadores conversar entre si e partilhar conteúdos, como fotografias e vídeos, que se mantêm disponíveis durante 24 horas. Com menos de um ano, o Snapchat contava com mais de 100 milhões de utilizadores (Ruby, 2023b, par. 3) e, em janeiro de 2023, o número de utilizadores já ultrapassava os 375 milhões (Kemp, 2023c, secção “How many Snapchat users are there in 2023?”).

Na categoria das mais recentes e populares redes sociais está o TikTok. Apareceu na China, em 2014, com o nome “Musical.ly” (Gogoni, 2023a), e rapidamente se converteu na aplicação mais descarregada de sempre (Hines, 2022, secção “The Rise of Today’s Most Popular Social Platforms: TikTok”, par. 1-2). Com mais de mil milhões de utilizadores, a plataforma ganhou visibilidade pela oportunidade de partilhar vídeos curtos. Tal como destaca Gouveia (*s.d.*), a aplicação teve um crescimento brutal, tornando-se um fenómeno, sobretudo, entre a faixa etária mais jovem (secção “Quais são as principais redes sociais? TikTok”, par. 2).

Também as plataformas sociais que permitem o envio de conteúdo instantâneo são consideradas as mais populares e as que alcançam largas audiências (Kemp, 2023a, secção “Top types of websites visited and apps used”). O WhatsApp surgiu em 2009,

permitindo aos utilizadores trocar e descarregar conteúdo – como texto, fotografias, documentos, mensagens de voz ou vídeos -, de forma rápida nos smartphones, tablets ou computadores, além das mensagens e chamadas de voz, e mais tarde de vídeo, instantâneas (Castro, 2023). Quando a aplicação ficou disponível para o sistema Android, o número de utilizadores começou a crescer e, em 2012, já eram mais de 100 milhões os utilizadores (Ruby, 2023c, par. 1).

Já o Telegram, uma das redes sociais de mensagens instantâneas mais utilizadas no mundo, foi criado em 2013, por Nikolai e Pavel Durov, com o intuito de fornecer mensagens instantâneas e chamadas de voz seguras (Hines, 2022, secção “The Rise of Today’s Most Popular Social Platforms: Telegram”, par. 1). No ano seguinte, a rede social já contava com 35 milhões de utilizadores (Ruby, 2023a, secção “Telegram Monthly Active Users”).

Com o decorrer do tempo surgiram várias plataformas de redes sociais, tal como nomeou Hines (2022): o Flickr, o Reddit, o Tumblr, o Pinterest, o Discord e tantas outras que ganharam fãs a um grande ritmo, como o Skype, o Viber, o QQ, o Quora ou o Weibo (Casagrande, 2022).

#### **2.4. O uso da internet e das redes sociais**

De acordo com Kemp (2023a), em janeiro de 2023 contabilizaram-se 5,16 mil milhões de utilizadores de internet em todo o mundo (secção “Essential digital headlines”). Petrosyan (2023) complementa estes dados, destacando que a China, a Índia e os Estados Unidos da América eram os países com mais utilizadores de internet, mantendo a tendência no período homólogo do ano anterior, justificada pelas grandes densidades populacionais das três nações. Ainda segundo Dixon (2023b), estes continuarão a ser os países com mais utilizadores de internet nos próximos cinco anos, alcançando mais de 1,212 mil milhões, mais de 1,177 mil milhões e mais de 372 mil milhões utilizadores, respetivamente.

Ao longo das várias décadas, o uso da internet massificou-se de forma clara. Entre 1990 e 2023 contaram-se mais 2,558 mil milhões de utilizadores de internet, sendo que no início eram apenas 2,6 milhões e, no segundo, 5,158 mil milhões (Kemp, 2023a, secção “Internet users: timeline”).

As redes sociais ocupam um grande espaço no uso da internet, e desde o seu aparecimento que crescem, anualmente, em número de utilizadores. Mais de metade da população mundial (59,4%) utilizava redes sociais em janeiro de 2023, o que corresponde

a 4,76 mil milhões de pessoas entre as 8,01 mil milhões existentes (Kemp, 2023a, secção “Essential digital headlines”). Portanto, se em janeiro de 2013 se contavam 1,720 mil milhões de utilizadores de redes sociais em todo o mundo, e após dez anos se verificaram 4,760 mil milhões, há uma diferença de 3,04 mil milhões de utilizadores de redes sociais numa década (Kemp, 2023a, secção “Essential digital headlines”). Embora este aumento seja um fenómeno que se mantém desde há alguns anos, a pandemia da COVID-19 fez com que a utilização aumentasse quase 30%, o que equivale a mais de mil milhões de utilizadores em três anos (Kemp, 2023a, secção “Social media users continue to grow”). A taxa de crescimento anual entre 2020 e 2021 foi quase duas vezes mais rápido em relação aos 12 meses anteriores, a mesma tendência que se verificou nos 12 meses seguintes.

Segundo Chaffey (2023), o Facebook era, em janeiro de 2023, a rede social mais utilizada, contando com 2,958 mil milhões de utilizadores (secção “Which are the most popular social networks by demographics (age and gender)?”, par. 2). Seguido do Youtube, com 2,514 mil milhões, e do WhatsApp e do Instagram, com 2 mil milhões de utilizadores cada, as plataformas pertencentes à Meta e ao Google lideravam as estatísticas de uso (Dixon, 2023b). Mais atrás, em sexto lugar, surgia o TikTok, com 1,051 mil milhões de utilizadores, ultrapassando outras redes sociais popularmente conhecidas, como é o Facebook Messenger (931 milhões de utilizadores), o Telegram (700 milhões de utilizadores), o Snapchat (635 milhões de utilizadores) ou o Twitter (556 milhões de utilizadores) (Chaffey, 2023, secção “Which are the most popular social networks by demographics (age and gender)?”; Dixon, 2023b). Demonstrando a sua popularidade, estas foram algumas das redes sociais mais descarregadas, em 2022, no mundo inteiro (Ceci, 2023).

### **O caso de Portugal**

De acordo com Kemp (2023b), no início do ano de 2023 registaram-se 8,73 milhões de utilizadores de internet em Portugal, dos quais 8,05 milhões eram utilizadores de redes sociais, correspondendo a 78,5% da população (secção “The state of digital in Portugal in 2023”, par. 2). Cardoso, Paisana e Pinto-Martinho (2022) mostram que, em 2022, o mercado das redes sociais em Portugal também era dominado pelas plataformas da Meta, nomeadamente o Facebook, o WhatsApp, o Instagram e o Facebook Messenger, e pelas plataformas do Google, como o Youtube (p. 36). Nesse ano, o Facebook foi utilizado por

$\frac{3}{4}$  dos utilizadores de internet em Portugal, enquanto 67,7% usou o Youtube e 67% usou o WhatsApp.

Kemp (2023b) demonstrou que a tendência das plataformas mais utilizadas manteve-se com o início do novo ano. Se, em janeiro de 2023, o Facebook registou 5,90 milhões de utilizadores, o que equivale a mais de metade da população portuguesa (57,5%) (Kemp, 2023b, secção “Facebook users in Portugal in 2023”, par. 2-3), o Youtube superou esta marca, contando com 7,43 milhões de utilizadores, ou seja, 72,4% da população (Kemp, 2023b, secção “Youtube users in Portugal in 2023”, par. 1-2). Já o Instagram contabilizou 5,30 milhões de utilizadores, isto é, 51,7% da população (Kemp, 2023b, secção “Instagram users in Portugal in 2023”, par. 1-2), e o Facebook Messenger contou 4,60 milhões de utilizadores, equivalendo a 44,8% da população portuguesa (Kemp, 2023b, secção “Facebook Messenger users in Portugal in 2023”, par. 1-2).

O Instagram foi a rede social que mais aumentou em uso, em Portugal, entre 2021 e 2022, contando com um crescimento de 5,6% (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, 2022, p. 37). Também o TikTok foi uma das redes sociais em que o uso aumentou significativamente, em Portugal, ao longo dos últimos dois anos, enquanto, por sua vez, o Twitter perdeu utilizadores (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, 2022, pp. 93-95).

Um estudo da Marktest confirmou que o TikTok, a par do Telegram, foi a rede social que, em 2022, registou um maior crescimento em relação a 2021, tornando-se a quarta rede com maior notoriedade espontânea no país (Grupo Marktest, 2022). Tais resultados mantiveram-se no início de 2023, sendo que Kemp (2023b) salientou o crescimento do uso do TikTok, contando 3,24 milhões de utilizadores em Portugal, ou seja, 37,6% da população (secção “TikTok users in Portugal in 2023”, par. 1-2). Já o número de utilizadores do Twitter continuou a decrescer, contando com 1,90 milhões de utilizadores no início de 2023, o que equivale a 18,5% da população (Kemp, 2023b, “Twitter users in Portugal in 2023”, par. 1-2).

Juntamente com o Telegram, outras plataformas como o LinkedIn, o Pinterest e o Snapchat constituíram o “TOP 10” das redes sociais mais utilizadas em Portugal no início de 2023, contabilizando 4,30 milhões de utilizadores, 2,06 milhões de utilizadores e 1,10 milhões de utilizadores, respetivamente (Kemp, 2023b, secção “Most used social media platforms”).

Embora haja uma forte presença da internet e das redes sociais em Portugal, os utilizadores de ambos diminuíram durante o último ano, ao contrário do que se tem verificado na última década. Pela primeira vez desde 2003, o uso da internet e das redes

sociais em solo português foi decrescente, sendo que em janeiro de 2022 se registaram 8,75 milhões de utilizadores de internet e 8,50 milhões de utilizadores de redes sociais (Kemp, 2022, secção “The state of digital in Portugal in 2022”), e em janeiro de 2023 se registaram 8,73 milhões utilizadores de internet e 8,05 milhões de utilizadores de redes sociais (Kemp, 2023b, secção “The state of digital in Portugal in 2023”). Tal pode justificar-se pela diminuição da população em Portugal nesse período, ou apenas porque 14,9% da população escolheu manter-se “*offline*” no início de 2023.

### **Motivos de uso**

57,8% dos utilizadores de internet de todo o mundo utilizam-na para encontrar informação e ler novas histórias (50,9%) (Kemp, 2023a, secção “Main reasons for using the internet”). Já as redes sociais utilizam-nas, sobretudo, para manter o contacto com amigos e com a família (47,1%), mas também para ler novas histórias (34,2%) e saber o que está a ser falado (28,8%) (Kemp, 2023a, secção “Main reasons for using social media”). Tal pode justificar que Kemp (2023b) destaque que os websites mais visitados e as aplicações mais usadas mundialmente são as de “*chat*” e mensagens (94,8%), as redes sociais (94,6%) e os motores de pesquisa ou portais de internet (81,8%) (secção “Top types of websites visited and apps used”).

No que diz respeito a Portugal, e a partir do estudo de Cardoso, Paisana e Pinto-Martinho (2022), 66,2% dos utilizadores usavam as plataformas sociais, sobretudo da Meta, para se informar, sendo que cerca de um terço dos utilizadores (33,5%) usavam as aplicações de mensagens instantâneas para se informar (p. 36). Tais dados comprovam-se quando é salientado que 79% dos utilizadores, em Portugal, usava a internet para aceder a informação, e 19,6% utilizava as redes sociais para o mesmo fim (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, 2022, p. 25).

As redes sociais foram consideradas as portas de entrada mais frequentes para aceder a notícias em Portugal (24,7%) (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, 2022, p. 27). O Facebook continua a ser a rede social mais utilizada para procurar e consumir informação, embora o seu uso tenha decrescido ao longo dos anos, passando de 67,1% em 2015 para 48,7% em 2022 (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, 2022, p. 37). Por sua vez, o WhatsApp e o Instagram foram as redes sociais que mais aumentaram a presença enquanto veículos de distribuição de notícias (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, 2022, p. 37). Já o Twitter foi a plataforma menos utilizada para consumo de notícias em

Portugal, sendo que decresceu 4,3 pontos percentuais entre 2021 e 2022 (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, 2022, p. 95).

Com o seu estudo, Kemp (2023b) também mostrou que encontrar informação é principal razão de 80,5% dos utilizadores em Portugal usarem a internet (secção “Main reasons for using the internet”). Já quanto ao uso das redes sociais, os utilizadores em território português têm como principal motivação de uso manter o contacto com a família e com os amigos (61,4%), mas também ler novas histórias (46,8%) (Kemp, 2023b, “Main reasons for using social media”), assemelhando-se, assim, ao panorama internacional.

### **Formas de uso e formatos favoritos**

A nível mundial, em janeiro de 2023, os utilizadores com idades compreendidas entre os 16 e os 64 anos já acediam à internet, maioritariamente, através do telemóvel (92,3%) ou do smartphone (91%), enquanto 65,6% utilizava um computador qualquer e 59,1% utilizava o computador pessoal (Kemp, 2023a, secção “Devices used to access the internet”). Em Portugal, 95,4% acedia à internet através de telemóveis e 94,1% através de smartphones, enquanto 82,2% fazia-o através de qualquer computador e 76,6% através do computador pessoal (Kemp, 2023b, secção “Devices used to access the internet”).

Quanto às redes sociais, a percentagem de utilizadores mundiais que utilizava o smartphone para as aceder era de 83% contra 15% dos utilizadores que acediam às redes sociais através de um computador ou de um computador pessoal (Seitz, 2023, secção “Social Media”, par. 5). O smartphone era considerado o meio preferido para aceder às plataformas de redes sociais, justificado pelo investimento feito para o utilizador ter uma boa experiência no uso da aplicação móvel, pela disponibilidade da aplicação ao nível móvel ou porque o utilizador não sente a necessidade de utilizar um computador para usar as redes sociais. Em Portugal também se verificou tal preferência, sendo que só em janeiro de 2023 foram feitas 17.54 milhões de acessos à internet [incluindo redes sociais] através do telemóvel (Gomes, 2023, secção “O uso da Internet em Portugal”, par. 1).

No que diz respeito aos formatos, o vídeo era, na generalidade e mundialmente, o favorito dos utilizadores de internet e de redes sociais. Segundo Kemp (2023a), 92,8% destes utilizadores entre os 16 e 64 anos via vídeos de qualquer tipo de conteúdo online (secção “Watching online video content”), sendo o Youtube e o TikTok as redes sociais mais utilizadas para tal, sendo também aquelas onde os utilizadores passavam mais tempo. Já em Portugal, 92% dos utilizadores com o mesmo intervalo de idades consumia, igualmente, conteúdos através de vídeos online e 86,4% destes visualizava conteúdo de

televisão nesses mesmos vídeos (Kemp, 2023b, secção “Watching online video content”; Kemp, 2023b, secção “Streaming TV content via the internet”). Além deste formato, também o interesse pelo áudio continuou a crescer, embora ainda não fosse um dos formatos preferidos dos utilizadores no território português (Gomes, 2023, secção “Que conteúdo consomem os portugueses na internet?”, par. 4).

Ainda em algumas das redes sociais mais populares, como o Facebook, o formato que gerou mais interação no mundo foi a fotografia, o formato também mais publicado no Instagram, seguido do vídeo (Dias, 2023, secção “Insights Específicos Por Rede Social”). Em Portugal, Gomes (2023) destaca esta tendência, referindo que 70,09% das publicações feitas pelos utilizadores tinham uma fotografia associada e 17,76% eram vídeos (secção “O uso das redes sociais em Portugal – destaques”, par. 8).

### **3. A relação entre a guerra, as redes sociais e o jornalismo**

O termo “guerra” teve o maior número de pesquisas no Google em 2022, o que já não acontecia desde 2004, aquando do agravamento da Guerra do Iraque (Rangel, 2022, par. 1). Segundo Reynolds (2004, citado por Ciuriak, 2022b), esta foi a guerra que ficou conhecida como a grande “*internet war*”, já que o principal veículo de informação usado pela população para obter informações sobre o conflito era a internet (p. 3).

Para o autor, a diferença entre a Guerra do Iraque ou as guerras seguintes e a guerra da Ucrânia é que esta é a primeira guerra na “era digital” (Ciuriak, 2022b, p. 33). Como destaca Rangel (2022), os conteúdos sobre a guerra na Ucrânia invadiram a internet e as redes sociais desde o início através de, por exemplo, vídeos que os soldados ucranianos partilhavam do dia-a-dia na linha da frente de combate. Ou ainda como destaca Ciuriak (2022b), os próprios cidadãos começaram a partilhar vídeos, fotografias e histórias que “humanizavam” a guerra, sem qualquer influência política como outrora (p. 3).

Esta é a primeira vez que uma guerra é contada em tempo real, já que os relatos são feitos em direto e partilhados com o mundo através das diferentes redes sociais (Ciuriak, 2022b, pp. 3-4). Rangel (2022) nota, assim, que as redes sociais ganharam um papel disseminador de informações relativas ao estado do conflito na Ucrânia, enquanto se tornaram um meio de partilha de conteúdos e de opiniões da guerra em tempo real (par. 2). No entanto, num conflito armado, as redes sociais podem ter outros papéis. Mediadoras de conflitos, armas políticas, impulsionadoras da guerra ou usadas para propaganda política, as redes sociais marcam a história das guerras.

### 3.1. A guerra noticiada nas redes

À semelhança dos estudos de Kemp (2023a; 2023b), Watson (2023) demonstra que globalmente, entre 2020 e 2022, o consumo de notícias através de redes sociais aumentou (cerca de 10%). Em Portugal, e além de Kemp (2022b), também Cardoso, Paisana e Pinto-Martinho (2022) demonstraram que o consumo de notícias através de redes sociais em Portugal era crescente. Neste estudo, e no que diz respeito aos assuntos mais pesquisados, Kemp (2023b) incluía as novas histórias que indicariam a pesquisa por temas do dia-a-dia (secção “Main reasons for using social media”), como a economia, a política, a sociedade, a educação, o desporto, a saúde e entre outros.

O relatório mais recente de Cardoso, Paisana e Pinto-Martinho (2023) demonstra que, em Portugal, quase um quarto das consultas (24,7%) feitas a notícias *online* é através das redes sociais (p. 26), concluindo que a utilização das redes sociais para consumo de notícias está devidamente estabelecida em território português (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, p. 103). Já quanto aos temas, as “Notícias sobre a Invasão da Ucrânia” foram os mais vistos (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, 2023, p. 112) no Facebook (39,4%), no Twitter (41,8%), no Instagram (32,9%), no TikTok (25,9%) e no Youtube (37,8%), sendo que a guerra na Ucrânia é mais popular no Twitter, no Facebook e no Youtube (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, 2023, p. 113).

Por outro lado, os Estudos do Observatório Ibérico de Media Digitais continuaram a revelar que 87% dos 530 inquiridos pela Iberifier, em Portugal, têm acesso a notícias através das redes sociais (Agência Lusa, 2023b, par. 1). Entre os assuntos noticiados estão “a guerra e os conflitos armados”, sendo que 59,2% destacou que este era o assunto mais frequentemente alvo de ‘*fake news*’ (Lusa, 2023b, par. 4).

Também os dados recolhidos pela NewsWhip para o site Axios mostram que, na primeira semana da guerra, o número de artigos sobre o tema chegou aos 250 mil em Portugal, o que gerou 109 milhões de interações nas redes sociais, entre gostos, partilhas e comentários (Casa dos Bits, 2022). Tal como explica Casa dos Bits (2022), 100 dias depois do início da guerra, o assunto perdeu atenção, sendo que os números de artigos e, conseqüentemente, as interações a diminuíram (par. 2). No entanto, não foi por isso que notícias sobre a “Ucrânia” deixaram de ser as mais pesquisadas no mundo em 2022 (Google Trends, 2022a). Em Portugal, nas cinco palavras mais pesquisadas estão “Ucrânia” e “Rússia”, enquanto na secção ‘nomes’ está “Putin” e nas ‘perguntas mais

feitas' está "O que é a NATO?" ou "O que é SWIFT?" (Google Trends, 2022b), o que evidencia a contínua pesquisa feita para aceder a conteúdos afetos à guerra na Ucrânia.

Estes conjuntos de dados podem justificar-se pela novidade de viver, "pela primeira vez", uma guerra em direto sem estar presente no local do conflito. Como explica Rangel (2022), nas redes sociais "tudo acontece mais rápido e o motivo é a velocidade com que a informação circula" (par. 1). No que diz respeito à guerra, os conteúdos disseminados pelas redes sociais impactam diretamente os internautas e deixam-nos mais comovidos e suscetibilizados com os acontecimentos, motivando-os a expor opiniões e juízos a que se pode ter acesso em qualquer parte do mundo.

### **3.2. O poder das redes sociais na guerra**

De acordo com Luigi (2022), "a guerra entre a Rússia e a Ucrânia é a primeira guerra a ser transmitida pelas redes sociais" (par. 1). Esta foi uma afirmação repetida por diferentes autores como, por exemplo, Rangel (2022, par. 2) ou Santos (2022, par. 4).

No entanto, e como destaca Luigi (2022), "outros eventos bélicos dos séculos XX e XXI" (par. 1) já permitiram demonstrar a importância que as redes sociais iriam ter em futuras guerras, sobretudo, a Primavera Árabe, onde as redes sociais foram um elemento controverso. Santos (2022) faz alusão ao mesmo período, explicando que na guerra da Síria, nos ataques terroristas na Europa ou mesmo nas ofensivas do Daesh, a dispersão de informação nas redes sociais já existia (par. 5).

#### **O exemplo da Síria e de outros países em conflito**

Um dos maiores exemplos da importância das redes sociais nas guerras é o conflito que até hoje continua em curso na Síria. De acordo com Soares (2018), o conflito armado envolve variados grupos, desde extremistas, como o Estado Islâmico e a Frente al-Nusra, a rebeldes contra o governo, a forças armadas sírias, a instituições, como o Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK), ou a grupos externos (secção "Introdução", par. 1). Com mais de 40 anos, o conflito remonta a 1970 quando Hafez al-Assad se tornou presidente do país e permitiu que muitos alauitas, um grupo étnico do Médio Oriente ligado ao islamismo, assumisse cargos importantes no governo sírio (Soares, 2018, secção "Introdução", par. 2). A maioria da população do país era sunita, sendo que apenas 12% da população era alauita, e por isso o descontentamento da população gerou um ambiente de discórdia no país.

Através de manifestações em Daara, uma cidade no sul do país, os populares reivindicaram os ideais da Primavera Árabe, que se traduziam em movimentos reformistas da pró-democracia no Médio Oriente (Soares, 2018, secção “Introdução”, par. 3). Fortemente reprimidos pelo governo, os populares intensificaram as manifestações e chegaram aos grandes centros urbanos, o levou à detenção e à tortura de jovens por veicularem mensagens revolucionárias. A repressão apenas serviu para aumentar a revolta e a contestação popular, o que, conseqüentemente, aumentou a repressão violenta por parte do Estado. Desta forma, e de acordo com o autor, formaram-se vários grupos com ideais diferentes entre “ideais liberais e democráticos”, “profundas raízes islâmicas conservadoras e extremistas” ou “ideais etnocêntricos e separatistas”, e que, em conjunto, formaram o cenário perfeito para o início de uma guerra civil (Soares, 2018, secção “Introdução”, par. 4).

Segundo Soares (2018), a Guerra Civil na Síria só teve oficialmente início em 2011 (pp. 1-2). A eclosão da Primavera Árabe, que atingiu grande parte do Médio Oriente e do Norte de África, foi o grande motivo que originou a guerra, sendo que permitiu derrubar líderes ditadores de vários países como, por exemplo, o Egito. O líder sírio, Bashar Al Assad, reprimiu violentamente os manifestantes para evitar o mesmo destino, mas os populares não aceitaram tais ações e criaram grupos rebeldes para derrubar o governo (Soares, 2018, p. 2).

Com o desenrolar da guerra, as principais agências de notícias ocidentais enfrentaram dificuldades para entrar em territórios controlados pelo governo sírio, o que dificultava as reportagens nessas áreas e a divulgação de informações sobre o conflito para os restantes países no mundo (Soares, 2018, pp. 4-5). Por esse motivo, os factos sobre a guerra na Síria começaram a ser divulgados por ativistas e cidadãos através das redes sociais (O’Donnell, 2011), uma vez que estavam no local de conflito e era a única oportunidade de o mundo saber o que se passava naquele país do Médio Oriente.

O que se sucedeu na Síria e o Egito, continuou a acontecer em vários outros países onde as redes sociais tiveram um papel importante para a divulgação das informações sobre as guerras. Como explica Howard *et al.* (2019) também na Tunísia, na Líbia, em Marrocos, na Argélia, na Arábia Saudita, no Bahrain, no Iémen e noutros países, as redes sociais foram importantes para chamar a atenção da diplomacia mundial (p. 2). Com regimes autoritários, era através das redes sociais que os cidadãos comuns partilhavam o que politicamente, economicamente e socialmente acontecia nos seus países, denunciando, sobretudo os abusos dos governos.

É ainda de notar, que foi através das redes sociais que os cidadãos ucranianos se mobilizaram quando, em 2014, lotaram a Praça Maidan contra a corrupção omnipresente no sistema político que atravessava todas as instituições da sociedade (Mandel, 2019, par. 5). Mesmo sem um plano claro de revolução, os manifestantes agruparam-se e reivindicaram pelos seus direitos e uma Ucrânia livre.

### **3.2.1. Uma arma de propaganda política**

Se os cidadãos comuns utilizam as redes sociais para partilhar conteúdos e opiniões da guerra, também os próprios países e atores envolvidos nos conflitos entram nesse ‘jogo’ *online* para manipular a opinião pública ou para atacar o inimigo. Há mesmo quem afirme que a guerra entre a Ucrânia e a Rússia, que se iniciou em 2022, é também uma “guerra cibernética” (Neto, 2022) e a “primeira guerra da era TikTok” (Agence France-Press, 2022c; Brown, 2022, par. 1).

#### **• Propaganda política nos meios de comunicação**

Desde o início do jornalismo de guerra que os meios de comunicação foram utilizados para propaganda política, tal como Pereira (2014) refere quando destaca que “figuras como Abraham Lincoln aperceberam-se rapidamente de que os jornais eram uma das chaves para manter o apoio popular” (p. 156) após a imprensa se instalar fortemente, pela primeira vez, nos campos de batalha. O autor afirma que as duas facções da Guerra Civil Americana não olhavam a meios “para manipular a imprensa ou silenciar qualquer informação capaz de servir o inimigo” (Pereira, 2014, p. 156).

Aos poucos, a censura foi sendo imposta e os meios de comunicação tomados pelos comandantes de guerra, beneficiados com os avanços tecnológicos, como o aparecimento do telefone, a evolução do telégrafo e as câmaras fotográficas. Entre ditar ou influenciar a agenda dos jornalistas e editores, o esforço de propaganda e a opinião pública tiveram um papel muito importante nas mais diversas guerras, com destaque para a II Guerra Mundial que “assistiu ainda à entrada em força em cena de um novo *médium* – a rádio” (Pereira, 2014, p. 156).

A rádio teve, de imediato, um papel crucial no desempenho da propaganda política e na guerra psicológica quando os governos envolvidos nos conflitos armados entenderam o valor do meio “além-fronteiras” (Pereira, 2014, p. 157). Depois da rádio, surgiu a televisão que ficou associada fortemente à guerra do Vietname. As transmissões ao vivo da CNN, por exemplo, tornaram este o primeiro conflito televisionado, seguindo-se o

Conflito do Golfo, em 1991, e do Iraque, em 2003 (Pereira, 2014, p. 156). A partir daí, as guerras deixaram-se de se travar apenas no terreno, para se travarem também no ecrã, sendo que a gestão da imagem passou a ser uma das maiores preocupações dos militares.

Os *media* continuaram a assumir uma grande importância em diversos outros conflitos como na Guerra do Kosovo, entre 1998 e 1999, e no ataque da NATO à Jugoslávia, também em 1999 (Pereira, 2014, p. 157). No decorrer desses anos surgiu a Internet. Esta tornou-se uma nova fonte de informação e a Guerra do Kosovo ficou conhecida como “a primeira guerra da ‘net’” (Pereira, 2014, p. 157).

Já anos seguintes, os atentados terroristas do 11 de setembro nos Estados Unidos da América, em 2001, ou a Guerra do Iraque, em 2003, reforçaram a importância dos *media* em zonas de conflito (Pereira, 2014, p. 157). Desde então, as armas poderosas numa guerra deixaram de ser só os instrumentos utilizados para, como explica Fidalgo (2022), também passaram a ser “as armas da informação e da comunicação” (par. 8).

- **Propaganda política nas redes sociais**

Com o aparecimento e conseqüente desenvolvimento da internet, apareceram as redes sociais. Pela oportunidade cada vez mais crescente de cada um produzir o seu próprio conteúdo, o chamado “jornalismo do cidadão” (Patrick & Allan, 2013, pp. 163-165), a manipulação e a propaganda tornaram-se mais fáceis.

Uma arma já antiga e usada na relação hostil entre a Ucrânia e a Rússia (Schappert, 2023, secção “Propaganda and disinformation”), as redes sociais influenciaram o mais recente conflito mesmo antes do seu início (Paul, 2022). Barnes (2022) explica que os investigadores notaram um aumento de publicações nas redes sociais por parte da Rússia a acusar a Ucrânia de estar a preparar um genocídio contra os ucranianos de etnia russa, afirmando que a Ucrânia estava alinhada com o nazismo (par. 1-3). Este fluxo de desinformação sobre a Ucrânia por parte dos russos cresceu desde 2014, mas intensificou-se entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022, quando Moscovo aumentou a pressão sobre Kiev. A propaganda tinha como principais destinatários os russos e os ucranianos pró-russos, com o objetivo de conquistarem o seu apoio. Com o início da guerra, a propaganda foi além desse público como o autor já antecipava (Barnes, 2022, par. 1).

Como mostra Clayton (2022), o Twitter foi uma das redes sociais mais utilizadas para este propósito (par. 1). Desde informações, a imagens ou a vídeos, os dois países desmentiam-se constantemente e mutuamente. A título de exemplo, o autor destaca a imagem de Olena Kurilo, uma cidadã ucraniana ensanguentada e enfaixada após um

ataque russo, que se tornou viral no mundo inteiro (Clayton, 2022, par. 1-3). Explica que dias depois, e através das redes sociais, o Governo da Rússia alegava que Olena não teria sido ferida, mostrando um vídeo da mesma, ileso. Outro exemplo é o bombardeamento à maternidade de Mariupol. Clayton (2022) explica que, a 10 de março, a embaixada anunciou, novamente pelo Twitter, que o ataque era falso e que teria sido encenado por atrizes ucranianas (par. 24). Entre outras situações, o Twitter foi excluindo algumas partilhas e publicações, o que em tempos de guerra é um processo confuso e complexo.

Por outro lado, a Rússia não está sozinha na luta da propaganda política nas redes sociais. Do outro lado continua a Ucrânia. Por exemplo, é através das redes sociais que o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky conta aos políticos ocidentais os avanços no território ucraniano (Expresso, 2022b, secção “Ucrânia: Travar a guerra (também) nas redes sociais”). Ao mesmo tempo, atualiza os cidadãos do estado do conflito e encoraja-os a não desistirem de enfrentarem os russos. Talvez por essa razão, e para manter os russos ‘na escuridão’ em relação à verdade sobre a guerra, as redes sociais como o Facebook, o Instagram ou o Twitter foram banidas pelo Kremlin, sendo que o Telegram se tornou uma das redes sociais mais utilizadas pelos russos para acompanhar o governo de Putin (Atanesian, 2023, par. 4).

No entanto, Schappert (2023) refere ainda que, embora a Rússia seja o claro agressor na frente da ‘guerra cibernética’, tanto a Rússia como a Ucrânia utilizaram as plataformas de redes sociais para divulgarem informações falsas, influenciarem a opinião pública e os decisores políticos, e até mesmo impactarem as próprias operações militares (secção “Propaganda and disinformation”, par. 2). O autor refere que estas são também formas de criar o medo, a confusão, a incerteza ou a dúvida na população alvo, moldando não só a opinião pública, mas influenciando a perceção do conflito pela comunidade internacional.

#### **4. A utilização das redes sociais no jornalismo de guerra**

O fenómeno da disseminação da informação nas redes sociais não é, no entanto, recente. Segundo Rauchfleisch *et al.* (2017), com o decorrer do tempo, as redes sociais ganharam uma importância cada vez maior para os jornalistas, especialmente em tempos de crise (secção “O papel do Twitter no jornalismo de crise – e o caso dos ataques terroristas”, par. 1). Nestas alturas, os jornalistas são pressionados a reagirem de forma rápida, pressão essa que aumenta com as notícias 24 horas por dia, 7 dias por semana e com a concorrência sempre presente.

Durante situações de conflito ou de catástrofes é difícil obter informações de última hora sem que o jornalista esteja no local. Desta forma, os conteúdos gerados pelos utilizadores e publicados na internet permitem o acesso à informação e de forma rápida (Rauchfleisch *et al.*, 2017, secção “Abstract”, par. 1). Os autores Patrick e Allan (2013) defendiam a mesma a ideia, afirmando que com o fornecimento de imagens e vídeos, as testemunhas oculares tornavam-se “jornalistas cidadãos” essenciais para a informação (pp. 173-174). Os jornalistas, confrontados com elevados graus de incerteza, com menos fontes disponíveis e incapazes de estar no terreno, utilizam então as redes sociais não só para obter novas e mais informações, como diferentes perspetivas (Hermida, 2016, pp. 83-84).

- **Outros benefícios**

Por outro lado, as redes sociais acrescentam outros fatores positivos ao jornalismo, e não só em tempos de maior dificuldade. De acordo com True Anthem (2022), as plataformas sociais permitem que os jornalistas levem as notícias a mais pessoas, a mais lugares e de forma mais rápida (par. 2). As notícias de última hora, por exemplo, podem ser tratadas instantaneamente, e desenvolvidas mediante a ocorrência de novos factos. Além disso, através das redes sociais, o jornalista pode criar uma comunidade de leitores, aumentando a sua notoriedade, construindo uma reputação (True Anthem, 2022, par. 3) e permitindo a interação com o público, que de outra forma seria menor (Safarian, 2019, par. 5). Por sua vez, conforme as notícias são partilhadas no *online* muito facilmente são arquivadas, podendo ser recuperadas em qualquer momento (True Anthem, 2022, par. 4).

Por sua vez, Gottfried *et al.* (2022) corroboram a opinião de Safarian (2019) e True Anthem (2022), demonstrando que, num estudo, a grande maioria dos jornalistas afirmou utilizar as redes sociais para promoverem histórias, conectarem-se com o público e encontrarem fontes ou mesmo histórias (par. 3). Também Weaver e Willnat (2016) tinham concluído no seu estudo que, no caso de alguns jornalistas norte-americanos, as redes sociais eram utilizadas para verificar o que outras organizações noticiosas publicavam e para procurar notícias de última hora (p. 10). No entanto, a maioria utilizava-as ainda para encontrar ideias para novas histórias, para manter contacto com os leitores e espetadores e para encontrar informações adicionais. Os autores rematam que os jornalistas utilizam estas ferramentas principalmente como recolha de informação, e não tanto para entrevistar fontes ou validar informação (Weaver & Willnat, 2016, p. 10).

Uma das principais conclusões presentes no relatório da Cision (2023) corrobora as tais opiniões, destacando que a grande maioria dos jornalistas inquiridos (96%) utiliza as redes sociais, sendo que 70% o faz para promover conteúdos, 66% para obter fontes, 62% para interagir com o público e 44% para “apanhar temas em voga” (secção 4, p. 19).

#### **4.1. As redes sociais mais utilizadas pelos jornalistas**

Facebook, Instagram, Twitter, Telegram, TikTok e outras. São várias as plataformas sociais que os jornalistas acompanham para realizar o próprio trabalho jornalístico. Gulyas (2013) afirma mesmo que a utilização das redes sociais difere consoante o país e as organizações (p. 270). Porém, em conflitos ou não, desde há muito tempo que o Twitter se destacou no meio jornalístico como ferramenta adicional (Broersma & Graham, 2012, citado em Rauchfleisch *et al.*, 2017, secção “Conceptual Framework: Journalism, UGC, and Crises”, par. 1). Lecheler e Kruikemeier (2015) afirmam que nesta aplicação, os jornalistas utilizam frequentemente as fontes em linha para as suas investigações e que é, particularmente, popular entre eles (pp. 167-168).

A título de exemplo, e no caso da Ucrânia, Nunes (2022a) mostra que os jornalistas brasileiros não só recorreram ao Twitter para iniciar as suas investigações jornalísticas, como eles próprios começaram a mostrar a guerra pelo Twitter (par. 3).

No entanto, o estudo da “Estado dos Media” (Cision, 2023) revela que no próximo ano, os jornalistas planeiam diminuir a utilização exatamente do Twitter e do Facebook, e pretendem aumentar a aposta no LinkedIn e no Instagram (secção 4, pp. 19-22). Ao mesmo tempo, os jornalistas mantêm a vontade de migrar para o YouTube e o TikTok, dado que o formato de conteúdo preferido do público começa a ser o vídeo.

#### **4.2. Os desafios dos jornalistas nas redes sociais**

Embora as redes sociais sejam uma fonte de informação e ferramenta de trabalho muito útil para os jornalistas, é também importante estar atento aos efeitos negativos que as mesmas causam na cobertura jornalística.

De acordo com o site Deadline News. (2023), as redes sociais são fontes popularmente conhecidas por propagarem notícias falsas e imprecisas (par. 1). Apesar do acesso mais fácil e rápido à informação através das mesmas, nem sempre é possível distinguir uma informação verdadeira de uma informação falsa (Deadline News., 2023, par. 4). Além disso, as redes sociais podem apresentar informações que evidenciam a falta de autenticidade e de credibilidade, e podem ser geradas para provocar o

‘sensacionalismo’ e o chamado ‘*clickbait*’. Por estes motivos, a dificuldade de verificar a veracidade das informações disponíveis nas redes tornam-se um desafio para o jornalista que de verificar os factos, respeitando a ética e, muitas vezes, as questões de privacidade (Deadline News., 2023, secção “Negative Effects of Social Media”, par. 1-3).

Na guerra entre a Ucrânia e a Rússia, as notícias falsas nas redes sociais começaram a circular desde cedo. Sardarizadeh e Robinson (2022) demonstraram que logo no primeiro mês foram inúmeros os casos de *fake news* e de desinformação geradas nas redes sociais. Desde um vídeo de um suposto soldado ensanguentado que circulou no Facebook, e que era afinal um vídeo de uma cena da produção televisiva “*Contamin*”, filmada em 2020 na Ucrânia (Sardarizadeh & Robinson, 2022, secção “False claims about ‘crisis actors’”, par. 1-4), ao *tweet* que afirmava que o ator norte-americano Steven Seagal estava a combater pela Rússia, foram várias as histórias que circularam nas diferentes plataformas e que semearam a dúvida e a discórdia (Sardarizadeh & Robinson, 2022, secção “Steven Seagal is not fighting in Ukraine”, par. 1-6).

Contudo, além das *fake news* e da desinformação, há ainda jornalistas que apontam outros fatores negativos das redes sociais, e mais pessoais. Por exemplo, no estudo de Gottfried *et al.* (2022), muitos jornalistas admitiram que foram assediados das mais diversas formas ou ameaçados, através das redes sociais, por alguém de fora da sua organização pelo trabalho jornalístico executado (secção “Most journalists who were harassed by someone outsider their organization in the past year say it happened on social media”).

### **4.3. As redes sociais são concorrentes do jornalismo?**

O jornalismo mudou ao longo do tempo e o mais provável é que continue a mudar. De acordo com Mathew (2022), o aparecimento das redes sociais obrigou os jornalistas a adaptarem-se rapidamente ao plano digital (secção “How has this impacted Journalism?”, par. 1). No entanto, as opiniões dividem-se quanto ao facto de rapidez e a facilidade de aceder à informação, substitui ou não o trabalho jornalístico.

Corneta (2021) defende que, apesar das redes sociais disponibilizarem todo o tipo de conteúdo e em diferentes formatos, é ao jornalista que cabe assegurar a qualidade e veracidade dos factos, um processo indispensável no entendimento da informação (secção “Importância do jornalismo na era da informação”). A autora refere ainda que o mundo globalizado, com informação democrática, não seria possível sem a atuação dos profissionais. Ainda que hoje, qualquer um ache que pode fazer jornalismo, só o jornalista

possuí “consciência de responsabilidade social” (secção “Importância do jornalismo na era da informação”, par. 2) e o público irá sempre priorizar a credibilidade.

Enquanto isso, também Vilaverde (2023) enumera diferentes opiniões de especialistas em comunicação. Enquanto há quem acredite que o jornalismo precisa das redes sociais e as redes sociais precisem do jornalismo (par. 4), sendo dois polos que se complementam, há também quem afirme que as redes sociais não são jornalismo e, por isso, nunca serão concorrentes e as redes sociais nunca substituirão o jornalismo, mas que permitiram valorizar o jornalismo (Vilaverde, 2023, par. 5). Por outro lado, há ainda quem destaque que as redes sociais são, mesmo, o ‘novo jornalismo’ (Vilaverde, 2023, par. 15).

### **5. Quem é o jornalista na guerra?**

Segundo Marshall (2023), um repórter de guerra é um jornalista que cobre acontecimentos em primeira mão numa zona de guerra (secção “Introduction”, par. 1). Ou “como diz o dicionário *online* Michaelis, a expressão ‘repórter de guerra’ significa ‘jornalista especializado em fazer cobertura de conflitos e/ou guerras’” (Fernandes, 2021, par. 5). Frequentemente definidos como “jornalistas especializados em reportagens sobre guerras” (Indeed Editorial Team, 2022, secção “What is a war correspondent?”, par. 1), os repórteres de guerra trabalham para televisões, jornais ou agências de comunicação, mas há também repórteres de guerra já experientes que trabalham por conta própria como *freelancers*.

Além das diferenças quanto à relação com os *media* onde trabalham ou quanto à natureza do próprio trabalho, o termo que referencia o jornalista que cobre a guerra é, por vezes, distinguido. A título de exemplo, Fernandes (2021) afirma que um “correspondente de guerra é um profissional especializado em conflitos não pacíficos” (par. 6), ao contrário de um ‘repórter’ ou de um ‘enviado especial’. A autora explica que muitos jornalistas atuam como repórteres em cenários de guerra, mas não trabalham frequentemente com temas desta ordem. A partir dessa explicação define ‘correspondente internacional’ como um jornalista especializado em eventos no estrangeiro e ‘enviado especial’ como um jornalista que é enviado para cobrir conflitos, protestos ou outros eventos grandiosos, tendo um tipo de preparação profissional e psicológica diferentes (Fernandes, 2021, par. 7).

Ainda que com diferentes definições, a principal função de um jornalista no terreno de guerra é sempre a mesma: Recolher informações sobre os conflitos à medida que se desenvolvem, e partilhá-las com o público (Indeed Editorial Team, 2022, secção “What

is a war correspondent?”, par. 1). Desde os avanços nas hostilidades à forma como as guerras afetam as pessoas, o jornalista procura investigar junto de quem vive nos países afetados pelos conflitos armados como, por exemplo, civis e militares. Segundo o Indeed Editorial Team (2022), “consoante o tema que investigam, os repórteres de guerra podem permanecer nas zonas seguras ou fazer reportagens na linha da frente” (secção “What does a war correspondent do?”, par. 1). Marshall (2023) complementa esta ideia ao argumentar que a missão destes jornalistas é acompanhar de perto e, ao máximo, a ação, e produzir conteúdo escrito, imagens ou gravações de áudio ou vídeo, transmitindo a quem não está ali presente o que está a acontecer (secção “Introduction”, par. 1). Desta forma, e como destaca Fernandes (2021), a rotina do jornalista no terreno de guerra envolve “registos, gravações, recolha de informação, entrevistas, mediação via fontes e informantes e, principalmente, diplomacia e negociações por relatos oficiais” (par. 14).

Também Jestin (2020) destaca a missão imprescindível do repórter de guerra. “Eles narram a guerra, antes de mais nada, descrevem-na e posicionam-se como testemunhas ou narradores” (Jestin, 2020, secção “Journalists on a mission: the intermediation of war”, par. 3) diz o autor, explicando que no seu trabalho, os repórteres de guerra comentam os objetivos e o significado de determinado conflito.

- **As características de um repórter de guerra**

Considerada a “forma mais perigosa de jornalismo” (Marshall, 2023, secção “Introduction”, par. 2), o trabalho jornalístico dos repórteres de guerra ou dos enviados especiais leva-os às partes do mundo mais assoladas por conflitos. O risco, a motivação e a tradição pautam uma profissão que “vai além de tornar público os acontecimentos do mundo” (Fernandes, 2021, par. 8).

Segundo Fernandes (2021), a atuação de um repórter de guerra ou enviado especial requer um amplo conhecimento do território quanto aos aspetos culturais, geopolíticos, económicos ou sociais do país onde o conflito se desenrola, enquanto exige o respeito pela ética da profissão e a gerência de situações de risco e de negociação (secção “Habilidades necessárias para trabalhar em zona de conflito”, par. 1). A autora destacou que o jornalista deve desenvolver algumas características e habilidades próprias para o exercício da profissão, entre as quais “inteligência emocional, persistência (...), concentração (...), responsabilidade profissional, (...), sensibilidade social, respeito pelas fontes, agilidade (...), capacidade de improviso, eficiência na construção de rede de

contactos, disponibilidade integral, domínio de outros idiomas (...)” (Fernandes, 2021, secção “Habilidades necessárias para trabalhar em zona de conflito”, par. 2).

Por outro lado, o Indeed Editorial Team (2022) salienta a resiliência, que pode ajudar o repórter de guerra ou enviado especial a adaptar-se e a superar os desafios do terreno; a flexibilidade, já que tudo no terreno de guerra se altera rapidamente; as habilidades interpessoais e a atenção ao detalhe, não só para ajudar a partilhar a informação de forma factual, como para os ajudar a manterem-se seguros em áreas por eles desconhecidas (secção “War correspondent skills”).

Além dos estudiosos, são os próprios jornalistas que destacam a necessidade de características fundamentais para realizar o trabalho de um repórter de guerra. Numa entrevista sobre a experiência enquanto ‘correspondente especial’, Christina Lamb do *Sunday Times* destacou a curiosidade, a determinação e o ‘ser um bom ouvinte’ como essenciais (Lamb, 2019, secção “What skills and qualities do you need to be a foreign correspondent?”). Já a jornalista ucraniana Nastya Stanko, *freelancer*, acrescentou ao essencial para uma guerra a ‘humanidade’, a ‘coragem’ e ‘o conhecimento próprio’, dados os elevados riscos que atravessam durante a realização do trabalho (Hoiuk, 2023, secção “Preparation for war journalists involves several aspects”, par. 1).

Por esses motivos, a preparação é imprescindível, desde compreender a estrutura miliar, conhecer o sistema de comunicação local a aprender a gerir limitações e obstáculos para que, em campo, se esteja preparado para investir tempo, desenvolver novas habilidades e experiência e, acima de tudo, atualizar informações continuamente (Hoiuk, 2023, secção “Recommendations for people interested in war journalism”, par. 1-6).

Embora os diferenciados “requisitos” para ser um repórter de guerra ou enviado especial, as ideias de que a profissão deve ter sempre em conta o interesse público e a pertinência dos factos (Fernandes, 2021, secção “Habilidades necessárias para trabalhar em zona de conflito”, par. 4) são unânimes. De acordo com Fidalgo (2022), “(...) quando um jornalista está a reportar sobre a guerra, o assunto importante não é o jornalista – é a guerra” (par. 4), sendo uma das razões que torna a missão de fazer uma reportagem de guerra menos fácil. A linha entre contar o que se passa no terreno de guerra e o que se está a passar com o jornalista é, por vezes, muito ténue e facilmente se passa de “informação relevante e atual” para uma “conversa talvez curiosa” (Fidalgo, 2022, par. 4). O autor explica que, embora reconheça que “há alguma curiosidade em saber o que é estar ali, essa vertente deve ser acessória e lateral” e “deve apenas complementar o trabalho informativo” (Fidalgo, 2022, par. 4), não se sobrepondo a ele ou substituindo-o.

Como outrora evidenciou McLaughlin (2016), o trabalho do repórter de guerra é definido pelos riscos e pelos perigos, entre os quais estão a morte, os ferimentos, o sequestro, o assédio ou a prisão (p. 9). Além da missão que têm, é também pelos vários perigos que o repórter de guerra é sujeito que as características vão muito além do que é possível enumerar.

### **5.1. A origem dos repórteres de guerra**

A identidade do primeiro repórter de guerra é debatida há vários anos (Morris Jr., 2007, par. 1). De acordo com Marshall (2023), Heródoto foi um dos candidatos ao título de ‘primeiro repórter de guerra’ devido ao seu relato sobre as Guerras Persas (secção “Brief history”, par. 1). Como ele, outras figuras cujos nomes são hoje reconhecidos foram estudados como o primeiro jornalista a relatar a guerra: “o historiador grego Tucídides, que escreveu sobre a Guerra do Peloponeso em 424 a.C” ou “o imperador romano Júlio Cesar, que descreveu a conquista da Gália em 55, a.C”, embora ambas as crónicas tenham sido escritas vários anos depois das próprias guerras (Morris Jr., 2007, secção “The Early Beginnings of the Modern War Correspondent”, par. 1).

Por outro lado, há outros estudiosos que dizem “que o primeiro repórter de guerra moderno foi o pintor holandês Willem van de Velde” (Marshall, 2023, secção “Brief history”, par. 3). Em 1653, o pintor observou uma batalha naval entre holandeses e ingleses, fazendo um esboço que, mais tarde, desenvolveu “e acrescentou a um relatório que escreveu aos Estados Gerais” (Marshall, 2023, secção “Brief history”, par. 3).

Contudo, a modernização trouxe o desenvolvimento dos jornais e das revistas no início do século XIX e, de acordo com Morris Jr. (2007, secção “The Early Beginnings of the Modern War”) e Marshall (2023, secção “Brief history”), um dos primeiros repórteres de guerra surgiu nesta altura: “Henry Crabb Robinson”, que cobriu as “campanhas de Napoleão” em Espanha e na Alemanha, em 1807, para o *London Time*. Entre vários outros nomes, como John Bell e Charles Lewis Gruneison (Morris Jr., secção “John Bell: the First War Correspondent”) ou William Hicks (secção “Brief history”, par. 3), há um que parece ser mais unânime “William Howard Russell” (Morris Jr., 2007, secção “The World Famous William Howard Russell”; Pereira, 2014, p. 156; Marshall, 2023, secção “Crimean War”, par. 1).

Pereira (2014) é um dos autores que explica que o convívio entre militares e jornalistas em cenários de guerra começou em fevereiro de 1854, durante a Guerra da Crimeia, quando a Inglaterra e a França intervieram na guerra entre a Rússia e o Império

Otomano – a Guerra da Crimeia -, que tinha começado meses antes (p. 156). O então repórter do The Times de Londres, William Howard Russell, foi convidado para acompanhar a armada britânica, tornando-se a primeira presença jornalística oficial em cenários de conflito. Morris Jr. (2007) afirma que, desde o início, Russell ficou indignado com a falta de planejamento do Exército inglês (seção “The World Famous William Howard Russell”). Pereira (2014) corrobora a ideia e diz que, através de cartas, o jornalista deu a conhecer a má preparação das tropas, a incompetência dos generais e as condições de vida duras em que os soldados viviam durante estes períodos (p. 156).

Os resultados da cobertura jornalística de Russell à Guerra da Crimeia chamaram a atenção para a necessidade de uma cobertura independente da guerra. Então, quatro anos depois, a imprensa americana instalou-se nos campos de batalha (Pereira, 2014, p. 156). Entre 1861 e 1865, a Guerra Civil Americana foi amplamente coberta: “Só do lado da União havia cerca de meio milhar de correspondentes, e é [aqui que é] introduzido um sistema de acreditação de jornalistas” (Pereira, 2014, p. 156). Nos anos seguintes, como destaca Marshall (2023), a Terceira Guerra de Independência italiana, a guerra Russo-Japonesa, a primeira e segunda guerras dos Balcãs e a primeira guerra mundial já foram cobertas por inúmeros jornalistas cujo trabalho foi amplamente reconhecido.

Ao longos dos anos, o número de repórteres de guerra aumentou, bem como a importância das suas funções. Os jornalistas começaram a ser “vistos como parte do esforço de guerra”, e as elites políticas e militares criaram instituições para gerir a informação que vinha das frentes de guerra (Pereira, 2014, p. 156). No entanto, o trabalho dos jornalistas no terreno de guerra nem sempre foi o mais apreciado. O primeiro grande conflito entre os *media* e os militares aconteceu em 1960, quando os norte-americanos se envolveram no conflito do Vietname (Pereira, 2014, p. 157). Segundo consta, a forma como a imprensa denegriu a campanha militar dos Estados Unidos da América foi um ponto de viragem no jornalismo de guerra.

A intervenção militar no Golfo, em 1991, mobilizou, por isso, inúmeros jornalistas dos vários tipos de *media*: “Milhar e meio de jornalistas vindos de todo o Mundo foram enviados para os pontos sensíveis na região para acompanhar as peripécias da expedição militar contra o Iraque” (Pereira, 2014, p. 157). Foi nesta guerra que o avanço tecnológico se iniciou, e foi onde surgiu o chamado “direto” a partir do terreno de ação. Esta técnica jornalística alterou, profundamente, a cobertura de guerra existente, e criou dificuldades no controlo de informação por parte dos militares. A partir de então, “as guerras viviam-

se doravante em direto, ficando por isso diretamente expostas aos olhos do mundo e à influência da opinião pública” (Pereira, 2014, p. 157).

## **5.2. A importância do repórter de guerra ou enviado especial**

“Informar com responsabilidade sobre os acontecimentos de relevância coletiva” (Francis, 2022, secção “Jornalismo em tempos de guerra”, par. 1) é uma das máximas e a principal função do jornalismo, dado que é um dos principais mecanismos que contribuem para a liberdade e para a força da democracia. Durante conflitos armados, a importância da cobertura jornalística e do papel do jornalismo na sociedade.

Francis (2022) explica que durante a guerra são transmitidas algumas informações distorcidas ou limitadas (secção “Jornalismo em tempos de guerra”, par. 2). Os *media* são, por isso, necessários para garantir a veracidade e a atualidade dessas informações e de tudo o que acontece nos conflitos, pois a informação não é totalmente confiável dado que “a maioria das fontes tem algum tipo de interesse próprio para revelar o que sabe” (Francis, 2022, secção “Como acontece a apuração jornalística em momentos de guerra”, par. 2). Mijatović (2022) completa a ideia argumentando que a importância da cobertura jornalística dos conflitos armados não pode ser sobrestimada (par. 2). Para o autor, os jornalistas desempenham uma função crucial de interesse público ao recolherem e divulgarem informações fiáveis sobre o conflito.

Por seu lado, González (2019) afirma que o trabalho realizado pelo repórter de guerra é não só para ter uma sociedade informada e livre, mas também para dar voz aos atores dos conflitos e, sobretudo, à população civil, que na maioria dos casos é silenciada sob o ruído da guerra (pp. 58-59). Estas informações permitem que a população se contextualize de todo o cenário, que conheça as consequências e que forme a própria opinião. A partir daí é possível evitar abusos de poder, violações dos direitos humanos e crimes de guerra, ou denunciar injustiças e desigualdades (González, 2019, pp. 61-62).

Os jornalistas no terreno contribuem, assim, para a compreensão da crise durante o conflito armado e dos seus desdobramentos, mas também denunciam abusos e violações dos direitos e expõe o lado mais humano da guerra (Francis, 2022, secção “Como acontece a apuração jornalística em momentos de guerra”, par. 2). Já Mijatović (2022) diz mesmo que “é graças aos jornalistas que as graves violações dos direitos humanos, os crimes de guerra e outras atrocidades” (par. 2) são tornados públicos.

A certa altura, a importância do jornalista nos conflitos era tão evidente que se tornou uma prática “colocar jornalistas dentro e sob o controlo das forças armadas de um

lado durante o conflito armado” – o chamado ‘jornalismo incorporado (Löffelholz, 2023, par. 1). Foram os Estados Unidos da América, durante a Guerra do Iraque, que desenvolveram este tipo de jornalista como resposta estratégica às críticas sobre o baixo nível de acesso concedido aos jornalistas durante a Guerra do Golfo e a Guerra do Afeganistão.

Embora a divisão de opiniões quanto aos efeitos do novo jornalismo praticado durante as guerras, a incorporação dos jornalistas nas unidades acrescentou uma medida de proteção aos repórteres de guerra e outros profissionais que trabalham no terreno para informar sobre a guerra. O Artigo 79 da III Convenção de Genebra estabelece que os jornalistas (enviados especiais, repórteres, fotógrafos e outros técnicos) envolvidos em missões profissionais perigosas em conflitos armados são considerados civis (iMEDD Team, par. 1). Por esse motivo estão protegidos ao abrigo do Direito Internacional Humanitário contra os efeitos das hostilidades e contra as medidas arbitrárias tomadas pelas partes no conflito.

### **O caso concreto dos enviados especiais portugueses (TVI) na Ucrânia**

A guerra que começou, em 2022, na Ucrânia é mais uma das muitas guerras que mostram a importância da cobertura jornalística no terreno. O mundo já estava de olhos postos no território ucraniano quando as tropas russas avançaram. A partir daí, jornalistas de várias partes do mundo - desde Portugal, França, Itália, Grécia, Estados Unidos da América, Brasil, a própria Rússia e tantos outros países - foram destacados para garantir a informação (AbrilAbril, 2022; Agence France-Press, 2022a; Agence France-Press, 2023; BBC News Brasil, 2022; De Luca, 2022; Fefito, 2022; iMEDD Team, 2022; Jornal de Angola, 2022; SIC, 2022).

De acordo com a Agência Lusa (2022a), a então ministra portuguesa da Cultura, Graça Fonseca, foi uma das figuras políticas que salientou a importância do trabalho jornalístico no país do leste da Europa para manter o público informado e para combater a desinformação (par. 2). Os *media* portugueses foram uns dos que apostaram fortemente na cobertura da guerra da Ucrânia, desde a televisão, a rádio, a imprensa ou o *online* (Carriço, 2022; SIC Notícias, 2022).

A TVI foi um dos canais de televisão portugueses com maior presença jornalística na Ucrânia desde o início, e mesmo antes, do conflito. Como indica a MC News (2022), o canal chegou mesmo a ser o único com jornalistas portugueses destacados para a capital ucraniana, Kiev (par. 1). O jornalista, Pedro Moreira, e o repórter de imagem, Tiago

Ferreira, tinham a missão de revelar o drama que vivia “numa cidade sitiada e sob permanente ameaça de um ataque do exército russo” (MC News, 2022, par. 1).

Por outro lado, a TVI marcou a diferença nesta guerra ao enviar vários jornalistas para diversos pontos essenciais do conflito. Em Kiev, em Lviv, na Polónia, na Roménia ou mesmo em Bruxelas, Judite de Sousa, André Carvalho Ramos, Cristina Reyna, Margarida Neves de Sousa, Pedro Benevides e tantos outros jornalistas apresentaram, diariamente, o ponto de situação do conflito nos diferentes locais afetos à guerra e a partir de diferentes perspetivas – entre elas, de civis que ficaram nas cidades ocupadas pelos russos, de refugiados ucranianos, de famílias de acolhimento ou mesmo de líderes mundiais que sancionavam a Rússia a cada passo dado (Mc News, 2022, par. 2-5).

## **Opções metodológicas**

### **1. Pergunta de partida e objetivos de investigação**

O presente estudo tem como pergunta de partida: “De que forma é que as redes sociais influenciaram a cobertura jornalística no primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, em 2022, no Jornal das 8 da TVI?”. O objeto de estudo é a utilização das redes sociais e dos seus conteúdos (imagem, vídeo, som e texto) nas peças jornalísticas e nos diretos durante o período referido do telejornal.

De forma a caracterizar e compreender o uso das redes sociais e seus conteúdos nas emissões entre 24 de fevereiro e 24 de março de 2022, bem como sua utilização no terreno de guerra, formularam-se quatro objetivos específicos:

1. Caracterizar o uso das redes sociais nas peças jornalísticas do Jornal das 8 da TVI durante o primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022.
2. Compreender o uso de imagem, de vídeo, de som ou de texto das redes sociais nas peças jornalísticas da TVI sobre a guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022.
3. Entender o uso das redes sociais pelo enviado especial no primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022.
4. Identificar a rede social mais utilizada nas peças jornalísticas do Jornal das 8 da TVI, bem como pelos seus enviados especiais, no primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022.

Para responder à pergunta de partida e concretizar os objetivos estabelecidos, a abordagem metodológica mista revelou-se a mais pertinente. De acordo com Creswell e Clark (2011, citado em Paranhos *et al.*, 2016), o método misto é um procedimento de recolha e análise que combina técnicas qualitativas e quantitativas num desenho de pesquisa (p. 391). Os autores identificam que a principal vantagem deste método é o a possibilidade da realização de melhores análises, oferecendo uma resposta mais completa à pergunta de partida do que o só os métodos quantitativos ou qualitativos iriam oferecer (Yin, 2006, citado em Parafanhos *et. al*, 2016, p. 392).

### **2. Método e técnicas de investigação**

A utilização do método de investigação misto implicou a aplicação de uma técnica de carácter quantitativo e uma técnica de carácter qualitativo. Como técnica quantitativa utilizou-se a análise de conteúdo quantitativa, seguida de uma análise interpretativa dos

resultados obtidos, e como técnica qualitativa utilizou-se a entrevista semiestruturada, também analisada interpretativamente. Adicionalmente foi feita uma análise descritiva do conteúdo dos episódios do Jornal das 8 da TVI referentes ao primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022.

- **Análise de conteúdo quantitativa**

Segundo Bardin (2016), “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (secção “O campo”, par. 1). Webber (1990, citado em Lima, 2013, p. 7) refere que esta técnica permite classificar o material em análise, reduzi-lo e interpretá-lo, realizando inferências válidas. Dividida em três fases – a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados -, a análise de conteúdo permite interpretar o significado ou a intenção dos dados observados (Bardin, 2016, pp. 125-131).

No presente estudo, para iniciar a visualização dos 28 episódios do Jornal das 8 da TVI, entre 24 de fevereiro e 24 de março de 2022, codificou-se 16 variáveis com as suas categorias cada. No entanto, apesar de observadas e do registo dos resultados, apenas se verificou pertinente analisar as 12 variáveis representadas e descritas no Quadro 1:

**Quadro 1** | Variáveis e categorias selecionadas para a análise de conteúdo quantitativa

VARIÁVEIS EM ANÁLISE	CATEGORIAS
Tipo de intervenção	Peça jornalística   Direto   Opinião
Género jornalístico	Notícia   Reportagem   Entrevista   Comentário
Rede social	Não é possível identificar   Facebook   Instagram   Twitter   TikTok   Snapchat   WhatsApp   Telegram   Reddit   Youtube   Várias   Outras
Formato de conteúdo	Imagem   Vídeo   Som   Texto   Vários   Todos
Tema	Ataques militares   Bombardeamentos   Massacres   Ajuda humanitária   Fuga   Refugiados   Declarações   Declarações políticas   Sanções económicas/políticas   Acontecimentos   Defesa   Defesa militar   Defesa civil   Manifestações   Destruição

	Feridos/mortos   Testemunhos de civis/vítimas   Alertas/pedidos de ajuda de civis   Alertas/pedidos de militares   Vários   Outros
Intervenientes	Civis   Crianças   Militares   Políticos   Jornalistas   Profissionais de saúde   Bombeiros   Celebidades   Forças de segurança   Vários   Outros   Sem intervenientes
País/origem	Ucrânia   Rússia   Bielorrússia   Moldávia   Polónia   Roménia   Hungria   Eslováquia   Portugal   Reino Unido   Estados Unidos da América   Irão   China   Alemanha   França   Brasil   Outro   Vários
Tempo de emissão	0 a 30 segundos   Até 1 minuto   1 minuto a 1 minuto e 30 segundos   1 minuto e 30 segundos a 2 minutos   2 minutos a 5 minutos   Mais de 5 minutos
Citação de fonte	Sim   Não
Propósito	Informar   Alertar   Sensibilizar   Mobilizar   Outro   Vários
Relevância	Abertura   Primeira parte do telejornal   Segunda parte do telejornal   Fecho
Anúncio ao longo do telejornal	Sim   Não

Quanto às variáveis em análise importa explicar que as categorias das variáveis ‘tema’ e ‘intervenientes’ foram escolhidas através do conhecimento obtido sobre a guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022 até às fases da codificação e categorização. Já quanto à variável ‘país’, a escolha das categorias foi feita tendo em conta os fatores ‘proximidade’ ou ‘envolvimento’ na guerra. Já as variáveis que não se verificaram pertinentes de analisar, uma vez que não era possível fazer um registo suficientemente

coerente que originasse dados conclusivos, diziam respeito ao ‘grau de credibilidade’, ‘grau propagandístico’, ‘visão do jornalista’ e ‘repetição de imagens’.

No que diz respeito às categorias é de relevo referir que os ‘acontecimentos’ na variável ‘tema’ conjuga, por exemplo, atos de solidariedade, histórias concretas, entoação do hino da Ucrânia, refúgios improvisados, negociações ou outros exemplos não tão comuns na emissão do telejornal. Por outro lado, as categorias ‘informar’, ‘alertar’ e ‘sensibilizar’ na variável ‘propósito’ traduzem-se nas estratégias comunicativas utilizadas com o uso dos conteúdos, correspondendo respetivamente a ‘relato dos factos’, ‘interpretação’ e ‘humanização’.

Por último deve-se explicar que o dia 1 de março de 2022 não foi visualizado, registado ou analisado, devido à não disponibilização do episódio na TVI Player como os restantes episódios. De forma a ser possível fazê-lo, contactou-se a TVI mais do que uma vez, não obtendo sucesso na resposta.

Numa fase seguinte, e durante a observação dos episódios, o registo dos factos observados foi feito no programa Microsoft Excel, originando uma base de dados que, posteriormente, foi limpa e submetida no programa IBM SPSS STATISTICS. Com a base já ajustada ao novo programa, gerou-se os gráficos presentes nas secções “Apresentação de resultados” e “Discussão de resultados”, demonstrando as principais inferências descritivas e cruzadas das variáveis selecionadas.

- **Entrevistas semiestruturadas**

Segundo Bryman (2012), a técnica da entrevista foi criada para permitir que haja uma conversa e que os entrevistados exponham as suas opiniões, fornecendo conhecimento do comportamento, atitudes, normas, crenças ou valores do próprio ou de outras pessoas (p. 14). Numa pesquisa social, a abordagem tende a ser menos estruturada, dado que o importante é a perspetiva do entrevistado (Bryman, 2012, p. 470). Entre os diferentes tipos de entrevista, utilizou-se a entrevista semiestruturada. Este tipo permite divergir do guião anteriormente estabelecido, dando uma margem maior de discussão do tema ao entrevistado e tornando a entrevista mais flexível (Bryman, 2012, pp. 470-471).

Atualmente, e após a pandemia da COVID-19, popularizou-se a utilização de algumas plataformas para a execução de ‘reuniões’ à distância. Por conseguinte, e dada a não presença dos enviados especiais da TVI em território português ou a pouca disponibilidade para deslocações, as entrevistas decorreram em formato *online*.

A entrevista *online* síncrona é semelhante à entrevista presencial, revelando-se a sua principal vantagem (Bryman, 2012, pp. 482-484). Por outro lado, permite uma análise mais completa dado que, após a visualização da entrevista (que é necessário pedir para gravar), e durante a transcrição e tratamento dos dados, se fica mais ciente dos temas que surgiram e que não estavam planeados. Embora a larga disponibilização de plataformas, o Zoom foi o escolhido, dado a sua facilidade de uso, segurança e interatividade (Archibald, Ambagtsheer, Casey & Lawless, 2019, p. 7).

- **Presentes no primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022**

Pedro Moreira, um dos entrevistados para a obtenção de conclusões nesta investigação, é correspondente da TVI em Bruxelas e esteve como enviado especial na Ucrânia no primeiro mês da guerra com a Rússia em 2022 (Apêndice F), passando por diferentes cidades ucranianas nos dias em que esteve no país. Já Filipe Caetano é jornalista e antigo editor do Internacional da TVI, e esteve também na Ucrânia no primeiro mês da guerra em 2022, e ainda esteve no país antes do início da guerra (Apêndice G). Estes motivos, aliados ao valorizado conhecimento dos enviados especiais nos temas e nas áreas afetas devido às vastas carreiras jornalísticas, demonstraram a grande relevância em incluir os dois jornalistas no estudo.

As entrevistas *online* decorreram, respetivamente, no dia 22 e 21 de setembro de 2023, às 10h, através da plataforma Zoom. Com a duração aproximada de 1 hora e 30 minutos (Pedro Moreira) e de 40 minutos (Filipe Caetano), o principal intuito foi concretizar o terceiro objetivo da investigação. No entanto, para um melhor enquadramento e entendimento de algumas ideias desenvolvidas no capítulo ‘Estado da arte’, foram abordados os seguintes tópicos: as oportunidades e os desafios que as redes sociais provocam no jornalismo, sobretudo, no de guerra; a concorrência entre as redes sociais e o jornalismo e a importância das redes sociais na cobertura jornalística do conflito em análise.

Com um guião de entrevista elaborado para os dois jornalistas (Apêndice E), a maioria das questões e a sua ordem foram respeitadas, mas novas foram incluídas na sequência das respostas dos entrevistados (Apêndice F; Apêndice G). A análise interpretativa, que se traduz numa ‘decifração estrutural’ através de uma leitura que “segue o encadeamento (...) de um pensamento que se manifesta por uma sucessão de palavras, frases e sequências” e que tem em mente “os possíveis” (Bardin, 2016, secção “A decifração estrutural”, par. 6-8), foi essencial para realizar inferências.

## **Apresentação de resultados**

O presente capítulo destina-se a apresentar os resultados obtidos através da aplicação das técnicas de investigação descritas no capítulo anterior - “Opções metodológicas” - para responder à pergunta de partida “De que forma é que as redes sociais influenciaram a cobertura jornalística no primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, em 2022, no Jornal das 8 da TVI?” e resolver os quatro objetivos propostos.

Organizado em dois subcapítulos, o primeiro contempla os dados recolhidos através da análise descritiva e da análise de conteúdo quantitativa da emissão do Jornal das 8 da TVI referente ao período do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022. Estas análises permitem solucionar o primeiro, o terceiro e o quarto objetivos anteriormente delineados. Já o segundo subcapítulo agrega os dados conseguidos através das entrevistas semiestruturadas realizadas aos dois jornalistas da TVI, Pedro Moreira e Filipe Caetano, sendo que os testemunhos também possibilitam a realização do primeiro e do segundo objetivos.

### **1. Entre o dia 24 de fevereiro e o dia 24 de março no Jornal das 8 da TVI**

#### **• Análise descritiva**

Através da visualização dos 28 episódios do Jornal das 8 da TVI, referentes ao período do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022 - 24 de fevereiro a 24 de março -, foi possível descrever, sumariamente, a emissão de cada um dos episódios (Quadro 2, Apêndice A).

O Quadro 3 (Apêndice B) encontra-se dividido nas secções ‘data’, ‘dia’, ‘nomes’, ‘categoria’, ‘local’ e ‘time code’. Na informação sintetizada é possível identificar os pivôs, enviados especiais, correspondentes, jornalistas e convidados que contribuíram para a cobertura jornalística da guerra durante o período analisado, bem como a partir de que locais o fizeram e em que momento da emissão intervieram.

Já o Quadro 4 (Apêndice C) apresenta os factos mais importantes relatados sobre, ou afetos, à guerra durante cada uma das emissões, bem como a indicação da noticiabilidade de outros assuntos, demonstrando a predominância, ou não, do tema da guerra no total de cada um dos episódios. Ao mesmo tempo, neste quadro estão identificadas e destacadas as palavras ‘rede social’, ‘redes sociais’ ou o nome das plataformas sociais quando escritas em oráculos televisivos ou proferidas pelo pivô, pelo enviado especial, pelo correspondente, pelo jornalista em estúdio, pelo comentador ou pelo jornalista que elabora a peça jornalística. Através da elaboração deste quadro foi

possível desenvolver o Quadro 5 (Apêndice D) que mostra de forma mais clara que, de uma ou outra forma, as redes sociais foram mencionadas 75 vezes nos 28 dias analisados.

- **Análise de conteúdo quantitativa**

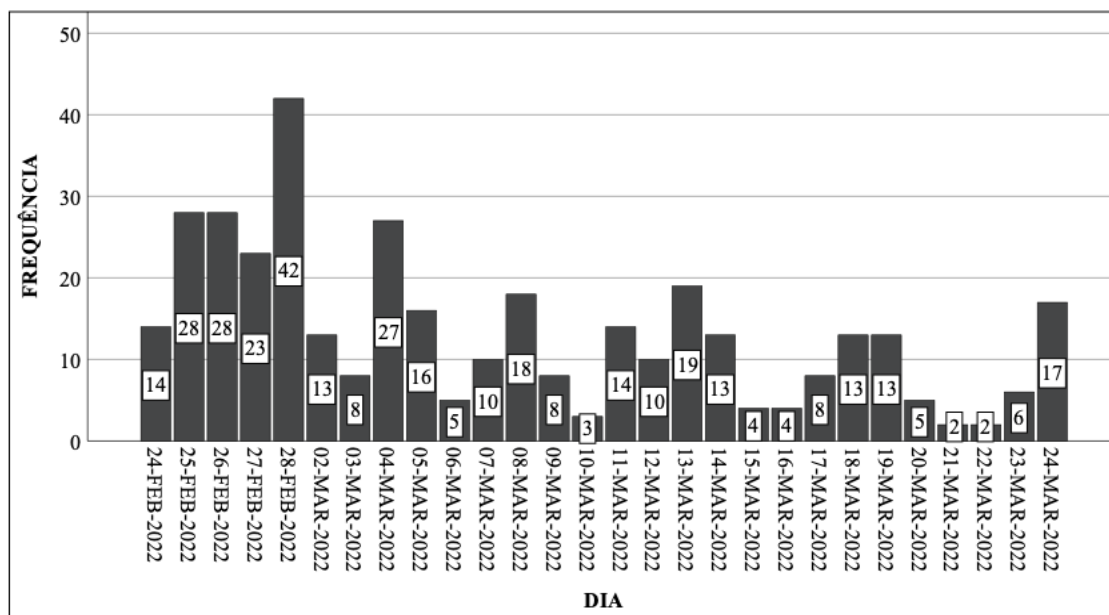
Após a categorização das variáveis para uma obtenção de resultados mais significativos do uso das redes sociais nas peças jornalísticas e nos diretos do Jornal das 8 da TVI durante o primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022, a observação, seguida do registo e da análise através do programa IBM SPSS STATISTICS permitiu perceber que há variáveis com resultados mais significativos do que outras.

**Tabela 1** | Total de conteúdos das redes sociais utilizados nos 28 dias do Jornal das 8 analisados

<b>TOTAL DE DIAS DE EMISSÃO DO JORNAL DAS 8 ANALISADOS</b>	<b>TOTAL DE CONTEÚDOS DE REDES SOCIAIS UTILIZADOS REGISTRADOS</b>
28	373

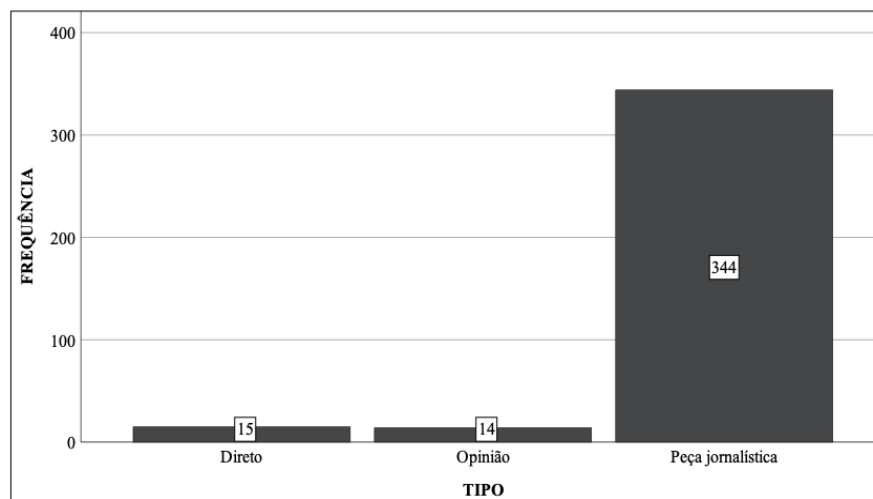
A Tabela 1 mostra que a técnica da análise de conteúdo quantitativa permitiu identificar a utilização de 373 conteúdos das redes sociais durante os 28 dias de emissão analisados, seja nas peças jornalísticas, nos diretos ou durante a ‘opinião’. Juntando os resultados obtidos através da análise descritiva, acrescentam-se as 75 menções às redes sociais nos oráculos televisivos ou em ‘voz *off*’ por parte do pivô, do jornalista, do enviado especial ou do convidado (Quadro 5, Apêndice D). No total, a referência às redes sociais foi feita 448 vezes.

**Gráfico 1** | Número de conteúdos das redes sociais utilizados em cada um dos episódios do Jornal das 8 analisados



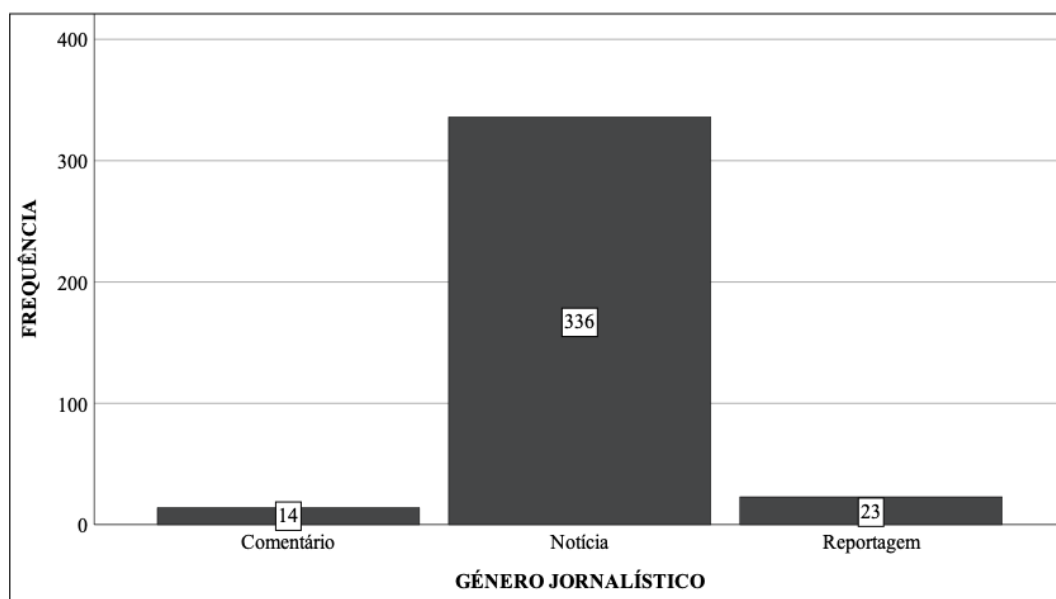
De acordo com o Gráfico 1, no dia 28 de fevereiro de 2022 registou-se o maior uso de conteúdos das redes sociais (42) na emissão do Jornal das 8 da TVI entre 24 de fevereiro e 24 de março de 2022. Em contrapartida, os dias 21 e 22 de março de 2022 foram os dias em que se registou um menor uso (2), não obstante a reduzida utilização nos dias 6 (5), 10 (3), 15 (4), 16 (4) e 20 (5) de março de 2022. Ao mesmo tempo, o gráfico mostra que o uso do conteúdo das redes sociais foi maior nos dias de emissão referentes aos primeiros dias de guerra e que, ao longo do tempo, o uso foi diminuindo.

**Gráfico 2** | Tipo de intervenção em que os conteúdos das redes sociais foram utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



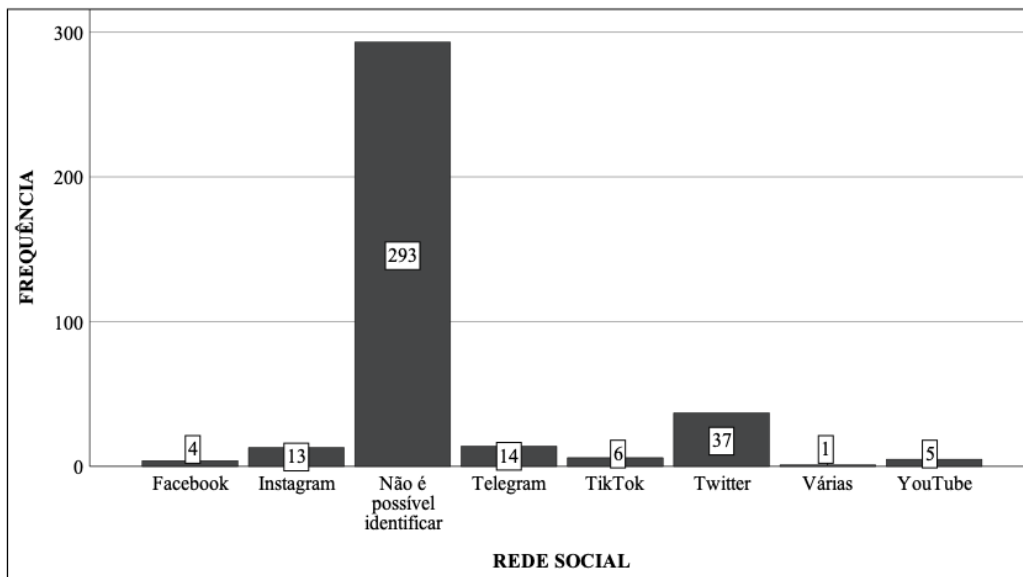
No que diz respeito ao tipo de intervenção em que o conteúdo das redes sociais foi utilizado, o Gráfico 2 (acima) mostra que o uso foi feito, maioritariamente, em peças jornalísticas, contabilizando-se 344 conteúdos utilizados das redes sociais. Quanto aos diretos ou à opinião, a utilização de conteúdos das redes sociais foi equilibrada, contando 15 e 14, respetivamente, mas representando uma diferença considerável em relação à utilização nas peças jornalísticas.

**Gráfico 3** | Género jornalístico em que os conteúdos das redes sociais foram utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



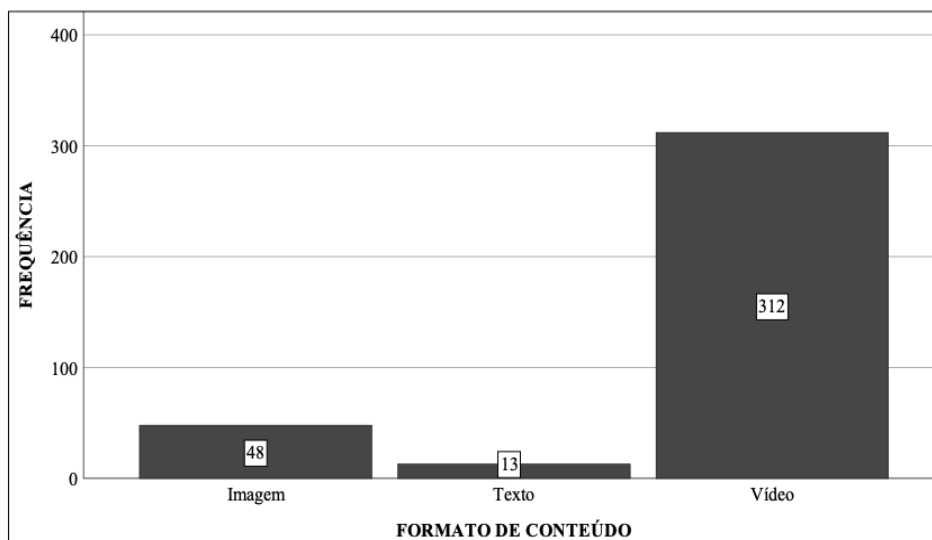
Por outro lado, e como apresenta o Gráfico 3, a notícia foi, distintivamente, o género jornalístico em que os conteúdos das redes sociais mais foram utilizados. Contra 23 conteúdos utilizados nas reportagens ou 14 utilizados durante os comentários, a notícia destacou-se com 336 conteúdos utilizados das plataformas.

**Gráfico 4** | Rede social de origem dos conteúdos utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



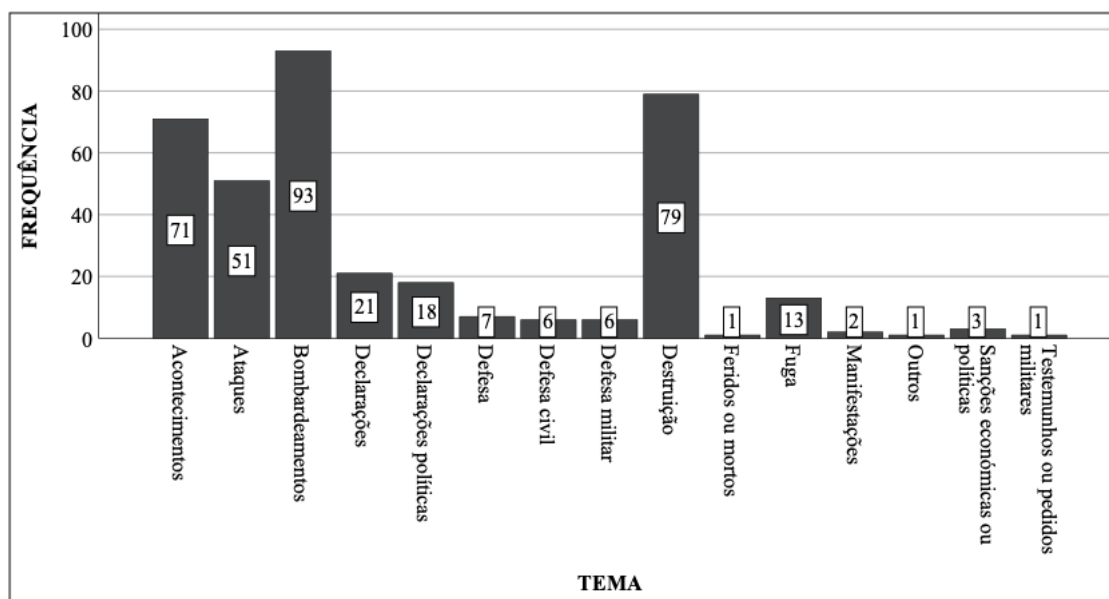
No Gráfico 4 é destacado que não foi possível identificar a rede social de origem da maioria do conteúdo utilizado das redes sociais (293). No entanto, dentro do fator “rede social mais utilizada” para obter os conteúdos, verificou-se que o Twitter foi a plataforma de eleição, com 37 dos conteúdos dela provenientes. Por outro lado, os conteúdos do Telegram (14) e do Instagram (13) também foram utilizados, enquanto outras redes sociais não tiveram conteúdo utilizado de forma significativa. Apesar de outras redes sociais terem sido categorizadas nesta variável, a sua não utilização foi evidente.

**Gráfico 5** | Formato dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



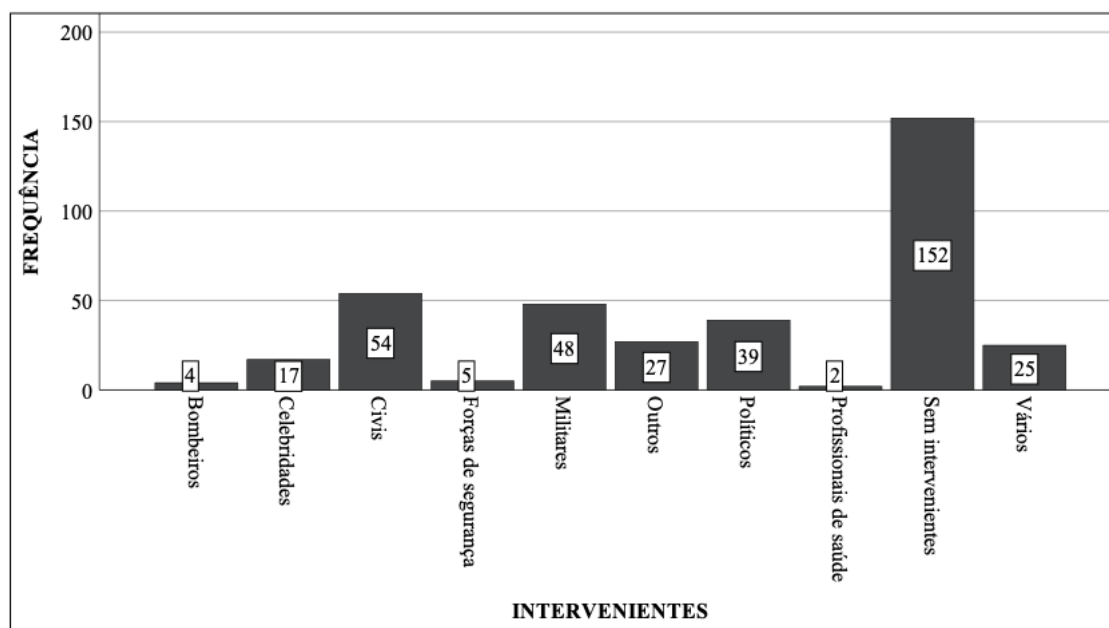
Já no que diz respeito ao formato de conteúdo dos conteúdos das redes sociais utilizados na emissão do Jornal das 8 no primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022, o vídeo sobressaiu (312). O Gráfico 5 mostra que se segue a imagem, com 48 conteúdos utilizados neste formato, e o texto, com 13.

**Gráfico 6** | Temas representados nos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



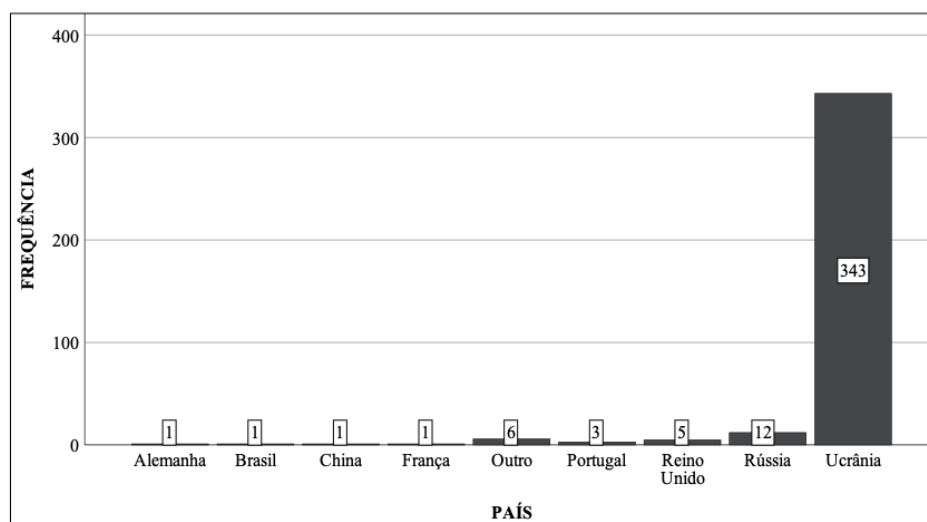
A variável “temas” foi uma das mais categorizadas, embora o Gráfico 6 não represente todas as categorias, dado que o tema dos conteúdos utilizados das redes sociais durante a emissão não lhes correspondia. No entanto, os bombardeamentos (93), a destruição (79), os acontecimentos (71) e, ainda que com menor intensidade, os ataques (51), destacaram-se como os temas mais representados nos conteúdos utilizados. Por outro lado, há vários outros temas que foram pouco explorados a partir dos conteúdos das redes sociais como, por exemplo, feridos ou mortos (1), testemunhos ou pedidos militares (1), manifestações (2) e sanções económicas ou políticas (3).

**Gráfico 7** | Intervenientes representados nos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



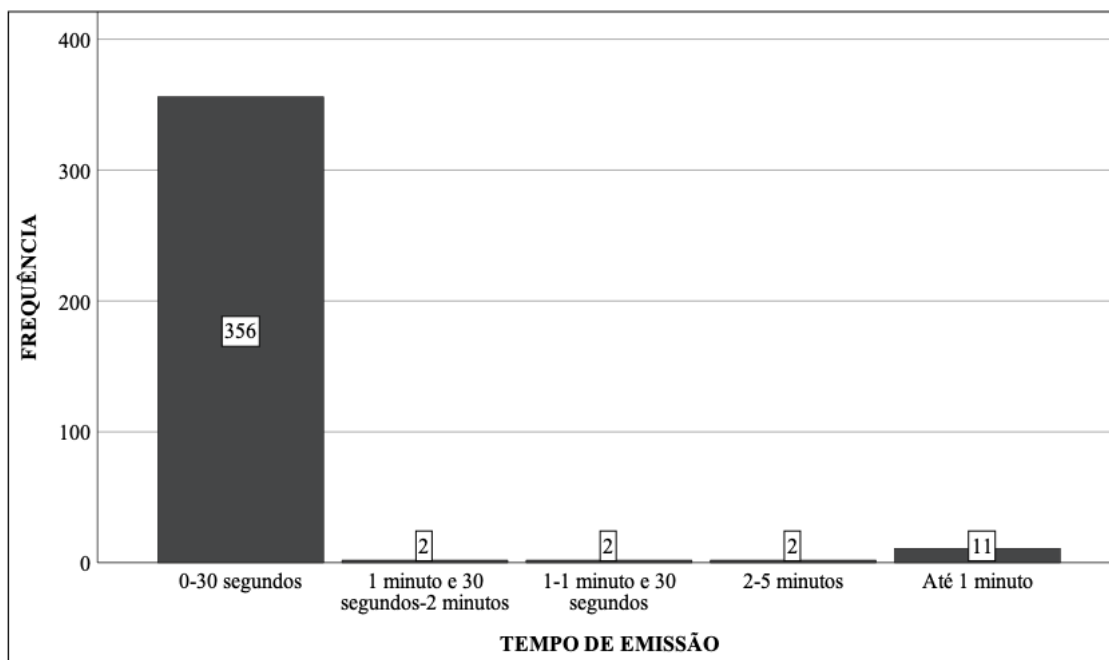
Por sua vez, como anuncia o Gráfico 7, a maior parte dos conteúdos utilizados das redes sociais não representavam qualquer tipo de interveniente (152). Porém, quanto às categorias selecionadas, os civis foram os mais presentes nos conteúdos utilizados (54), seguidos pelos militares (48) e políticos (39). Já quanto aos intervenientes menos representados verificaram-se os profissionais de saúde (2), os bombeiros (4) e as forças de segurança (5).

**Gráfico 8** | País representado nos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



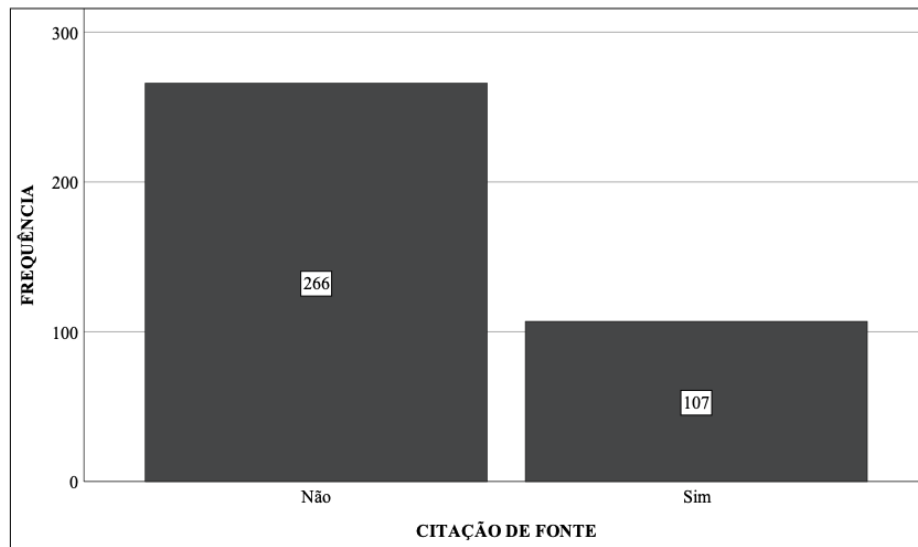
No que diz respeito ao país onde aconteciam os conteúdos das redes sociais posteriormente utilizados no Jornal das 8 da TVI durante o período em análise, a Ucrânia destacou-se (343). Embora com outros países categorizados, o conteúdo neles produzido foi pouco ou nada utilizado (Gráfico 8).

**Gráfico 9** | Tempo de emissão dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



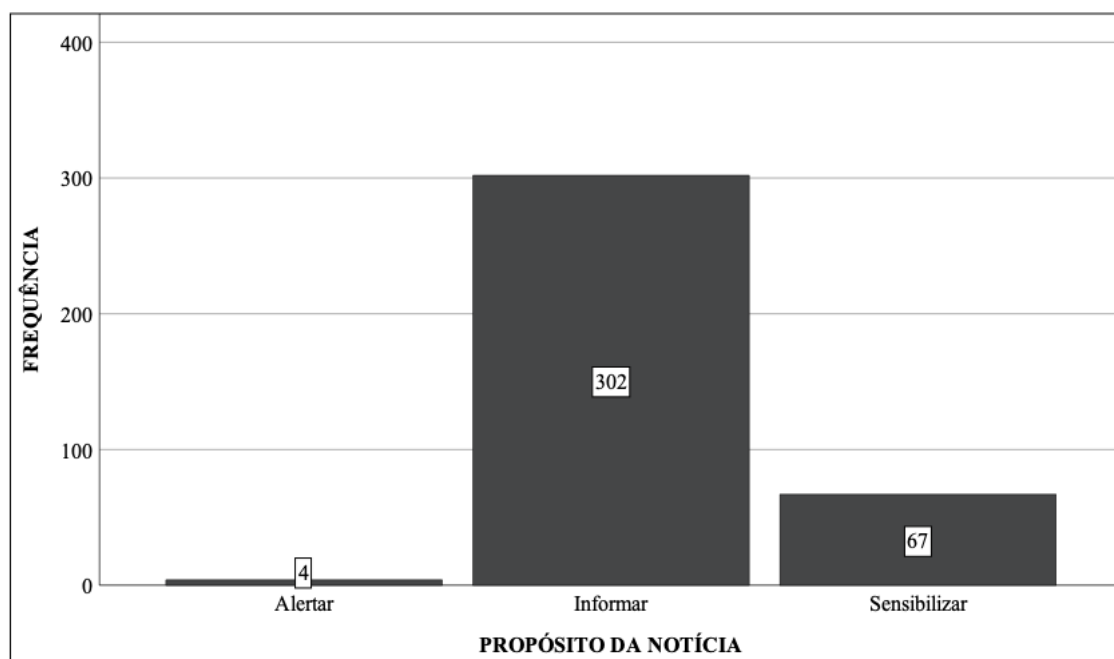
A emissão dos conteúdos utilizados das redes sociais nos episódios do Jornal das 8 da TVI tinham a duração, quase total, de 0 a 30 segundos, contabilizando-se 356 conteúdos que ‘estiveram no ar’ durante este tempo. Como apresenta o Gráfico 9, foi pouco usual um tempo de emissão maior dos conteúdos.

**Gráfico 10** | Citação de fonte dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



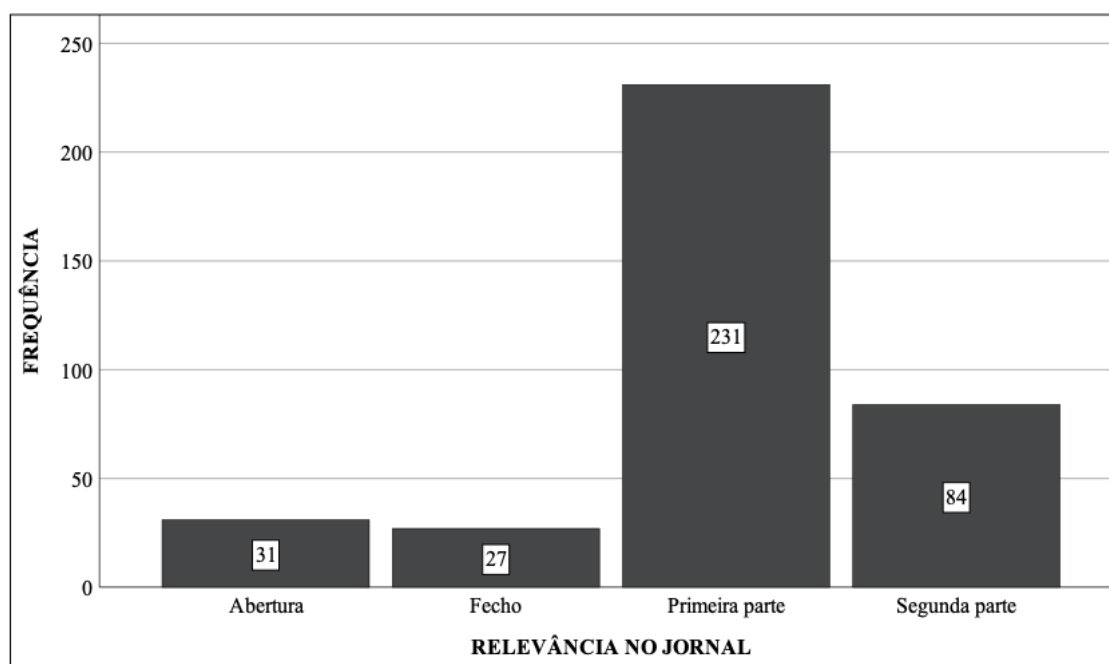
Quanto à citação de fonte aquando da utilização dos conteúdos das redes sociais, o Gráfico 10 mostra que em 266 dos casos a fonte não foi citada, contra os 107 casos em que a fonte que produziu ou publicou o conteúdo utilizado era mencionada.

**Gráfico 11** | Propósito da utilização dos conteúdos das redes sociais nos episódios do Jornal das 8 analisados



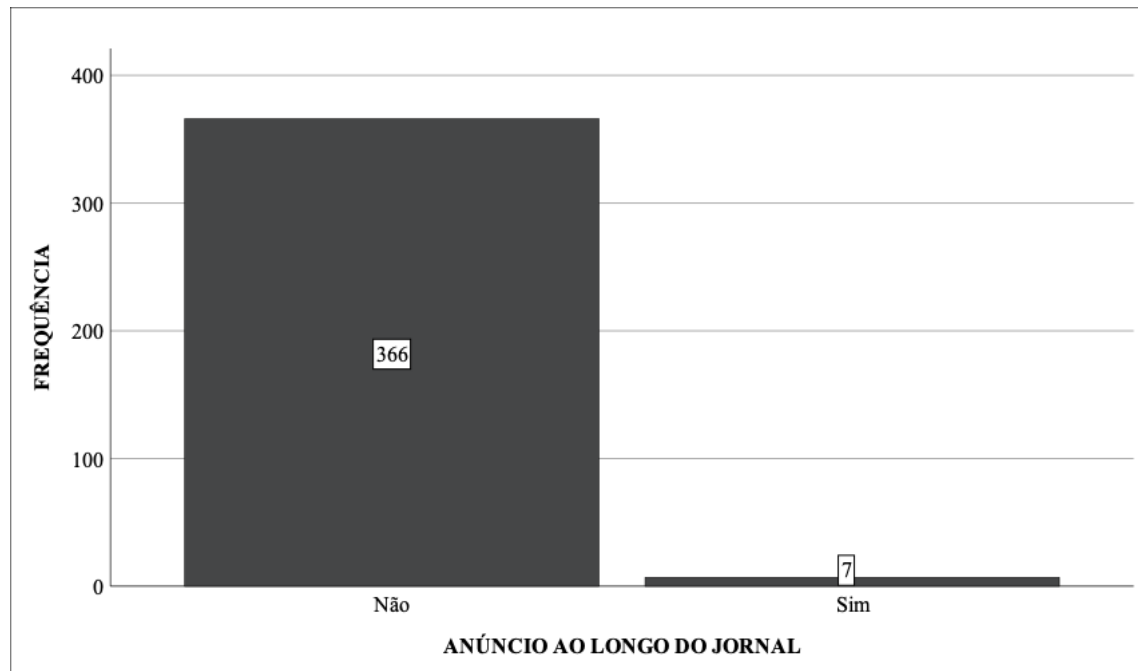
A partir do Gráfico 11 (acima) é perceptível que se assumiu que a maior parte dos conteúdos utilizados das redes sociais correspondiam à categoria ‘informar’, ou seja, 302 conteúdos relatavam factos. Ao mesmo tempo, alguns conteúdos tinham um teor mais sensível, correspondendo à variável ‘sensibilizar’, isto é, 67 conteúdos humanizavam a guerra. Por sua vez, foram poucos os conteúdos utilizados referentes à categoria ‘alertar’ (4), ou seja, conteúdos interpretados e utilizados com outro objetivo.

**Gráfico 12** | Relevância dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



Por outro lado, a relevância da utilização dos conteúdos das redes sociais durante a emissão do Jornal das 8 da TVI pôde medir-se pelo bloco do jornal em que eram inseridos. O Gráfico 12 demonstra que a maioria dos conteúdos foi exibida na primeira parte do jornal, com 231 casos, e uma outra parte significativa na segunda parte (84). No período analisado, a abertura (31) e o fecho (27) não eram preenchidos, significativamente, com conteúdos das redes sociais.

**Gráfico 13** | Anúncio dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados



Da mesma forma, também o anúncio da utilização dos conteúdos das redes sociais ao longo da emissão poderia evidenciar a sua importância. Contudo, como mostra o Gráfico 13, quase todos os conteúdos utilizados não foram anunciados (366), apenas 7.

## **2. Na Ucrânia no primeiro mês da guerra com a Rússia em 2022**

Com os testemunhos dos dois jornalistas da TVI foi possível perceber o uso das redes sociais durante o primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022 no terreno de guerra, assim como a sua importância para a cobertura jornalística durante o período em análise.

### **• A experiência de Pedro Moreira**

Pedro Moreira, um dos jornalistas da TVI que esteve na Ucrânia durante o primeiro mês da guerra em 2022, e até mesmo antes do início da guerra, começa por referir que a rede social que mais utilizou durante este período e neste cenário foi o Twitter (Apêndice F). No entanto, enquanto correspondente da TVI em Bruxelas, a utilização desta rede social para trabalho jornalístico não foi uma novidade.

O enviado especial à Ucrânia explica que, no seu dia-a-dia, o Twitter é a plataforma que tem informação disponível para todos, desde jornalistas a protagonistas políticos. É através desta rede que as informações mais importantes são anunciadas e veiculadas,

admitindo que “toda a gente em Bruxelas está no Twitter” (Apêndice F). Moreira diz que, mesmo antes de se deslocar para qualquer sítio em trabalho, recorre à plataforma para reunir fontes ou para se localizar no que está a acontecer: “Muitas vezes são outros jornalistas, e outras vezes são outras pessoas” (Apêndice F).

Na Ucrânia não foi diferente. Através do Twitter acompanhou o que estava a acontecer mesmo antes de chegar ao país. A diferença foi que ao Twitter juntou o Telegram, “que não usava” e que é uma rede “mais gráfica” (Apêndice F).

Nas redes sociais, entre informações sobre que se passava em cada uma das zonas da Ucrânia e informações sobre o trabalho que outros colegas (internacionais) estavam a realizar, o jornalista procurava chegar às personagens políticas e a pessoas que pudesse contactar diretamente. Ao mesmo tempo, seguia analistas, académicos e especialistas militares que lhe facultavam conhecimento teórico e tático do conflito, ajudando-o a refletir sobre o tema e transmitindo-lhe informações importantes que de outra forma não teria acesso. Pedro afirma que “a guerra se passava um pouco no Twitter” (Apêndice F), já que os próprios militares reportavam o que se passava na linha da frente: “(...) é uma agilidade que um órgão de comunicação social não tem” (Apêndice F).

Ao fator ‘uso do Twitter’, o enviado acrescenta que ele próprio começou a utilizar a plataforma para trabalhar na Ucrânia. Quando fazia reportagens para a TVI, tirava uma fotografia à pessoa com quem falava e, “em dois ou três *posts*” (Apêndice F), contava a história da pessoa ou o que estava a ver. Este exercício ajudava-o não só a organizar ideias, como lhe facilitava a preparação da reportagem ou do direto da noite. Adicionalmente, através da rede social conseguia contactar diretamente com o público, com quem teve “conversas muito interessantes” (Apêndice F). Desde pistas de proteção na guerra, a conversas mais privadas, o Twitter serviu, sobretudo, para ajudá-lo no trabalho e enriquecê-lo.

Aliás, Moreira assume que a partir do Twitter conseguiu chegar a fontes locais e criar estórias. Como exemplo conta que conseguiu realizar a segunda reportagem na Ucrânia, sobre o maior hospital pediátrico de Kiev - onde as crianças eram levadas para um *bunker* durante os bombardeamentos -, porque viu imagens no Twitter. No dia seguinte foi à procura da estória e foi recebido por pessoas que lhes mostraram (a ele e ao repórter de imagem) o que ali se passava. Posteriormente, o jornalista refere ainda a estória sobre os alunos que estudavam na Universidade de Kiev, mas que não eram da cidade e que, por isso, não tinham para onde ir, passando a viver num *bunker* do tempo da Guerra Fria. Embora diga que é possível que muitas outras estórias tenham surgido a

partir das redes sociais, garante que não foi a maioria porque na Ucrânia “(...) há muitas coisas ali que chegamos no contacto humano, na conversa (...)” e “(...) há muitas pessoas que não estão nas redes sociais (...)” (Apêndice F).

Por outro lado, além das oportunidades, as redes sociais criaram algumas dificuldades durante o trabalho no terreno. O enviado especial acredita que as pessoas estão cada vez menos predispostas a ouvir e que as redes sociais contribuíram para isso. Defende que as redes são para falar e interagir, “(...) mas há pessoas que (...) perderam o coração (...) na rede social”: “A parte de ‘houve aqui uma invasão. Há um país a ser invadido e outro que invadiu’ não lhes tocava” (Apêndice F), referindo ainda que as ideologias, sobretudo em Portugal, moldaram muito a perceção da guerra.

Pedro diz que o ‘meio’ anonimato da rede social faz com que as pessoas se zanguem facilmente, garantindo que o sentiu no trabalho enquanto repórter: “(...) quando fazia essas fotografias e essas coisas, havia reações de pessoas que vinham não sei de onde. Aquilo vinha desses ódios (...)” (Apêndice F). Ainda sobre o tema, acrescenta que antes as pessoas aceitavam mais a diferença e as opiniões, enquanto ‘agora’ todos acham que ‘sabem tudo’ e que ‘só a opinião deles importa’, o que gera reações menos positivas como “chamarem-te nomes” (Apêndice F). O jornalista dá o exemplo de quando lhe enviaram várias mensagens a dizer que estava a contribuir para a disseminação do extremismo e do nazismo e que a TVI era uma televisão ao serviço do nazismo devido a uma reportagem que fez com um elemento do Batalhão Azov associado à extrema-direita: “(...) Coisas completamente descabidas (...) Se eu gosto do nazismo, não gosto. Mas isso (...) não é o meu ponto. O meu ponto é: Isto é um ângulo da história” (Apêndice F).

Questionado sobre os desafios que as redes sociais colocam aos jornalistas e ao público, especialmente em relação às *fake news* e à desinformação, assume que durante a estadia no terreno lia muito (como o habitual) e tentava ligar-se a pessoas referenciadas. Por outro lado, entendia que estava nas redes como um jornalista que relata factos, e não como um indivíduo pessoal, explicando que essa ideia o ajudava a não confundir as emoções, acreditando que é o que leva as pessoas a aceitarem tudo o que veem. No entanto, com 25 anos de carreira, acredita que ainda consegue distinguir o que é ou não verdadeiro. Às dificuldades, Moreira acrescenta que as redes sociais desumanizaram um pouco a guerra porque “tudo é instantâneo, tudo é opinião” (Apêndice F). Acredita que deveria ser necessário ver outros seres humanos feridos ou mortos, ucranianos ou russos, para se sentir “alguma empatia” por uns ou por outros, referindo que o “trabalho do jornalista não é ter uma opinião ou estar de um lado ou de outro” (Apêndice F).

Mesmo com os contratempos das redes, o enviado admite que criou uma rotina de utilização do Twitter durante o tempo em que esteve na Ucrânia. De manhã, enquanto preparava a reportagem, ou muitas vezes à noite, antes do direto ou de dormir, fazia “refresh”. No resto do dia, em reportagem, desligava-se das redes sociais porque, apesar da vantagem de ter especialistas a falarem sobre as matérias da guerra, “o valor da reportagem era outro”, pois quem está no local tem uma visão que “nas redes sociais não têm (...) a visão do repórter” (Apêndice F). Revela mesmo que determinados factos que via ou ouvia nas redes sociais, e até mesmo na televisão, lhe faziam confusão porque “toda a gente estava a analisar uma coisa que não era aquilo que eu estava a ver” (Apêndice F). Ou seja, “por vezes, corroboras coisas que aparecem, e outras vezes não”.

Sem grande certeza se o acompanhamento das redes sociais no terreno se mantém ou diminui, dado que o dia de trabalho é muito “intenso” e é preciso estar atento a outros perigos, ultrapassar obstáculos ou falar com pessoas, Pedro assume que as redes sociais estiveram sempre presentes e que ‘hoje’ é muito difícil desligar delas. Com a frase “atualmente, não dá para fazer trabalho jornalístico sem estar numa rede social” (Apêndice F) responde que acredita que as redes sociais são ‘a morte’ do jornalismo e que a profissão está em risco. Considera as redes sociais concorrentes, mas está convicto de que estas estão a ganhar na produção de conteúdos e que as pessoas se informam cada vez mais através delas ou que, pelo menos, é a partir daí que chegam aos *media*.

Na opinião do jornalista, o aparecimento das redes mudou muito o panorama geral do jornalismo. Consciente de que o jornalista também beneficia com as plataformas, e sem querer entrar em contradição, acredita que as redes desvalorizaram o trabalho jornalístico já que a maioria das pessoas consome o que é ‘gratuito’. Por sua vez, o jornalismo e os *media* não têm forma de competir com “os monopólios” mundiais (e americanos) das redes, ao mesmo tempo os próprios se estão a tornar um “feed” de uma rede social com a fragmentação do jornalismo: “(...) menos reportagens, quase nada de investigação de fundo, horas e horas e horas de comentadores, muitas vezes pouca presença no terreno (...)” (Apêndice F). É “(...) falar, falar, falar (...) como fazem as redes sociais” (Apêndice F).

Todavia, Pedro Moreira reflete que a cobertura jornalística do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022 teria sido muito diferente sem as redes sociais. Ademais, crê que mesmo do ponto de vista militar tudo teria sido diferente sem o Telegram ou a tecnologia dos drones, por exemplo. Por fim, o jornalista destaca que a

diferença mais evidente está em “viver uma guerra em direto (...) com novas ferramentas (...)”, isto é, “viver num mundo novo” (Apêndice F).

- **A experiência de Filipe Caetano**

Já Filipe Caetano, outro dos jornalistas da TVI que esteve na Ucrânia no primeiro mês da guerra com a Rússia em 2022, afirma que também ele já usava as redes sociais como ferramenta de trabalho antes da guerra (Apêndice G). Enquanto (na altura) editor do internacional, o Twitter foi sempre a rede social de eleição. O jornalista explica que antes das alterações na plataforma utilizava um atalho que lhe permitia organizar listas de interesses. Foi através dessas listas de interesses que, na Ucrânia, criou uma lista com fontes que ia identificando como credíveis, desde meios locais, políticos, forças de segurança ou outros, e em inglês, ucraniano ou russo.

Em relação às redes sociais, Filipe diz que a novidade na Ucrânia foi a utilização do Telegram. Nesta plataforma, as listas de distribuição tornaram-se também essenciais, já que eram muito utilizadas pelos meios de comunicação locais, pelos atores ligados à guerra, ministros ou elementos do exército de regiões específicas do lado ucraniano e do lado russo, e o acesso ao conteúdo multimédia era mais facilitado. Até por “razões de encriptação das mensagens” (Apêndice G), a rede social era muito utilizada nos dois países.

O enviado especial conta que as redes sociais possibilitaram também o contacto direto com as fontes. Um dos investimentos da TVI na Ucrânia foi a contratação de um *fixer* – “é alguém local que nos serve quase como produtor, tradutor e também jornalista, porque nos ajuda também a encontrar reportagens” (Apêndice G) - para acompanhar o jornalista e o repórter de imagem. Através da identificação de pessoas que o mesmo fazia pelas redes sociais, Caetano conseguiu muitas histórias. Por outro lado, o próprio acabou por entrar em contacto com pessoas na Ucrânia através do Instagram, do Twitter ou do Telegram.

A título de exemplo, Filipe relembra uma reportagem em Bucha sobre uma mulher que foi alvejada por um tanque enquanto andava de bicicleta. Conta que a fotografia do corpo morto dessa mulher – que apenas mostrava a mão e as unhas vermelhas, cuidadas – se tornou um marco e, através da *fixer*, percebeu que era possível falar com a filha da senhora assassinada. Contactou-a, dirigiu-se ao local, reconstruiu o cenário e deu a conhecer a identidade da mulher.

Posteriormente, recorda uma outra estória que envolve a pintora Maria Primachenko. Descoberta por Pablo Picasso, a pintora era conhecida por caracterizar a vida depois da explosão da central nuclear em Chernobyl, onde vivia. Numa das vezes em que esteve na zona, apercebeu-se de que a neta era a presidente da ‘Fundação Maria Primachenko’ e que fazia parte do grupo d’As crianças de Chernobyl’ – “pessoas que nasceram naquela região já com alguns reflexos, com algumas repercussões da radiação” (Apêndice G). Por terem sido levadas para a Europa ocidental para serem tratadas, naquela localidade falava-se português, espanhol e italiano. Conclui que foi através das redes sociais que descobriu esta estória “como ponto de partida, não como estória final” (Apêndice G).

De outro modo, o jornalista acrescenta que as redes sociais foram muito surpreendentes porque recebeu muito apoio do público através destas. Afirma que foi “avassalador” (Apêndice G) e que as pessoas estavam mesmo preocupadas com a segurança dos profissionais. Filipe refere que foi mesmo com as redes sociais que percebeu o impacto que o trabalho do jornalista na guerra tem para a sociedade.

No que diz respeito aos desafios que as redes sociais criaram na cobertura jornalística, relembra apenas a utilização de imagens que não eram verdadeiras. Na primeira vez que entrou em direto (na CNN Portugal) estava em Dnipro e tinha sido avisado pelo embaixador português na Ucrânia que estava iminente um ataque. Ao telemóvel com a redação, apercebeu-se de que estavam a emitir imagens falsas, que eram de um jogo e que tinham circulado nas redes sociais. O enviado acredita que a vontade de querer mostrar logo tudo levou alguns órgãos de comunicação social a cair nesse erro.

No entanto, diz que a ele próprio isso não o prejudicou. Talvez pela sua já experiência. Filipe diz que, sabendo que há sempre muita informação falsa, é importante manter práticas de utilização de meios credíveis e ir sempre confirmando, porque até os meios considerados credíveis acabaram por partilhar informação falsa, sobretudo, no início da ofensiva. Por isso salienta que a verificação dos factos é preciosa e que, apesar da pressão para que a informação saia rapidamente, é necessário verificar nas e as várias fontes. O enviado especial alude que quanto a imagens ou vídeos, nem sempre é fácil verificar a veracidade no terreno, mas conta que o próprio costuma recorrer a ferramentas como o Google Images que, através da identificação dos *frames*, lhe diz se o vídeo é ou não antigo. Além disso, é necessário perceber quem as partilhou, se são fontes credíveis, se são pessoas que estão no local, se há várias pessoas a partilhá-lo ou até se podes citar essa pessoa, mesmo como “garantia de segurança” (Apêndice G).

O jornalista da TVI refere que, apesar disso, as redes sociais continuam a ser uma fonte de informação e de inspiração que nunca se deixa de lado. Antes da guerra ou durante a guerra, e ainda que com níveis de credibilidades diferentes em relação aos *media* tradicionais, as redes sociais são “uma fonte de trabalho” (Apêndice G). Até porque, muitas vezes, há informações que partem da redação e que as redes ajudam a verificar se são ou não verdade. Também por esse motivo, acredita que não haja concorrência entre o jornalismo e as redes sociais. Na opinião de Caetano, as redes sociais são um lugar onde os jornalistas têm de estar e onde devem marcar pela diferença, pela informação e pela veracidade, de forma sistemática e contínua. E quando existe ameaças à informação, a presença deve ser maior para esclarecer os factos. Existindo interação com as pessoas, deve-se promovê-la se for saudável. Aliás, se assim não fosse, a cobertura da guerra teria sido “claramente diferente” (Apêndice G).

Para rematar o testemunho, Filipe Caetano reflete que “vivemos numa altura em que existe uma dispersão enorme de informação” (Apêndice G), o que representa um desafio para o jornalismo. Por isso, “já não nos socorremos só da abordagem tradicional, ou das agências de comunicação ou de outros colegas” (Apêndice G), como precisamos das redes sociais, sobretudo, nestas situações específicas. O jornalista acredita que as redes sociais “devem ser fontes usadas como as outras e a utilidade da informação que (lá) está” (Apêndice G) é o que deve ser entendido.

## Discussão de resultados

Através da análise de conteúdo descritiva e da análise de conteúdo quantitativa verificou-se que das 448 vezes que as redes sociais estiveram presentes nos episódios do Jornal das 8 relativos ao primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, 75 foram referências feitas durante a exibição de peças jornalísticas ou pelos intervenientes na cobertura jornalística (Quadro 5, Apêndice D) e 373 foram conteúdos gerados pelos utilizadores e recolhidos das redes sociais. Contudo, a grande maioria dos conteúdos não identificavam a rede social de origem (Gráfico 4), pelo que a observação e conclusão de que o conteúdo seria das redes sociais se deve ao facto de serem ‘imagens amadoras’, realçadas pela sua verticalidade e baixa qualidade. Adicionalmente era, por vezes, perceptível o idioma falado por quem gravava ou o idioma das marcas de água deixadas nas imagens e vídeos. Ao mesmo tempo, e sobretudo nas primeiras horas do ataque, o uso do conteúdo das redes sociais era assumido pelos *media*.

Por outro lado, houve determinados conteúdos que não foram registados, uma vez que eram repetidos como, por exemplo nos “*slots* de imagens” utilizados na transição dos blocos da emissão e para fechar a própria emissão, ou porque não eram conteúdos verdadeiros – tal aconteceu, sobretudo, na rubrica que foi acrescentada ao Jornal da 8 para repor a verdade sobre as *fake news* ou desinformação da guerra que circulavam, exatamente, nas redes sociais ou noutros *media* (Quadro 4, Apêndice C).

Esta quantidade de conteúdos e referências das redes sociais, bem como a grande repetição ao longo do período analisado comprova o que Rangel (2022) afirma quanto aos conteúdos sobre as guerras terem invadido as redes sociais desde o início (par. 3), partilhados pelos cidadãos nos mais diversos formatos e mostrando os mais diversos assuntos (Ciuriak, 2022b, pp. 3-4). Caracterizadas pelo fácil e rápido acesso, onde toda a informação circula muito rápido, os próprios *media* e jornalistas são conduzidos à utilização dos conteúdos das plataformas, sobretudo, em casos de conflito por não conseguirem responder à rapidez dos acontecimentos ou por não terem fontes disponíveis no terreno (Hermida *et al.*, 2014, citado em Rauchfleisch *et al.*, 2017, secção “O papel do Twitter no jornalismo de crise – e o caso dos ataques terroristas”, par. 1).

Aliás, durante a emissão do Jornal das 8 da TVI há a constante referência de que nem sempre era possível confirmar determinados dados, sendo que essa informação vinha, muitas vezes através das redes sociais.

A utilização e os motivos de utilização das redes sociais e dos conteúdos das redes sociais para a cobertura jornalística são também confirmados pelos enviados especiais da

TVI que estiveram no terreno durante o período em análise. Pedro Moreira e Filipe Caetano deram conta de que as plataformas foram ferramentas de trabalho imprescindíveis na Ucrânia, corroborando a ideia de autores como Patrick e Allan (2013) ou de Rauchfleisch *et al.* (2017) que realçam a importância do ‘jornalismo do cidadão’ - conteúdo gerado por utilizadores e publicado nas redes sociais, posteriormente utilizado por órgãos de comunicação.

De outra perspetiva, os dois jornalistas da TVI destacam que as redes sociais permitem o acesso às informações sobre o que se passa no terreno de guerra, enquanto os ligam a novas fontes, tal como indicam vários autores como Safarian (2019), True Anthem (2022) ou Gottfried *et al.* (2022). Além disso, outros benefícios destacados pelos autores comprovam-se quando os jornalistas indicam que as plataformas permitiram chegar a novas histórias na Ucrânia e manter o contacto com o público. Adicionalmente, enquanto Pedro destaca que utilizou, sobretudo, o Twitter para também realizar trabalho jornalístico e verificar o trabalho de outros colegas, Filipe aborda as ‘listas de interesse’ para organizar as fontes na mesma rede social. Tais dados vão ao encontro das ideias de Lecheler e Kruikemeier (2015), Nunes (2022a) ou Cision (2023).

Já antes demonstrado por Broersma e Graham (2012, citado em Rauchfleisch *et al.*, 2017), Lecheler e Kruikemeier (2015) ou Nunes (2022a), a análise de conteúdo quantitativa demonstrou que o Twitter continuou a ser a rede social mais utilizada na cobertura jornalística durante este período da guerra entre a Ucrânia e a Rússia (Gráfico 4), tal como já se tinha verificado noutros conflitos. Por sua vez, os jornalistas da TVI demonstram o mesmo apreço pela rede, dado as ferramentas que a rede disponibilizava para uma melhor realização do trabalho jornalístico (Apêndice F; Apêndice G). Por outro lado, e como mostram Cardoso, Paisana e Pinto-Martinho (2023), o Twitter foi a rede mais utilizada em Portugal para procurar “Notícias sobre a Invasão da Ucrânia” (p. 113), o que pode mostrar que, de facto, a rede social pode ser a que mais oferecia conteúdo informativo da guerra.

Entre os diversos formatos de conteúdo sobre a guerra disponibilizados *online*, o vídeo foi o mais utilizado na emissão do Jornal das 8 entre o dia 24 de fevereiro e o dia 24 de março de 2022 (Gráfico 1), correspondendo à ideia de que este é o formato favorito dos utilizadores de internet e de redes sociais no mundo, do qual não se exclui Portugal (Kemp, 2023b, secção “Watching online video content”). Através do cruzamento das variáveis ‘tipo’ e ‘formato de conteúdo’ é perceptível que as peças jornalísticas foram onde

os conteúdos em vídeo foram mais utilizados (293), tal como indica a Tabela 2 apresentada abaixo.

**Tabela 2** | Formato dos conteúdos das redes sociais utilizados em cada tipo de intervenção nos episódios do Jornal das 8 analisados

		FORMATO DE CONTEÚDO		
		Imagem	Texto	Vídeo
TIPO	Direto	5	1	9
	Opinião	4	0	10
	Peça jornalística	39	12	293

Os resultados apresentados na Tabela 2 podem justificar-se pelo formato corresponder mais e melhor à ideia de os acontecimentos serem transmitido e partilhados com o mundo em direto (Ciuriak, 2022b, pp. 3-4), atribuindo credibilidade à ideia de ser “novidade de viver, pela primeira vez, uma guerra em direto” sem estar no local de conflito (Rangel, 2022, par. 1).

De outro modo, os temas mais representados nos vídeos confirmam a conclusão anterior, além de verificarem o que Ciuriak (2022b) e Rangel (2022) explicam quanto ao conteúdo distribuído por militares e cidadãos logo nos primeiros momentos dos ataques. O cruzamento da variável ‘tema’ e ‘formato de conteúdo’ permitiu verificar que os bombardeamentos (89), a destruição (68), os ataques (49) e os acontecimentos (48) eram os mais representados nos conteúdos das redes sociais, em formato de vídeo, utilizados no Jornal das 8 durante o primeiro mês da guerra (Tabela 3, abaixo).

**Tabela 3** | Temas representados em cada formato dos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados

		FORMATO DE CONTEÚDO		
		Imagem	Texto	Vídeo
TEMA	Ataques	2	0	49
	Bombardamentos	4	0	89
	Declarações	0	7	14
	Acontecimentos	22	1	48
	Declarações políticas	0	5	13
	Defesa	0	0	7
	Defesa civil	2	0	4
	Defesa militar	1	0	5
	Destruição	11	0	68
	Feridos ou mortos	1	0	0
	Fuga	5	0	8
	Manifestações	0	0	2
	Outros	0	0	1
	Sanções económicas ou políticas	0	0	3
	Testemunhos ou pedidos militares	0	0	1

Ainda através da análise interpretativa das entrevistas de Pedro Moreira e de Filipe Caetano, e além dos temas anteriormente anunciados que as redes lhes permitiam estar a par, ambos referiram a importância das redes sociais no acompanhamento e para o contacto de atores políticos envolvidos na guerra (Apêndice F; Apêndice G).

Contando que a categoria ‘declarações’ da variável ‘tema’ era, na maioria, referente a figuras ou órgãos altamente ligados ao conflito, e a categoria ‘declarações políticas’ dos presidentes da República, dos autarcas de Câmaras ou de ministros, comprova-se que o Twitter foi a rede social identificada como a mais utilizada no Jornal das 8 para aceder a estas informações, com 8 e 11 casos, respetivamente (Tabela 4, abaixo).

**Tabela 4** | Temas representados em cada rede social de origem dos conteúdos utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados

		REDE SOCIAL							
		Facebook	Instagram	Não é possível identificar	Telegram	TikTok	Twitter	Várias	YouTube
TEMA	Acontecimentos	1	5	39	4	5	14	1	2
	Ataques	1	0	48	0	0	2	0	0
	Bombardamentos	1	0	86	4	1	1	0	0
	Declarações	0	2	11	0	0	8	0	0
	Declarações políticas	0	1	6	0	0	11	0	0
	Defesa	0	0	7	0	0	0	0	0
	Defesa civil	1	0	5	0	0	0	0	0
	Defesa militar	0	0	4	2	0	0	0	0
	Destruição	0	0	76	2	0	1	0	0
	Feridos ou mortos	0	0	1	0	0	0	0	0
	Fuga	0	5	6	2	0	0	0	0
	Manifestações	0	0	2	0	0	0	0	0
	Outros	0	0	1	0	0	0	0	0
	Sanções económicas ou políticas	0	0	0	0	0	0	0	3
	Testemunhos ou pedidos militares	0	0	1	0	0	0	0	0

Outro dado ainda relevante de discutir quanto aos temas ‘declarações’ e ‘declarações políticas’ diz respeito à variável ‘citação de fonte’ (Tabela 5, abaixo). Como demonstra a Tabela 5 representada abaixo, juntamente com a categoria ‘destruição’, estes foram os temas em que as fontes foram mais vezes citadas, correspondendo a 19, 15 e 16 vezes. Em contrapartida, os bombardamentos (85) e a destruição (63) verificaram-se os temas em que as fontes eram menos citadas, devido à probabilidade de o conteúdo emitido ter sido publicado nas redes sociais por cidadãos ou outras entidades anónimas.

**Tabela 5** | Citação de fonte em relação aos temas representados nos episódios do Jornal das 8 analisados

		CITAÇÃO DE FONTE	
		Não	Sim
TEMA	Acontecimentos	40	31
	Ataques	45	6
	Bombardeamentos	85	8
	Declarações	2	19
	Declarações políticas	3	15
	Defesa	6	1
	Defesa civil	5	1
	Defesa militar	5	1
	Destruição	63	16
	Feridos ou mortos	1	0
	Fuga	6	7
	Manifestações	1	1
	Outros	1	0
	Sanções económicas ou políticas	3	0
	Testemunhos ou pedidos militares	0	1

Já os dados obtidos através do cruzamento da variável ‘citação de fonte’ e da variável ‘intervenientes’ (Tabela 6, abaixo) complementam os dados enunciados na Tabela 6, demonstrando que a fonte foi, de facto, mais vezes citada quando se tratava de ‘políticos’ (32) e menos citada quando não havia intervenientes (128), correspondendo, possivelmente, a conteúdos sobre destruição ou bombardeamentos, por exemplo.

**Tabela 6** | Citação de fonte em relação aos intervenientes representados nos conteúdos das redes sociais utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados

		CITAÇÃO DE FONTE	
		Não	Sim
INTERVENIENTES	Bombeiros	4	0
	Celebridades	5	12
	Civis	37	17
	Forças de segurança	2	3
	Militares	39	9
	Políticos	7	32
	Profissionais de saúde	2	0
	Sem intervenientes	128	24
	Outros	22	5
	Vários	20	5

Por fim, e no que alude à análise de conteúdo quantitativa, as Tabelas 7 e 8 apresentadas abaixo permitem inferir que o principal propósito dos conteúdos das redes sociais utilizados nas peças jornalísticas e nos diretos do Jornal das 8 da TVI durante o período de guerra analisado era relatar os factos sobre o que estava a acontecer no terreno, mostrando uma vez mais os ataques russos à Ucrânia, não descurando, contudo, a humanização da guerra através da categoria ‘acontecimentos’, que se traduziam, a título de exemplo, em momentos de solidariedade e fé.

**Tabela 7** | Relação entre o tema e o propósito da utilização dos conteúdos das redes sociais nos episódios do Jornal das 8 analisados

		PROPÓSITO DA NOTÍCIA		
		Alertar	Informar	Sensibilizar
TEMA	Acontecimentos	2	51	18
	Ataques	0	50	1
	Bombardeamentos	0	79	14
	Declarações	0	19	2
	Declarações políticas	2	16	0
	Defesa	0	7	0
	Defesa civil	0	5	1
	Defesa militar	0	4	2
	Destruição	0	59	20
	Feridos ou mortos	0	0	1
	Fuga	0	6	7
	Manifestações	0	1	1
	Outros	0	1	0
	Sanções económicas ou políticas	0	3	0
	Testemunhos ou pedidos militares	0	1	0

Talvez pelo mesmo motivo, a destruição, os ataques, os bombardeamentos e os acontecimentos foram mostrados, sobretudo, na abertura de cada episódio ou durante a primeira parte (Tabela 8, abaixo). No entanto, tais dados podem dever-se à alteração da dinâmica do Jornal das 8, possível de verificar na análise descritiva (Quadro 4, Apêndice C) e nos dados de emissão (Quadro 3, Apêndice B). Se nos primeiros dias de guerra, a emissão do Jornal das 8 era inteiramente dedicada à guerra entre a Ucrânia e a Rússia, ao longo do tempo a emissão foi mais repartida para a ‘opinião’ e, posteriormente, para outros assuntos que começaram a ocupar o espaço mediático em Portugal (Quadro 4, Apêndice C).

Por outro lado, a análise descritiva (Quadro 4, Apêndice C) apresenta dados sobre os acontecimentos na guerra que vão ao encontro das ideias da Agência Lusa (2022b), Dias (2022), ou Nunes (2022b) sobre, por exemplo, as sanções económicas ou políticas, o aumento gradual do número de refugiados ou as consequências mundiais da guerra.

**Tabela 8** | Relação entre o tema e a relevância dos conteúdos utilizados nos episódios do Jornal das 8 analisados

		RELEVÂNCIA NO JORNAL			
		Abertura	Primeira parte	Segunda parte	Fecho
TEMA	Acontecimentos	0	42	22	7
	Ataques	5	36	10	0
	Bombardamentos	17	40	27	9
	Declarações	1	13	6	1
	Declarações políticas	0	11	6	1
	Defesa	1	5	1	0
	Defesa civil	0	4	1	1
	Defesa militar	0	6	0	0
	Destruição	6	66	6	1
	Feridos ou mortos	1	0	0	0
	Fuga	0	6	0	7
	Manifestações	0	1	1	0
	Sanções económicas ou políticas	0	0	3	0
	Testemunhos ou pedidos militares	0	1	0	0
	Outros	0	0	1	0

Se os dois jornalistas da TVI permitiram entender o uso das redes sociais na cobertura jornalística da guerra entre a Ucrânia e a Rússia no primeiro mês e, mais especificamente, no terreno, por sua vez também relataram as dificuldades ou os desafios que as plataformas trouxeram ao jornalismo e ao jornalista neste cenário.

Para Filipe, as redes não causaram grandes desafios quando esteve na Ucrânia (Apêndice G). Já Pedro, não só considera que as plataformas ‘desumanizaram’ a guerra, como relembra a pouca empatia e simpatia que recebeu por parte do público através das redes sociais quando realizava determinadas reportagens na Ucrânia (Apêndice F). Tais considerações podem relacionar-se com o estudo de Gottfried *et al.* (2022), onde vários jornalistas assumiram que já se sentiram assediados nas redes sociais devido a trabalhos jornalísticos realizados (secção “Most journalists who were harassed by someone outsider their organization in the past year say it happened on social media”).

No entanto, ambos reconheceram a existência das *fakes news* e da desinformação, essencialmente nos primeiros dias, e a importância de manter práticas que evitem cair no erro de partilhar informação falsa (Apêndice F; Apêndice G.) Filipe conta um episódio em que a TVI, durante um direto telefónico, emitiu imagens falsas que, alegadamente, eram da guerra na Ucrânia. A situação demonstra o que Sardarizadeh e Robinson (2022) referem quanto aos inúmeros casos de conteúdo falso a circular nas plataformas de redes sociais logo desde o início da guerra, fosse entre vídeos no Facebook (secção “False

claims about ‘crisis actors’”, par. 1-4) ou publicações no Twitter (secção “Steven Seagal is not fighting in Ukraine”, par. 1-6).

Apesar destes contratempos, Pedro Moreira e Filipe Caetano acreditam que as redes sociais são uma fonte de informação e uma ferramenta de trabalho importante (Apêndice F; Apêndice G). Porém, discordam quanto à concorrência que existe ou não entre o jornalismo e as plataformas de redes sociais, assim como Vilaverde (2023) enumerou diferentes opiniões de especialistas quanto ao assunto. Pedro Moreira acredita que as redes sociais são concorrentes do jornalismo, uma vez que as pessoas estão a ‘migrar’ cada vez mais para as plataformas e consomem cada vez mais ‘informação gratuita’. Para o correspondente da TVI em Bruxelas, as redes sociais começam a ganhar na produção de conteúdos e vão ser a ‘morte’ do jornalismo. Já para Filipe Caetano, a ameaça que as redes sociais são para a informação deve ser um motivo para intensificar a presença jornalística nas redes. O antigo editor internacional da TVI afirma que o dever do jornalismo é marcar sempre pela informação, pela diferença e veracidade, dentro e fora das redes sociais.

Ainda assim, pelo menos num aspeto os dois jornalistas são concordantes. Sem as redes sociais, a cobertura jornalística da guerra tinha sido “claramente diferente”. Enquanto Pedro conclui dizendo que “vivemos num mundo novo” (Apêndice F), Filipe completa a ideia afirmando que “vivemos numa altura em que existe uma dispersão enorme de informação” (Apêndice G) e que apenas os meios tradicionais já não socorrem o jornalismo, especialmente, em conflitos.

## **Conclusão**

Para responder à pergunta de partida “De que forma é que as redes sociais influenciaram a cobertura jornalística no primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, em 2022, no Jornal das 8 da TVI?” e concretizar os quatro objetivos propostos, o presente estudo centrou-se em entender a importância e o uso das redes sociais entre o dia 24 de fevereiro e o dia 24 de março de 2022 – período relativo ao primeiro mês de guerra entre a Ucrânia e a Rússia - no Jornal das 8 da TVI.

Com o objetivo de, inicialmente, caracterizar o uso das redes sociais nas peças jornalísticas do Jornal das 8 da TVI durante o primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022, realizou-se uma análise de conteúdo descritiva e uma análise de conteúdo quantitativa deste período de emissão. A partir dos 28 episódios analisados é possível concluir que foram utilizados 373 conteúdos das redes sociais no Jornal das 8 da TVI, e o conceito ‘rede social’ ou o nome das plataformas sociais foram referidos 75 vezes através dos oráculos televisivos ou através da referência por parte do pivô, jornalista, enviado especial, convidado ou comentador.

A maioria dos conteúdos das redes sociais utilizados no Jornal das 8 foram emitidos no dia 28 de fevereiro de 2022 (42), enquanto os dias 21 e 22 de março de 2022 foram os que registaram menor uso, com dois conteúdos utilizados cada um. Através da análise é perceptível que o uso destes conteúdos foi diminuindo ao longo do tempo. Por sua vez, os conteúdos foram mais utilizados nas peças jornalísticas, contando com 344 conteúdos, dos quais 336 eram notícias e 23 reportagens. Quanto aos diretos e comentários de opinião, registaram-se se apenas 15 e 14, respetivamente.

Apesar de se considerarem conteúdos das redes sociais, a larga maioria, isto é, 293 dos conteúdos eram identificados com a rede social de origem, sendo a fraca qualidade de imagem, a verticalidade e, muitas vezes, o idioma que permitiam a identificação do conteúdo como de uma rede social. No entanto, quanto às redes sociais identificadas nos conteúdos utilizados, verificou-se que o Twitter foi a mais utilizada (37).

Quanto ao formato de conteúdo mais utilizado, no que diz respeito aos conteúdos das redes sociais, o vídeo foi o predominante, com 312 dos 373 dos conteúdos. Em relação ao tema, os bombardeamentos (93) e a destruição (79) foram os mais representados, justificando a não existência de intervenientes (152) nas imagens e vídeos emitidos. Porém, assumindo a presença de intervenientes, os civis eram os mais presentes (54), seguidos dos militares (48) e dos políticos (39). Já em relação à citação da fonte destes conteúdos, 266 mencionavam a fonte contra 107 onde a fonte não foi mencionada. Por

outro lado, a Ucrânia foi o país de origem da maioria do conteúdo utilizado das redes sociais (343), sendo que a guerra se passava em território ucraniano. Quanto à emissão dos conteúdos, a maioria eram emitida, no máximo até 30 segundos (356).

Também para concretizar o objetivo de “Compreender o uso de imagem, de vídeo, de som ou de texto das redes sociais nas peças jornalísticas da TVI sobre a guerra entre a Ucrânia e a Rússia”, a análise de conteúdo quantitativa quanto às variáveis ‘propósito’ e ‘relevância’ permitiu reconhecer os principais motivos deste uso. Maioritariamente, os conteúdos utilizados das redes sociais tinham o principal intuito de relatar os factos ao público (302), não esquecendo a humanização da guerra através de alguns conteúdos, justificando os 67 utilizados, sobretudo, com esse propósito. De outro modo, o bloco de informação em que o conteúdo era apresentado justificava, também a importância de o mostrar, sendo que 231 conteúdos foram exibidos na primeira parte da emissão. Embora este último dado possa sofrer a influência de uma mudança na dinâmica da apresentação do Jornal das 8, a importância do conteúdo não deixa de ser valorizada.

Além do mais, embora a própria caracterização do uso já permita uma compreensão da utilização dos conteúdos das redes sociais no Jornal das 8 da TVI durante o período definido, o cruzamento da variável ‘formato de conteúdo’ e ‘tipo’ permite concluir que o vídeo, enquanto formato mais utilizado aparecia, sobretudo, nas peças jornalísticas. Por sua vez, o ‘tema’ mais representado eram os bombardeamentos (89), aludindo ao propósito de ‘mostrar’, ou melhor, de informar. O cruzamento das variáveis ‘tema’ e ‘propósito’ comprova-o, verificando-se que 79 dos conteúdos das redes sociais foram utilizados para relatar factos, tal como no que diz respeito à destruição (59).

Já para resolver o terceiro objetivo e entender o uso das redes sociais pelos enviados especiais da TVI na guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022, as entrevistas semiestruturadas foram essenciais. O testemunho de Pedro Moreira proporcionou entender que a utilização das redes sociais num conflito, ou mesmo noutro cenário não era novidade. Contudo, o jornalista explica que, na Ucrânia, o Twitter foi a rede social que mais utilizou, à qual acrescentou a utilização do Telegram.

Com uma rotina diária de utilização das redes sociais no terreno de guerra, o enviado especial da TVI servia-se das plataformas para acompanhar o que estava a acontecer em todo o país, o que outros colegas estavam a fazer e para seguir analistas, académicos e especialistas que lhe permitiam tomar conhecimento teórico e tático do conflito. Por outro ângulo, as redes sociais permitiam chegar à interação com personagens políticas e a fontes locais que o levavam até novas histórias e pontos da cidade.

Adicionalmente, e em especial o Twitter, fazia uma espécie de reportagem na rede social sobre as pessoas com quem falava ou o que via, ajudando, posteriormente, a organizar o trabalho jornalístico para a TVI ou mesmo os diretos. Pedro Moreira acrescentou que o uso das redes sociais foram também elas importantes para contactar diretamente o público e receber, por exemplo, pistas de proteção ou outras informações importantes e necessárias naquela situação.

Já o testemunho de Filipe Caetano conduziu a conclusões semelhantes. Enquanto antigo editor do internacional da TVI, já utilizava as redes sociais como ferramenta de trabalho, principalmente, o Twitter. Na Ucrânia, e tal como Pedro Moreira, a novidade foi a utilização do Telegram. Nestas redes sociais organizava listas de interesses com fontes de informação credíveis, como meios locais, políticos ou forças de segurança, por exemplo, e nos mais diversos idiomas para obter o máximo de informação verídica.

Complementarmente, as redes sociais permitiam ao jornalista da TVI também chegar ao contacto direto com as fontes. Encontradas por ele ou pelo/a *fixer* – um local que os acompanha na realização de reportagens – nas redes sociais, Filipe conseguiu chegar a algumas estórias pelo Instagram, pelo Twitter ou pelo Telegram. Já por outro lado, foram as plataformas sociais que o colocaram em contacto com público quando estava na Ucrânia, recebendo o apoio e a preocupação de quem o via todos os dias do lado de lá, cumprimento com o dever de informar.

Em suma, as duas entrevistas permitiram entender que o uso das redes sociais por parte do enviado especial na guerra não é apenas para se manter informado, acompanhando as fontes mais importantes e afetas à guerra, como para contactar fontes locais, procurar novas estórias e manter o contacto com o público. Acrescente-se, no entanto, que também a análise de conteúdo descritiva e quantitativa permitiram entender este uso através do cruzamento de algumas variáveis apresentadas e descritas no capítulo ‘Discussão dos resultados’.

Quanto ao quarto objetivo, isto é, à identificação da rede social mais utilizada nas peças jornalísticas do Jornal das 8 da TVI, bem como pelos enviados especiais, no primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022, conclui-se que o Twitter foi a rede social a mais utilizada por ambos. Embora a análise de conteúdo quantitativa demonstre que não foi possível identificar a maioria da rede de origem dos conteúdos utilizados, o Twitter foi a mais utilizada das identificadas. Já, em relação aos enviados especiais, e apesar da “novidade Telegram”, ambos nomeiam o Twitter como a principal rede social utilizada como ferramenta de trabalho na Ucrânia durante o período analisado.

Por fim, o método de investigação misto e as técnicas qualitativa e quantitativa aplicadas neste estudo permitiram concluir que as redes sociais influenciaram a cobertura jornalística no primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, em 2022, no Jornal das 8 da TVI. O conteúdo informativo que foi possível obter através das redes sociais marcou esta guerra, especialmente no primeiro mês, quando o acesso ao terreno era dificultado e a disponibilização de meios nem sempre era possível ou suficiente. Por outro lado, e já com os meios no local, as redes sociais permitiram chegar a novas informações para continuar a alimentar “a máquina da informação”, bem como a fontes locais, para proteção e como ‘guia’ dos enviados especiais, para desenvolver novas histórias, para manter o contacto com o público e, como diz Filipe Caetano, para perceber “o impacto que o trabalho do jornalista na guerra tem para a sociedade”.

De outra perspetiva, as redes sociais influenciaram a cobertura jornalística com a presença mais acesa das *fake news* e da desinformação, desafiando o papel do jornalista, a credibilidade da informação e resiliência do jornalismo. O início de uma guerra em 2022, vivida em direto nas redes sociais, veio dar ainda mais espaço à discussão sobre a contínua importância do jornalista em conflitos e catástrofes, mas também um novo contributo para o aumento da discussão sobre a concorrência que as redes sociais fizeram, fazem ou farão ao exercício da prática jornalística.

Pedro Moreira realça que a forma como são usadas, atualmente, as redes sociais pode ser a “morte” do jornalismo. A constante geração de conteúdo por parte do utilizador, bem como a forma rápida e fácil com que se publica qualquer informação ou conteúdo nas redes sociais, sobretudo, em casos de conflito ou catástrofe, pode colocar em causa as principais funções do jornalista: Filtrar a informação, interpretá-la e certificarla. Já Filipe Caetano, com uma ideia oposta, acredita que as redes sociais são uma fonte de informação e uma ferramenta de trabalho, refletindo que o jornalista deve estar nas redes sociais para tentar mitigar esses mesmos desafios das plataformas sociais.

Ainda que com opiniões diferentes sobre esta concorrência, Pedro Moreira e Filipe Caetano fazem questão de salientar que a cobertura jornalística do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022 tinha sido “claramente diferente”. Moreira diz mesmo que “atualmente, não dá para fazer um trabalho jornalístico sem estar numa rede social”. Já Caetano garante que as redes sociais serão sempre uma fonte de informação e de inspiração para o jornalismo.

Como principais limitações e dificuldades para a realização desta investigação consideraram-se:

- a)** A excessiva literatura encontrada sobre o tema em estudo: a ‘guerra’, dado a atualidade do tema e as atualizações e avanços diários; ‘as redes sociais’, já que o conceito tem sofrido várias alterações e desenvolvimentos ao longo dos anos, tal como as próprias plataformas; e a ‘relação’ entre o jornalismo, a guerra e as redes sociais, devido à existência de vários estudos sobre guerras anteriores, e consequentes artigos de opinião relacionados com a atualidade. Tal dificultou, por vezes, a avaliação da pertinência da fonte ou mesmo do conteúdo e influenciou a escolha para a elaboração do capítulo ‘Estado da arte’;
- b)** A dificuldade em manter o foco na procura do conteúdo das redes sociais utilizado no Jornal das 8 da TVI durante o primeiro mês de guerra, devido à massiva utilização de vários conteúdos que, na maioria das vezes, não eram identificados, dificultando a sua perceção e seleção e não permitindo o registo da utilização de possíveis conteúdos das redes sociais. Por exemplo, os conteúdos que não estavam identificados e que se apresentavam na horizontal não foram classificados, uma vez que nas redes sociais não assumem, normalmente, esta forma.
- c)** A repetição dos conteúdos nos diferentes episódios do Jornal das 8 da TVI analisados, levando, inicialmente, ao erro de registar o mesmo conteúdo mais do que uma vez;
- d)** O acesso não facultado ao episódio do dia 2 de março de 2022 para a análise do conteúdo;
- e)** A dificuldade em distinguir alguns intervenientes ou temas durante a análise de conteúdo quantitativa;
- f)** A não resposta, ou resposta tardia, por parte de possíveis entrevistados;
- g)** O limite de espaço de escrita, impossibilitando uma investigação mais completa e comparativa.

Para futuras investigações propõe-se um estudo comparativo sobre a utilização das redes sociais na cobertura jornalística entre o início da guerra da Ucrânia e da Rússia, em 2022, e após mais de um ano de guerra, assim como um estudo comparativo aprofundado sobre a utilização das redes sociais na guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022 e outras guerras recentes como, por exemplo, o conflito Israel-Palestina.

## Referências bibliográficas

AbrilAbril. (2022, 14 de novembro). *Ucrânia retira acreditação a jornalistas que reportaram tomada de Kherson*. Consultado a 2 de setembro de 2023 em <https://www.abrilabril.pt/internacional/ucrania-retira-acreditacao-jornalistas-que-reportaram-tomada-de-kherson>

Adami, A. (s.d.). *Redes sociais*. InfoEscola. Consultado 15 de abril de 2023 em <https://www.infoescola.com/sociedade/redes-sociais-2/>

Agence France-Press. (2022a, 18 de março). *Entidades e jornalistas alertam para os riscos de cobrir a guerra na Ucrânia*. R7. Consultado a 8 de setembro de 2023 em <https://noticias.r7.com/internacional/entidades-e-jornalistas-alertam-para-os-riscos-de-cobrir-a-guerra-na-ucrania-06072022>

Agence France-Press. (2022b, 20 de março). *ONU: 10 milhões de pessoas fugiram de suas casas na Ucrânia*. R7. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://noticias.r7.com/internacional/onu-10-milhoes-de-pessoas-fugiram-de-suas-casas-na-ucrania-06072022>

Agence France-Press. (2022c, 22 de março). *Tragédia, humor e engano na primeira guerra da era TikTok*. Diário de Notícias. Consultado a 30 de agosto de 2023 em <https://www.dn.pt/internacional/tragedia-humor-e-engano-na-primeira-guerra-da-era-tiktok-14701522.html>

Agence France-Press. (2023, 22 de julho). *Jornalista russo morre em bombardeio no sul da Ucrânia*. Correio Braziliense. Consultado a 8 de setembro de 2023 em <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2023/07/5110871-jornalista-russo-morre-em-bombardeio-no-sul-da-ucrania.html>

Agência Lusa. (2022a, 9 de março). *Guerra realça “ainda mais” importância dos jornalistas*. DNOTÍCIAS.PT. Consultado a 30 de setembro de 2023 em <https://www.dnoticias.pt/2022/3/9/300399-guerra-realca-ainda-mais-importancia-dos-jornalistas/>

Agência Lusa. (2022b, 17 de março). *Mais de 100 mil pessoas fugiram da Ucrânia em 24 horas. Refugiados já são 3,1 milhões*. TSF. Consultado a 3 de dezembro

de 2022 em <https://www.tsf.pt/mundo/mais-de-100-mil-pessoas-fugiram-da-ucrania-em-24-horas-refugiados-ja-sao-31-milhoes-14689140.html>

Agência Lusa. (2023, 15 de fevereiro). *Redes sociais são principal fonte de informação em Portugal, diz Observatório Iberfier*. Observador. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://observador.pt/2023/02/15/redes-sociais-sao-principal-fonte-de-informacao-em-portugal-diz-observatorio-iberfier/>

Archibald, M. M., Ambagtsheer, R. C., Casey, M. G., & Lawless, M. (2019). Using Zoom videoconferencing for qualitative data collection: Perceptions and experiences of researchers and participants. *International Journal of Qualitative Methods*, 18, 1-8.

Atanesian, G. (2023, 3 de setembro). *Os influenciadores pró-Putin lucrando com a propaganda da guerra na Ucrânia*. BCC News Brasil. Consultado a 16 de setembro de 2023 em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72n1589npro>

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto, & A. Pinheiro, Trad.) (1ª ed.). Edições 70 (Obra original publicada em 1977).

Barnes, J. E. (2022, 26 de outubro). *Russia intensifies its propaganda campaign against Ukraine*. The New York Times. Consultado a 16 de setembro de 2023 em <https://www.nytimes.com/2022/10/26/us/politics/russia-propaganda-dirty-bomb.html>

Baruah, T. D. (2012). Effectiveness of social media as a tool of communication and its potential for technology enabled connections: A micro-level study. *International Journal of Scientific and Research Publications*, 2(5), 1-10. [https://www.ijsrp.org/research\\_paper\\_may2012/ijsrp-may-2012-24.pdf](https://www.ijsrp.org/research_paper_may2012/ijsrp-may-2012-24.pdf)

BBC News Brasil. (2022, 13 de março). *Quem era o jornalista americano morto por soldados russos na Ucrânia*. Consultado a 30 de setembro de 2023 em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60730828>

Boyd, D. (2015). Social media: A phenomenon to be analyzed. *Social Media + Society*, 1-2. <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2056305115580148>

- Brown, S. (2022, 6 de abril). *In Russia-Ukraine war, social media stokes ingenuity, disinformation*. MIT Sloan School. Consultado a 20 de maio de 2023 em <https://mitsloan.mit.edu/ideas-made-to-matter/russia-ukraine-war-social-media-stokes-ingenuity-disinformation>
- Bryman, A. (2012). *Social research methods* (4a ed.). Nova Iorque, EUA: Oxford University Press.
- Cardoso, G., Paisana, M., & Pinto-Martinho, A. (2022). *Digital news report Portugal 2022*. OberCom - Reuters Institute for the Study of Journalism. [https://obercom.pt/wp-content/uploads/2022/06/DNRPT\\_2022\\_FINAL\\_14Jun.pdf](https://obercom.pt/wp-content/uploads/2022/06/DNRPT_2022_FINAL_14Jun.pdf)
- Cardoso, G., Paisana, M., & Pinto-Martinho, A. (2023). *Digital news report Portugal 2023*. OberCom - Reuters Institute for the Study of Journalism. [https://obercom.pt/wp-content/uploads/2023/06/DNRPT\\_2023\\_Final\\_15Junho.pdf](https://obercom.pt/wp-content/uploads/2023/06/DNRPT_2023_Final_15Junho.pdf)
- Carriço, M. (2022, 1 de março). *Jornalistas portuguesas abandonam Kiev. “Deixaram de existir condições de segurança”*. MAGG. Consultado a 18 de setembro de 2023 em <https://magg.sapo.pt/atualidade/artigos/tensao-na-ucrania-leva-a-retirada-de-jornalistas>
- Casa dos Bits. (2022, 6 de junho). *Ucrânia: 100 dias depois do início da guerra o tema perde atenção nas redes sociais*. Tek Sapo. Consultado a 20 de maio de 2023 em <https://tek.sapo.pt/multimedia/artigos/ucrania-100-dias-depois-do-inicio-da-guerra-o-tema-perde-atencao-nas-redes-sociais>
- Casagrande, E. (2022). *As 25 redes sociais mais populares do mundo*. Semrush Blog. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://pt.semrush.com/blog/redes-sociais-mais-populares-do-mundo/>
- Castro, S. (2023, 13 de fevereiro). *WhatsApp: História e evolução do aplicativo de mensagem*. Segredos do Mundo - R7. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://segredosdomundo.r7.com/historia-do-whatsapp/>

- Ceci, L. (2023). *Most downloaded social media apps worldwide 2022*. Statista. Consultado 16 de abril de 2023 em <https://www.statista.com/statistics/1284900/top-social-media-apps-worldwide-by-downloads/>
- Chaffey, Dave. (2023, 7 de junho). *Global social media statistics research summary 2023*. Smar Insights. Consultado a 22 de abril de 2023 em <https://www.smartinsights.com/social-media-marketing/social-media-strategy/new-global-social-media-research/>
- Cision. (2023). *Relatório do estado global dos media: A parceria vital dos jornalistas & comunicadores para navegar o futuro*. <https://www.cision.pt/recursos/whitepapers/estado-global-dos-media-2023/>
- Ciuriak, D. (2022a, 15 de junho). *Social media warfare is being invented in Ukraine*. CIGI - Centre for International Governance Innovation. Consultado a 30 de agosto de 2023 em <https://www.cigionline.org/articles/social-media-warfare-is-being-invented-in-ukraine/>
- Ciuriak, D. (2022b). The role of social media in Russia's war on Ukraine. *SSRN - Social Science Research Network*. <https://ssrn.com/abstract=4078863>
- Clayton, J. (2022, 19 de março). *Rússia x Ucrânia: Como é a guerra de propaganda russa no Twitter*. BBC News Brasil. Consultado a 8 de setembro de 2023 em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60805678>
- Conant, E. (2022, 21 de fevereiro). *Russia and Ukraine: The tangled history that connects—and divides—them*. National Geographic. Consultado a 30 de novembro de 2022 em <https://www.nationalgeographic.co.uk/history-and-civilisation/2022/02/russia-and-ukraine-the-tangled-history-that-connects-and-divides-them>
- Corneta, M. (2021, 2 de setembro). *A importância do jornalista na era da informação e seus principais desafios*. Voomp Blog. Consultado a 2 de setembro de 2023 em <https://blog.voomp.com.br/graduacao/jornalismo/a-importancia-do-jornalista-na-era-da-informacao-e-seus-principais-desafios>

- Correduría Inteligente. (2020). *Redes sociais: Definição e características*. MPM Insurance Software Solutions. Consultado a 22 de março de 2023 em <https://www.mpmsoftware.com/pt/blog/redes-sociais-definicao-e-caracteristicas/>
- Dantas, M., & Alves, J. (ilustrador). (2022, 24 de março). *Um mês de invasão da Ucrânia: Como evoluiu a guerra*. Público. Consultado a 12 de fevereiro de 2023 em <https://www.publico.pt/2022/03/24/infografia/russia-comecou-invasao-ucrania-ha-mes-tropas-crise-refugiados-veja-aqui-precisa-saber-guerra-674>
- DAquino, F. (2012, 26 de novembro). *A história das redes sociais: Como tudo começou*. Tecmundo. Consultado a 12 de fevereiro de 2023 em <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>
- De Luca, A. (2022, 22 de dezembro). *Jornalistas italianos são atacados por tropas russas na Ucrânia, assista vídeo*. MediaTalks. Consultado a 30 de setembro de 2023 em <https://mediatalks.uol.com.br/2022/12/22/jornalistas-italianos-filmam-ataque-russo-ao-carro-em-que-viajavam-na-ucrania-assista/>
- Deadline News. (2023, 4 de julho). *The impact of social media on journalism: Pros and cons*. Consultado a 2 de setembro de 2023 em <https://www.deadlinenews.co.uk/2023/07/04/the-impact-of-social-media-on-journalism-pros-and-cons/>
- Dias, G. (2022, 25 de março). *Milhões de refugiados, milhares de mortos: Veja 1º mês de guerra em números*. UOL. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/03/25/mortos-refugiados-os-numeros-do-primeiro-mes-da-guerra-russia-x-ucrania.htm>
- Dias, I. (2023). *Tendências e panorama das redes sociais em 2023*. Blog do Programa de Aceleração Digital. Consultado a 30 de março de 2023 em <https://blog.programadeaceleracaodigital.com/tendencias-redes-sociais/>
- Dixon, S. J. (2023a). *Facebook: quarterly number of MAU (monthly active users) worldwide 2008-2023*. Statista. Consultado a 30 de março de 2023 em

<https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>

Dixon, S. J. (2023b). *Global social networks ranked by number of users 2023*. Statista. Consultado a 30 de março de 2023 em <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>

Dixon, S. J. (2023c). *Social network users in selected countries in 2022 and 2027*. Statista. Consultado a 30 de março de 2023 em <https://www.statista.com/statistics/278341/number-of-social-network-users-in-selected-countries/>

ECO. (2023, 24 de julho). *Musk muda logótipo do Twitter para X*. Consultado a 30 de setembro de 2023 em <https://eco.sapo.pt/2023/07/24/musk-muda-muda-logotipo-do-twitter-para-x/>

Equipa editorial de Conceito.de. (2022, 11 de novembro). *Rede social - O que é, conceito, no marketing e história*. Conceito.de. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://conceito.de/rede-social>

Euronews. (2022a, 25 de fevereiro). *Guerra na Ucrânia, dia 1: Zelensky anuncia 137 mortos provocados pela invasão russa*. Consultado a 30 de março de 2023 em <https://pt.euronews.com/2022/02/25/putin-anuncia-operacao-para-desmilitarizar-a-ucrania#:~:text=Numa%20lista%20de%20pedidos%20enviada%20para%20Bruxelas>

Euronews. (2022b, 24 de março). *Um mês de guerra na Ucrânia*. Consultado 30 de março de 2023 em <https://pt.euronews.com/2022/03/24/um-mes-de-guerra-na-ucrania>

Expresso. (2019, 25 de janeiro). *Ucrânia. Ex-presidente exilado na Rússia desde 2014 condenado a 13 anos de prisão por traição*. Consultado a 12 de fevereiro de 2023 em <https://expresso.pt/internacional/2019-01-25-Ucrania.-Ex->

Presidente-exilado-na-Russia-desde-2014-condenado-a-13-anos-de-prisao-por-traicao

Expresso. (2022a, 24 de fevereiro). *A guerra na Ucrânia começou às 3h30. Cronologia das primeiras 12 horas de um país debaixo de fogo*. Consultado a 4 de novembro de 2022 em <https://expresso.pt/internacional/2022-02-24-a-guerra-na-ucrania-comecou-as-3h30.-cronologia-das-primeiras-12-horas-de-um-pais-debaixo-de-fogo>

Expresso. (2022b, 3 de março). *Guerra mediática: Propaganda russa aposta no medo, Ucrânia conquista a opinião pública ocidental com a ajuda das redes sociais*. Consultado a 30 de agosto de 2023 em <https://expresso.pt/internacional/guerra-na-ucrania/2022-03-03-guerra-mediatica-propaganda-russa-aposta-no-medo-ucrania-conquista-a-opinio-publica-ocidental-com-a-ajuda-das-redes-sociais>

Fefito. (2022, 24 de fevereiro). *Globo faz mudanças no jornalismo para cobertura de guerra na Ucrânia*. UOL. Consultado a 30 de setembro de 2023 em <https://www.uol.com.br/splash/colunas/feffito/2022/02/24/globo-desloca-correspondentes-para-cobrir-guerra-da-ucrania.htm>

Fernandes, M. (2021, 25 de setembro). *Como é a vida de um jornalista correspondente de guerra?*. Voomp Blog. Consultado a 8 de setembro de 2023 em <https://blog.voomp.com.br/dicas/mercado-de-trabalho/como-e-a-vida-de-um-jornalista-correspondente-de-guerra>

Fidalgo, J. (2022, 26 de março). *Jornalistas que vão à guerra*. REC - Repórteres em Construção. Consultado a 8 de setembro de 2023 em <https://www.reporteresemconstrucao.pt/2022/03/26/jornalistas-que-vao-a-guerra/>

Firpo, M. (2023, 24 de fevereiro). *Linha do tempo da guerra na Ucrânia: Relembre o que aconteceu em um ano*. Veja. Consultado a 4 de fevereiro de 2023 em <https://veja.abril.com.br/mundo/linha-do-tempo-da-guerra-na-ucrania-relembre-o-que-aconteceu-em-um-ano>

- Forbes Internacional, & Marmé, P. (2023, 3 de março). *Volodymyr Zelensky: O herói das mil faces*. Forbes Portugal. Consultado a 4 de fevereiro de 2023 em <https://www.forbespt.com/volodymyr-zelensky-o-heroi-das-mil-faces/>
- Francis, G. (2022, 30 de março). *Jornalismo em tempos de guerra*. Fábrica de Comunicação. Consultado a 20 de setembro de 2023 em <https://fabricacom.com.br/jornalismo-em-tempos-de-guerra/>
- Gajić, A. (2023). *LinkedIn statistics*. 99firms. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://99firms.com/blog/linkedin-statistics/#gref>
- Gessen, K. (2022, 11 de março). *Was it inevitable? A short history of Russia's war on Ukraine*. The Guardian. Consultado a 30 de novembro de 2022 em <https://www.theguardian.com/world/2022/mar/11/was-it-inevitable-a-short-history-of-russias-war-on-ukraine>
- Giddens, A. (2009). *O mundo na era da digitalização*. Editorial Presença
- GMI Blogger. (2023). *Youtube users statistics 2023*. Global Media Insight. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://www.globalmediainsight.com/blog/youtube-users-statistics/>
- Gogoni, R. (2023a). *Por que o Musical.ly mudou de nome para TikTok?*. Tecnoblog. Consultado a 20 de abril de 2023 em <https://tecnoblog.net/responde/por-que-o-musical-ly-mudou-de-nome-para-tiktok/>
- Gogoni, R. (2023b). *Quem criou o YouTube?*. Tecnoblog. Consultado a 20 de abril de 2023 em <https://tecnoblog.net/responde/quem-criou-o-youtube/>
- Gomes, S. M. (2023). *Relatório sobre o digital para 2023: A utilização da internet e das redes sociais em Portugal*. Invoicexpress. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://invoicexpress.com/blog/relatorio-digital-portugal-2023>
- González, T. S. (2019). Los corresponsales de guerra: revisión y actualización del trabajo periodístico en los conflictos. *Revista de Pensamiento Estratégico y*

*Seguridad* CISDE, 4(2), 57-67.  
<http://www.uajournals.com/ojs/index.php/cisdejournal/article/view/481>

Google Trends. (2022a). *Year in search 2022: See what was trending in 2022 - Global*. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://trends.google.com/trends/yis/2022/GLOBAL/>

Google Trends. (2022b). *Year in search 2022: See what was trending in 2022 - Portugal*. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://trends.google.com/trends/yis/2022/PT/>

Gottfried, J., Mitchell, A., Jurkowitz, M., & Liedke, J. (2022, 14 de junho). *Many journalists say social media helps at work, but most decry its impact on journalism*. Pew Research Center. Consultado a 20 de setembro de 2023 em <https://www.pewresearch.org/journalism/2022/06/14/many-journalists-say-social-media-helps-at-work-but-most-decry-its-impact-on-journalism/>

Gouveia, M. (2023). *Redes sociais: O que são, para que servem e como geri-las?*. Marco Gouveia. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://www.marcogouveia.pt/redes-sociais-o-que-sao/>

Grupo Marktest. (2022). *Os portugueses e as redes sociais 2022: Estudos & serviços*. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://www.marktest.com/wap/a/grp/p~96.aspx>

Guille, A., Hacid, H., Favre, C., & Sighed, D. A. (2013). Information diffusion in online social networks: A survey. *ACM SIGMOD Record*, 42(2), 1-12. [https://www.researchgate.net/publication/238318645\\_Information\\_Diffusion\\_in\\_Online\\_Social\\_Networks\\_A\\_Survey](https://www.researchgate.net/publication/238318645_Information_Diffusion_in_Online_Social_Networks_A_Survey)

Guimarães, A. (2022, 1 de março). *O que é e como funciona a lei marcial, que nunca poderia ser aplicada em Portugal*. CNN Portugal. Consultado a 17 de fevereiro de 2023 em <https://cnnportugal.iol.pt/guerra/ucrania/o-que-e-e-como-funciona-a-lei-marcial-que-nunca-poderia-ser-aplicada-em-portugal/20281231/621e15310cf21847f0ae5826>

- Gulyas, A. (2013). The influence of professional variables on journalists' uses and views of social media. *Digital Journalism*, 1(2), 270-285. <https://scihub.se/10.1080/21670811.2012.744559>
- Haesebrouck, T., & Taghon, S. (2022). Russia's invasion in Ukraine: What happened before?. In T. Haesebrouck, S. Taghon, & H. V. Coppennolle (Eds.), *Gies occasional paper: The war in Ukraine* (pp. 4-10). Ghent Institute for International and European Studies. [https://www.ugent.be/ps/politiekewetenschappen/gies/en/research/publications/gies\\_papers/2022-ukraine/pdf-files/gies\\_op\\_2022\\_warinukraine.pdf](https://www.ugent.be/ps/politiekewetenschappen/gies/en/research/publications/gies_papers/2022-ukraine/pdf-files/gies_op_2022_warinukraine.pdf)
- Hermida, A. (2016). Social media and the news. In T. Witschge, C. W. Anderson, D. Domingo & A. Hermida (Eds.), *The SAGE Handbook of Digital Journalism* (pp. 81-94). SAGE Publications Ltd. <https://books.google.pt/books?id=4uczDAAAQBAJ&lpg=PA81&dq=Social%20Media%20and%20the%20News&lr&hl=pt-PT&pg=PR4#v=onepage&q=Social%20Media%20and%20the%20News&f=false>
- Hines, K. (2022, 2 de setembro). *The history of social media*. Search Engine Journal. Consultado a 14 de abril de 2023 em <https://www.searchenginejournal.com/social-media-history/462643/>
- Hoiuk, I. (2023, 19 de junho). *What's your media job: War correspondent*. The Fix. Consultado a 2 de setembro de 2023 em <https://thefix.media/2023/6/19/whats-your-media-job-war-correspondent>
- Holroyd, M. (2022, 24 de agosto). *Ukraine war: Five of the most viral misinformation posts and false claims since the conflict began*. Euronews. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://www.euronews.com/my-europe/2022/08/24/ukraine-war-five-of-the-most-viral-misinformation-posts-and-false-claims-since-the-conflic>
- Howard, P. N., Duffy, A., Freelon, D., Hussain, M. M., Mari, W., & Maziad, M. (2019). Opening closed regimes: What was the role of social media during the

- Arab Spring?. *Project on Information Technology and Political Islam*. 1-30.  
[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2595096](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2595096)
- iMEDD Team. (2022, 28 de março). *Old risks, new facts for the safety of war correspondents*. iMEDD - Incubator for Media Education and Development. Consultado a 8 de setembro de 2023 em <https://www.imedd.org/ukraine/old-risks-new-facts-for-the-safety-of-war-correspondents/>
- Indeed Editorial Team. (2022, 25 de junho). *How to become a war correspondent (with steps and skills)*. Indeed. Consultado a 8 de setembro de 2023 em <https://www.indeed.com/career-advice/finding-a-job/how-to-become-war-correspondent>
- Iqbal, M. (2023, 2 de agosto). *Facebook revenue and usage statistics (2023)*. Business of Apps. Consultado a 30 de agosto de 2023 em <https://www.businessofapps.com/data/facebook-statistics/>
- Jestin, M. (2020, 22 de junho). *War reporters*. Encyclopédie d'histoire numérique de l'Europe. Consultado a 2 de setembro de 2023 em <https://ehne.fr/en/encyclopedia/themes/wars-and-memories/representations-war/war-reporters>
- Jones, M. (2015, 16 de junho). *The complete history of social media: A timeline of the invention of online networking*. History Cooperative. Consultado a 12 de abril de 2023 em <https://historycooperative.org/the-history-of-social-media/>
- Jornal de Angola. (2022, 24 de março). *Cinco jornalistas mortos no primeiro mês de guerra na Ucrânia*. Consultado a 20 de setembro de 2023 em <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/cinco-jornalistas-mortos-no-primeiro-mes-de-guerra-na-ucrania/>
- Kaplan, A. M., & Haenlein, M. (2010). Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. *Business Horizons* 53, 59-68.  
[https://www.researchgate.net/publication/222403703\\_Users\\_of\\_the\\_World\\_Unite\\_The\\_Challenges\\_and\\_Opportunities\\_of\\_Social\\_Media/link/5a2cd570aca2728e05e0a561/download](https://www.researchgate.net/publication/222403703_Users_of_the_World_Unite_The_Challenges_and_Opportunities_of_Social_Media/link/5a2cd570aca2728e05e0a561/download)

- Kemp, S. (2022). *Digital 2022: Portugal*. We Are Social - Kepios. <https://datareportal.com/reports/digital-2023-portugal>
- Kemp, S. (2023a). *Digital 2023: Global overview report*. Meltwater - We Are Social. <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>
- Kemp, S. (2023b). *Digital 2023: Portugal*. Meltwater - We Are Social. <https://datareportal.com/reports/digital-2023-portugal>
- Kemp, S. (2023c). *Snapchat users, stats, data & trends*. DataReportal. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://datareportal.com/essential-snapchat-stats>
- Kerner, S. M. (2022). *Web 2.0 vs. Web 3.0: Qual é a diferença?*. Computer Weekly. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://www.computerweekly.com/br/tip/Web-20-vs-Web-30-Qual-e-a-diferenca>
- Kotoulas, I. E., & Pusztai, W. (2022). *Geopolitics of the war in Ukraine*. Foreign Affairs Institute. <https://www.aies.at/download/2022/Geopolitics-of-the-War-in-Ukraine-FINAL.pdf>
- Lamb, C. (2019, 12 de julho). *What does it take to be a foreign correspondent?*. British Council. Consultado a 8 de setembro de 2023 em <https://www.britishcouncil.org/voices-magazine/what-does-it-take-be-foreign-correspondent>
- Lecheler, S., & Kruikemeier, S. (2015). Re-evaluating journalistic routines in a digital age: A review of research on the use of online sources. *New Media & Society*, 18(1), 156-171. <https://sci-hub.se/10.1177/1461444815600412>
- Lima, J. A. (2013). Por uma análise de conteúdo mais fiável. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 47(1), 7-29. [https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1647-8614\\_47-1\\_1](https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1647-8614_47-1_1)
- Löffelholz, M. (s.d.). *Embedded journalism*. Encyclopedia Britannica. Consultado a 2 de setembro de 2023 em <https://www.britannica.com/topic/embedded-journalism>

- Lorena, S. (2022, 28 de fevereiro). *A guerra que os russos vêem, um pedido de desculpas e dois apelos à paz*. Público. Consultado a 30 de janeiro de 2023 em <https://www.publico.pt/2022/02/28/mundo/noticia/guerra-russos-veem-pedido-desculpas-dois-apelos-paz-1997164>
- Luigi, R. (2022). *A guerra da Ucrânia é a primeira guerra transmitida pelas redes sociais*. Le Monde Diplomatique Brasil. Consultado a 10 de maio de 2023 em <https://diplomatique.org.br/a-guerra-da-ucrania-e-a-primeira-guerra-transmitida-pelas-redes-sociais/>
- Macready, H. (2023). *47 LinkedIn statistics you need to know in 2023*. Hootsuite. Consultado a 16 de maio de 2023 em <https://blog.hootsuite.com/linkedin-statistics-business/>
- Mandel, D. (2019, 15 de janeiro). *Ucrânia: Lições da Praça Maidan, um mês depois*. Outras Palavras. Consultado a 30 de janeiro de 2023 em <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/ucrania-licoes-da-praca-maidan-um-mes-depois/>
- Mankoff, J. (2022). *Russia's war in Ukraine: Identity, history, and conflict*. Center for Strategic and International Studies. <https://www.csis.org/analysis/russias-war-ukraine-identity-history-and-conflict>
- Marvão, S., & Guerreiro, P. S. (2022, 26 de fevereiro). *Quem é Zelensky? Perfil do comediante eleito Presidente que se recusou ser fantoche e hoje é visto como herói*. CNN Portugal. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://cnnportugal.iol.pt/ucrania/volodymyr-zelensky/quem-e-zelensky-perfil-do-comediante-eleito-presidente-que-se-recusou-ser-fantoche-e-hoje-e-visto-como-heroi/20220228/6218e4b20cf2cc58e7e52a57>
- Marshall, A. (2023, 6 de junho). *What is a war correspondent?*. Boot Camp & Military Fitness Institute. Consultado a 2 de setembro de 2023 em <https://bootcampmilitaryfitnessinstitute.com/2023/06/06/what-is-a-war-correspondent/>

- Masters, J. (2023, 14 de fevereiro). *Ukraine: Conflict at the crossroads of Europe and Russia*. Council on Foreign Relations. Consultado a 30 de março de 2023 em <https://www.cfr.org/backgrounder/ukraine-conflict-crossroads-europe-and-russia>
- Mathew, D. (2022). The role of social media in journalism. *Journal of Mass Communication & Journalism*, 12(2). <https://www.hilarispublisher.com/open-access/the-role-of-social-media-in-journalism.pdf>
- MC News. (2022, 9 de março). *TVI e CNN Portugal: Os únicos canais de televisão portuguesa em Kiev*. Consultado a 30 de setembro de 2023 em <https://mcnews.iol.pt/geral/09-03-2022/jornalistas-da-tvi-e-cnn-portugal-sao-a-unica-equipa-portuguesa-em-kiev>
- McLaughlin, G. (2016). *The war correspondent* (2ª ed.). PlutoPress
- Mijatović, D. (2022, 2 de maio). *Not a target - the need to reinforce the safety of journalists covering conflicts*. Commissioner for Human Rights. Consultado a 8 de setembro de 2023 em <https://www.coe.int/en/web/commissioner/-/not-a-target-the-need-to-reinforce-the-safety-of-journalists-covering-conflicts>
- Morris Jr., R. (2007). The pen & the sword: A brief history of war correspondents. *Military Heritage*, 8(4), 58-67. <https://warfarehistorynetwork.com/article/the-pen-the-sword-a-brief-history-of-war-correspondents/>
- Neto, N. (2022, 25 de fevereiro). *Rússia e Ucrânia: Guerra cibernética e as redes sociais em meio ao conflito*. Mundo Conectado. Consultado a 20 de maio de 2023 em <https://www.mundoconectado.com.br/seguranca/russia-e-ucrania-guerra-cibernetica-e-as-redes-sociais-em-meio-ao-conflito/>
- Nunes, L. (2022a, 26 de fevereiro). *Jornalistas brasileiros na Ucrânia mostram a guerra pelo Twitter*. Giz Brasil. Consultado a 30 de setembro de 2023 em <https://gizmodo.uol.com.br/jornalistas-brasileiros-na-ucrania-mostram-a-guerra-pelo-twitter/>

- Nunes, R. R. (2022b, 3 de março). *Balanço da primeira semana de guerra na Ucrânia: Entre mortos e refugiados, Kiev resiste*. Visão. Consultado a 30 de novembro de 2022 em <https://visao.pt/atualidade/mundo/guerra-na-ucrania/2022-03-03-balanco-da-primeira-semana-de-guerra-na-ucrania-entre-mortos-e-refugiados-kiev-resiste/>
- O'Donnell, C. (2011, 12 de setembro). *New study quantifies use of social media in Arab Spring*. University of Washington. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://www.washington.edu/news/2011/09/12/new-study-quantifies-use-of-social-media-in-arab-spring/>
- Paranhos, R., Filho, D. B. F., Carvalho da Rocha, E., Júnior, J. A. S., & Freitas, D. (2016). Uma introdução aos métodos mistos. *Sociologias*, 18(42), 384-411. <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1590/15174522-018004221>
- Patrick, C., & Allan, S. (2013). 'The camera as witness': The changing nature of photojournalism. In K. Fowler-Watt, & S. Allan (Eds.), *Journalism: New challenges* (pp. 162-182). Centre for Journalism & Communication Research Bournemouth University. <https://microsites.bournemouth.ac.uk/cjcr/files/2013/10/JNC-2013-Chapter-10-Patrick-and-Allan.pdf>
- Paul, K. (2022, 7 de abril). *Russian disinformation surged on social media after invasion of Ukraine, Meta reports*. The Guardian. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://www.theguardian.com/world/2022/apr/07/propaganda-social-media-surge-invasion-ukraine-meta-reports>
- Pereira, C. S. (2014). Jornalistas e militares em cenário de guerra. *OBSERVARE*, 74, 156-157. [https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2907/1/3.38\\_CarlosSPereira\\_JornalistasMilitaresGuerra.pdf](https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2907/1/3.38_CarlosSPereira_JornalistasMilitaresGuerra.pdf)
- Petrosyan, A. (2023). *Worldwide digital population 2023*. Statista. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://www.statista.com/statistics/617136/digital-population-worldwide/>

- Rangel, M. (2022). *A guerra aos olhos das redes sociais*. ADBDcommunicare. Consultado a 30 de agosto de 2023 em <https://www.adbdcommunicare.com/en/blog-detalle/78>
- Rauchfleisch, A., Artho, X., Metag, J., Post, S., & Schäfer, M. S. (2017). How journalists verify user-generated content during terrorist crises. Analysing Twitter communication during the Brussels attacks. *Social Media + Society*, 3(3). <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2056305117717888>
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Editora Sulina.
- Reis, P. N. (2022, 6 de março). *Mais de 4300 detidos na Rússia em manifestações contra a guerra*. Público. Consultado a 30 de novembro de 2022 em <https://www.publico.pt/2022/03/06/mundo/noticia/4300-detidos-russia-manifestacoes-guerra-1997793>
- Reuters. (2022, 24 de abril). *Guerra na Ucrânia completa dois meses; veja cronologia da invasão*. Globo. Consultado a 30 de novembro de 2022 em <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/04/24/guerra-na-ucrania-completa-dois-meses-veja-cronologia-da-invasao.ghtml>
- Rodrigues, J. (2023). *Tudo o que precisa saber sobre redes sociais*. Resultados Digitais. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais/>
- Ruby, D. (2023a). *90+ telegram statistics in 2023 (updated)*. DemandSage. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://www.demandsage.com/telegram-statistics/>
- Ruby, D. (2023b). *Snapchat users data and platform statistics (July 2023)*. DemandSage. Consultado a 30 de julho de 2023 em <https://www.demandsage.com/snapchat-users/>
- Ruby, D. (2023c). *WhatsApp statistics of 2023 (updated data)*. DemandSage. Consultado a 30 de julho de 2023 em <https://www.demandsage.com/whatsapp-statistics/>

- Sacco, V., & Bossio, D. (2015). Using social media in the news reportage of war & conflict: Opportunities and challenges. *The Journal of Media Innovations*, 2(1), 59-76.  
[https://www.researchgate.net/publication/273322460\\_Using\\_social\\_media\\_in\\_the\\_news\\_reportage\\_of\\_War\\_Conflict\\_Opportunities\\_and\\_Challenges](https://www.researchgate.net/publication/273322460_Using_social_media_in_the_news_reportage_of_War_Conflict_Opportunities_and_Challenges)
- Safarian, V. (2019, 14 de abril). *The positive impact of social media on journalism*. Medium. Consultado a 2 de setembro de 2023 em <https://medium.com/@victoria.a.safarian/the-positive-impact-of-social-media-on-journalism-a99b9926cb0a>
- Santos, N. (2022, 6 de março). *Nota editorial: Os desafios de informar na (nossa) primeira guerra da era das redes sociais*. CNN Portugal. Consultado a 16 de abril de 2023 em <https://cnnportugal.iol.pt/ucrania/russia/nuno-santos-nota-editorial-os-desafios-de-informar-na-nossa-primeira-guerra-da-era-das-redes-socais/20220326/62251dfc0cf21847f0af9c21>
- Sardarizadeh, S., & Robinson, O. (2022, 8 de março). *Ukraine invasion: False claims the war is a hoax go viral*. BBC News. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://www.bbc.com/news/60589965>
- Schappert, S. (2023, 27 de fevereiro). *The impact of social media on the Russia-Ukraine war*. Cybernews. Consultado a 30 de abril de 2023 em <https://cybernews.com/editorial/impact-social-media-russia-ukraine-war/>
- Seitz, L. (2023, 12 de outubro). *Mobile vs. desktop internet usage (latest 2023 data)*. Broadcast Search. Consultado a 15 de outubro de 2023 em <https://www.broadbandsearch.net/blog/mobile-desktop-internet-usage-statistics>
- Soares, J. V. S. (2018). A guerra civil na Síria: Atores, interesses e desdobramentos. *OCT - Série Conflitos Internacionais*, 5(1), 1-8.  
<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/serie---a-guerra-civil-na-siria---atores-interesses-e-desdobramentos.pdf>
- SIC. (2022, 24 de março). *“Podíamos morrer a qualquer momento”*. *Jornalista relata cerco russo enquanto cobria guerra na Ucrânia*. Consultado a 20 de

setembro de 2023 em <https://sic.pt/sic/podiamos-morrer-a-qualquer-momento-jornalista-relata-cerco-russo-enquanto-cobria-guerra-na-ucrania/>

SIC Notícias. (2022, 1 de março). *Ucrânia: Aproximação russa obriga jornalistas portugueses a fugir de Kiev*. Consultado a 20 de setembro de 2023 em <https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-03-01-ucrania-aproximacao-russa-obriga-jornalistas-portugueses-a-fugir-de-kiev>

Tiago, M. M. (2022, 13 de março). “*Salvem a Ucrânia para salvarem o mundo*”. *Os cartazes e rostos das manifestações contra a guerra*. Público. Consultado a 30 de novembro de 2022 em <https://www.publico.pt/2022/03/13/fotogaleria/manifestacoes-antiguerra-18-dia-407706>

True Anthem. (2022, 31 de março). *The importance of social media for journalists*. Consultado a 30 de agosto de 2023 em <https://www.trueanthem.com/social-media-for-journalists/>

TVI (2022a, fevereiro 24). *Jornal das 8 - 24 de fevereiro de 2022* [Vídeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/62180faf0cf2cc58e7e5144d>

TVI (2022b, fevereiro 25). *Jornal das 8 - 25 de fevereiro de 2022* [Vídeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/621955c10cf21847f0ad89ed>

TVI (2022c, fevereiro 26). *Jornal das 8 - 26 de fevereiro de 2022* [Vídeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/621aa5b80cf2cc58e7e56b46>

TVI (2022d, fevereiro 27). *Jornal das 8 - 27 de fevereiro de 2022* [Vídeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/621bf7380cf21847f0adf734>

- TVI (2022e, fevereiro 28). *Jornal das 8 - 28 de fevereiro de 2022* [VÍdeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/621d45710cf2cc58e7e5e049>
- TVI (2022f, março 2). *Jornal das 8 - 2 de março de 2022* [VÍdeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/621fd7180cf21a10a422b9c9>
- TVI (2022g, março 3). *Jornal das 8 - 3 de março de 2022* [VÍdeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/62213a6a0cf2c7ea0f1cfb18>
- TVI (2022h, março 4). *Jornal das 8 - 4 de março de 2022* [VÍdeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/62228c600cf21a10a423397c>
- TVI (2022i, março 5). *Jornal das 8 - 5 de março de 2022* [VÍdeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/6223f2140cf21a10a4237fff>
- TVI (2022j, março 6). *Jornal das 8 - 6 de março de 2022* [VÍdeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/622532320cf21847f0afa316>
- TVI (2022k, março 7). *Jornal das 8 - 7 de março de 2022* [VÍdeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/62267c370cf2cc58e7e74ee2>
- TVI (2022l, março 8). *Jornal das 8 - 8 de março de 2022* [VÍdeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/6227f1130cf2c7ea0f1e1de6>
- TVI (2022m, março 9). *Jornal das 8 - 9 de março de 2022* [VÍdeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/622905e20cf21847f0b03e1e>

- TVI (2022n, março 10). *Jornal das 8 - 10 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player:  
<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/622a762f0cf21a10a4247735>
- TVI (2022o, março 11). *Jornal das 8 - 11 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player:  
<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/622bd64d0cf21847f0b0b3f3>
- TVI (2022p, março 12). *Jornal das 8 - 12 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player:  
<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/622d16f90cf2c7ea0f1ee321>
- TVI (2022q, março 13). *Jornal das 8 - 13 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player:  
<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/622e6cb20cf21847f0b10532>
- TVI (2022r, março 14). *Jornal das 8 - 14 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player:  
<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/622fcfdb0cf21a10a4252f23>
- TVI (2022s, março 15). *Jornal das 8 - 15 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player:  
<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/6230eee40cf21a10a4255807>
- TVI (2022t, março 16). *Jornal das 8 - 16 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player:  
<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/62325b920cf21a10a425a25b>
- TVI (2022u, março 17). *Jornal das 8 - 17 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player:  
<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/6233ae000cf2c7ea0f1ffd74>
- TVI (2022v, março 18). *Jornal das 8 - 18 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player:  
<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/6234fe950cf21a10a4260955>

TVI (2022x, março 19). *Jornal das 8 - 19 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/62365de90cf21a10a42632c1>

TVI (2022z, março 20). *Jornal das 8 - 20 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/6237a6410cf21847f0b281a8>

TVI (2022aa, março 21). *Jornal das 8 - 21 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/623907d10cf21a10a4269128>

TVI (2022bb, março 22). *Jornal das 8 - 22 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/623a44920cf21847f0b2ef18>

TVI (2022cc, março 23). *Jornal das 8 - 23 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/623b96120cf21847f0b32774>

TVI (2022dd, março 24). *Jornal das 8 - 24 de março de 2022* [Vídeo]. TVI Player: <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/623ce5390cf21a10a4272df3>

Valadares, J. (2023, 10 de fevereiro). “*Jornal Nacional*” volta à TVI no dia de aniversário da estação. E vai ter quatro pivôs. MAGG. Consultado a 10 de outubro de 2023 em <https://magg.sapo.pt/televisao/artigos/jornal-nacional-volta-a-tvi-no-dia-de-aniversario-da-estacao-e-vai-ter-quatro-pivos>

Vilaverde, L. (s.d.). *As redes sociais estão substituindo o jornalismo?*. Tutano. Consultado a 30 de agosto de 2023 em <https://tutano.trampos.co/14415-redes-sociais-estao-substituindo-o-jornalismo/>

Vogt, A., Said-Moorhouse, L., Ravindran, J., Wilkinson, P., Yeung, J., Lendon, B., George, S., Wagner, M., Vera, A., & Regan, H. (2022, 6 de março). *February 26, 2022 Russia-Ukraine news*. CNN World. Consultado a 30 de novembro de

2022 em [https://edition.cnn.com/europe/live-news/ukraine-russia-news-02-26-22/h\\_2ef433d476e597ed0a30111e85a66912](https://edition.cnn.com/europe/live-news/ukraine-russia-news-02-26-22/h_2ef433d476e597ed0a30111e85a66912)

Watson, A. (2023, 25 de setembro). *Most trusted sources of general news and information worldwide from 2011 to 2022*. Statista. Consultado a 30 de setembro de 2023 em <https://www.statista.com/statistics/381455/most-trusted-sources-of-news-and-info-worldwide/>

Weaver, D. H., & Willnat, L. (2016). Changes in U.S. journalism: How do journalists think about social media?. *Journalism Practice*, 10(7). 1-12. <https://www.researchgate.net/publication/301826625>

Wise, J. (2023, 16 de julho). *How many people still use myspace in 2023? (user stats)*. Earthweb. Consultado a 30 de agosto de 2023 em <https://earthweb.com/myspace-users/>

Zandt, F. (2021). *The rise and fall of MySpace*. Statista. Consultado a 20 de abril de 2023 em <https://www.statista.com/chart/26176/estimated-number-of-myspace-users-at-key-milestones/>

## Apêndices

### Apêndice A

**Quadro 2** | Dados gerais da emissão e da análise dos 28 episódios do Jornal das 8 da TVI

<b>DATA</b>	<b>DIA DA SEMANA</b>	<b>DURAÇÃO</b>	<b>DIA DA ANÁLISE</b>	<b>TEMPO DA ANÁLISE</b>
24/02/22	Quinta-feira	01:55:08 (com publicidade)	13/02/23	Cerca de 5 horas
25/02/22	Sexta-feira	01:40:40 (com publicidade)	14, 15 e 16/02/23	Cerca de 4 horas
26/02/22	Sábado	1:15:56 (sem publicidade)	17/02/23	2 horas e 20 minutos
27/02/22	Domingo	1:18:04 (sem publicidade)	24 e 27/02/23	2 horas e 30 minutos
28/02/22	Segunda-feira	1:32:04 (sem publicidade)	27 e 28/02/23	Cerca de 3 horas
02/03/22	Quarta-feira	45:13 (sem publicidade)	13/03/23	1 hora e 45 minutos
03/03/22	Quinta-feira	1:32:15 (sem publicidade)	14, 15 e 21/03/23	2 horas e 35 minutos
04/03/22	Sexta-feira	1:33:21 (sem publicidade)	10, 11 e 13/04/23	3 horas e 30 minutos
05/03/22	Sábado	01:30:08 (com publicidade)	20/06/23	3 horas

06/03/22	Domingo	01:25:29 (sem publicidade)	19 e 20/07/23	2 horas e 30 minutos
07/03/22	Segunda- feira	01:31:24 (com publicidade)	1 e 8/08/23	2 horas e 15 minutos
08/03/22	Terça-feira	01:46:40 (com publicidade)	14/08/23	2 horas
09/03/22	Quarta-feira	29:01 (sem publicidade)	16/08/23	Cerca de 45 minutos
10/03/22	Quinta-feira	01:39:01 (com publicidade)	19/08/23	Cerca de 2 horas
11/03/22	Sexta-feira	01:39:34 (com publicidade)	19/08/23	Cerca de 2 horas
12/03/22	Sábado	01:19:33 (sem publicidade)	28/08/23	1 hora e 20 minutos
13/03/22	Domingo	01:17:37 (sem publicidade)	29/08/23	1 hora e 20 minutos
14/03/22	Segunda- feira	01:40:38 (com publicidade)	31/08/23	1 hora e 30 minutos
15/03/22	Terça-feira	29:35 (sem publicidade)	01/08/23	30 minutos
16/03/22	Quarta-feira	01:25:55 (sem publicidade)	03/09/23	1 hora e 30 minutos

17/03/22	Quinta-feira	01:28:01 (sem publicidade)	03/09/23	1 hora e 30 minutos
18/03/22	Sexta-feira	01:24:33 (sem publicidade)	03/09/23	1 hora e 30 minutos
19/03/22	Sábado	01:31:00 (com publicidade)	04/09/23	1 hora e 15 minutos
20/03/22	Domingo	01:21:36 (com publicidade)	11/09/23	1 hora e 20 minutos
21/03/22	Segunda- feira	01:37:46 (com publicidade)	12/09/23	1 hora e 20 minutos
22/03/22	Terça-feira	01:23:46 (sem publicidade)	14/09/23	1 hora e 25 minutos
23/03/22	Quarta-feira	01:26:38 (sem publicidade)	14/09/23	1 hora e 15 minutos
24/03/22	Quinta-feira	01:11:41 (sem publicidade)	14/09/23	1 hora e 10 minutos

### Apêndice B

**Quadro 3** | Dados específicos da emissão dos 28 episódios do Jornal das 8 analisados

<b>JORNAL DAS 8 DA TVI NO PRIMEIRO MÊS DA GUERRA ENTRE A UCRÂNIA E A RÚSSIA EM 2022</b>					
<b>DATA</b>	<b>DIA</b>	<b>NOMES</b>	<b>CATEGORIA</b>	<b>LOCAL</b>	<b>TIME CODE</b>
24/02/22		Sara Pinto	Pivô	Lisboa, Portugal	-

	<b>Quinta-feira</b>	Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	02:51-05:29 13:19-18:40 23:25-23:51 25:22-25:34 39:00-46:35 01:25:17-01:33:50 01:36:22-01:37:12 01:38:25-01:38:57
		Filipe Caetano e David Luz	Enviado especial e repórter de imagem	Dnipro, Ucrânia	09:31-10:43 18:41-20:55 01:33:51-01:36:20
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Bruxelas, Bélgica	11:07-12:17 27:42-28:45 01:37:13-01:38:22
		Ana Sofia Cardoso e David Luz	Enviada especial e repórter de imagem	Paris, França	36:59-38:55
		Luís Costa Ribas	Correspondente	Boston, Estados Unidos da América	07:17-8:53 31:41-33:47
		Óscar Cordeiro	Correspondente	Londres, Reino Unido	34:21-36:29
		João Póvoa Marinheiro	Jornalista	Lisboa, Portugal	01:14:49-01:17:49
		Anabela Jacinto	Jornalista Repórter	Lisboa, Portugal	47:22-51:05
		Embaixador Martins da Cruz	Convidado	Lisboa, Portugal	51:15-58:11
		Pedro Santos Guerreiro	Diretor Executivo da	Porto, Portugal	01:42:10-01:46:10

			CNN Portugal / Comentador		
		Joana Rita Almeida	Jornalista Repórter	Faro, Portugal	01:21:07-01:23:45
25/02/22	Sexta- feira	Sara Pinto	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	00:07-09:23 16:46-20:55 23:15-25:00 55:09-01:09:35 01:13:18-01:14:41 01:17:28-01:18:44
		Filipe Caetano e David Luz	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	09:23-14:04 01:14:42-01:17:27
		Cristina Reyna e José Chorão	Enviada especial e repórter de imagem	Rzeszow, Polónia	20:56-23:13 01:09:36-01:11:15
		Vasco Cotovio	Correspondente	Moscovo, Rússia	25:01-28:18
		João Póvoa Marinheiro	Jornalista / Comentador	Lisboa, Portugal	29:14-33:04
		Ricardo Pereira	Jornalista Repórter	Lisboa, Portugal	01:22:40-01:23:17
		General Leonel Carvalho	Convidado	Lisboa, Portugal	33:15-39:44
		Embaixador Seixas da Costa	Convidado	Lisboa, Portugal	01:25:38-01:35:28
		António Rodrigues	Convidado	Lisboa, Portugal	01:25:38-01:35:28

		(Conselho de Fiscalização do Sistema de Informações)			
<b>26/02/22</b>	<b>Sábado</b>	Sara Pinto	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial TVI e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	04:27-15:00 18:22-19:01 39:35-43:48
		João Póvoa Marinheiro	Jornalista / Comentador	Lisboa, Portugal	01:10:03-01:13:22
		Cristina Reyna e José Chorão	Enviada especial e repórter de imagem	Rzeszow, Polónia	15:02-18:21
		Vasco Cotovio	Correspondente	Moscovo, Rússia	25:31-29:20
		Óscar Cordeiro	Correspondente	Londres, Reino Unido	01:01:36-01:04:11
		Padre Natanael Harasym	Convidado	Lisboa, Portugal	49:22-58:06
		Major-General Agostinho Costa	Convidado	Lisboa, Portugal	19:17-25:23 29:30-32:27
		Embaixador Francisco Seixas da Costa	Convidado	Lisboa, Portugal	01:04:31-01:09:45
<b>27/02/22</b>	<b>Domingo</b>	Sara Pinto	Pivô	Lisboa, Portugal	-

		Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial TVI e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	01:17-13:17
		Luís Costa Ribas	Correspondente	Boston, Estados Unidos da América	20:22-22:50
		Cristina Reyna e José Chorão	Enviada especial TVI e repórter de imagem	Rzeszow, Polónia	26:00-29:00
		Augusto dos Santos Silva (Ministro dos Negócios Estrangeiros em Portugal)	Convidado	Videochamada	37:19-40:45
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	13:22-16:30 42:34-01:17:32
<b>28/02/22</b>	<b>Segunda-feira</b>	Sara Pinto	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial TVI e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	00:37-09:34 14:45-18:23 43:15-44:00
		Filipe Caetano e David Luz	Enviado especial TVI e repórter de imagem	Fronteira Roménia/Moldávia	09:35-11:46 53:41-56:32
		Cristina Reyna e José Chorão	Enviada especial TVI e repórter de imagem	Rzeszow, Polónia	12:04-14:44 48:19-51:22
		João Póvoa Marinheiro	Jornalista / Comentador	Lisboa, Portugal	33:45-40:05

		Major-General Carlos Branco	Convidado	Lisboa, Portugal	33:50-40:00
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	59:44-01:18:07
02/03/22	Quarta-feira	Sara Pinto	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Cristina Reyna e José Chorão	Enviada especial e repórter de imagem	Przemyśl, Polónia	12:40-16:32
		Filipe Caetano e David Luz	Enviado especial e repórter de imagem	Siret, Roménia	16:03-17:35
		João Gomes Cravinho (Ministro da Defesa de Portugal)	Convidado	Lisboa, Portugal	23:00-29:37
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	31:18-42:30
03/03/22	Quinta-feira	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	15:45-20:30
		Cristina Reyna e José Chorão	Enviada especial TVI e repórter de imagem	Przemyśl, Polónia	20:48-24:58
		Luís Costa Ribas	Correspondente	Washington D.C., Estados Unidos da América	26:12-29:05

		António Vitorino (Diretor-geral da Organização Internacional para as Migrações)	Convidado	Videochamada	32:24-38:58
		Coronel Mendes Dias	Convidado	Lisboa, Portugal	41:16-48:14
		Pedro Mourinho	Jornalista / Convidado	Lisboa, Portugal	56:18-01:09:30
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	01:10:14-01:30:12
<b>04/03/22</b>	<b>Sexta-feira</b>	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Judite de Sousa e André Lico	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	00:12-02:22 04:04-09:17 38:30-46:20 48:50-49:39
		Cristina Reyna (e José Chorão)	Enviada especial e repórter de imagem	Przemysł, Polónia	06:33-08:50
		Pedro Benevides	Enviado especial	Bruxelas, Bélgica	27:50-30:02
		José Manuel Durão Barroso (Ex-presidente da Comissão Europeia)	Convidado	Lisboa, Portugal	30:03-37:41
		André Carvalho	Enviado especial e	Siret, Roménia	46:34-48:54

		Ramos e Ricardo Silva	repórter de imagem		
		Luís Varela de Almeida	Jornalista / Comentador	Lisboa, Portugal	50:02-58:30
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	01:10:15-01:30:25
<b>05/03/22</b>	<b>Sábado</b>	José Alberto de Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	00:21-03:02 17:17:18:25 20:59-21:33 24:08-24:20
		Judite de Sousa e André Lico	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	10:10-16:17
		Cristina Reyna e José Chorão	Enviada especial e repórter de imagem	Medyka, Polónia	33:35-35:50
		André Carvalho Ramos e Ricardo Silva	Enviado especial e repórter de imagem	Siret, Roménia	36:52-38:40
		Major-General Carlos Branco	Convidado	Lisboa, Portugal	01:04:44-01:11:12
<b>06/03/22</b>	<b>Domingo</b>	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	00:44-01:18 11:06-12:41 15:56-17:15 48:34-49:34

		Judite de Sousa e André Lico	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	01:37-02:20 17:41-18:16
		Cristina Reyna e José Chorão	Enviada especial e repórter de imagem	Medyka, Polónia	24:58-26:53
		André Carvalho Ramos e Ricardo Silva	Enviado especial e repórter de imagem	Siret, Roménia	29:28-31:39
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	52:54-01:25:29
<b>07/03/22</b>	<b>Segunda-feira</b>	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial TVI e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	04:04-05:30 53:56-57:31 01:26:22-01:31:15
		Judite de Sousa e André Lico	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	05:48-06:53 36:57-41:23
		Pedro Mourinho	Jornalista	Lisboa, Portugal	07:13-08:52
		Cristina Reyna e José Chorão	Enviada especial e repórter de imagem	Medyka, Polónia	42:18-45:02
		André Carvalho Ramos e Ricardo Silva	Enviado especial e repórter de imagem	Siret, Roménia	47:20-53:09

		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	01:02:40-01:20:45
<b>08/03/22</b>	<b>Terça-feira</b>	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	02:20-03:55 01:10:01-01:13:00 01:14:55-01:15:38
		Judite de Sousa e André Lico	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	00:57-01:23 01:19:33-01:20:45
		Pedro Mourinho	Jornalista	Lisboa, Portugal	27:40-32:06
		Pedro Santos Guerreiro	Diretor-executivo da CNN Portugal / Comentador	Lisboa, Portugal	10:45-13:15
		Luís Costa Ribas	Correspondente	Boston, Estados Unidos da América	24:05-25:25
		Paulo Fonseca	Convidado	Lisboa, Portugal	59:37-01:13:54
		Cristina Reyna e José Chorão	Enviada especial e repórter de imagem	Przemsyl, Polónia	01:24:05-01:26:01
		André Carvalho Ramos e Ricardo Silva	Enviado especial e repórter de imagem	Quichinau, Moldávia	01:29:16-01:30:17
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	01:32:49-01:46:29
<b>09/03/22</b>	<b>Quarta-feira</b>	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-

		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	13:48-15:25
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	15:47-26:00
10/03/22	Quinta-feira	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Judite de Sousa e André Lico	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	04:43-08:28 (com reportagem)
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	18:15-18:58 58:20-01:02:03 (com reportagem)
		Coronel Mendes Dias	Convidado	Lisboa, Portugal	36:00-43:12
		Pedro Santos Guerreiro	Diretor-executivo da CNN Portugal / Comentador	Lisboa, Portugal	52:10-57:23
		André Carvalho Ramos e Ricardo Silva	Enviado especial e repórter de imagem	Siret, Roménia	01:06:59-01:10:48
		Margarida Neves de Sousa e Michael Dias	Enviada especial e repórter de imagem	Przemsyl, Polónia	01:02:49-01:06:37 (com reportagem)
		Paula Caeiro Varela	Jornalista Repórter	Azambuja, Portugal	46:54-48:57

		António Pereira Gonçalves	Jornalista Repórter	Leiria, Portugal	49:16-51:29 (com entrevistas)
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	01:15:01-01:32:50
11/03/22	Sexta-feira	Sara Pinto	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Judite de Sousa e André Lico	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	10:03-11:10
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	08:20-09:36 01:00:27-01:01:48
		Coronel Mendes Dias	Convidado	Lisboa, Portugal	43:40-51:15
		Pedro Santos Guerreiro	Diretor-executivo da CNN Portugal / Comentador	Lisboa, Portugal	54:57-59:18
		Margarida Neves de Sousa e Michael Dias	Enviada especial e repórter de imagem	Przemsyl, Polónia	01:02:13-01:04:08
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	01:14:49-01:31:30
12/03/22	Sábado	Sara Pinto	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Judite de Sousa e André Lico	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	05:32-06:14
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	03:09-05:01 47:15-53:53 (com reportagem)

		Coronel Mendes Dias	Convidado	Lisboa, Portugal	14:55-22:00
		Pedro Santos Guerreiro	Diretor-executivo da CNN Portugal / Comentador	Lisboa, Portugal	35:55-39:09
		Margarida Neves de Sousa e Michael Dias	Enviada especial e repórter de imagem	Przemsyl, Polónia	28:42-32:12 (com reportagem)
		Rui Santos	Comentador	Lisboa, Portugal	56:19-01:04:53
<b>13/03/22</b>	<b>Domingo</b>	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Judite de Sousa e André Lico	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	03:54-05:05
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	16:26-20:17 (com reportagem)
		Margarida Neves de Sousa e Michael Dias	Enviada especial e repórter de imagem	Medyka, Polónia	34:15-36:40
		André Carvalho Ramos e Ricardo Silva	Enviado especial e repórter de imagem	Odessa, Ucrânia	30:57-33:09
		Major-General Agostinho Costa	Convidado	Lisboa, Portugal	20:25-28:53

		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	44:50-01:16:53
14/03/22	Segunda-feira	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	10:54-15:52 (com reportagem)
		Ana Sofia Cardoso e David Luz	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	21:45-24:38 (com perguntas)
		Major-General Agostinho Costa	Convidado	Lisboa, Portugal	37:50-47:50
		Família ucraniana	Convidada	Lisboa, Portugal	01:02:57-01:12:45
		André Carvalho Ramos e Ricardo Silva	Enviado especial e repórter de imagem	Odessa, Ucrânia	01:13:53-01:17:40 (com reportagem)
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	01:18:00-01:33:40
15/03/22	Terça-feira	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	03:38-04:53
		Ana Sofia Cardoso e David Luiz	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	11:41-13:25
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	18:43-28:33

<b>16/03/22</b>	<b>Quarta-feira</b>	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	11:44-15:19 (com reportagem)
		Coronel Mendes Dias	Convidado	Lisboa, Portugal	23:14-31:14
		Ana Sofia Cardoso e David Luiz	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	39:39-43:29 (com reportagem)
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	56:52-01:16:22
<b>17/03/22</b>	<b>Quinta-feira</b>	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	10:14-16:07 (com reportagem)
		Ana Sofia Cardoso e David Luiz	Enviado especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	16:21-17:53
		Coronel Mendes Dias	Convidado	Lisboa, Portugal	27:40-34:30
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	37:30-57:34
		Pedro Santos Guerreiro	Diretor Executivo da CNN Portugal / Comentador	Lisboa, Portugal	01:04:58-01:10:35
<b>18/03/22</b>		Sara Pinto	Pivô	Lisboa, Portugal	-

	<b>Sexta-feira</b>	Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	04:59-07:30 (com perguntas)
		Ana Sofia Cardoso e David Luz	Enviado especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	09:55-18:24 (com reportagem e perguntas)
		Coronel Mendes Dias	Convidado	Lisboa, Portugal	30:20-34:45
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	01:00:38-01:21:44
<b>19/03/22</b>	<b>Sábado</b>	Sara Pinto	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	00:00-25:17 (apresenta) 01:12:32-01:14:39
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	13:35-18:20 (com reportagem)
		Ana Sofia Cardoso e David Luz	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	18:42-24:17 (com reportagem)
		Coronel Mendes Dias	Convidado	Lisboa, Portugal	25:36-30:39
		Luís Santos	Comentador	Lisboa, Portugal	01:23:38-01:29:35
<b>20/03/22</b>	<b>Domingo</b>	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	17:03-24:00

		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	24:04-27:27
		Ana Sofia Cardoso e David Luz	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	31:00-35:53 (com reportagem)
		João Fernando Ramos e Nuno Santos	Enviado especial e repórter de imagem	Przemyśl, Polónia	36:23-40:25 (com reportagem)
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	50:20-01:21:07
21/03/22	Segunda-feira	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	03:19-12:31 (com reportagem) 17:58-20:06
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	12:34-16:30 (com reportagem)
		Ana Sofia Cardoso e David Luz	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	20:07-25:00 (com reportagem)
		João Fernando Ramos e Nuno Santos	Enviado especial e repórter de imagem	Fronteira Polónia/Bielorrússia	25:24-29:03 (com reportagem)
		Major-General	Convidado	Lisboa, Portugal	01:06:08-01:13:20

		Agostinho Costa (Vice-presidente da Eurodefense em Portugal)			
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	01:16:02-01:36:30
22/03/22	Terça-feira	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	03:14-05:00
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	05:30-06:27
		Carla Rodrigues e João Franco	Enviada especial e repórter de imagem	Odessa, Ucrânia	10:00-15:29
		Ana Sofia Cardoso e David Luz	Enviada especial e repórter de imagem	Lviv, Ucrânia	15:47-17:33
		João Fernando Ramos e Nuno Santos	Enviado especial e repórter de imagem	Medyka, Polónia	18:08-20:14
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	58:38-01:20:35
23/03/22	Quarta-feira	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Maria João Avillez e	Convidada e jornalista	Lisboa, Portugal	10:15-18:58

		Paulo Magalhães			
		Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	28:09-33:25 (com reportagem)
		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	33:57-37:56 (com reportagem)
		Carla Rodrigues e João Franco	Enviada especial e repórter de imagem	Odessa, Ucrânia	40:32-45:53 (com reportagem)
		João Fernando Ramos e Nuno Santos	Enviado especial e repórter de imagem	Przemyśl, Polónia	46:16-47:48
		Pedro Bello Moraes	Enviado especial	Bruxelas, Bélgica	50:16-52:09
		Pedro Benevides	Enviado especial	Bruxelas, Bélgica	52:46-53:43
		Paulo Portas	Comentador	Lisboa, Portugal	01:03:33-01:25:15
<b>24/03/22</b>	<b>Quinta-feira</b>	José Alberto Carvalho	Pivô	Lisboa, Portugal	-
		Pedro Bello Moraes	Enviado especial	Bruxelas, Bélgica	02:37-09:43 (com reportagem)
		Pedro Benevides	Enviado especial	Bruxelas, Bélgica	11:49-14:55 (com intervenções)
		Pedro Mourinho e Nuno Quá	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	34:14-38:38 (com reportagem)

		Pedro Moreira e Tiago Ferreira	Enviado especial e repórter de imagem	Kiev, Ucrânia	39:08-43:00 (com reportagem)
		Carla Rodrigues e João Franco	Enviada especial e repórter de imagem	Odessa, Ucrânia	43:17-46:43 (com reportagem)
		João Fernando Ramos e Nuno Santos	Enviado especial e repórter de imagem	Varsóvia, Polónia	47:02-49:55 (com reportagem)
		Coronel Mendes Dias	Convidado	Lisboa, Portugal	58:48-01:04:09

### Apêndice C

**Quadro 4** | Análise descritiva dos 28 episódios do Jornal das 8 analisados

O PRIMEIRO MÊS DA GUERRA ENTRE A UCRÂNIA E A RÚSSIA, EM 2022, NO JORNAL DAS 8 DA TVI		
DATA	DIA	RESUMO
24/02/22	Quinta-feira	<p>⇒ Direto de Pedro Mourinho, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 57 mortos e 169 feridos.</li> </ul> <p>⇒ 83 bases militares ucranianas destruídas pelos russos.</p> <p>⇒ Reunião de emergência, em Bruxelas, para aplicação de sanções económicas à Rússia na noite do primeiro dia de ataque – Cimeira de Emergência de Líderes Europeus.</p> <p>⇒ Enormes filas para os supermercados, abastecimento, farmácias e multibancos na Ucrânia.</p> <p>⇒ Milhares de pessoas manifestaram-se contra a guerra em Moscovo, na Rússia, e foram detidas.</p> <p>⇒ 48% da população ucraniana está disposta a lutar pelo país.</p> <p>⇒ Há mais de 44 milhões de ucranianos a viver na Ucrânia.</p> <p>⇒ Milhares de ucranianos fogem das mais diversas formas: De carro (grandes filas de trânsito e engarrafamento), à boleia, a pé, de autocarro e de comboio.</p>

- ⇒ **25:45: “(...) e também pela internet. Esta será pela primeira vez uma guerra em solo europeu presenciada, em direto, também nas redes sociais. Os relatos publicados impressionam e dão-nos uma ideia mais clara do que está a ser vivido. (...)” - Sara Pinto.**
- ⇒ **26:29: “As imagens publicadas nas redes sociais dão conta das movimentações militares russas que começaram às primeiras horas da manhã. (...)” – Andreia Jorge Luís (Texto de reportagem).**
- ⇒ 28:17: “(...) os 27 garantem: Será o maior pacote de sanções da história (...)” – Pedro Moreira.
- ⇒ 28:39: “(...) descrita por muitos líderes europeus como uma das horas mais sombrias na Europa desde a segunda guerra mundial (...)” – Pedro Moreira.
- ⇒ Foram lançados mais de 100 mísseis russos.
- ⇒ Há mais de 1400 russos detidos nas manifestações contra a guerra.
- ⇒ O Kremlin aceitou negociar com a Ucrânia.
- ⇒ 33:53: “(...) no fundo, todos nós sofreremos também consequências dessas sanções económicas (...)” – Sara Pinto.
- ⇒ 34:27: “(...) vários ucranianos se juntaram (...)”: Muito choro e preocupação, em Londres, pelos familiares que estão na Ucrânia – Óscar Cordeiro.
- ⇒ Governo britânico pretende congelar os ativos dos principais bancos russos no Reino Unido, e impedir oligarcas (100) e aviões russos de entrarem no país. As empresas britânicas estão impedidas de falar com os russos e a exportação de alta tecnologia e refinaria para a Rússia será proibida.
- ⇒ Reino Unido, Polónia, Estónia e Leste da Europa reforçam meios militares.
- ⇒ Ucranianos em fuga chegam à Polónia e ao Chipre.
- ⇒ Governo polaco cria centros de refugiados na fronteira com a Ucrânia.
- ⇒ Metro de Kiev é local de abrigo para os ucranianos que procuram resguardar-se dos bombardeamentos: É um dos metros mais fundos do mundo. Pedro Mourinho e Nuno Quá fizeram reportagem e mostraram as pessoas com malas e prontas para fugir.
- ⇒ 43:50: Mencionada e explicada lei marcial que foi imposta no país.
- ⇒ Ucrânia fechou o espaço aéreo à Rússia e cortou relações com Moscovo.
- ⇒ Vladimir Putin ameaça retaliar se a operação russa for travada.
- ⇒ Na Ucrânia ouvem-se, várias vezes, as sirenes que anunciam ataques iminentes.
- ⇒ Os caças dos Estados Unidos da América chegaram à Base das Lajes, nos Açores: Duas esquadrilhas de F-15 que demonstram a grande crise internacional que se inicia.
- ⇒ Solidariedade em Portugal: Vigília simbólica em frente à Embaixada da Ucrânia, em Lisboa. A câmara de Lisboa foi iluminada com as cores da Ucrânia, o azul e o amarelo. São formas de apelar ao fim da guerra.
- ⇒ Russos já controlam a central nuclear de Chernobyl.
- ⇒ Há registos de várias explosões em muitas cidades ucranianas.
- ⇒ Conselho Superior de Defesa Nacional de Portugal deu parecer positivo para a eventual participação de meios militares portugueses.
- ⇒ 01:13:36: António Costa afirma que a NATO não irá intervir na Ucrânia.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ 01:16:50: João Póvoa Marinheiro explica, no quadro interativo, o ataque feito por vários lados à Ucrânia: Leste, Crimeia, Odessa, Bielorrússia e Norte.</li> <li>⇒ Embaixada portuguesa ajuda ucranianos a saírem do país.</li> <li>⇒ Paulo Fonseca, treinador português de futebol, encontra-se retido na Ucrânia, onde treina uma equipa ucraniana, com a família.</li> <li>⇒ Portugal quer receber refugiados ucranianos.</li> <li>⇒ <b>01:21:22: “(...) têm acompanhado todos os desenvolvimentos através das redes sociais (...)” - Joana Rita Almeida.</b></li> <li>⇒ Famílias ucranianas apelam por apoio de Portugal.</li> <li>⇒ Estados Unidos da América dizem que os russos estão perto de Kiev.</li> <li>⇒ Há manifestações, nas principais cidades do mundo, pela Ucrânia livre – Manifestantes antiguerra pedem mais sanções.</li> <li>⇒ 01:30:15: “Putin diz que “(...) a Ucrânia moderna foi inteiramente criada pela Rússia (...)”.</li> <li>⇒ 01:31:30: Resumo da história da vida de Putin: Sucede a Boris Yeltsen e já invadiu a Chechénia, a Geórgia, anexou a Crimeia e levou aos protestos em Kiev.</li> <li>⇒ Intervenção de Pedro Santos Guerreiro.</li> <li>⇒ O recolher obrigatório foi imposto na Ucrânia.</li> <li>⇒ Impacto das sanções económicas: Bolsas em queda e preço da energia, do petróleo e dos combustíveis dispararam.</li> </ul>
25/02/22	Sexta-feira	<ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ Cerco a Kiev iminente.</li> <li>⇒ Forte ataque e grande destruição da central termoelétrica de Kiev.</li> <li>⇒ 174 militares portugueses enviados para a Roménia para exercícios de combate e reforço de meios.</li> <li>⇒ Os russos estão a 30 ou 40 km da capital Kiev.</li> <li>⇒ A força de resposta da NATO foi ativada pela primeira vez na história.</li> <li>⇒ União Europeia aprova congelamento de bens de Putin e de Lavrov.</li> <li>⇒ As tropas russas estão a ser helitransportadas para diversas partes da Ucrânia.</li> <li>⇒ 2800 mortos e 80 tanques, 516 veículos blindados, 10 aviões e 7 helicópteros abatidos.</li> <li>⇒ Putin pretende que ucranianos deponham o presidente Zelensky.</li> <li>⇒ Kharkiv é uma das cidades ucranianas mais atacadas.</li> <li>⇒ Russos estão a disparar sobre ambulâncias em socorro de feridos.</li> <li>⇒ Mais de 50 mil ucranianos já deixaram o país.</li> <li>⇒ Os repórteres da TVI dão conta de que as cidades estão desertas e que se sente o medo e o stress de quem fica (staff dos hotéis, por exemplo).</li> <li>⇒ Há vários pontos de controlo nas estradas da Ucrânia, feitos pela população e pelos militares.</li> <li>⇒ A lei marcial indica que apenas se pode abastecer até 20 litros de combustível. Já não há combustível em algumas bombas da cidade.</li> <li>⇒ Uma família portuguesa a viver na Ucrânia está a tentar fugir, não obtendo resposta para ajuda do governo.</li> <li>⇒ Portugal oferece casa e trabalho a refugiados ucranianos.</li> <li>⇒ Roménia e Polónia são os principais pontos de fuga dos ucranianos.</li> <li>⇒ Polónia vai fechar o espaço aéreo a companhias russas.</li> </ul>

- ⇒ São esperados 1 milhão de refugiados ucranianos na Polónia.
- ⇒ Direto de Pedro Mourinho, em Kiev, na Ucrânia:
  - Ouvidas 4 explosões em Kiev.
- ⇒ Os protestos em Moscovo e em São Petersburgo continuaram, mas mais pequenos porque Putin criou leis que exigem uma autorização para os cidadãos se manifestarem. Essa autorização tem de ser pedida 15 dias antes, o que torna impossível as manifestações contra a guerra. Os manifestantes são, por isso, detidos dada a ilegalidade dos protestos, e arriscam coimas e penas de prisão altas.
- ⇒ Os russos já atacaram 211 alvos ucranianos.
- ⇒ Foram lançados mísseis balísticos e mísseis de cruzeiro em Lviv, Odessa e Kharkiv. Há tropas a norte, em Obolon. Foi registado um tiroteio perto do parlamento e do palácio presidencial. As forças especiais russas chegaram a Chernigov.
- ⇒ A base aérea de Boryspil foi atacada.
- ⇒ Na cidade de Sumy foi atingido um infantário.
- ⇒ As tropas russas tentam avançar para Kiev através do aeroporto de Antonov, no noroeste. Houve uma batalha acesa em Hostomel.
- ⇒ Em Ivankiv, os ucranianos destruíram uma ponte para travar as tropas russas vindas da Bielorrússia. Russos já detém Chernobyl na totalidade.
- ⇒ Os militares russos já chegaram a Kiev.
- ⇒ A Ucrânia diz que o ataque russo em Kiev não foi bem sucedido.
- ⇒ Os civis ucranianos estão prontos para lutar com armas.
- ⇒ Já morreram 3 mil soldados ucranianos e foram abatidos 80 tanques, 500 blindados e 10 aviões.
- ⇒ O autarca de Kiev alerta para o perigo de combate durante a noite. Há sirenes constantes em várias cidades.
- ⇒ Ouvem-se os sons da artilharia pesada e de armas aéreas.
- ⇒ Vários ucranianos pedem boleia nas estradas para tentarem sair do país.
- ⇒ O metro de Kiev abriga pessoas e animais de estimação.
- ⇒ Alguns civis ucranianos andam armados na rua pela própria segurança e segurança das famílias.
- ⇒ Na ilha das Serpentes, uma ilha no Mar Negro, 13 soldados ucranianos recusaram a rendição aos russos e acabaram mortos.
- ⇒ **01:04:25: “(...) um conflito que, pela primeira vez, é seguido em direto nas redes sociais com testemunhos, pequenos textos, que vão sendo publicados por quem vê estes atos de guerra, ou também pequenos vídeos, muitas vezes sem qualquer contexto, mas que chegam para ilustrar o que se passa, de facto, no terreno, e são imagens que vão marcando esta invasão russa na Ucrânia (...)” - Pedro Mourinho.**
- ⇒ **01:05:51: “(...) relatos impressionantes que vão inundando as redes sociais e chegam de cada esquina (...)” – Texto de reportagem.**
- ⇒ **01:06:14: “(...) foi nas redes sociais que já hoje foram vistas as imagens da tomada de Chernobyl (...)” – Pedro Mourinho.**
- ⇒ O nível de radiação em Chernobyl subiu. Os russos conquistaram primeiramente este local como ponto estratégico: Aqui podem montar uma base militar segura porque os ucranianos sabem que não a podem bombardear.
- ⇒ Vão ser montados quatro pontos para receber refugiados na Polónia.

		<p>⇒ União Europeia congela todos os bens de Putin.</p> <p>⇒ O ator norte-americano Sean Penn encontra-se a gravar um documentário sobre a guerra na Ucrânia.</p>
26/02/22	Sábado	<p>⇒ As tropas ucranianas travaram o avanço das tropas russas em Kiev e no sul do país ao terceiro dia de guerra.</p> <p>⇒ Há recolher obrigatório em Kiev das 17h às 8h.</p> <p>⇒ A maioria dos hóspedes dos hotéis são jornalistas: Pedro Mourinho mostra os carros que dizem “<i>press</i>” no parque de estacionamento do hotel onde se encontra.</p> <p>⇒ Os hotéis estão a improvisar bunkers para as horas de recolher obrigatório: Há água e comida, embora tudo racionado, o que mostra a crise de guerra que está a ser vivida na Ucrânia.</p> <p>⇒ Paraquedistas russos, sem grande armamento, tentam chegar a Kiev.</p> <p>⇒ A população ucraniana está sem abastecimento de água potável.</p> <p>⇒ Há um forte combate em Kherson por uma ponta estratégica.</p> <p>⇒ Enquanto as mães ucranianas fogem com os filhos, os pais são obrigados a lutar. A lei marcial obriga homens entre os 18 e os 60 anos a alistarem-se para lutarem ao lado dos militares.</p> <p>⇒ A Hungria é um lugar de fuga para refugiados ucranianos.</p> <p>⇒ As mulheres ucranianas confiam os filhos a pessoas que não conhecem para que consigam fugir do país mesmo sem elas. É difícil saírem todos porque são muitas pessoas.</p> <p>⇒ Mais de 150 mil ucranianos já fugiram para países vizinhos que fazem parte das Nações Unidas.</p> <p>⇒ A Polónia, a Hungria, a Moldávia e a Roménia estão a receber milhares de refugiados ucranianos e a facilitar-lhes a entrada no país.</p> <p>⇒ Há 4 campos de refugiados na Polónia. A entrada é, contudo, demorada por conta da logística: Todas as pessoas têm de ficar registadas. Estas podem ficar durante três meses no país, recorrendo ao asilo ou ao estatuto de refugiado. Há muitos ucranianos com família na Polónia, já que 2 milhões de ucranianos trabalham lá.</p> <p>⇒ Os guardas fronteiriços já entraram e saíram, pelo menos, 6 vezes para o lado ucraniano para ajudarem pessoas que estão sozinhas.</p> <p>⇒ É a noite mais intensa de bombardeamentos e de tiros em Kiev: Pedro Mourinho e Nuno Quá foram obrigados a mudar de local para fazerem os diretos.</p> <p>⇒ Uma bandeira russa foi hasteada numa esquadra de polícia em Melitopol.</p> <p>⇒ A Rússia diz que tentou negociar, mas que os ucranianos recusaram e, por isso, continuaram com o ataque.</p> <p>⇒ A invasão russa não está a correr como o esperado. A NATO acha que a Rússia está com problemas de logística, tais como falta de combustível e falhas nas linhas de apoio e abastecimento, por isso precisaram de fazer uma pausa no ataque. No entanto, o Kremlin diz que apenas fizeram uma pausa no ataque para negociar.</p> <p>⇒ Os russos continuam a avançar, e já danificaram vários equipamentos militares- 821 infraestruturas militares de guerra, alvos e cidades destruídas.</p> <p>⇒ <b>29:09: “(...) vídeos que acabam por ser postados nas redes sociais, os russos estão a sofrer algumas baixas (...)” - Vasco Cotovio.</b></p>

- ⇒ A Rússia limitou a circulação aérea à Bulgária, à Polónia e à República Checa.
- ⇒ A Finlândia e a Suécia foram ameaçadas pela Rússia. Se entrassem para a NATO, iriam sofrer consequências.
- ⇒ Comentário do Major-General Agostinho Costa:
  - Nenhuma das partes está a impedir os jornalistas de trabalharem. Todos se movimentam à vontade, até mesmo aqueles que estão no lado russo. Esta é uma prova de que a atual guerra é híbrida, onde a decisão é feita nas opiniões públicas e “aqui”.
  - A zona de Kharkiv serve para fixar forças.
  - Se a NATO entrar na guerra, as consequências serão ainda mais gravosas para a Europa.
  - Ataques secundários servem para fixar forças.
- ⇒ Os políticos ucranianos estão a pedir para que os civis reforcem a resistência. Petro Poroshenko, ex-presidente da Ucrânia, enfrenta as tropas russas ao lado dos militares ucranianos.
- ⇒ O recolher obrigatório mantém-se até segunda-feira.
- ⇒ Presidente Zelensky pede mais munições.
- ⇒ Os civis ucranianos que não cumpram o recolher obrigatório são detidos.
- ⇒ Em Donetsk já não há água. Mesmo sendo parte dos russos, os ataques à região continuam.
- ⇒ 48 portugueses saíram da Ucrânia para a Roménia e para a Moldávia. Estes serão repatriados de avião, nos próximos dias, para Portugal. O primeiro grupo, com 35 pessoas, saiu para Bucareste, e o segundo grupo saiu com 13 pessoas para a Moldávia, em direção à Roménia.
- ⇒ Há 40 portugueses ainda na Ucrânia. 14 já pediram ajuda às autoridades portuguesas para saírem do país.
- ⇒ SEF suspendeu a atribuição de vistos *gold* a cidadãos russos, além dos bens já congelados.
- ⇒ Há uma campanha de desinformação por parte das autoridades russas, nomeadamente, sobre notícias que dão conta de que a Ucrânia não quis iniciar conversações com a Rússia.
- ⇒ A NATO está a apoiar a Ucrânia de diversas formas, como com equipamento militar e de natureza defensiva.
- ⇒ **40:00: “(...) tornou-se popular, sobretudo, na televisão e nas redes sociais onde agora se mostra como um símbolo da resistência ucraniana (...)” - Pedro Mourinho.**
- ⇒ **40:15: “(...) e com ajuda das redes sociais está a construir uma imagem de resistência na Ucrânia invadida (...)” – Texto de reportagem.**
- ⇒ Resumo da vida de Zelensky: Antigo ator e comediante.
- ⇒ 41:14: “(...) discursos que se tornaram virais na internet (...)” - Reportagem sobre o filme em que Zelensky participou, representando um professor de história que se torna, inesperadamente, presidente de um país.
- ⇒ Zelensky, com 44 anos, ganhou as eleições em 2019, sem qualquer experiência na política. Na segunda volta contra Poroshenko, o presidente ucraniano da altura, ganhou com mais de 73% dos votos. O presidente começou o mandato com uma grave crise económica, relações difíceis

		<p>com a Rússia (apesar do Kremlin ter apoiado a sua candidatura), envolvimento nos “<i>Panama Papers</i>” e no processo de <i>impeachment</i> de Trump.</p> <p>⇒ <b>42:10: É referido um vídeo de Instagram.</b></p> <p>⇒ Cordão pela paz, em Lisboa, em frente ao Palácio de Belém. Marcelo Rebelo de Sousa, presidente da República de Portugal, juntou-se e agradeceu a solidariedade do povo português com a Ucrânia.</p> <p>⇒ Cidadãos ucranianos juntaram-se em protesto em Albufeira, no Algarve. Estes relataram o que se está a passar nas suas cidades natais. A eles juntaram-se cidadãos portugueses.</p> <p>⇒ Há protestos contra a guerra e solidários com a Ucrânia em todo o mundo: Rússia, onde os manifestantes têm sido detidos; Londres, junto à embaixada russa; Roma; Paris; Lisboa; Madrid; Tóquio; Taiwan (russos e ucranianos) e vários outros.</p> <p>⇒ 3500 mortos ucranianos ainda por confirmar.</p> <p>⇒ O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, anuncia um vasto pacote de sanções à Rússia: 5 bancos e 3 oligarcas russos (Gennady Timchenko, Boris Rotenberg e Igor Rotenberg) - proibidos de viajar para o Reino Unido, com contas bancárias no país congeladas e impedidos de fazer negócios com empresas e cidadãos britânicos. Estes estão envolvidos na política russa para destabilizar a Ucrânia, sendo que são muito próximos de Putin (amigos, inclusive).</p> <p>⇒ Abramovich deixa o clube de futebol Chelsea, do qual era detentor, a uma fundação e aos gestores devido à ligação a Putin.</p> <p>⇒ Zinchenko e Mykolenko, jogadores ucranianos de futebol, protagonizaram um momento emocionante durante um jogo da primeira liga inglesa, abraçando-se.</p> <p>⇒ Intervenção de João Póvoa Marinho, com quadro interativo: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dois epicentros de ataque da madrugada: Troieshchyna (na margem leste do rio Dniepre, a cerca de 15 km do centro da capital) e Peremohy Avenue (bairro a 10 km do centro, perto da Avenida da Vitória).</li> <li>• Na faixa ocidental, os russos tentam chegar a uma central termoelétrica para cortar serviços como a eletricidade. Foram ouvidos tiros e explosões fortes. Cinco veículos militares russos foram abatidos pelos ucranianos, inclusive um tanque.</li> <li>• Na praça Maiden foi ouvido um grande tiroteio: Militares russos vieram da base aérea de Hostomel e Obolon.</li> <li>• Arredores de Kiev com um grande teatro de violência por outra base aérea: Militares ucranianos destruíram dois aviões de carga com dezenas de paraquedistas.</li> </ul> </p> <p>⇒ Jogadores brasileiros de futebol a jogar na Ucrânia fugiram com as famílias ao fim de três dias num bunker em Kiev.</p>
27/02/22	Domingo	<p>⇒ Registo de bombardeamentos em várias cidades ucranianas.</p> <p>⇒ Há uma coluna militar russa com mais de 5 km, vinda do norte, em direção a Kiev. Estão a 60 km.</p> <p>⇒ É a pior noite do conflito.</p> <p>⇒ Há uma aproximação entre ucranianos e Moscovo nas negociações. Marcadas para a manhã de dia 28 na margem do rio Pripiat, na fronteira com a Bielorrússia, o país que vai conduzir as negociações.</p>

- ⇒ Putin ameaça com armas nucleares para colocar pressão à Ucrânia.
- ⇒ Há registo de bombardeamentos a depósitos de combustível.
- ⇒ O deputado ucraniano Sviatoslav Yurash e outros civis ucranianos juntaram-se aos militares.
- ⇒ Civis ucranianos estão a fazer *cocktails molotov* para a defesa do país.
- ⇒ Civis ucranianos estão a fazer barreira e frente a blindados russos.
- ⇒ Kiev já recuperou o controlo de Kharkiv.
- ⇒ **11:11: “(...) imagens como esta têm estado a circular nas redes sociais (...)” – Texto de reportagem.**
- ⇒ A Rússia diz que já atingiu 1000 alvos militares.
- ⇒ Milícias populares ucranianas estão a tentar encontrar sabotadores dentro das comunidades na Ucrânia.
- ⇒ União Europeia financia, pela primeira vez na história, armas e outro equipamento à Ucrânia, e fecha espaço aéreo a aviões detidos, registados ou controlados por russos. Algumas sanções estão também a ser aplicadas à Bielorrússia, aliada do Kremlin na ofensiva.
- ⇒ Estados Unidos da América oferecem 50 milhões de euros à Ucrânia.
- ⇒ Bruxelas propõe usar o Fundo Europeu da Paz para financiar a compra de armas, combustível, equipamentos de proteção e material médico para a Ucrânia.
- ⇒ Os meios de comunicação social do Kremlin foram banidos da União Europeia (Russia Today, Sputnik e subsidiárias). São considerados instrumentos de propaganda e de desinformação.
- ⇒ Exclusão dos principais bancos russos do sistema SWIFT e congelamento dos ativos do Banco Central Russo – 600 mil milhões de dólares fora do alcance de Moscovo, uma forma de impedir que Putin aceda aos fundos que iriam permitir financiar a guerra.
- ⇒ Alargados apoios aos países que estão a receber refugiados ucranianos.
- ⇒ Alemanha aumenta, significativamente, o orçamento da defesa militar: Mais de 2% do PIB anual do país. O próprio vai enviar armas para a Ucrânia.
- ⇒ Joe Biden, presidente dos Estados Unidos da América, está em contacto frequente com algumas fontes para saber mais sobre a guerra.
- ⇒ Presidente Zelensky telefonou a Marcelo Rebelo de Sousa, agradecendo o apoio de Portugal. **Abordou também o assunto no Twitter.**
- ⇒ A pressão para sair da Ucrânia é cada vez maior, sendo que o espaço aéreo ucraniano está fechado para civis.
- ⇒ As filas para sair da Ucrânia chegam a atingir os 35 km.
- ⇒ Na Roménia, o processo de entrada dos refugiados ucranianos é mais fácil.
- ⇒ Mais de 350 mil ucranianos já saíram do país.
- ⇒ Direto de Cristina Reyna, na fronteira da Polónia com a Ucrânia:
  - À estação de comboios de Przemysł chegaram dois comboios: 2000 pessoas no primeiro comboio, e do segundo ainda estão a sair – crianças, avós, senhoras de cadeira de rodas e famílias inteiras que se refugiam nesta estação.
  - Há um advogado alemão na fronteira com a Polónia para ajudar com a documentação dos refugiados ucranianos. É um exemplo de ajuda.

		<p>⇒ Os protestos contra a guerra continuam. Em São Petersburgo, a terra natal de Putin, já se contam mais detenções com recurso à força. Em Berlim juntaram-se mais de 100 mil pessoas, e em Tel Aviv, em Israel, juntaram-se mais de 10 mil israelitas. Noutras cidades como Paris, Londres, Roma, Atenas e Nova Iorque também se juntaram muitas pessoas em protesto.</p> <p>⇒ Em Portugal juntaram-se muitas pessoas no Terreiro do Paço, em Lisboa. Foram angariados quatro mil euros em donativos e está a ser preparada uma petição a pedir ajuda para a Ucrânia. Na embaixada da Rússia, os partidos políticos da juventude organizaram-se em protesto: O cantor Salvador Sobral juntou-se aos manifestantes e cantou em ucraniano, sendo que foi na Ucrânia, em Kiev, que Portugal venceu o Festival da Eurovisão em 2016. O protesto seguiu para o Marquês de Pombal e fez-se um minuto de silêncio em homenagem às vítimas da guerra. Em Faro e em Coimbra aconteceu o mesmo, e os cidadãos ucranianos alertaram para a desinformação que está a circular.</p> <p>⇒ Entrevista a Augusto Santos Silva, Ministro dos Negócios Estrangeiros em Portugal:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Três reforços do pacote de sanções: Interdição de transação financeira com o Banco Central da Rússia; afastamento da Rússia e de importantes setores da economia da utilização de sistemas de pagamento internacional SWIFT e impedimento das companhias russas no espaço aéreo da União Europeia.</li> <li>• Mecanismo financeiro europeu ativado para as despesas militares da Ucrânia, como o material de combate.</li> <li>• RT e Sputnik foram proibidos na União Europeia.</li> </ul> <p>⇒ Yaremchuck, um jogador ucraniano a atuar na equipa de futebol portuguesa Benfica, recebeu a braçadeira de capitão num jogo a contar para a primeira liga portuguesa, acompanhado de uma ovação dos adeptos benfiquistas. Os adeptos vestiam-se com cores da Ucrânia, balões e cartazes de apoio. O jogador emocionou-se.</p> <p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Objetivos de Putin – Se a NATO não recua no Leste, Rússia avança até à União Europeia - por ordem cronológica: (1) Controlar todo o Donbass e mais (2) Corredor do Leste até Odessa (3) Ucrânia sem saída para o mar – ser apenas continental (4) Derrubar o governo de Kiev – colocar um governo favorável à Rússia (5) “União de facto” Rússia-Bielorrússia (6) Armas nucleares junto à União Europeia – novas armas na fronteira, como Polónia e Lituânia.</li> <li>• Desde 2008, Putin fez oito intervenções: Na Geórgia, retalhando Ossétia e Abecásia; atacou a Crimeia e ficou com ela; foi ao Donbass e ficou com as províncias do leste e fez outras operações de securitização no Azerbaijão, na Bielorrússia, no Cazaquistão e no Tadjiquistão.</li> <li>• A Rússia nasceu em Kiev, no século oitavo/nono.</li> <li>• Putin é mais próximo de Catarina, a Grande, do que de Lenine.</li> <li>• Grande fome no tempo de Estaline mencionada.</li> <li>• Diferenças entre Estaline e Lenine: Estaline russificou culturalmente e linguisticamente a Ucrânia, e a Ucrânia nasce a receber e a dar territórios.</li> </ul>
--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pontos em destaque: Criação da RRS da Ucrânia (1922), Ocupação da Polónia Oriental (1939), Território cedido pela Roménia (1940), Transnístria cedida pela Ucrânia à RSS da Moldávia, Território cedido pela Checoslováquia (1945), Crimeia oferecida à Ucrânia (1954).</li> <li>• Amigos da Rússia: Bielorrússia (58%), China (38%), Cazaquistão (34%) e Arménia (16%). Inimigos da Rússia: EUA (66%), Ucrânia (40%), Reino Unido (28%) e 21% (Polónia) – Isto é como os russos olham para o mundo através de uma sondagem do Levada Center.</li> <li>• Três hipóteses da guerra: Invasão pelo leste, invasão por oeste e pelo sul.</li> <li>• Cenário real: Ataque máximo. O pior cenário: leste, oeste, mar e Kiev – invasão em larga escala com cerca de 200 mil militares.</li> <li>• Lukashenko permitiu a instalação de armas nucleares na Bielorrússia em dezembro de 2021: Alerta para a guerra, bem como os 30 mil militares russos “em exercícios” no território bielorusso.</li> <li>• A Rússia tem vantagem militar, sendo que já cercou as duas maiores cidades ucranianas e tem uma dissuasão nuclear em alerta. Há mais resistência no leste e no sul da Ucrânia. Apoio da União Europeia e do Ocidente foram tardios.</li> <li>• Após a Crimeia, a China tornou-se no primeiro parceiro da Rússia.</li> <li>• O gás aumentou muito na Europa, com um crescimento de 4%. Efeitos sobre a energia, o preço e a confiança. O Banco Central Europeu avisa que o PIB vai decrescer.</li> <li>• A Europa vai estar pior que os Estados Unidos da América e o mundo inteiro em 2022 e em 2023.</li> <li>• Bens essenciais com preços a disparar ou a escassear: Petróleo, trigo, gás, milho, óleo, carvão, fertilizantes e níquel.</li> <li>• Putin foi aprovado, com 71% dos votos, pelos russos a 2 de fevereiro de 2022, enquanto Biden apenas conquistou 41% dos norte-americanos.</li> <li>• A proximidade da China à Rússia deve-se: Compreensão dos motivos da Rússia; abstenção no CS das Nações Unidas; disputas territoriais com 6 países – ilhas artificiais - e Taiwan na mira: Medir ação dos EUA (estão a ver como corre, espécie de ensaio) – ou se resolve politicamente ou a China resolve militarmente.</li> <li>• A Alemanha, a maior potência da União Europeia, investe em defesa militar e suspende o NS – nunca foi feito e representa uma grande reviravolta: Defesa garante entre 2% a 3% do PIB, armas pesadas entregues a Kiev, forças militares alemãs reforçadas nas missões humanitárias da NATO no leste. O país nunca quis isto pelo seu passado e pela imagem que deixou na Europa, mas ficou muito fraca e vulnerável, pois dependia do gás russo e não tinha exército.</li> <li>• 368 mil deslocados que já fugiram de umas cidades ucranianas para outras e 115 mil refugiados na Polónia.</li> <li>• Europa mudou face a 2016 quanto a refugiados: Polónia, Turquia e Áustria estão pró-ativos.</li> </ul>
28/02/22	Segunda-feira	⇒ Registadas fortes explosões em Kiev, pouco tempo depois do fim das Negociações de Paz. Russos atingiram uma zona residencial a 30 km do centro.

- ⇒ A Ucrânia pediu a adesão à União Europeia.
- ⇒ Uma nova ronda de negociações foi anunciada pelos dois países.
- ⇒ Diz-se que 4500 militares russos foram mortos – Não se sabe a credibilidade da informação.
- ⇒ Segundo o Ministro da Defesa da Ucrânia, os russos que baixem as armas têm amnistia e uma compensação em dinheiro: Mais de 40 mil euros por cabeça.
- ⇒ Os serviços de informação dos Estados Unidos da América dizem que os russos vão tentar cercar Kiev nos próximos dias.
- ⇒ Uma coluna militar russa de 30 km foi destruída pelos militares ucranianos em Bucha. Há uma coluna de veículos com mais de 5 km.
- ⇒ As autoridades ucranianas continuam a tentar identificar possíveis sabotadores e estão vestidos à civil. Há muita tensão nas ruas.
- ⇒ O *The Times* diz que estão mais de 400 mercenários russos em Kiev com ordem para assassinar Zelensky.
- ⇒ A Ucrânia reforçou as frentes de batalha, tal como a Rússia.
- ⇒ O recolher obrigatório mantém-se na Ucrânia, bem como as sirenes constantes.
- ⇒ 07:00: “(...) imagens divulgadas mostram precisamente o contrário (...)” – Pedro Mourinho.
- ⇒ A cidade de Kharkiv foi alvo de novos ataques desde Belgorod, na Rússia. Os ataques foram feitos a zonas residenciais.
- ⇒ **07:25: “(...) A CNN Internacional geolocalizou imagens difundidas nas redes sociais e verificou a veracidade dos ataques (...)” –Texto de reportagem.**
- ⇒ Destroços e rockets russos atingiram um jardim de infância, um centro de doação de sangue, hospitais, gasodutos, oleodutos e um aeroporto em Kharkiv.
- ⇒ Há registo para ataques a civis de forma indiscriminada.
- ⇒ A Europa Ocidental está a sofrer uma crise de refugiados.
- ⇒ A Roménia e a Moldávia já receberam 60 mil refugiados. São dois dos principais destinos, juntamente com a Polónia.
- ⇒ ONU anunciou 500 mil refugiados ucranianos. Podem chegar aos 5 milhões.
- ⇒ Os ucranianos apenas têm de mostrar o passaporte para serem acolhidos, recebendo comida e água.
- ⇒ A Polónia tem oito centros de acolhimento para refugiados ucranianos.
- ⇒ A fronteira de Medica, na Polónia, é a mais importante. No lado ucraniano estão 40 mil pessoas à espera para sair da Ucrânia.
- ⇒ Direto de Cristina Reyna, em Przemyśl, na Polónia:
  - Um estudante português, que está com um amigo estudante de medicina, está há três dias no lado ucraniano à espera para passar. Ainda não conseguiu por ser negro.
  - Há priorização dos ucranianos e determinadas nacionalidades. Há pessoas que são puxadas para trás, mesmo com passaporte da União Europeia. Muitos são agredidos e o ambiente está muito tenso.
  - Há pessoas desidratadas, com fome e a passar mal. Há uma correia de ambulâncias.

- Ontem, aquela estação de comboios, chegaram 5 mil pessoas.
- ⇒ A Rússia ameaça quem ajudar a Ucrânia com material letal.
- ⇒ Na região de Mariupol, no sudeste, os russos já controlam duas cidades: Borodyansk e Enerhodar.
- ⇒ O leste foi fortemente atacado e a maior parte das pessoas estão refugiadas num ginásio, com falta de água potável e de gasolina para os geradores.
- ⇒ O primeiro-ministro de Kiev proibiu a venda de álcool nas ruas da Ucrânia para os civis se concentrarem em defender a cidade.
- ⇒ Os russos têm encontrado uma forte resistência ucraniana na cidade de Chernihiv: Um homem colocou-se à frente de um tanque, sendo arrastado e obrigado a render-se. Outros civis fabricam armas e cantam o hino ucraniano em cidades já tomadas pela Rússia.
- ⇒ Novas imagens mostram um drone ucraniano a destruir uma das colunas militares russas que vinha da Bielorrússia.
- ⇒ Imigrantes ucranianos em Portugal voltaram para o seu país natal para ajudar os militares e lutar pela pátria: Pavlo, um exemplo, enviava vídeos à redação da TVI mostrando o seu dia-a-dia e o que se passava no terreno. Foi para o leste da Ucrânia, de onde é oriundo, e consigo tem sempre armas para se defender de civis russos equipados.
- ⇒ **23:38: “(...) os momentos desta guerra têm sido partilhados quase em tempo real na internet, nas redes sociais, e são vários os registos de destruição que chegam de diferentes pontos da Ucrânia (...)” – Sara Pinto.**
- ⇒ Há registo para constantes ataques a Chernihiv.
- ⇒ Há postos de controlo com militares armados e barreiras em frente à Câmara Municipal de Kiev.
- ⇒ Não há sinal de tropas russas em Kiev.
- ⇒ António Guterres, o Secretário-Geral das Nações Unidas, organizou uma sessão especial de emergência com a assembleia-geral da ONU para pedir que a guerra da Ucrânia acabe de imediato. Esta é uma sessão rara que aconteceu, pela primeira vez, ao fim de 40 anos e com tema único.
- ⇒ O embaixador russo diz que a Rússia não quer ocupar a Ucrânia, mas que o país passou a linha vermelha com a adesão à União Europeia.
- ⇒ Já mais de 4 mil manifestantes foram detidos.
- ⇒ As manifestações continuam em Madrid, na Turquia, nas Filipinas, na Índia, na Tailândia, nos Estados Unidos da América e no Canadá, por exemplo.
- ⇒ Em Portugal continuam as recolhas de bens para a Ucrânia: Alimentos, cobertores, medicamentos, brinquedos e um pouco de tudo. O primeiro camião de donativos vai partir para a Polónia desde a cidade portuguesa da Mealhada. De Gaia também vai seguir um camião com 10 toneladas de donativos, e um segundo camião com ainda mais produtos. Em Aveiro, Évora, Lisboa, Fundão e várias outras cidades também estão a ser feitas doações.
- ⇒ Comentário do Major-General Carlos Branco, especialista das movimentações militares no terreno, com João Póvoa Marinheiro e o quadro interativo:
  - Vladimir Medinsky é o responsável pelas negociações por parte da Rússia e o conselheiro cultural de Putin. Davyd Arakhamia é o

responsável pelas negociações por parte da Ucrânia e é deputado do parlamento ucraniano (partido de Zelensky).

- Nas negociações pretende-se um cessar-fogo, mas não se sabe o que realmente cada parte tem atualmente e o que quer.
- Enquanto aconteciam as negociações, a cidade de Kharkiv foi bombardeada numa zona suburbana e residencial, a menos de 50 km da Rússia. Não devia ter acontecido, pois devia ter existido uma pausa no conflito.
- As pausas são pausas estratégicas e com finalidades: Criar condições para o desenrolar das negociações, e ao mesmo tempo dar tempo às forças russas para se aproximarem da cidade e terem uma massa crítica para desenvolverem uma ação militar forte.
- Há muitas viaturas de transporte pessoal, de apoio logístico e carros de combate em direção à Ucrânia: Pode indicar que algo vai acontecer (por exemplo, a batalha decisiva) e forçar as negociações a irem numa determinada direção.

⇒ Não se obteve nenhuma conclusão das negociações.

⇒ Os ucranianos correm para os supermercados e para as farmácias depois de um fim de semana com recolher obrigatório: Levam medicamentos, comida e o que seja preciso a pessoas mais idosas ou com problemas de saúde, a crianças e combatentes.

⇒ As pessoas só saem de casa ou dos abrigos para se irem abastecer, ou os homens para se irem alistar. Este é o novo dia-a-dia dos ucranianos.

⇒ Pedro Mourinho e Nuno Quá fazem reportagem diretamente de uma das linhas da frente de combate ucranianas – a autoestrada em direção ao ocidente que esteve cheia, nos primeiros dias de combate, pelas pessoas que procuravam fugir para Lviv. Foram levados por um antigo militar ucraniano à linha onde seriam feitas “as tréguas” que, naquele exato momento, terminaram. Os repórteres foram obrigados a recuar e a abandonar o local devido aos tiros e às explosões registadas ali perto e a mando dos militares ucranianos. A resistência russa estava 10 km à frente.

⇒ Marcas como a Glovo são agora distribuidores de rações de combate.

⇒ O governo polaco anunciou que receberá toda a gente, independentemente da nacionalidade, da origem ou da documentação.

⇒ Direto de Cristina Reyna, em Przemyśl, na Polónia:

- Esta é uma estação importante que faz ligação a outras cidades polacas. Os comboios estão a sair de graça para distribuir as pessoas que procuram sair também para outros países.
- Há cada vez mais pessoas no lado ucraniano para passarem a fronteira. As pessoas estão esgotadas porque dormem ao relento, com frio devido às baixas temperaturas que se fazem sentir no inverno ucraniano, e sem comida.
- Um jovem português, que está à espera para passar a fronteira, passou a noite em casa de um camponês ucraniano que abriu as portas de sua casa a várias pessoas para que estas rodassem entre si e pudessem todas estar dentro de casa durante um tempo.
- O posto fronteiriço na Polónia é muito grande e há dezenas de autocarros, vindos da Ucrânia, a chegar. Há também quem chegue a pé.

- Novos números dão conta de que 250 mil ucranianos entraram na Polónia nos primeiros 4 dias de guerra.
  - Há mais de 40 mil pessoas à espera na fronteira de Medica.
- ⇒ Há pessoas de vários países a viajar para as fronteiras para ajudarem com mantimentos e levarem famílias consigo. Como, por exemplo, cidadãos alemães e ingleses.
- ⇒ Há uma preocupação elevada com a possibilidade de a Polónia não aguentar a segunda, a terceira e a quarta vaga de refugiados ucranianos, caso Lviv e outras cidades sejam evacuadas.
- ⇒ As pessoas de origem africana, asiática e do médio oriente têm mais dificuldades em passar a fronteira.
- ⇒ Direto de Filipe Caetano, na fronteira da Roménia com a Moldávia:
- Temperaturas ainda mais baixas nos países de acolhimento do que na Ucrânia (neve, inclusive).
  - Muitos dos refugiados têm lugares específicos e morada para onde ir, recebendo tais indicações por mensagem.
  - Há vários portugueses que procuram saber junto do repórter e através de mensagens como podem ajudar.
  - Em tempos de guerra registam-se gestos de carinho e humanidade: Uma bombeira desenhou um coração com o seu dedo no vidro do carro onde estava uma criança ucraniana. A mesma bombeira alimentou, com biberão, um bebé recém-nascido, pois a respetiva mãe estava demasiado cansada, e sozinha, para o conseguir fazer.
- ⇒ A cidade portuária de Mykolaiv está a ser alvo de grandes ataques. Os militares ucranianos foram obrigados a levantar, pela primeira vez, a ponte. Estes capturaram mercenários russos, sabotadores, que tentam entrar nas cidades durante a noite. O nível de stress é muito elevado.
- ⇒ Comentário de Paulo Portas:
- O melhor da reunião de negociações é que existirá outra reunião para negociações.
  - Nenhuma das partes se encontra em posição de ceder, embora haja desigualdade entre elas. A Rússia não teve sucesso suficiente na invasão, e a Ucrânia não está tão forte assim para conseguir o cessar-fogo.
  - A delegação da Ucrânia está um pouco acima da delegação russa porque é chefiada pelo Ministro da Defesa ucraniano. Já a delegação da Rússia é chefiada por dois vice-ministros: O da Defesa e o dos Negócios Estrangeiros. No entanto, em cada um dos lados estão duas pessoas de estrita confiança dos presidentes: O antigo Ministro da Cultura da Rússia e o atual Ministro da Defesa da Ucrânia – Líder partidário e representante de Zelensky.
  - A Bielorrússia é um estado semi-agressor. Para já não há evidências de militares do país na guerra da Ucrânia, mas foi a partir de lá que se abriu uma das frentes de combate.
  - A Ucrânia assinou o documento para adesão à União Europeia como retaliação à ameaça das armas nucleares.
  - A Europa está unida nas sanções à Rússia e no financiamento de armas à Ucrânia.

- O Acordo de Associação, desde 2017, faz da União Europeia o primeiro parceiro da Ucrânia. Antigamente era a Rússia.
  - A França e os Países Baixos nunca foram favoráveis à entrada da Ucrânia na União Europeia, ao contrário dos países bálticos e de leste.
  - Situação militar na Ucrânia: Há 4 frentes de combate com mais resistência – a norte, a noroeste, a leste e a sul. Do lado de “cá” do rio Dniepre é que se passam os combates, juntando a Kiev, o que pode indicar que o objetivo da Rússia não é o ganho territorial completo. Os russos pretendem o reconhecimento da Crimeia e a desmilitarização da Ucrânia. Há informações de que os russos estão a 25 km de Kiev, e que avançaram 5 km nas últimas 24 horas. Em Kharkiv está a ser registada uma grande violência porque a Rússia deixou de ser seletiva, já que pediu aos ucranianos para abandonarem a cidade.
  - Alerta para uma batalha de informação e de desinformação.
  - Uma das fraquezas de Putin é o baixo valor da moeda russa, o rublo russo. Este passou a valer um cêntimo de dólar, e ainda menos de euro. São precisos mais rublos para comprar dólares: Antes eram precisos 83 rublos para comprar um dólar e agora são precisos 98 rublos.
  - A intervenção do Banco Central Europeu está a inflacionar a vida dos russos. A taxa de juro subiu de 9,5% para 20% num só dia, levando a um maior isolamento da Rússia.
  - O Fundo Soberano da Noruega alienou os ativos que tinham na Rússia, fazendo com que o país perdesse 25 mil milhões de dólares, reforçando o isolamento de Putin (Suíça, Japão e outros países também). BP vai ter perdas neste valor.
  - Convocou-se uma sessão especial na ONU para que 81 países condenassem a invasão da Rússia à Ucrânia. Neste tipo de sessões costuma haver a possibilidade de os 5 membros principais da ONU vetarem (não ativado) e um outro que precisa de 11 votos para que o Conselho de Segurança seja ativado: Apenas aconteceu 7 ou 8 vezes, o que mostra a gravidade da situação. Nesta sessão apenas a Índia e a China não se posicionaram, mas a União Europeia e o Pacífico (Japão, Coreia do Sul e Austrália incluídos) manifestaram-se em peso e a condenação foi maioritária. A França e o México propuseram, inclusive, um corredor humanitário para a Ucrânia.
  - A Rússia está mais perto da conquista do que a Ucrânia, mas Putin subestimou o poder de defesa e de resistência dos ucranianos, bem como o grau de mobilização crítica da comunidade internacional. Está, assim, a sofrer um grande preço de isolamento social.
- ⇒ Os preços em Portugal já estão a subir e as empresas de cerâmica e metalomecânica, sobretudo, estão a sofrer dificuldades com o aumento significativo da energia. A situação de crise provocada pela pandemia pode agravar-se.
- ⇒ A inflação em Portugal já era uma preocupação antes da guerra. Esta aumentou, no entanto, 4,2% face ao ano anterior. A bazuca de Bruxelas, e as verbas, podem ser uma solução.
- ⇒ Impacto das sanções dos aliados à Rússia: A bolsa de Moscovo não abriu, o rublo perdeu muito valor e os russos estão numa correria aos bancos para levantarem em dólares.

		<p>⇒ O Banco Central Europeu já alertou para a falência iminente de, pelo menos, um banco russo – O Sberbank.</p> <p>⇒ Metade das reservas russas estão indisponíveis. No entanto, o país tem muitas em ouro e em <i>wuhans</i>, que podem ajudar a travar a inflação comprando a sua própria moeda. O corte do sistema de pagamento continua a isolar o país, que o pode contornar, ainda assim, através do sistema de pagamento chinês e das criptomoedas.</p> <p>⇒ O petróleo está a mais de 105 dólares. As bolsas mundiais estão em queda, menos a de Portugal devido à EDP e à EDP Renováveis.</p> <p>⇒ Há também sanções à Rússia no plano desportivo: A UEFA cancelou o acordo com a empresa Gazprom, a empresa de gás russa que era um dos principais parceiros da Liga dos Campeões, e suspendeu as seleções e os clubes russos de todas as provas internacionais. A Rússia iria disputar o <i>playoff</i> de acesso ao mundial contra a Polónia, que já se tinha recusado a jogar com o país, tal como a República Checa e a Suécia, possíveis adversários nas fases seguintes. O Spartak de Moscovo é o clube russo mais afetado, já que estava nos oitavos de final de Liga Europa. Também o Schalke 04, um clube de futebol alemão, terminou o patrocínio com a Gazprom. A Rússia foi também retirada de provas desportivas de outras modalidades.</p>
02/03/22	Quarta-feira	<p>⇒ A Rússia intensificou os ataques e há várias baixas civis em Kharkiv, Kiev e Enerhodar, por exemplo.</p> <p>⇒ Há uma ponte estratégica destruída nos arredores de Kiev.</p> <p>⇒ A população de Borodyansk enfrenta uma coluna militar russa.</p> <p>⇒ Na cidade de Zhytomyr, um míssil de cruzeiro caiu em zonas residenciais. Em Kharkiv, uma universidade e o edifício da polícia, bem como zonas civis e residenciais, foram destruídas por mísseis.</p> <p>⇒ Vários paraquedistas russos desembarcaram em Kharkiv. Há 25 mortos e mais de 100 feridos, mas o Presidente da Câmara diz que a cidade vai resistir. Já no dia anterior o edifício do Governo Regional foi destruído.</p> <p>⇒ Fortes ataques de mísseis e fogo de artilharia em Kharkiv. O alvo é a Sede Local do Ministério do Interior. No dia anterior foram contabilizados 21 civis mortos e 112 feridos.</p> <p>⇒ Já há mais de 2000 civis mortos em toda a Ucrânia.</p> <p>⇒ A Ucrânia acusa a Rússia de crimes de guerra e terrorismo de estado.</p> <p>⇒ Zelensky diz que o objetivo de Putin é “apagar a Ucrânia do mapa e varrer o seu povo para o lixo”.</p> <p>⇒ Segundo o Presidente da Ucrânia, Zelensky, a resistência ao invasor está a compensar.</p> <p>⇒ O Presidente da Câmara de Kharkiv continua a afirmar que, apesar de todos os ataques, resistirão.</p> <p>⇒ Notícia de última hora: Há novas negociações no dia seguinte. Os ucranianos já partiram para a Bielorrússia através de um corredor seguro que foi assegurado pelos russos devido aos ataques em várias cidades. Kiev disse que a Rússia tem de parar os bombardeamentos para haver novas negociações.</p> <p>⇒ Os russos garantem a conquista de Kherson, mas as forças ucranianas dizem que continuam a resistir.</p>

		<p>⇒ No sul do país, Mariupol está cercada e há centenas de pessoas mortas. Banhada pelo mar de Azov, a região tem meio milhão de habitantes e é cobijada pela Rússia, que a rodeou através do corredor que liga diretamente ao território controlado pelos rebeldes pró-russos da região de Donetsk. A cidade está cercada e os feridos não conseguem sair da cidade, podendo os mortos chegar às centenas e centenas.</p> <p>⇒ Zelensky faz apelo às mães russos, afirmando que já quase 6 mil soldados russos foram mortos.</p> <p>⇒ O Conselheiro de Zelensky atualizou os números para 7 mil tropas russas mortas, mas Moscovo afirma que foram apenas 498 e que já provocaram 2870 mortes. Esta foi a primeira vez que a Rússia se pronunciou sobre os números.</p> <p>⇒ Os ataques aéreos de alta precisão multiplicam-se em Kiev, mais concretamente na periferia da cidade.</p> <p>⇒ Uma torre de transmissão televisiva foi atingida. Os mísseis russos apontaram à zona civil de Zythomyr.</p> <p>⇒ Kiev está cercada pelas tropas russas.</p> <p>⇒ O presidente ucraniano nomeou comandante para reforçar Kiev e ajudar a resistir.</p> <p>⇒ Há um rumor na Ucrânia de que quinta-feira é o último dia em que os transportes públicos estão operacionais.</p> <p>⇒ Em Bucha destruíram-se pontes e caminhos para que as tropas russas não alcançassem as cidades.</p> <p>⇒ A Rússia atacou infraestruturas tecnológicas ucranianas e o centro de operações psicológicas para evitar ciberataques ao país.</p> <p>⇒ A ordem das tropas russas é para matar o presidente ucraniano.</p> <p>⇒ Uma zona residencial em Zythomyr foi atingida, originando quatro mortos, entre os quais uma criança. O alvo seria uma base aérea de uma força de elite ucraniana. Toda a área envolvente da cidade foi afetada.</p> <p>⇒ Há trabalhos a decorrer para estabelecer o sinal de televisão.</p> <p>⇒ Notícia de última hora: Refugiados de Lviv chegam à Polónia de comboio.</p> <p>⇒ Direto de Cristina Reyna, em Przemyśl, na Polónia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior comboio que já viu chega com inúmeros refugiados.</li> <li>• Há uma grande concentração de polícias e elementos de segurança. Contou 25 polícias com metralhadoras.</li> <li>• Há uma polémica nacional a envolver um partido de extrema-direita polaco: Estão a difundir a informação falsa, em paralelo com uma campanha de desinformação russa, que diz que a Polónia está a ser invadida por um exército de imigrantes ilegais, o que não é verdade.</li> <li>• Os refugiados de origem africana, asiática, do médio oriente, do Afeganistão e da Índia, por exemplo, estão a ser processados mais rapidamente porque os governos deram ordem aos consulados para agilizarem o processo de repatriamento.</li> <li>• Apenas carros diplomáticos e carrinha que vão buscar pessoas podem entrar naquela estação de comboios. Regra que mudou em dois dias.</li> <li>• Os ucranianos apenas precisam de apresentar o passaporte para andarem em toda a linha de comboios da Polónia de forma gratuita.</li> </ul>
--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Há muitas pessoas que deixaram familiares para trás porque estes não querem deixar a Ucrânia.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Filipe Caetano, em Siret, na Roménia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A entrada de refugiados no país é muito organizada. Esta é a porta de entrada principal para os ucranianos que vêm do sul. Os bombeiros e a guarda fronteiriça são quem tem ajudado no processo.</li> <li>• Houve um agravamento do estado do tempo. Há neve intensa e queda de temperaturas acentuada, que dificultam a passagem das pessoas. De imediato são acolhidas com roupa e comida quente.</li> </ul> <p>⇒ A ONU aprovou o voto de condenação à Rússia. 141 países condenaram a ação russa, incluindo Portugal, 35 países abstiveram-se e 5 votaram contra, entre eles a Rússia, a Coreia do Norte, a Síria, a Bielorrússia e a Eriteia. Um novo documento pela ONU assinado exige a retirada das tropas e o fim da guerra.</p> <p>⇒ O Embaixador da Ucrânia afirmou que o objetivo da Rússia já não é ocupar território, mas cometer um ato de genocídio.</p> <p>⇒ A China não vai aplicar sanções à Rússia. Esta desaprova-as, alegando que não têm uma base legal e que não terão bons efeitos. O país é um grande importador de petróleo e gás russos e, por isso, pretendem manter os seus interesses com todas as partes.</p> <p>⇒ A GALP vai deixar de comprar petróleo a fornecedores russos. A empresa lamenta os atos de agressão russos contra os ucranianos e anuncia a suspensão de todas as novas aquisições de produtos de petróleo com origem na Rússia ou de empresas russas.</p> <p>⇒ Entrevista a João Gomes Cravinho, o Ministro da Defesa de Portugal, sobre a reunião do Conselho Superior Militar português:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• NATO afirma que não irá intervir, sendo que a Ucrânia não é um membro. Há sim um reforço dos meios da NATO nos países membros que fazem fronteira com a Ucrânia ou com a Rússia, daí a presença de militares portugueses na Roménia. Estes são elementos de reforço de dissuasão e de apoio aos aliados.</li> <li>• Portugal está disponível para receber ucranianos feridos em combates, nos hospitais militares, para serem tratados. Médicos portugueses na Ucrânia não são uma opção.</li> <li>• Serão enviadas espingardas, G3's, capacetes, coletes, granadas e outros conjuntos de equipamentos militares letais e não letais, bem como equipamentos de comunicação, de proteção e ofensivo. Atualmente encontra-se a tratar da parte logística que é coordenada entre todos os estados-membros. É, contudo, Portugal quem decide o material a enviar, consoante a lista pedida pela Ucrânia. A União Europeia e o estado maior verificam o material e a organização. Todos trabalham com parceiros bilaterais para fazer chegar o material à Ucrânia.</li> <li>• Não há receio de uma retaliação por parte da Rússia a Portugal, embora o sentimento de segurança na Europa se tenha alterado. Na verdade, tudo mudou.</li> <li>• Há a possibilidade de ataques informáticos e, portanto, estão atentos e proteger infraestruturas e capacidades de comunicação.</li> </ul>
--	--	---

		<p>⇒ Abramovich vai vender o clube de futebol Chelsea, e doar o dinheiro às vítimas ucranianas. O objetivo é suprir as necessidades imediatas das vítimas da guerra e ajudar a reconstruir algumas cidades destruídas.</p> <p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Caiu uma primeira cidade relevante para a manobra estratégica dos russos. Há, ainda, dúvidas sobre se foi totalmente tomada ou se está praticamente nas mãos dos russos, sendo que nada ainda foi desmentido. A cidade faz parte do trio da Crimeia, e conquistando o porto de Mariupol e chegando até a Odessa, a Ucrânia fica privada do mar.</li> <li>• Kharkiv está a ser muito atacada.</li> <li>• A resistência ucraniana levou a que a Rússia passasse para material mais pesado e os alvos são agora indiscriminados. Tal estratégia pode durar muito ou pouco.</li> <li>• O número que a Ucrânia aponta de mortos está inflacionado, e o que a Rússia aponta é deficitário.</li> <li>• As tropas russas estão a cercar as cidades sem olhar a alvos.</li> <li>• No primeiro discurso de estado de união de Joe Biden foi utilizada uma retórica de guerra fria. Os Estados Unidos da América já forneceram mais de 1054 milhões de euros em assistência militar e médica. 58% dos americanos dizem que o país não se deve envolver militarmente, de acordo com a CNN. Estes estão cansados de serem “os polícias do mundo” e de intervir em todo o lado, daí que, tanto Biden como Trump, defendiam o regresso das tropas norte-americanas dos conflitos onde estavam inseridos. Neste caso teriam de atacar diretamente a Rússia, arriscando uma terceira guerra mundial. Assim evitam o confronto direto e enviam apenas 4000 militares para o leste.</li> <li>• A Embaixadora da Ucrânia nos Estados Unidos da América, Oksana Markarova, foi bastante aplaudida no congresso.</li> <li>• Muitos países no mundo ganharam consciência da barbaridade de Putin. As abstenções são, sobretudo, das antigas repúblicas soviéticas: o Cazaquistão, o Turquemenistão, o Uzbequistão. Em África há muitos países com acordos de assistência militar com a Rússia desde o tempo do acesso à independência. As forças armadas de alguns desses países têm, então, manutenção e assistência feita pelos russos.</li> <li>• Alguns oligarcas russos começam a demarcar-se da invasão, assumindo que a privação aos seus bens é culpa de Putin.</li> <li>• Putin não liga ao isolamento mundial desde que a China esteja por perto.</li> </ul> <p>⇒ O Presidente da República português defende a concertação entre todos os países.</p> <p>⇒ Notícia de última hora: Explosão perto da estação ferroviária de Kiev que pode ter cortado o aquecimento a algumas cidades ucranianas.</p>
03/03/22	Quinta-feira	<p>⇒ Emmanuel Macron, o presidente de França, conversou com Putin e chegou à conclusão de que o pior da guerra ainda está por vir.</p> <p>⇒ As forças russas assumiram o controlo da cidade de Kherson. Estas estão a patrulhar as ruas depois dos bombardeamentos a que a população local tentou resistir.</p> <p>⇒ As tropas russas avançaram em diversas frentes ao longo do dia.</p>

- ⇒ Há imagens a serem analisadas, como prova de crimes de guerra, pelo Tribunal Penal Internacional.
- ⇒ Há registo para fortes ataques a Chernigov. Há uma grande destruição de norte a sul. Mariupol e Odessa foram muito afetadas e os russos pretendem tomá-las.
- ⇒ De acordo com as Nações Unidas, já há 1 milhão de refugiados na União Europeia. A maioria dos refugiados deslocaram-se para a Polónia, onde neva intensamente e onde a fila de espera para o registo e restante procedimento de fronteiras já ultrapassa as 60 horas. Há poucos homens, e muito mais crianças e mulheres que chegam de carro, autocarro ou comboio: O número é desproporcional, o que dá a ideia indireta de que como os homens estão a defender o país.
- ⇒ A União Europeia chamou a atenção para os milhões de refugiados e a necessidade de todos serem recebidos de braços abertos.
- ⇒ Lavrov, o primeiro-ministro russo, afirmou que a terceira guerra mundial só poderia ser nuclear, mas que a Rússia vai resistir a todas as provocações nesse sentido.
- ⇒ Da segunda ronda de negociações entre os dois países apenas ficaram garantidos os corredores humanitários para que os civis saiam da Ucrânia. Todas as frentes de guerra vão continuar ativas, tal como os bombardeamentos continuarão. As negociações voltaram a acontecer na Bielorrússia, junto à fronteira com a Polónia, entre 5 russos e 6 ucranianos, incluído o Ministro da Defesa ucraniano.
- ⇒ Uma terceira ronda de negociações entre a Rússia e a Ucrânia ficou marcada.
- ⇒ **05:30: “(...) os ucranianos foram até lá de helicóptero e partilharam imagens da viagem nas redes sociais (...)” – Texto de reportagem.**
- ⇒ As tropas russas estão perto da maior central nuclear da Europa. Este é um alvo estratégico por ser responsável por ¼ da energia da Ucrânia.
- ⇒ A cidade de Mariupol, a leste e na costa do Mar de Azov, encontra-se sem água, sem comida e sem eletricidade. O estado da cidade é crítico: Meio milhão de habitantes estão cercados por tropas russas e separatistas do leste. Há muitas vítimas civis.
- ⇒ A central de produção de energia elétrica em Enerhodar está em risco.
- ⇒ Os civis ucranianos continuam a tentar resistir nas várias cidades.
- ⇒ Kherson é um ponto estratégico de acesso ao Mar Negro na foz do rio Dniepre. Esta cidade tem 250 mil habitantes.
- ⇒ O presidente da Ucrânia, Zelensky, propôs uma negociação direta cara-a-cara com Putin. Este afirma que é a única forma de acabar com a guerra.
- ⇒ Num discurso televisivo, Putin afirmou que a sua campanha está a correr como planeado e de acordo com o calendário. Este voltou a referir que os russos e os ucranianos são um mesmo povo. Em reação ao discurso, Zelensky alertou que, se a Ucrânia cair, os próximos serão os países bálticos e Putin só irá parar em Berlim.
- ⇒ Putin afirma que o regime ucraniano é todo nazi.
- ⇒ O parlamento ucraniano reuniu-se de emergência, numa sessão curta, para votar as leis essenciais de defesa e de segurança do país. Rápida e intensa, a sessão ficou marcada pelos riscos que todos corriam, uma vez que estavam ao lado de dois edifícios que são potenciais alvos dos russos (o

palácio e o parlamento ucranianos). No início, os deputados cantaram o hino que se chama “a Ucrânia ainda não morreu” e que já vem do século XIX.

- ⇒ A extensa coluna militar russa está imóvel há 3 dias nos arredores de Kiev. O início desta está a 25 km do centro da capital. Esta tem três filas paralelas, e não apenas uma, e tem 64 km. As tropas encontram-se à espera de outras vindouras do leste ou do sul, ou estarão com problemas logísticos, mesmo que Putin tenha dito que esses já estão resolvidos.
- ⇒ A malha urbana ucraniana está a ser fortemente atacada pela artilharia russa. Borodyansk, por exemplo, é uma cidade em silêncio, às escuras e destruída.
- ⇒ A cidade de Irpin e a cidade de Bucha estão a ser palcos de guerra. Tropas russas mascaradas de civis foram travadas.
- ⇒ Os serviços secretos britânicos dizem que a coluna militar russa está parada por avarias mecânicas e pela firme resistência ucraniana.
- ⇒ Está aberto o recrutamento de 16 mil voluntários estrangeiros para ajudarem a Ucrânia no combate.
- ⇒ As televisões ucranianas estão a ser bombardeadas e ciberatacadas. Estas emitem as suas notícias online e a partir de estúdios improvisados em bunkers.
- ⇒ Foi decretado o recolher obrigatório em Lviv. A cidade, com 700 mil habitantes, ainda não foi atacada, mas está em alerta e ouviram-se as sirenes pela primeira vez.
- ⇒ Direto de Pedro Moreira, em Lviv, na Ucrânia:
  - Os jornalistas e os hóspedes receberam instruções para irem para o abrigo do hotel.
  - A cidade de Lviv, e a parte ocidental, estão à espera do pior.
  - Lviv é a cidade para onde vão os ucranianos que vêm de cidades atacadas como Kiev, Kharkiv e outras na zona oriental. São muitas mulheres e crianças, mas não ficam durante muito tempo porque apanham comboios para a Polónia. Outros ficam com familiares ou outros ucranianos que os acolhem nas suas casas: É possível encontrar mais de 2 ou 3 famílias na casa dos vários ucranianos.
  - São 2 horas entre Lviv e a fronteira.
- ⇒ Já entraram 650 mil refugiados na Polónia.
- ⇒ Direto de Cristina Reyna, em Przemyśl, na Polónia:
  - Este é um êxodo de refugiados que a Europa não testemunhava há 80 anos.
  - Há preocupação sobre as garantidas de segurança das pessoas que vão com famílias em carrinhas. Há o receio de que estas caiam em redes de tráfico de pessoas.
  - Há uma organização do estado polaco a acautelar a defesa das pessoas que são encaminhadas para outros países.
  - Há muitos animais de estimação na companhia dos seus donos.
- ⇒ Estados Unidos da América aplicaram novas sanções à Rússia. Há restrições de vistos a 19 oligarcas russos, e outras figuras, bem como às suas famílias, contando-se mais de 50. Estes estão proibidos de entrar no país, incluindo um dos maiores bilionários do mundo.

- ⇒ Direto de Luís Costa Ribas, de Washington D.C., nos Estados Unidos da América:
- 9 multimilionários, o porta-voz de Putin e as suas famílias são alguns dos lesados das novas sanções. O objetivo é afetar os amigos e os mais de próximos de Putin para os pressionarem a abandonarem-no, considerando que ele é o responsável pelos problemas económicos do país, bem como pelo congelamento dos seus bens e pela impossibilidade de estes usarem os seus bens, como apartamentos, jatos e iates dentro do território americano.
  - Numa segunda fase, os Estados Unidos da América vão ver se retiram alguma das sanções e vão tentar não aplicar outras que aumentem os preços dos combustíveis. A gasolina está mais cara no país. Estes são abastecidos em 7% pelo petróleo russos, e vão ter de continuar a importá-lo enquanto não tiverem outra alternativa. Assim os preços não aumentam, Putin não ganha mais e não castigam, também, o consumidor americano.
- ⇒ A UNICEF afirma que metade dos refugiados ucranianos são crianças.
- ⇒ A ONU estima que 4 milhões de ucranianos fujam para a União Europeia nos próximos dias.
- ⇒ A pressão migratória está a aumentar nos países de acolhimento. O fluxo é um dos maiores dos últimos anos e o movimento é muito mais rápido.
- ⇒ O diretor-geral da JRS em Portugal afirma que esta é uma tragédia humanitária. Há muitos refugiados a chegar de forma rápida, e a resposta dos países está aquém. No entanto, a resposta europeia está a ser diferente de outras situações como a da Síria, devido à dimensão geográfica da questão e pela Ucrânia fazer fronteira com vários países da União Europeia.
- ⇒ A União Europeia está preocupada com “o prazo” da solidariedade dos povos que está a ser muito grande, no entanto, a preocupação está em se esta se vai manter dado o grande aumento de refugiados que se espera.
- ⇒ De acordo com a ACNUR, na Polónia estão 547 982 refugiados ucranianos, 374 na Bielorrússia, 47 800 na Rússia, 79 059 na Eslováquia, 97 827 na Moldávia, 133 009 na Hungria, 51 261 na Roménia e 88 157 noutros países da União Europeia.
- ⇒ O Coronel das Forças Especiais do Exército do Brasil está na fronteira da Polónia e afirmou que as forças armadas estão a criar uma estrutura logística de acolhimento ali mesmo.
- ⇒ Entrevista de António Vitorino, o Diretor-Geral da Organização Internacional para as Migrações, de Genebra, na Suíça:
- Esperavam-se entre 1 e 3 milhões de refugiados, mas que não se atingisse entre número na primeira semana.
  - A situação dos refugiados é preocupante porque são pessoas vulneráveis, sobretudo mulheres, crianças e idosos. Estes estão numa situação psicológica complicada, sendo que a qualquer momento podem chegar más notícias pelos pais e maridos estarem na guerra.
  - É preciso apoio psicológico para estes refugiados além de tudo o resto.
  - Bruxelas ativou corredores humanitários para os refugiados.
  - Bruxelas aprovou a medida de proteção temporária da União Europeia a refugiados.

- 34:32: Esta é a maior vaga de deslocados da Europa desde a Segunda Guerra Mundial, ultrapassando as crises do norte de África. Com origem na Europa, esta é superior à guerra dos Balcãs nos anos 90 e dos volumes de refugiados da Síria em 2014 – José Alberto Carvalho.
  - Portugal já recebeu 672 pedidos de proteção temporária. O objetivo é proteger e dar assistência não só a cidadãos ucranianos, como a outros cidadãos de diferentes nacionalidades que estejam lá e a fugir. 16 mil pessoas são de África, do Vietname, das Filipinas.
  - Há dezenas de pessoas deslocadas internamente. São tantas que é difícil de calcular quantas. Antes já 2 milhões de pessoas estavam deslocadas pela ocupação da Crimeia e do Donbass em 2014, sobretudo para o centro e para o ocidente. Estas correm vários riscos ao se deslocarem porque podem ser atingidos pelas operações.
  - É necessário comida, roupa, medicamentos, tendas, cobertores, equipamento hospitalar e outros bens para que os refugiados ou deslocados ucranianos consigam enfrentar este desafio.
- ⇒ O ataque que seria para a torre de televisão atingiu um memorial do holocausto e destruiu-o. Zelensky pede para que os judeus não fiquem calados. Além disso, cinco pessoas morreram. O presidente da Ucrânia afirma que esta é uma forma de apagar a história da Ucrânia e que este ataque prova que eles são um “povo estrangeiro” em relação aos russos, sendo que 81 anos depois, um invasor tentar destruir algo que já tinha sido reerguido desde o tempo do ataque da Alemanha na Segunda Guerra.
- ⇒ Comentário do Coronel Mendes Dias, com quadro interativo:
- A ligação feita a sul entre as províncias é uma forma da Ucrânia não aceder ao Mar de Azov.
  - Kherson e Mykolaiv são pontes para Odessa e para “enclavar a Ucrânia”.
  - 4 principais eixos: Kiev, Kharkiv, Crimeia e Donetsk.
  - A força naval e o assalto aéreo estão a ser as principais armas da Rússia.
  - A tomada da cidade de Chernihiv vai ser importante para abrir uma nova frente. Há, ainda, uma outra cidade muito bombardeada que permite que as tropas se desloquem para sul. A própria coluna militar nos arredores de Kiev vai transferir forças para sul, além de atacar Kiev.
  - Há registo para confrontos junto da central nuclear de Zaporizhzhya. A Ucrânia tem 4 centrais bastantes importantes e das quais o país depende para ter energia elétrica: Zaporizhzhya, Mykolaiv, Rivne e Khmelnytsky. Estas e outras estruturas de base, como aquelas responsáveis pelo abastecimento de água, vão ser bastantes atacadas.
  - A Crimeia está entre o mundo islâmico, o mundo europeu e o mundo russo, daí o contínuo interesse na região. Criou-se aqui o estreito de Kerch que liga a Crimeia à Rússia e que Alexandre tentou conquistar há muitos anos, mas não conseguiu pelo domínio turco.
  - Avizinham-se muitas baixas destes e dos próximos confrontos.
- ⇒ Marcelo Rebelo de Sousa, o presidente da República de Portugal, pondera convocar o Conselho de Estado para perceber se faz sentido impor mais medidas contra a Rússia. Este defende prudência e decisões concertadas.

- ⇒ A União Europeia quer a independência energética da energia russa, nomeadamente no que diz respeito ao petróleo, ao carvão e ao gás. Ursula von der Leyen, a presidente da Comissão Europeia diz que é importante e uma necessidade, por isso serão aplicadas novas sanções adicionais. Esta sugere a utilização de energias renováveis e minimizar o desperdício.
- ⇒ O petróleo atingiu um novo máximo no preço desde 2013: 119,84 dólares por litro. Os combustíveis vão, assim, subir: A gasolina estará mais 10 cêntimos e o gasóleo a mais 6,5 cêntimos por cada litro. Também o gás natural atingiu um novo máximo: 200 euros por megawatt/hora. É difícil arranjar tão rápidas e novas soluções.
- ⇒ A Europa está dependente e a alternativa pode ser Portugal. Em Sines há um terminal de gás natural que poderá receber de outros pontos do globo como África, Estados Unidos da América, Qatar ou Austrália, e podem ajudar a compensar a utilização do gás russo ao fazer entrar outro tipo de gás pela Península Ibérica. Outra opção poderá ser investir em hidrogénio, mas nenhuma das soluções é rápida e não terá resultados no prazo de 12/18 meses. A Rússia continua, assim, a lucrar desta forma, sendo positivo para eles e tendo em conta todas as outras sanções económicas que lhes foram impostas.
- ⇒ A seca em Portugal agravou a dependência do país do gás natural. Os Estados Unidos da América e a Nigéria são os principais fornecedores, mas 10% vem da Rússia. Desta forma, o gás natural e a energia elétrica terão os seus preços aumentados, dada a dependência do gás para produzir energia ser de 42%. Foi proibido a produção de energia em 5 barragens portuguesas devido à seca.
- ⇒ Testemunho de Pedro Mourinho em estúdio:
- Ninguém acreditava que a guerra ia começar. Nem os ucranianos, nem os jornalistas que tinham a crença de que o conflito não ia ter início e que se iria continuar “no jogo do gato e do rato” de Putin.
  - A incredibilidade tomou conta dos ucranianos e de todos quando a guerra começou.
  - Paulo Fonseca, o treinador de futebol a viver na Ucrânia, foi o primeiro a ligar ao jornalista para o avisar de que, pela primeira vez, se estavam a ouvir as sirenes. Estes estavam num hotel insonorizado que não permitia ouvir o que realmente se passava.
  - A caminho do local dos diretos apanharam um táxi para Kiev. Havia muitos carros e muitas pessoas que tentavam fugir às 5 horas da manhã, pouco depois dos primeiros bombardeamentos registados. O taxista que os levou afirmava que russos e ucranianos eram um povo irmão e que não acreditava que aquilo estava a acontecer. Enquanto isto, este ligava à família.
  - Quando chegam ao local ouvem, pela primeira vez, as sirenes e que só eram conhecidas das guerras do Golfo. A questão que mais o deixava, e a todos, em sobressalto era onde as bombas iam cair.
  - A segunda noite foi a pior. Aqui já se encontravam num hotel na Praça Maiden.
  - Os russos estão a tentar cercar Kiev e quando sentirem que têm meios suficientes de forma terrestre é que vão atuar.

- O cessar-fogo, durante as negociações e para a criação de um corredor humanitário, pode ser perigoso para a Ucrânia porque vai permitir que a Rússia se reorganize.
- A tentativa de invasão de Kiev no segundo dia não aconteceu por falta de organização. Durante mais de uma hora houve uma troca de tiros da Avenida Vitória, pois uma brigada russa, não numerosa, conseguiu entrar na cidade.
- Na manhã seguinte ao tiroteio, os jornalistas foram buscar os coletes à prova de bala e foram informados de que podia haver “snipers” ali. Existiam barricadas, barreiras e checkpoints em toda a cidade e em todas as ruas.
- Estes demoraram 20h entre Kiev e a Moldávia, e depois terminaram na Roménia para conseguirem regressar. Aqui era onde estava a embaixada portuguesa na Ucrânia, na cidade de Botosani, a proceder aos atos administrativos pelo elevado fluxo de pessoas.
- A viagem foi feita de muitos “para e arranca” e por estradas secundárias para evitarem as colunas militares russas. Encontraram defesa terrestre ucraniana por todo o lado, fosse militar ou civil: “hoje, a Ucrânia tem o maior exército do mundo”; “homens e mulheres no exército, ricos, pobres... um país unido a tentar defender o que é deles”.
- A Rússia será outro ponto de ebulição.
- Pedro Mourinho: “Mudamos sempre neste tipo de cenários... Acho que nos tornamos melhores pessoas, como é óbvio, porque nos deparamos com situações extremas em que a vida é posta em causa”; “temos visto um país unido a defender o que é deles”; “observamos que os ucranianos estão muito unidos na defesa do país. Não sei se alguma guerra tem paralelo com esta a este nível. Quando se vê, dos tempos modernos, uma população disposta a lutar com a vida”.
- Quem mais vai sofrer, caso a Rússia domine a Ucrânia, é as crianças. Os ucranianos estão a lutar por elas e pelos jovens do país para que consigam construir um futuro com democracia.
- Pedro Mourinho: “Obrigada eu por ter tido a oportunidade de levar a cabo aquela que é a missão mais nobre daquilo que fazemos... O jornalismo na sua vertente mais pura”.

⇒ Comentário de Paulo Portas:

- Kherson foi tomada pelos russos. Perto da Crimeia, esta é parte de um dos objetivos da Rússia: Ligar o que já controla no Donbass a Odessa, controlando a saída da Ucrânia para o mar.
- Mariupol é uma cidade que terá dificuldades em resistir. Os russos cortaram todas as formas de abastecimento e atacaram infraestruturas civis. Esta está perto de cair.
- Odessa é uma cidade com um milhão de habitantes e, através dela, os russos vão conseguir controlar economicamente a Ucrânia. Tendo o mar fechado, dificilmente exportará e vai ficar dificultada quanto às importações.
- O mapa do plano de ataque apresentado por Lukashenko, o presidente da Bielorrússia, numa reunião mostra que tudo aconteceu, menos os russos chegarem à Transnístria ao conseguirem Odessa. Esta é parte

da Moldávia, que está perto da Roménia e que é parte da União Europeia.

- O objetivo da invasão do leste e do centro é tomar Kiev, fazer cair o governo ucraniano e colocar um governo pró-russo. No entanto, Putin já tomou conta dos possíveis problemas que está a criar: Guerrilha e terrorismo é o que vai acontecer um governo pró-russo ficar a liderar o país, devido à violência que a Rússia está a exercer sobre o território. Por este motivo, a Rússia quer apenas reverter o poder político e neutralizar militarmente e economicamente a Ucrânia, e não ocuparem eles próprios o território. Controlar com um governo pró-russo, mas não ficar.
- Os ucranianos estão a dinamitar pontes e infraestruturas para demorar o acesso dos russos às cidades.
- Há falhas logísticas, avarias e muitos levantamentos no ataque a norte.
- A Rússia subestimou a capacidade de resistência ucraniana. Estes têm poder de fogo, mais de 200 mil soldados, reservas e sistema *intelligence* (Rússia).
- Os russos estão a fazer com que as pessoas saiam e evacuem as cidades ucranianas.
- Houve incidentes no espaço aéreo: Sukhoi russos (4), um mig e um puma romenos, já da era soviética, violaram o espaço sueco e desapareceram. O helicóptero que foi em socorro destes desapareceu juntamente com as equipas de socorro e os pilotos, perto da base da NATO e do Mar Negro. Acontecimentos estranhos que podem levar a uma maior internacionalização da guerra.
- Em menos de uma semana, o gás natural quase que duplicou desde que a guerra começou: De 90€ para 175€, de acordo com o “tff holandês” (referência europeia). O petróleo fechou a semana a 118 dólares.
- A Europa não vive sem o gás russo enquanto não tiver alternativas. Ir para energias renováveis num plano de emergência é muito difícil. Já Sines funcionaria se não existissem egoísmos nacionais: Espanha e outros países iriam levar para armazenar e reexportar para outros países – o projeto ainda não aconteceu por falta de vontade da França.
- O objetivo russo é estrangular a Ucrânia e, para isso, vão impedi-los de aceder ao mar. É através dele que mais exportam para a China, Alemanha, Polónia, Itália e Países Baixos os seus cereais, trigo, óleos alimentares, fertilizantes, minérios, eletrónica e máquinas, aço e ferro. Estes também importam combustível, máquinas, eletrónica, veículos e remédios. Importam um pouco mais do que exportam, de acordo com o FMI. Atualmente, não produz nem exporta, e é difícil importar.
- Já há 578 mil refugiados ucranianos na Polónia, 133 mil na Hungria, 98 mil na Moldávia, 79 mil na Eslováquia, 51 mil na Roménia e 48 mil na Rússia, de acordo com a ACNUR a 3 de março.
- Com um milhão de refugiados numa semana, os procedimentos têm de ser facilitados, tem de haver solidariedade de todos e ter em conta as questões de reunificação familiar a prazo. Os destinos escolhidos devem-se, sobretudo, a duas razões: Prosperidade do país e possibilidade de ter parentes ou amigos.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma definição de refugiado é “chegar a um lugar e não ter memória de nada e de ninguém”.</li> <li>• O objetivo da Ucrânia é cessar-fogo e o da Rússia é obter uma capitulação.</li> <li>• A Rússia, em termos de terreno, fez ataques violentos às principais cidades e ameaçou a destruição das infraestruturas.</li> <li>• O líder da Turquia está no lado da Ucrânia, mas não decreta sanções para preservar a sua margem de negociador. Macron, da França, continua a falar com Putin, mas está associado a um lado. Israel tem judeus na Rússia e na Ucrânia, e tem feito apelo para participar na mediação entre os dois países. A China parece estar mais ao lado da Rússia, de forma diplomática, na visão do ocidente.</li> </ul>
<p>04/03/22</p>	<p>Sexta-feira</p>	<p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Esta é a principal cidade da parte ocidental do país. Está a 100km da fronteira com a Polónia. É uma cidade calma, controlada e em estado de prevenção. Vigora o recolher obrigatório entre as 22h da noite e as 6h da manhã.</li> <li>• Ouviram-se as sirenas às 9h da manhã, sendo que todos tiveram de recolher durante 30 minutos nas suas casas ou nos hotéis.</li> <li>• Houve um ataque à maior central nuclear da Europa, situada no centro do país, com três soldados ucranianos a morrerem. Os russos controlam agora a central. Os seus seis reatores não foram afetados e os níveis de radiação continham iguais. Há, no entanto, vários feridos.</li> </ul> <p>⇒ O porta-voz da central nuclear de Zapo informou que irrompeu um incêndio na central devido aos ataques russos.</p> <p>⇒ O Diretor-Geral da Agência Internacional de Energia Atómica ofereceu-se para mediar um encontro entre responsáveis russos e responsáveis ucranianos em Chernobyl para que tais incidentes nas centrais nucleares não voltem a acontecer.</p> <p>⇒ Moscovo disse que os incidentes foram provocados por sabotadores ucranianos.</p> <p>⇒ Os 6 reatores são responsáveis por ¼ da energia produzida pela Ucrânia.</p> <p>⇒ O presidente da empresa estatal que gere a central diz que os trabalhadores estão com armas apontadas enquanto trabalham.</p> <p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O Ocidente condenou o ataque russo à central.</li> <li>• Joe Biden, o presidente dos Estados Unidos da América, disse que Putin cometeu mais um crime de guerra.</li> <li>• Zelensky, o presidente da Ucrânia, disse que a ação é terrorismo nuclear – ideia partilhada pelo Ocidente.</li> <li>• “Uma das maiores tragédias humanitárias de que há memória nos últimos 100 anos”.</li> <li>• Já saíram mais de 1 milhão e 200 mil ucranianos do seu país. Estima-se que os refugiados ucranianos cheguem aos 4 milhões. Os ucranianos que fogem da frente oriental vão para Lviv para seguirem para países europeus.</li> </ul> <p>⇒ O Conselho de Segurança das Nações Unidas reuniu de emergência, a pedido do Reino Unido, para condenar o ato russo por este comprometer toda a Europa.</p>

	<p>⇒ Direto de Cristina Reyna, em Przemyśl, na Polónia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 720 mil refugiados ucranianos passaram as várias fronteiras da Polónia. As pessoas têm de sair por conta dos bombardeamentos nas suas zonas, e saem de forma precária: Não têm para onde ir, têm baixos recursos e poucas coisas.</li> <li>• Há cidadãos europeus a irem buscar refugiados ucranianos à fronteira, incluindo famílias inteiras. São quase 100 mil refugiados ucranianos que atravessam a Polónia por dia.</li> </ul> <p>⇒ A Polónia poderá receber três milhões de refugiados ucranianos.</p> <p>⇒ Há mais de 11 mil postos de trabalho para refugiados em Portugal.</p> <p>⇒ Putin apelou ao restabelecimento de relações normais com os países vizinhos. Este pede que os países recuem nas sanções contra a Rússia.</p> <p>⇒ <b>Um míssil caiu no jardim da residência oficial de Zelensky. Segundo José Alberto Carvalho, o pivô da TVI, “a informação foi avançada pelo porta-voz do presidente da Ucrânia nas redes sociais”.</b></p> <p>⇒ Os bens essenciais estão a escassear e a ser racionados, tais como medicamentos e alimentação, em Kiev.</p> <p>⇒ <b>“Yaroslav (Kostyuchenco) (cidadão ucraniano que falou com a TVI diretamente de Kiev) tenta através das redes sociais ajudar quem precisa” – Texto de reportagem.</b></p> <p>⇒ Os russos expulsaram os funcionários de Chernobyl. Até aqui tinham permitido que estes trabalhassem e permanecessem na central.</p> <p>⇒ Borodyanka é considerada um dos primeiros crimes de guerra devido aos ataques a alvos residenciais. A cidade está totalmente destruída, apenas com um aeródromo privado e uma fábrica de escavadoras como elementos relevantes.</p> <p>⇒ Há 47 mortos e muitos feridos em bombardeamento a apartamentos e escolas em Chernihiv/Chernigov, a 140km de Kiev e a 60km da fronteira com a Bielorrússia. Os seus 280 mil habitantes recusam render-se.</p> <p>⇒ Os invasores estão a avançar de sul para norte em direção a Kiev. Estão às portas de Mykolaiv. A Ucrânia desmentiu a tomada desta cidade, a mais populosa do país.</p> <p>⇒ A cidade de Mariupol encontra-se numa situação desesperante. Os habitantes não têm forma de fugir, além de que lhes falta tudo. Este é um local estratégico para os russos porque lhes permite controlar todo o terreno desde o Donbass à Crimeia. O objetivo é claro: Ir até Odessa para roubar todo o acesso ao mar à Ucrânia.</p> <p>⇒ Os soldados russos estão a violar as mulheres ucranianas enquanto bombardeiam as cidades, alertou o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia.</p> <p>⇒ Kharkiv, a segunda maior cidade da Ucrânia, está reduzida a escombros. Alvos civis foram atingidos, tais como hospitais, casas, escolas e mercados, além da polícia. A proximidade com a fronteira russa deixa a cidade vulnerável. A Ucrânia diz que a Rússia quer matar o máximo de ucranianos possível, mas os russos dizem que não têm intenção de atingir os civis.</p> <p>⇒ Há muitos voluntários em Kharkiv a trabalhar 24 horas por dia para que haja pão e outros pais. Há cada vez mais desalojados e os cortes de luz e de água são frequentes.</p>
--	--

- ⇒ **20:48: “Imagens de destruição correm mundo nas redes sociais” – Manchete de reportagem.**
- ⇒ **21:00: “(...) Com a óbvia dificuldade de mobilidade num país em guerra, uma grande parte das imagens do conflito têm sido publicadas nas redes sociais (...)” - José Alberto Carvalho.**
- ⇒ Parlamento russo aprovou um decreto especial sobre o controlo da liberdade de expressão: Os cidadãos que difundirem informações contra a guerra da Ucrânia podem ser punidos até 15 anos de prisão. A lei foi aprovada por unanimidade. As autoridades russas designam como falsas as informações que dão conta de baixas pesadas no exército russo na Ucrânia. A lei visa todas as informações que o exército achar falsas. É obrigatório dizer a versão oficial da Rússia sobre a guerra. Além disso, os meios de comunicação estrangeiros foram bloqueados no país, e os meios ocidentais que têm enviados na Rússia pedem para que os jornalistas cessem atividades e voltem para os seus países.
- ⇒ A cidade de Odessa foi fortemente atacada por terra, por ar e por mar, mas, sobretudo, a partir da frota naval russa no Mar Negro. A cidade conta com mais de um milhão de habitantes, que protegeram os monumentos com sacas de areia e barricadas, nomeadamente a Casa da Ópera.
- ⇒ Há uma primeira conquista relevante por parte da Rússia: A tomada de Kherson, uma cidade de 290 mil habitantes, perto da Crimeia. Esta liga o Mar Negro ao rio Dniepre e, por isso, é um ponto estratégico que permite aos russos controlarem os canais que fornece água para a Crimeia e que abre passagem para Odessa, um elo ao Ocidente e conhecida pelas praias e pela ópera. Odessa é a terceira cidade mais populosa da Ucrânia e tem o principal porto do país, onde passa cerca de 40% do comércio externo. É, também, um importante terminal de petróleo e centro de transportes. Já Mariupol, a sul, mas mais a leste, é também de forte interesse russo. Tem 446 mil habitantes e o maior porto do Mar de Azov. É um importante centro industrial de produção metalúrgica e de grão. Este permite ligar o leste da Ucrânia a zonas já anteriormente conquistadas pelos russos. Já Kharkiv é a segunda maior cidade do país, com 1,5 milhões de habitantes. Chernigov é a porta de entrada para Kiev, embora uma cidade mais pequena. Kiev tem 2,9 milhões de habitantes, é a sétima cidade mais populosa da Europa e onde se situa a sede do Governo e dos comandos militares.
- ⇒ Roman Abramovich vai ser alvo de sanções da União Europeia.
- ⇒ Direto de Pedro Benevides, em Bruxelas, na Bélgica:
- Não se sabe as sanções da nova lista, apenas que Abramovich está no role dos novos oligarcas russos sancionados.
  - O primeiro-ministro britânico já tinha dito que o oligarca seria alvo de sanções inglesas, o que não chegou a acontecer.
  - Sabe-se que um oligarca russo pediu um visto *gold* português para investimento, mas viu o seu pedido sem resposta. Este já tinha sido sancionado em 2021 por estar ligado regime bielorrusso, algo que o primeiro-ministro português também já tinha abordado.
- ⇒ Comentário de José Manuel Durão Barroso:

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• A perceção das circunstâncias de Putin mudou: A Rússia está mais forte depois da Síria e o ocidente está mais fraco depois do Afeganistão.</li> <li>• Putin está a perder a Ucrânia que ele gostaria de ver como a Bielorrússia. Ucrânia está cada vez mais europeia e ocidental. Além disso, o país ucraniano está mais forte do ponto de vista económico devido ao preço das energias fósseis e pela modernização das forças armadas desde 2014.</li> <li>• Há um ressentimento pela perda da força e do papel da Rússia.</li> <li>• O objetivo de Putin é transformar a Ucrânia num ator sem autonomia no plano internacional. O líder russo quer uma reorganização da fronteira entre a Ucrânia e a Rússia.</li> <li>• A curto e médio prazo não há soluções para a guerra. As sanções, mesmo que fortes e robustas, não vão parar Putin.</li> <li>• A Rússia não esperava a resistência da Ucrânia e uma reação tão forte da Europa e do ocidente.</li> <li>• Putin quer pôr, novamente, a Rússia em primeiro plano enquanto potência militar e económica, a par da China e dos Estados Unidos da América.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ucranianos estão a regressar à Ucrânia, vindos de outros países europeus para onde tinham emigrado, para combater o agressor russo.</li> <li>• A identidade dos passageiros nas fronteiras é confirmada duas vezes.</li> <li>• Viagem entre Lviv e Polónia dura cinco horas.</li> <li>• Equipa da TVI acompanhou família ucraniana que queria ir da Polónia para os Países Baixos.</li> </ul> <p>⇒ Direto de André Carvalho Ramos, em Siret, na Roménia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Já há mais de 57 mil refugiados ucranianos na Roménia.</li> <li>• O enviado especial acompanhou a chegada de uma mulher ucraniana que tinha apanhado vários autocarros para chegar ali, e que ia em direção a Albufeira, em Portugal, onde tem família.</li> <li>• Campo de futebol foi transformado num centro de acolhimento para refugiados ucranianos.</li> <li>• A União Europeia vai abrir um centro comunitário na Roménia.</li> <li>• Relembra que durante oito anos registaram-se 1 milhão e 200 mil refugiados sírios.</li> <li>• Moldávia diz que esgotou a capacidade de resposta. A Hungria começa a pedir novos dados aos refugiados, tais como passaportes com dados biométricos.</li> <li>• Jornalista destaca que os primeiros a fugir foram os que tinha como fugir, agora são os mais desfavorecidos que tentam sair da Ucrânia.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Autoridades procuram garantir o acolhimento de todos os refugiados ucranianos que entram no espaço dos 27. É importante ter condições de permanência de, pelo menos um ano para oferecer. Decisões terão de ser reavaliadas com a evolução do conflito.</li> </ul> <p>⇒ Intervenção de Luís Varela de Almeida, com quadro interativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• São 40 mil milhões de <i>kwhs</i> produzidos pelos seis reatores nucleares em Zaporizhzhya.</li> </ul>
--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• As primeiras luzes caíram junto a um edifício de apoio e serviu para iluminar o alvo. O edifício incendiou-se e a preocupação estava em se o incêndio chegasse ao reator que ficava a 150 metros do local. No entanto, as torres estão feitas para aguentar incêndios e terremotos, já que estão protegidas com betão e chumbo para conter a radioatividade.</li> <li>• A energia nuclear é produzida quando os átomos de urânio ou plutónio são partidos nos reatores. Estes geram uma grande quantidade de calor que é arrefecida pela água que está nos reservatórios e que é enviada para os reatores. No arrefecimento é gerado o vapor de água que faz girar umas turbinas. 10 gramas de plutónio equivale a uma tonelada de carvão ou a 700kg de petróleo em produção de energia.</li> <li>• A Ucrânia tem quatro centrais nucleares: Zaporizhzhya, a sul, Mykolaiv, a leste, Rivne e Khmelnytsky. Um ataque às centrais iria afetar também os russos que vivem mais próximos da fronteira devido à radioatividade.</li> <li>• Já foram disparados mísseis contra um depósito de combustível em Kiev e contra um gasoduto em Kharkiv, com o objetivo de controlar toda a energia da Ucrânia.</li> <li>• Os russos conquistaram Kherson e capturaram as instalações de um canal de televisão.</li> <li>• Os bombardeamentos a Kiev e a Kharkiv continuam e são cada vez mais fortes, deixando as cidades completamente irreconhecíveis e com dezenas de mortos e feridos. Já Chernigov foi bastante afetada junto a uma escola e a uma zona de apartamentos: 47 mortos e vários feridos. Mariupol está sem água, eletricidade e comida. Na cidade não deixam entrar abastecimentos ou que os civis saiam.</li> <li>• Há um ataque em curso a partir da Bielorrússia e da Rússia para cercar Kiev, bem como a partir do noroeste, das províncias separatistas e da Crimeia. Forças militares estão também a 130/140km de Odessa, tendo o objetivo de cercar a cidade através do mar e de Mykolaiv.</li> <li>• O Ministério da Defesa dos Estados Unidos da América diz que os ataques diretos dos ucranianos e a destruição de uma ponte estratégica atrasaram o avanço das tropas russas.</li> <li>• Há uma coluna militar a 25 km de Kiev. Em Zdvyzhivka foi montado um acampamento para os russos. A coluna acaba em noutra cidade ucraniana.</li> </ul> <p>⇒ Secretário-Geral da NATO afirma que “esta é a pior agressão militar da Europa em décadas”.</p> <p>⇒ Os refugiados ucranianos em números: 649 903 na Polónia (embora a embaixada polaca diga que já são 700 mil), 90 329 na Eslováquia, 144 738 na Hungria, 57 192 na Roménia, 103 254 na Moldávia e 110 876 noutros países europeus e de onde chega a maioria da ajuda para outros países, segundo as Nações Unidas. Os números devem estar bastante acima porque a rapidez com que os refugiados se movem impede de contabilizar corretamente.</p> <p>⇒ É necessário material cirúrgico e medicamentos para tratar os feridos.</p> <p>⇒ Os donativos estão a chegar às fronteiras vindos de vários países, desde igrejas em França ou em Itália, ou outros. De Portugal estão a partir vários voluntários com o objetivo de levar refugiados ucranianos para o país.</p>
--	--	--

- ⇒ Os países de acolhimento estão a acusar grande pressão. Portugal já recebeu 1158 pedidos de proteção.
- ⇒ Este é um dos fluxos de refugiados mais rápido alguma vez visto. A violência de género, a discriminação e o tráfico de seres humanos e de crianças são sérios riscos que preocupam as organizações.
- ⇒ Há falta de comida, de roupa e de habitação para refugiados ucranianos nos países de acolhimento.
- ⇒ Quem foge permanece na fronteira à espera de ajuda. Refugiados podem ultrapassar os quatro milhões.
- ⇒ Além da União Europeia, há várias organizações dos governos e ONG's a ajudar.
- ⇒ Ursula von der Leyen anuncia que a União Europeia vai abrir um centro humanitário na Roménia para ajudar refugiados ucranianos. O acordo estabelecido vai permitir que os refugiados recebam autorização de residência, direito à educação e acesso ao mercado de trabalho.
- ⇒ França e Alemanha apreenderam iates de oligarcas russos: Um é do dono da maior petrolífera da Rússia, a mais de 80 metros da costa do Mediterrâneo em França, o chamado “Amor Verdadeiro”. O maior iate do mundo foi confiscado na Alemanha e o dono é um bilionário russo.
- ⇒ Oligarcas russos detêm ainda iates nas Maldivas.
- ⇒ Há novos aumentos nos combustíveis em Portugal. Vai ser o maior aumento de sempre na próxima segunda-feira: Gasolina sobre mais de 10 cêntimos por litro e mais de 15 no gasóleo. É o décimo aumento num ano e maior de sempre numa semana.
- ⇒ O petróleo já ultrapassa a barreira dos 100 dólares por barril.
- ⇒ Governo português aumenta autovoucher de 5 para 20 euros. Estas são medidas para amenizar o impacto do aumento dos preços, bem como a suspensão da taxa de carbono e o valor de devolução estável.
- ⇒ Comentário de Paulo Portas:
  - Político diz que susto e fuga são estratégias de Putin, alertando para a catástrofe nas grandes cidades.
  - Do ponto de vista militar: A Rússia está perto de atingir um dos seus objetivos que é unir o Donbass à Crimeia e chegar a Odessa. Se conseguirem, a Ucrânia vai tornar-se um país sem saída para o mar e controlado por terceiros nesse sentido.
  - As tropas russas já tomaram Mykolaiv depois de Kherson, mas apenas só há certezas de que lá chegaram, tal como a Mariupol, onde encontraram uma resistência implacável. Odessa é também uma cidade muito comercial e onde a batalha não vai ser fácil.
  - É inédito que um país beligerante decida atacar as instalações nucleares.
  - Há um sinal de negociação com o corredor humanitário, que vai permitir o cessar-fogo e o cessar hostilidades, ou seja, uma paragem temporária. Segundo a ONU, esperam-se dias mais tranquilos onde as crianças vão ter acesso a cuidados de saúde – acordo não conflitual.
  - O Pentágono emitiu um comunicado que diz que foi estabelecida uma linha de contacto com o Ministério da Defesa russo para evitar incidentes maiores.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Segundo a ABC, o NY Times e a AEIA, a central nuclear atacada teve os reatores desligados automaticamente.</li> <li>• Rússia afirmou que ia tomar Chernobyl, que está desativada, mas o que mostra que queriam tomar as instalações: Responsáveis por 54% da luz na Ucrânia é nuclear e russos podem desligar 20%. Há 15 reatores, mas só 12 estão ativos, de acordo com o site Statista.</li> <li>• Há a probabilidade dos russos querem dividir a Ucrânia ao meio.</li> <li>• Os cereais já estavam a preços altos, mas dispararam ainda mais. A Rússia e a Ucrânia são dos maiores exportadores de cereais do mundo.</li> <li>• Há dois processos de crime internacional abertos contra a Rússia e contra Putin. O Tribunal Penal acusa as pessoas e o Tribunal da Justiça acusa os estados, mas a Rússia não aceita a jurisdição do Tribunal Penal Internacional e não se sente vinculado ao que acontece. Tribunal de Justiça já marcou audiência, chamando a Rússia.</li> <li>• Ucrânia pediu que a Rússia fosse acusada pelo que fizeram no país. Antigamente a Ucrânia também não aceitava a jurisdição do Tribunal Penal, mas aceitou-o já por duas vezes, uma dela depois do que aconteceu na Crimeia (Fonte: ICC e ICJ).</li> </ul> <p>⇒ Melitopol conquistada a 25 de fevereiro, Mariupol e Kherson a 2 de março e Mykolaiv a 4 de março.</p> <p>⇒ Mais de 150 rádios europeias transmitiram, às 7h45 da manhã em Portugal, a mesma música: “Give Peace a Chance”, John Lenon.</p>
<p><b>05/03/22</b></p>	<p><b>Sábado</b></p>	<p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• As ruas estão desertas e muitas pessoas já abandonaram a cidade. Outras pessoas não saem de cada o dia todo ou passam a noite em abrigos subterrâneos. Há muitas barricadas, blocos de cimentos e cruces de ferro. Há muitos militares armados nas ruas.</li> <li>• Há um rumor de que mil sabotadores e mercenários russos estão na capital. Há muita tensão e nervosismo. O jornalista assistiu a uma situação que o demonstra: Um militar apontou a metralhadora a um polícia por achar que ele era russo.</li> <li>• Já se ouviram três vezes a sirene desde que estão ali para o direto.</li> <li>• Há combates próximos de Kiev, nomeadamente a 30 km da capital, na direção noroeste.</li> <li>• Foram reveladas imagens angustiantes de Irpin. Os russos tentaram evacuar a cidade e as centenas de civis que ainda lá estão, sobretudo idosos, e os russos nunca pararam de disparar.</li> <li>• É difícil sair da cidade, sendo que as cidades e as pontes estão destruídas.</li> <li>• Há fortes combates em Hostomel, o aeroporto que os russos estão a tentar tomar desde o início da guerra para as tropas e a carga desembarcarem. Teme-se que os russos estejam a mudar a estratégia e a preparar uma ofensiva em massa.</li> </ul> <p>⇒ Putin diz que sanções à Rússia são uma declaração de guerra. O líder russo ameaçou o governo ucraniano, a NATO e o ocidente. Além disso, Putin ameaçou anexar todo o território da Ucrânia se estes continuarem a resistir. Ao mesmo tempo ameaça quem criar uma zona aérea exclusiva – ou uma “no-fly zone”.</p>

- ⇒ O presidente russo diz que tudo está a correr como planeado. Putin afasta a ideia de aplicar a lei marcial em território russo.
- ⇒ Retirada de civis em Mariupol e em Volnovakha não correu como esperado. 200 mil pessoas estavam à espera há 5 horas para sair de Mariupol porque não há água, nem eletricidade ou aquecimento. O cessar-fogo não foi cumprido e as duas partes acusam-se mutuamente pelo sucedido. Os civis tiveram de voltar para trás, já que a cidade estava cercada a sul, a oeste e a norte pelo exército e a leste pela marinha russa, no Mar de Azov. Em Volnovakha eram 15 mil os civis, que têm comida escassa e estão sem gás. Moscovo acusa nacionalistas de começaram os disparos.
- ⇒ Os Estados Unidos da América expulsaram 13 diplomata russos colocados nas missões da Nações Unidas, depois de serem acusados de espionagem e de abuso de autorização de residência. O voo aconteceu entre Washington e Moscovo, embora tenha sido uma viagem mais longa devido à interdição no espaço europeu. A comitiva tinha ordem de saída até ao fim de março, mas anteciparam a saída. O Kremlin prometeu retaliar em breve.
- ⇒ Joe Biden, o presidente dos Estados Unidos da América, pediu aos residentes russos nos EUA para abandonarem imediatamente o país.
- ⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:
- Antes do direto soaram as sirenes. A cidade ainda está, mais ou menos segura, mas os funcionários do hotel exigiram que todos os hóspedes descessem para o abrigo, inclusive os jornalistas. Agora já estavam no primeiro andar.
  - De manhã, a equipa da TVI andou pelas ruas da cidade e havia muitas pessoas na rua e o ambiente era de tranquilidade.
  - Na estação de comboios houve uma situação de susto com o coronel Fernando Montenegro que está a ajudar na fronteira: O terceiro elemento da sua equipa ficou a 200 metros deste e perderam o contacto. Montenegro ficou apenas com o taxista que era russo, um motorista oferecido pelo hotel. Estavam a fazer imagens simples quando os começaram a cercar e a pedirem-lhe o telemóvel. Impediram-no de traduzir através do Google Tradutor e chamaram as polícias. Ninguém falava inglês o que fez com que fosse detido. Na esquadra, um dos elementos falava inglês e libertou Fernando, mas o motorista ficou detido por ser da área de Donbass e com idade para combater no exército, não estando alistado.
- ⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:
- Os civis estão preparados para defender a cidade assim que os russos entrarem. A primeira coisa que fazem todos os dias é ligar o telemóvel para verem e ouvirem as mensagens do presidente, que os motiva e dá força e alento aos habitantes.
  - Um colega jornalista internacional aconselhou-os a não irem na direção oeste, a chamada “estrada da morte”, porque se estão a travar acesos combates.
  - Os habitantes estão a sair de Kiev, mas a maioria ainda se encontra na cidade, ainda que o cerco russo esteja a apertar.

- O recolher obrigatório em vigor durante a noite dura até às 7 da manhã. As ruas estão desertas.

- ⇒ **“Ao mesmo tempo que partilhamos com os nossos espetadores, Pedro, as imagens e fotografias que o ministro ucraniano da defesa partilhou hoje na sua conta do Twitter” – José Alberto de Carvalho.**
- ⇒ Chernihiv foi bombardeada sem só. Um avião russo despenhou-se na Ucrânia e só o piloto é que se sobreviveu, tendo sido capturado pelos ucranianos.
- ⇒ Em Byshiv, os ataques são devastadores. Já em Irpin, uma equipa de televisão turca escapou a um bombardeamento por pouco. Não há um cerco efetivo à cidade porque falta o cerco a sul.
- ⇒ O presidente ucraniano desmentiu os rumores de que fugiu da capital através de vídeo.
- ⇒ Os ucranianos continuam a fugir, sobretudo, mulheres e crianças. Os homens ficam para lutar.
- ⇒ Os civis estão a enfrentar os soldados russos em Kherson. Estão a protestar em frente a eles. Milhares reuniram-se na praça central, “armados” com a bandeira da Ucrânia. Tropas russas dispararam para dispersar a multidão.
- ⇒ Nas lojas de Kherson já faltam alimento. Há cada vez menos medicamentos e cada vez mais falhas de eletricidade, aquecimento e água.
- ⇒ Governo de Kiev admite ter abatido um helicóptero russo a norte de Kiev, com um projétil a partir da superfície.
- ⇒ **“O vídeo foi publicado com a data de hoje na conta oficial do ministro da defesa ucraniano no Twitter” – José Alberto Carvalho.**
- ⇒ O primeiro-ministro de Israel deslocou-se, em segredo, a Moscovo, onde esteve com Putin.
- ⇒ Estados Unidos da América reforçam tropas na Polónia, que prometem defender cada pedaço da NATO.
- ⇒ Blinken, o secretário de estado, está na Polónia, junto à fronteira com a Ucrânia. São mais de 10 mil.
- ⇒ EUA anuncia ajuda humanitária de 2,7 milhões de dólares para a Ucrânia.
- ⇒ Já há mais de 700 mil refugiados na Polónia, de acordo com o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco.
- ⇒ António Guterres, secretário-geral da ONU, diz que este é o momento mais difícil da sua vida.
- ⇒ António Costa está na Guiné-Bissau, mas a acompanhar a guerra na Ucrânia, e diz que os conflitos se têm de resolver por via democrática.
- ⇒ Já há mais de 1 milhão e 300 mil refugiados. Mais 100 mil do que ontem e que percorreram mais de 1700 km.
- ⇒ Há crianças que viaja de autocarro até à Alemanha, inclusive crianças judias, mas os pais ficam na Ucrânia.
- ⇒ ONU diz que refugiados ucranianos podem chegar a mais de 10 milhões.
- ⇒ Falta de documentos impede refugiados de fazerem viagem de avião. Rapazes com mais de 18 anos são obrigados a ficar e a alistar-se ao exército.
- ⇒ Direto de Cristina Reyna, em Medyka, na Polónia:

- Há uma vaga contínua e permanente. Há sempre pessoas a passar e comboios a chegar.
- As pessoas fogem das operações dos militares com medo.
- A gasolina está a subir todos os dias na Polónia, assim como a inflação, o que faz com que a integração das pessoas seja mais difícil.
- Na próxima semana vão ser montados campos de refugiados porque há muitas pessoas sem ninguém para gerir e o impacto económico no país e para as famílias polacas é cada vez maior.

⇒ Foram contabilizados mais de 800 mil refugiados ucranianos na Polónia.

⇒ Direto de André Carvalho Ramos, em Siret, na Roménia:

- Encontra-se num centro pequeno que acolhe, sobretudo, as mulheres que passam a fronteira. A sala é quente, tem comida para oferecer e há colchões no chão. No centro, além de crianças muito pequenas, há mulheres grávidas, quase a dar à luz a chegar.
- Espera-se um grande aumento de refugiados nos próximos dias porque se estão a juntar muitas pessoas sem meios para saírem do país.
- A Moldávia já não tem mais meios para deixar entrar mais pessoas.
- O Presidente da Roménia vai abrir um centro logístico para donativos que serão distribuídos pela Roménia e pela Moldávia onde já há carência humanitária.

⇒ Há muitos refugiados ucranianos a chegarem ao Algarve, em Portugal. A Albufeira chegou 50 pessoas que foram recebidas por familiares e amigos. Chegaram preocupadas com os familiares que ficaram na Ucrânia. Muitos viajaram sozinhos em longas filas de espera e em longos dias de viagem com poucas coisas. São 26 horas na fronteira da Hungria e três noites para chegarem. A maior parte das pessoas que chegam são crianças. Os autocarros voltam com mantimentos.

⇒ Estão a decorrer iniciativas solidárias por Portugal inteiro: Há carrinhas cheias a levar ajuda para as fronteiras, como bens essenciais (roupa, comida, medicação). Os bombeiros voluntários de Albufeira vão partir em direção à fronteira entre a Roménia e a Ucrânia. Lá estão 120 famílias identificadas à espera dos mantimentos. Na próxima semana vão ser enviados mais meios. De Loures já partiram duas toneladas de mantimentos para a Polónia. Roménia e Moldávia já estão a pedir urgentemente ajuda. Há quatro camiões cheios, mas a logística é grande: 4 mil euros para ir e voltar. Nos Açores, todas as ilhas estão a ajudar, e já conseguiram encher dois contentores que vão para Portugal. Na Madeira também já se juntou uma tonelada de mantimentos, mas 30% não é útil. Organização pede critério.

⇒ Inúmeras empresas e marcas estão a abandonar a Rússia e a deixar o país cada vez mais isolado: A Zara encerrou todas as lojas no país. A loja representa 8,5% do grupo Inditex na Rússia: Das 502 lojas, 86 são Zara. É uma das últimas a suspender temporariamente. Muitas outras lojas, como Nike e H&M já o tinham feito, e agora estão a suspender as compras online para os consumidores russos. Várias outras marcas de diferentes áreas como BP, Renault, BMW, Volvo, Ford e outras já suspenderam atividade no país. Meta (Facebook, Instagram), WhatsApp, YouTube Twitter, Microsoft, Netflix e Spotify bloquearam as apps. Disney Warner e Sony não vão lançar filmes nos cinemas russos. Lego e IKEA fecharam

todas as lojas, tal como Mastercard e Visa. Airlines, Boieng, Airbus, Americanlines, Delta também fazem parte da lista. E tantas outras.

⇒ Várias marcas retiraram os patrocínios às equipas e atletas desportivos da Rússia.

⇒ Países ocidentais pedem para que cidadãos que vivem na Rússia abandonem, de imediato, o país.

⇒ É o segundo dia consecutivo de filas nos postos de abastecimento em Portugal. Este pode ser o maior aumento de sempre numa semana. Aumentos podem continuar se a Ucrânia entrar em greve de combustíveis e o preço atingir o valor durante o período da Troika. O preço do brent subiu mais de 50%, sendo 118 dólares por barril, o preço mais alto desde agosto de 2008.

⇒ Os portugueses estão a encher os depósitos, enquanto o governo obtém receitas extras dos impostos. Sugeriram três medidas para a diminuição dos impostos: Autovoucher de 20 euros em março, alargamento da devolução do ganho do IVA com ISP e congelamento do aumento da taxa de carbono. Além disso, o apoio para a compra de carros elétricos vai subir 4 mil euros, de acordo com o Ministro do Ambiente.

⇒ Há uma pressão alta para que Biden acabe de vez com o petróleo russo, mas a maior petrolífera continua a fazer grandes acordos como, por exemplo, um valor recorde de desconto de 28,5 dólares por barril.

⇒ Comentário do Major-General Carlos Branco, com quadro interativo:

- Há uma alteração nos procedimentos táticos da Rússia. O país está mais cauteloso. O desenvolvimento das forças é lento, metódico e cauteloso porque nos subúrbios de Kiev estão preparados para enfrentar os combates que se avizinham.
- Há forças militares a vir da Bielorrússia. Fortes destruições em Borodyanka, com prédios de habitação destruídos. Uma cidade com 13 mil habitantes. O aeroporto militar era o objetivo, mas a troca de tiros continuou e ele não ficou na posse de ninguém. Autoestrada que vai de Kiev a Dnipro continua nas forças ucranianas.
- Objetivo é controlar as maiores cidades do país e deixar Kiev para o fim porque, com 3,5 milhões de habitantes, entrar em força seria prejudicial. Isto iria implicar um esforço militar imensos e muitas baixas russas.
- Se os russos ocuparem Kharkiv e Mariupol, e já controlando Kherson, vão estar e vantagem negocial.
- Odessa vai demorar a conquistar porque as forças russas estão em Mykolaiv e pretendem fixar lá outras forças para depois cruzarem Dniepre mais a norte, já que não há pontes suficientes. É preferível cruzar onde o rio é mais estreito e onde há mais pontes já que, se forem destruídas, facilmente se constroem pontes improvisadas.
- 200 mil pessoas de Volnovakha e Mariupol que tiveram de voltar para trás porque as tréguas não duraram mais do que 30 minutos.
- Forças russas estão muito próximas de Kiev, pois as partes a norte já foram tomadas.
- Uma guerra da era industrial entre dois países que têm equipamento semelhante. O que vai prevalecer é a guerra de artilharia, o fogo e os carros de combate. Guerra cibernética também fará sentido, mas

		<p>aplica-se de outra forma e uma não substitui a outra. Podem complementar-se, mas a de artilharia prevalece.</p> <p>⇒ O Ministro da Defesa da Ucrânia anunciou que regressaram, até agora, mais de 60 mil homens ucranianos de outros países para combater na guerra. Muitos deles ainda têm as famílias a viver na Ucrânia, o que faz com que a revolta seja mais acentuada.</p> <p>⇒ Há mais de 40 mil ucranianos a viver em Portugal. Lisboa e Porto têm grandes comunidades que estão em sofrimento. Muitos não dormem desde que a guerra começou. Os familiares não querem abandonar o país, as casas, os animais... Preferem morrer na Ucrânia se assim tiver de ser.</p> <p>⇒ Em Portugal, os ucranianos, e até russos, reúnem-se em igrejas ortodoxas para rezar.</p> <p>⇒ TVI associou-se a uma campanha de solidariedade para ajudar os ucranianos, juntamente com a Missão Continente, a FPF e a Cruz Vermelha. A aquisição de um vale de um ou de cinco euro é transformado em dinheiro para o Fundo de Emergência da Cruz Vermelha, que vai adquirir equipamentos para distribuir aos ucranianos. A ajuda monetária vai transformar-se em bens de primeira necessidade no terreno e para ajuda das vítimas no futuro. As fronteiras estão sem capacidade de armazenamento e com saturação.</p>
<p><b>06/03/22</b></p>	<p><b>Domingo</b></p>	<p>⇒ Bombardeamentos das últimas horas visaram vários civis na Ucrânia.</p> <p>⇒ Milhares de voluntários erguem defesas nas ruas de Kiev.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dia de intensos combates na periferia de Kiev. As tropas russas estão a 25 km a noroeste.</li> <li>• Tropas russas atiraram a matar sobre civis, em Irpin, onde estavam a evacuar a cidade.</li> <li>• Ucranianos dizem que a batalha pela capital está próxima.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fluxo de refugiados vai aumentar nas próximas horas, mas. Para isso acontecer de forma segura, é necessário que a Rússia cesse-fogo. Nas últimas tentativas de cessar-fogo, a Rússia impediu-os.</li> <li>• É necessário criar corredores humanitários nas zonas mais afetadas. Há 200 mil pessoas a precisar de sair dessas zonas. Há a probabilidade de que maior parte dessas pessoas sigam para Lviv caso consigam sair.</li> </ul> <p>⇒ O exército russo exerceu fortes ataques, em Irpin, enquanto as pessoas fugiam da cidade.</p> <p>⇒ Kharkiv também foi bombardeada em zonas residenciais, sem alvos militares reconhecidos.</p> <p>⇒ Uma nova tentativa de permitir a fuga de 200 mil pessoas de Mariupol falhada. As tréguas entre os países duraram poucos minutos. Os cidadãos foram forçados a voltar para trás.</p> <p>⇒ Irpin é uma cidade próxima de Hostomel, o aeroporto que é um dos principais objetivos russos desde o primeiro dia. Não tem sido fácil lá chegar porque o exército ucraniano e a população têm resistido, inclusive com pontes estratégicas para travar o avanço do exército russo. As tropas russas decidiram bombardear a cidade para não perderem tempo e não permitir o apoio da população ao exército da Ucrânia. As pessoas têm fugido em direção ao centro de Kiev, um lugar mais inseguro do que Irpin.</p>

	<p>⇒ As bombas caem em zonas residenciais em Irpin, e em todo o lado, menos onde há alvos militares. A população é o alvo. Os militares ucranianos ajudam a população a fugir, especialmente crianças e idosos, que estão em choque e traumatizados. O exército encaminha as pessoas para autocarros que os devem levar para um lugar mais seguro.</p> <p>⇒ Petro Poroshenko, ex-presidente da Ucrânia e um dos homens mais ricos do país, está na rua de Kalashnikov com um grupo de resistência territorial, com cerca de três centenas de homens.</p> <p>⇒ Até chegar à autoestrada, a população de Irpin tem de ultrapassar uma ponte destruída pelas tropas ucranianas para impedir o avanço dos russos. A população vai em autocarros até à estação de comboios, sem saber o destino que a espera.</p> <p>⇒ Os russos bombardearam o Instituto de Tecnologia Nuclear, em Kharkiv, onde existe um pequeno reator nuclear para investigação académica. Não há notícia de que o reator foi atingido. O Instituto é financiado pelos Estados Unidos da América com 70 milhões de dólares anuais.</p> <p>⇒ Kharkiv é a segunda cidade mais importante da Ucrânia, com 1,5 milhões de habitantes. Não se sabe quantos ainda estão na cidade. Nos primeiros dias de bombardeamentos morreram mais de 40 pessoas e mais de 100 ficaram feridas. Há dois dias, as autoridades ucranianas garantiram que forças russas utilizaram bombas de fragmentação, proibidas pelas leis internacionais.</p> <p>⇒ A situação mais grave é a de Mariupol. Russos, ucranianos e pró-russos culpam-se mutuamente pelo novo falhanço em evacuar a população. 400 mil civis continuam encurralados, com frio e sem comer. O corredor estava marcado para o meio-dia na hora local. Os autocarros estavam preparados, mas as pessoas tiveram de voltar para trás porque as hostilidades recomeçaram.</p> <p>⇒ Em Zaporizhzhya, a entrega de alimentos e de medicamentos foi, novamente, adiada. Havia esperança ainda de manhã de que a entrega fosse feita. O objetivo era retirar 200 mil residentes, mas apenas 300 conseguiram sair. Quem saiu por sua conta a risco garante que o cenário é catastrófico.</p> <p>⇒ Vladimir Putin disse que o fracasso foi uma forma de os nacionalistas ucranianos se reabastecerem e reagruparem. A acusação foi rejeitada por Kiev. Esta é uma área estratégica para a Rússia porque permite a continuidade entre a Crimeia e a área controlada no Donbass.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os habitantes de Kiev temem a batalha. O exército russo tem bombardeado bairros e cidades a norte da capital.</li> <li>• O exército movimenta-se para oeste, próximo da estrada que vai para Lviv, a principal cidade no ocidente.</li> <li>• O caminho para sul está desimpedido. Os ucranianos oferecem toda a resistência, muito acima do esperado pelos analistas militares.</li> <li>• Na periferia de Kiev luta a elite do exército russo, uma unidade de forças especiais treinadas pelos norte-americanos e pelos aliados europeus. Estes têm capacidade de destruir tanques e aviões e helicópteros.</li> </ul>
--	--

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os civis ajudam a polícia e os militares a barricar as principais ruas, com obstáculos e armadilhas para atrasar o avanço russo. Há muitas pessoas a correr aos supermercados, antecipando o pior.</li> </ul> <p>⇒ As filas para o recrutamento de militares em Kiev são enormes, e nem todos são ucranianos. Há, por exemplo, veteranos britânicos a voluntariarem-se.</p> <p>⇒ Zelensky tem sido um importante fator de mobilização e de moralização dentro e fora da Ucrânia. Ontem falou ao país para encorajar a resistência.</p> <p>⇒ Os russos estão a aproximarem-se de Kiev. O objetivo é cercar a cidade pelos quatro lados, mas a sul não há forças russas. O exército ucraniano está pronto para o que está por vir, até mesmo com <i>cocktails molotov</i>.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Já estão a chegar a Kiev muitos refugiados vindos de Irpin. Estes vinham de noroeste. Em sentido contrário havia muitas viaturas militares a transportar forças ucranianas para combate.</li> <li>• O plano principal é fugir para Lviv, mas a fuga fica impossibilitada caso a Rússia avance pela autoestrada. A única sai ainda é a sul.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A pressão russa vai aumentar no ocidente nos próximos dias, e Lviv é a cidade a ocidental mais próxima da fronteira com a Polónia. Milhares de refugiados fogem para lá.</li> </ul> <p>⇒ Mais velhos já podem não resistir à tropa.</p> <p>⇒ Na estação de comboios, as pessoas mal conseguem movimentar-se. A maioria está em pé, e outros sentados, à espera da vez para sair. Há muitas mulheres, crianças e pessoas doentes.</p> <p>⇒ Todos se ajudam uns aos outros na medida do possível. A fila para entrar é muito longa.</p> <p>⇒ As pessoas de etnia cigana estão numa sala à parte porque, sem documentação, o processo será mais longo e difícil.</p> <p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• É provável que a situação piore nas próximas horas, dado a massa de refugiados que está a chegar de nordeste, do sul e da região de Kiev. Esta é conhecida como “a estação do desespero”.</li> </ul> <p>⇒ A ONU estima que já haja 1,5 milhões de refugiados ucranianos. Esta é crise de refugiados com o crescimento mais rápido da Europa desde a segunda guerra mundial.</p> <p>⇒ Os refugiados chegam cansados depois de viajarem muitas horas ou dias. Há muitas mulheres e crianças. Na Roménia há comida, bebidas quentes e alento para quem chega.</p> <p>⇒ Há muitas famílias despedaçadas e separadas. O mesmo se repete na Polónia.</p> <p>⇒ Os ucranianos fogem para os países vizinhos.</p> <p>⇒ Em 10 dias fugiram mais de 1,5 milhões de ucranianos. Mulheres e crianças cruzam a fronteira com a Roménia mesmo de noite, sobretudo desde a região de Odessa.</p> <p>⇒ A maioria dos refugiados está em contacto com familiares e amigos noutros países. Esta realidade pode mudar com os mais de 10 milhões de refugiados que não terão para onde ir.</p> <p>⇒ Direto de Cristina Reya, em Medyka, na Polónia:</p>
--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vaga de refugiados chegam à fronteira. Quase um milhão atravessaram-na para a Polónia: 965 mil.</li> <li>• O corredor para a Polónia continua aberto, com centenas de pessoas a chegar vindas de Lviv, uma cidade que chegou a ser da Polónia.</li> <li>• Na Ucrânia, os corredores humanitários chamam-se “corredores verdes”.</li> <li>• Um secretário-geral norte-americano disse na Moldávia que deu luz verde aos países da NATO para fornecerem caças à Ucrânia. Os EUA estão a trabalhar diretamente com a Polónia para doar 28 caças mig.</li> <li>• Há muita ajuda a entrar no país e há muitas pessoas que se aventuram para irem buscar pessoas e animais ao outro lado da fronteira.</li> <li>• Esperam-se ainda muitas pessoas vindas da Ucrânia.</li> </ul> <p>⇒ Há filas para entrar na Ucrânia, com pessoas dispostas a assumir os riscos de irem buscar os animais de estimação abandonados por quem não os conseguiu levar. As pessoas deixaram mensagens a pedir ajuda para os animais. Já foram encaminhados 200 cães: Há mediação, vacinas, chips e comida 24 horas por dia.</p> <p>⇒ Direto de André Carvalho Ramos, em Siret, na Roménia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Há muitos ucranianos que não conseguem chegar perto da fronteira devido às filas, e, por isso, voltam para trás. A única alternativa é a Roménia, onde estão a fazer chegar ajuda humanitária, mas que está difícil: Uma caravana humanitária que ia seguir pelo sul da Ucrânia até Odessa, onde ia entregar toneladas de ajuda distribuída em seis camiões, foi cancelada por falta de condições de segurança.</li> <li>• Há muitas famílias que estão há vários dias na estrada, mas não sabem se as estradas e pontes estão boas ou se foram bombardeadas.</li> <li>• A equipa da TVI está em contacto com famílias que estão a poupar bateria para tentarem chegar a fronteira.</li> <li>• Ali há uma pequena sala com colchões, onde estão mulheres e crianças pequenas com altos níveis de sensibilidade. Há uma grávida de oito meses que atravessou a Ucrânia sozinha para chegar a Siret.</li> </ul> <p>⇒ Há várias histórias de famílias bombardeadas, ou que deixaram a família para trás. As crianças enchem abrigos na Roménia.</p> <p>⇒ São dados carimbos para passar a fronteira e ir pelos corredores.</p> <p>⇒ O Papa Francisco referiu-se à Ucrânia como um “país mártir”. O pontífice disse que a Igreja ia fazer tudo ao serviço da paz. Enviou dois cardeais a Kiev, em sua representação, e com a mensagem de que “a guerra é uma loucura”.</p> <p>⇒ Zelensky volta a pedir ao ocidente para aplicar uma zona de exclusão aérea que impeça os bombardeamentos russos ou, como alternativa, que o ocidente dê aviões para os ucranianos se defenderem. Moscovo avisou de imediato que se aeródromos de países da NATO servissem e de base a pilotos ucranianos, que tal podia ser visto como envolvimento desses países no confronto.</p> <p>⇒ Kiev diz que já abateu 88 aeronaves russas. Já a Rússia diz que destruiu praticamente todas as da Ucrânia. Depois de, alegadamente, terem sido destruídas umas quantas num aeroporto na zona oeste. Zelensky criticou Ocidente.</p>
--	--	---

- ⇒ A Polónia admite oferecer os usados mig-29, mas, em troca, os EUA têm de se substituí-los por mais modernos.
- ⇒ Os EUA admitem ajudar a Polónia, mas com a ameaça da Rússia, a Ucrânia pode não poder baixar em aeroportos de países da NATO – NATO quer evitar zona aérea exclusiva.
- ⇒ Putin admite que o fim dos combates só vai acontecer com rendição da Ucrânia.
- ⇒ Os portugueses fazem fila nas gasoleiras porque os preços vão disparar na próxima segunda-feira. O aumento do gasóleo pode chegar aos 15 cêntimos e da gasolina aos 10 cêntimos. Demora-se mais de uma hora para abastecer e com fila pequena, mas a oferta começa a não chegar. O Governo anunciou que o autovoucher sobe de 5 para 20 euros já este mês. Estará 3 euros mais caro para abastecer na segunda-feira do que no domingo.
- ⇒ Jerónimo de Sousa, líder do PCP, diz que o partido não apoia a guerra nem Putin e que está do lado da paz. Os 121 anos do partido foram comemorados no Campo Pequeno e juventude comunista aproveitou para apelar à paz.
- ⇒ Um ataque russo acaba de silenciar as emissões de televisão e de rádio em Kharkiv.
- ⇒ Pedro Moreira é o único jornalista português em Kiev.
- ⇒ Putin encarna ressentimento da União soviética pela derrota na Guerra Fria, e a Ucrânia é a principal presa. O presidente russo está há 21 anos no poder e prepara-se para ficar mais 15. É descrito como cruel, frio e autoritário. Em criança já era “bullie” e desordeiro, tendo sido disciplinado através das artes marciais.
- ⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:
  - Kharkiv foi atacada sem dó nem piedade, o que impressiona os ucranianos. Aqui a maioria da população é russa, assim como em Mariupol. População diz que se Putin faz isto ali, não imaginam o que fará noutros lugares, sobretudo em Kiev.
  - Sirenes ainda não tocaram. Na noite passada tocaram 5, 6 ou 7 vezes.
  - Os combates travam-se a 25 km da capital. No centro há uma estranha calma, talvez a calma antes da tempestade.
- ⇒ Ucranianos católicos procuram conforto na oração nas igrejas na Ucrânia. Há poucas pessoas na rua, mas alguns vizinhos juntam-se para passearem os animais. Dizem que têm menos medo assim.
- ⇒ No centro da cidade prepara-se a chegada do invasor. Muitas armas, barricadas e militares. As denotações já se ouvem à distância.
- ⇒ Os civis ajudam na defesa do país. Estes enchem sacos de areia para as barricadas, por exemplo. Os ucranianos estão habituados à guerra, mas desta vez é diferente devido aos bombardeamentos e ao que já fizeram na Ucrânia e noutros países desde 2014.
- ⇒ Comentário de Paulo Portas:
  - Há a perceção de que as coisas mudaram à nossa volta. O sentimento de paz, a perceção da ameaça, a fronteira da Rússia, a Europa, a Alemanha, os escandinavos, a Ucrânia, o mundo, a economia e o que podemos esperar dela.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Se Putin cumprir o que ameaçou fazer na penúltima reunião com Macron – a ocupação total -, a Rússia vai fazer fronteira com 8 países da União Europeia, o que significa que a Europa vai estar próximo de um agressor. Roménia, Hungria, Eslováquia, Polónia, Lituânia, Letónia, Estónia e Finlândia. Haverá uma mudança completa se Putin anexar a Ucrânia e fizer uma união a bem com a Bielorrússia, que já está programada.</li> <li>• A NATO não recuou e a Rússia avançou.</li> <li>• Putin é um nostálgico do nacionalismo russo, do imperialismo e dos czares, e tem Catarina e Pedro como referência. O nível de ressentimento é muito alto: “A maior desgraça do século XIX foi o desaparecimento da União Soviética”. Putin não tem consideração por Lenine, mas tem alguma por Estaline. Este tem raiva do mundo se ter transformado entre a América e a China.</li> <li>• Putin percebeu que o Ocidente estava fraco depois da saída do Afeganistão, mas também percebeu que a Rússia estava mais forte depois da Síria.</li> <li>• Surpresa desta guerra está no nível de execução da ameaça. Entra num país soberano e invade parcialmente ou completamente a Ucrânia. Sentiu-se à vontade para o fazer ou tem fragmentação psicológica. Vive num mundo de paranoia.</li> <li>• Há informações de que Putin que pode estar doente, embora este tenha preparado a constituição para estar no governo muitos anos.</li> <li>• Guerra no continente europeu é muito mais grave que a dos Balcãs, embora esta tenha sido muito letal. Intra conflito.</li> <li>• Hipótese de guerra curta: Tomar Kiev, colocar governo fantoche e favorável à Rússia, retalhar a Ucrânia e negociar em posição de orçamento. Não se sabe quem negocia pela Ucrânia se conseguirem derrubar Zelensky. Uma guerra longa, que é a pior, e ir até à Transnistria é o objetivo. Ligar Odessa a este local, como está a fazer entre Odessa e o Donbass. Transnistria retirada à Moldávia, o que coloca a Europa num estado de perigo e risco porque ninguém sabe se fica por aí. Pior dos cenários.</li> <li>• Saída diplomática é hipótese. Audível pelas duas partes. Há 4 personalidades a chegar-se: Macron, embora com desconfiança do lado russo, Edorgan da Turquia com desconfiança do Ocidente, China a título indireto e o primeiro-ministro de Israel.</li> <li>• Queda de Putin não é uma hipótese.</li> <li>• Difícil ser oposição num país autoritário há séculos. Não tem 20 anos de democracia, com 1000 anos de história. 11 fusos horários, 95 nacionalidades, poder autocrático e expansionista. Maio país do mundo.</li> <li>• Europa confrontada com o despertar de uma ameaça.</li> <li>• Primeira vez que um banco central russo cujo as reservas são bloqueadas. Imagem da Europa com os refugiados muito diferente do que em 2016. Atacou o SWIFT.</li> <li>• Havia 4 países à espera para entrar na eu há décadas, como a Turquia. Nesta semana, 3 países pediram: Ucrânia com 44 milhões de pessoas e PIB de 29% da união europeia, a Geórgia 3,7 milhões com 34,8% e</li> </ul>
--	--	---

		<p>a moldávia com 2,6 milhões e 30,3% de pib. Pedem porque é a única expectativa de segurança e prosperidade que têm, percebendo que estão rodeados por um país governado por um homem e agressor que parece não ter sem limites. Não cumprem os critérios de Copenhaga, e por isso não é possível dar a uns o que se não pode dar a outros. Terão de fazer um caminho para ser possível. Ucrânia não é estado de direito.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior crise de refugiados em território europeu. 5 milhões. Hoje está em 1 milhão e meio em termos globais não é a maior crise humanitária neste momento. Fonte: UNCRM STATISTICS.</li> <li>• Europa mudou com deveres de acolhimento, diferente de 2016 por bases culturais ou religião igual. Continente da prosperidade com os países mais prósperos do mundo.</li> <li>• Viragem coperniciana: Alemanha mudou. Demorou, mas foi. Política externa e de defesa e de energética como consequência da externa. Maior país da UE – defesa acima de 2%, armas à Ucrânia quando há um mês só queriam dar capacetes e deitar abaixo o <i>Nordstreet</i> – Independência alemã.</li> <li>• Possibilidade de Europa e Estados Unidos da América cessarem por completo as importações de petróleo e de gás, mas só se Kiev cair e Putin ocupar.</li> <li>• Bálticos e escandinavos aterrados. 2/3 dos bálticos são minorias russas, superiores a 20% da população. Polónia aumentou o orçamento de defesa para 3% - Fronteira com a Bielorrússia, Dinamarca aumentou o orçamento de defesa para mais de 2%. Finlândia e Suécia com tradicional neutralidade assumem aderir a NATO.</li> <li>• França é única potência na União Europeia mais importante do que o Reino Unido. Ambos com arma nuclear, mas Reino Unido já não está na União Europeia. França com cerca de 290 ogivas nucleares. É a mais ouvida por Putin porque tem poder que poucos tem no mundo.</li> <li>• Turquia mudou. Alinhou pela NATO, declarou estado de guerra e fechou a frota naval russa, o que prejudica a operação no Mar Negro. Contribui com drones muito eficazes para a Ucrânia. Sistemas de defesa antiaérea russos – Divergência principal com Putin quer ter influência na zona da antiga União Soviética turcomana. Tratado da Crimeia que perderam - São turcófilos. Procura fazer uma mediação sempre leal à NATO, mas não decretou sanções económicas à Rússia.</li> <li>• Biden é mais clássico. Querem os soldados de volta e não querem fazer mais guerras pelo mundo. Crise da Ucrânia melhorou aprovação de Biden: 43% acha bem e 47% acha mal, coordenou sanções com a União Europeia e se um país da NATO for atacado vai defender a Europa ou mesmo Taiwan – Quer restaurar um ambiente de segurança.</li> <li>• NATO ganhou uma segunda vida porque o mundo se tinha deslocado para o pacífico. Revalidada a união entre europeus e americanos. Em 2008, a NATO deu esperanças de a Ucrânia entrar.</li> <li>• Só a Ucrânia pode dizer que não quer ser membro. NATO não pode dizer que não quer um ou outro, mas pode não aceitar.</li> <li>• Em 2014, 100 países condenaram a Rússia e agora 151. 58 abstenção e agora 35. Pro Rússia eram 11 e agora 5, não votaram 24 e agora 12. País está extremamente isolado. Muito importante para a China que</li> </ul>
--	--	--

		<p>passou décadas a conquistar em África e na América latina – não quer estar associada a uma posição minoritária.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Em Taiwan manifestaram-se a favor d Ucrânia porque sabem que podem ser os próximos. China tem o país como plano B. Plano A dos chineses é provocar uma mudança política com um partido menos anti chinês. É importante para a China não estar isolado do mundo. Solidários com a Rússia, mas desconfortáveis com o nível de violência.</li> <li>• Economia mudou muito: Inflação em fevereiro, na Europa, já vinha a crescer nos vários países.</li> <li>• Estagflação: estagnação mais inflação – ambiente em que vão ter inflação mais alta e crescimento mais baixo ou nulo devido à guerra.</li> <li>• Dilema: Subir juros para controlar inflação, mas o crescimento é pouco.</li> <li>• Sinal de guerra: Aumento dos combustíveis e dependentes da Rússia. Fornecimento de gás russo caiu 32% entre o início e o fim de fevereiro. Pode haver sanções que atingem outros níveis se Kiev cair. Prolongar centrais a carvão e no caso da Alemanha se possível tentarem adiar a saída do nuclear por um tempo – Não é possível abastecimento, independência da Rússia e transição energética.</li> </ul> <p>⇒ Comissão europeia tem reservas muito superiores.</p>
<p><b>07/03/22</b></p>	<p><b>Segunda-feira</b></p>	<p>⇒ Bombardeamentos impedem evacuação de seis cidades da Ucrânia.</p> <p>⇒ Repórteres da TVI são alguns dos poucos jornalistas que estão na Ucrânia.</p> <p>⇒ Delegações russa e ucraniana voltam a encontrar-se na Bielorrússia, mas sem entendimento. A Rússia quer que os seis corredores humanitários vão dar ao país ou à Bielorrússia. A Ucrânia diz que a proposta é imoral e inaceitável, pois mantém a coação e dá imagem de que os refugiados estão a ser ajudados pela Rússia, o que ajuda na guerra da propaganda russa e na manipulação da opinião pública.</p> <p>⇒ Portugal está na lista de países hostis da Rússia, tal como quase todos os países da União Europeia, o Canadá, a Austrália, os EUA ou Taiwan. Controlado qualquer negócio ou troca comercial entre empresas da Rússia e organizações de países da lista hostil.</p> <p>⇒ Polónia garante que não vai enviar aviões nem permitir que os ucranianos utilizem as pistas de aviação polacas.</p> <p>⇒ Alemanha e Hungria não apoiam as sanções das importações de gás e petróleo russos. O chanceler alemão diz que a Europa não consegue uma alternativa rápida para os substituir. Para a Hungria, tal obrigava os húngaros a pagarem o preço da guerra.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Combates mais intensos em Kiev.</li> <li>• Ouvidas várias explosões à distância nas últimas horas. Avião sobrevoou a capital, e foi a primeira vez que ouviram.</li> <li>• Tropas russas sem progressos militares.</li> <li>• Rússia confirma quarta ronda de negociações.</li> <li>• ONU confirma mais de 400 mortes de civis na Ucrânia.</li> <li>• Deputada ucraniana, que veste uniforme militar, diz que todas as noites as defesas antiaéreas intercetam rockets, projéteis e mísseis. Estragos</li> </ul>

só não são maiores por isso. Governo ucraniano distribuiu armas a civis.

⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:

- Capacidade de acolhimento está esgotada em Lviv. Cidade pede ajuda às organizações internacionais para auxiliarem com mantimentos e medicamentos.
- Cerca de 50 mil ucranianos tentam sair de comboio para a Polónia todos os dias. 200 mil refugiados estão naquela cidade.

⇒ Pedro Mourinho, com quadro interativo:

- Nova ronda de negociações.
- Ucrânia ataca Rússia dizendo que estão a atacar civis de forma indiscriminada. Desenvolvimentos positivos dos corredores, mas minas colocadas ao longo do trajeto.
- Em Irpin há milhares que fogem através do viaduto. Arriscado e mortífero. Ministro ucraniano das Infraestruturas já fez primeiras contas dos danos da guerra: 9 mil milhões de euros para dar início à reconstrução.
- No resto do mundo houve a queda forte das bolsas e o petróleo subiu.

⇒ Fortes ataques em Mykolaiv: Outra central de produção de energia atacada. Cerco a Kharkiv reforçado e avanço para envolver Kiev.

⇒ Cidadãos estrangeiros estão a ser encorajados pela determinação dos ucranianos. Ex-militares e não ex-militares de outros países europeus, na sua maioria, querem defender o país. Há 20 mil voluntários para combater na Ucrânia. Outros voluntários cavam trincheiras, em Kiev, para lutar pela democracia da Europa e não contra a Rússia.

⇒ Forças ucranianas abateram avião russo em Kharkiv, a nordeste de Odessa, o maior porto do país.

⇒ No dia 10 vão acontecer novas negociações entre os dois países. Turquia assume o papel de mediador, enquanto a China também se oferece para mediar o diálogo. Pequim diz que tal papel não afeta a relação estratégica com a Rússia, já que é um “papel construtivo”.

⇒ Terceiro encontro entre Ucrânia, Rússia e Bielorrússia sem negociações. As conversações dietas podem subir de nível com o encontro entre os Ministros dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia e da Rússia na Turquia.

⇒ Kiev rejeitou a proposta da Rússia: Ucrânia desmilitarizada e fora da NATO. Livre de idealizações e elementos nazis. Armamento letal não deve ser utilizado na Ucrânia.

⇒ Quatro das seis rotas de corredores humanitários tinha como destino a Rússia e a Bielorrússia. Kiev, Sumy (2), Mariupol e Kharkiv (2).

⇒ Últimas negociações com menos um negociador ucraniano: Denys Kireev foi morto no sábado, acusado de ser um espião russo, mas também Acusado de traição por fazer jogo duplo. Já os ucranianos dizem que morreu numa missão especial pelo país. Há quem diga que passou informações sobre as armas na Ucrânia ao Kremlin. Era um homem de confiança de David Arakhmia, líder da delegação e dirigente dos Servos do Povo, o partido de Zelensky.

⇒ **18:26: “(...) segunda versão é dos serviços secretos do ministério da defesa da Ucrânia que confirmaram através do Twitter que Denys**

**Kireev foi um dos três funcionários do governo que morreram em missões especiais (...)” – Texto de reportagem.**

- ⇒ Cerca de 5 mil pessoas detidas nas últimas 24 horas na Rússia por usarem expressões como “guerra”, que estão proibidas na Rússia, e de participarem em protestos e situações hostis. Ser contra a invasão da Ucrânia pode ser considerado crime e a pena de prisão pode ir até 12 anos.
- ⇒ 147 países em manifestações contra a guerra na Ucrânia.
- ⇒ Russia 24, Channel One e Moscow 24 foram alvos de ataques cibernéticos. O grupo “*Anonymous*” reivindicou o ciberataque.
- ⇒ A Rússia esteve ausente no Tribunal Internacional de Justiça, não tendo enviado nenhuma delegação. A Ucrânia pediu uma providência cautelar para terminar de imediato a invasão. Segundo os Países Baixos, a Rússia violou a convenção para prevenção do crime de genocídio do contrato de 1948 da ONU.
- ⇒ Os supermercados estão vazios no leste da Ucrânia e já não há medicamentos como o paracetamol ou as aspirinas.
- ⇒ **24:45: “(...) a primeira guerra em que, quer os soldados, quer as populações tem câmaras de vídeo e smartphones. É, por isso, também a guerra das redes sociais e do relato em direto e na primeira pessoa (...)” – José Alberto Carvalho.**
- ⇒ **25:09: “E por isso temos visto nas redes sociais as imagens dos soldados que se filmam a eles próprios, seja antes dos combates seja em altura de combates” – Pedro Mourinho.**
- ⇒ Irpin, com 40 mil habitantes, fica a cerca de 25 km de Kiev e está em escombros. A fuga dos habitantes não foi concluída devido aos bombardeamentos intensos.
- ⇒ Mais de um milhão e 700 mil refugiados: 1 027 603 na Polónia, 128 169 na Eslováquia, 180 163 na Hungria, 78 977 na Roménia, 82 762 na Moldávia, 183 688 noutros países europeus. A maioria ainda está nos países vizinhos.
- ⇒ Ucrânianos chegam a Braga, em Portugal: 44 mulheres e crianças depois de 4 dias de viagem. A Lisboa também continua a chegar: 29 adultos e 14 crianças acompanhados dos animais de estimação. No posto recebem ajuda para pedir o número de utente de saúde ou de contribuinte. Dali partem para casas de amigos ou familiares, ou hotéis em Lisboa. O estádio de Leiria transformou os camarotes em quartos improvisados para 50 pessoas.
- ⇒ Direto Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:
  - Estão em trânsito 200 mil refugiados e mais os que tentam sair da Ucrânia.
  - Um dos principais teatros de Lviv foi transformado num centro de acolhimento.
  - Alguns atores alistaram-se no exército e outros auxiliam na ajuda humanitária com todos os mantimentos - Bens para refugiados e militares.
  - Voluntários produzem redes de camuflagem com restos de tecidos para fardas de militares e disfarce dos veículos. Homens e mulheres num forte nacionalismo ucraniano.
- ⇒ Direto de Cristina Reyna, em Medyka, na Polónia:

- Pressão enorme nas fronteiras. Governo não fez atualizações parciais em 10 dias. A última atualização foi de 1 milhão e 67 mil refugiados a passar esta fronteira.
- Capacidade de resposta começa a tornar-se difícil. Aumenta capacidade dos centros de acolhimento, mas estão a dar sinais de desgaste.
- É um número tão elevado de pessoas que as autoridades não têm capacidade de fazer a transferência.
- Há 700 mil famílias polacas envolvidas no acolhimento das famílias ucranianas.
- Há um corredor seguro a partir de Lviv, mas situação dos ucranianos que fogem está a agravar-se.

⇒ Direto de André Carvalho Ramos, em Siret, na Roménia:

- Famílias chegam com cada vez mais carências. Já há 267 mil ucranianos na cidade.
- Chegaram 80 mil nos últimos 3 dias, dos quais 30 mil são crianças.
- Governo romeno aprovou medidas para chamar militares para a reserva para ajudar no fluxo de refugiados durante um ano.
- Decisão de benefícios fiscais para cidadãos individuais e microempresas que queiram fazer donativos, tendo retorno do Estado benefícios fiscais.
- Para crianças aumentaram para 20% as vagas nas escolas públicas. Há facilitação na entrada no mercado de trabalho, mesmo sem visto.
- Há menores que fogem sozinhos e há quem traga animais.
- Refugiados pedem que fechem o espaço aéreo.

⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:

- Maior hospital pediátrico de Kiev e da Ucrânia está a receber crianças feridas e mortas. Pais e médicos pedem para mostrar ao mundo o que está a acontecer para parar a guerra.
- Já não há leite em pó ou insulina.
- Durante os bombardeamentos de noite, as crianças são levadas para a cave, sobretudo aquelas que estão em tratamento oncológico. Defesas conseguem intercepar rockets.

⇒ Os combustíveis registaram o maior aumento de sempre em Portugal. Aumento do autovoucher pode esgotar-se em 2 depósitos. 139 dólares por barril de petróleo.

⇒ Comentário de Paulo Portas:

- Negociações com pouco avanços porque nenhuma parte confia na outra.
- Corredores sem condições de segurança.
- Delegação ucraniana mudou em relação ao primeiro dia de negociações pela morte do ucraniano. Há quem diga ainda que um era agente russo e passou mal a informação.
- Em 7 dias, 3 rondas negociais com delegações desiguais. Da primeira para terceira, Putin duplicou as condições polícias para cessar-fogo: Ucrânia deve reconhecer anexação da Crimeia pela Rússia e agora já pede o Donbass.
- Progressão territorial não foi evidente, mas houve uma escalada do nível de violência.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ucrânia pede força aérea pela desproporção de forças com a Rússia, tendo um exército menor-</li> <li>• Estados Unidos da América tentaram negociação trilateral com a Polónia quanto aos mig-29. F-16 iam para a Polónia diretamente dos Estados Unidos da América – mais modernos. No entanto, a Polónia recusa-se porque não se quer envolver na guerra.</li> <li>• Estados Unidos da América não conseguem entregar F-16 já porque estão a ser fabricados para Taiwan. Disse, no entanto, aos bálticos que vai haver reforço das militares norte-americanos.</li> <li>• Principais mediadores das negociações: Turquia adianta-se e China prudente – Edorgan é leal à NATO, mas não sanciona a Rússia devido à sua relação com Putin.</li> <li>• Ministros dos Negócios Estrangeiros da Rússia e da Ucrânia vão encontrar-se na Turquia no Fórum Diplomático. É a primeira vez que, em cenário de guerra, um país terceiro consegue uma cimeira entre dois países em guerra, sem contar com a Bielorrússia. China participa, mas não sozinha.</li> <li>• Imagens do futebol europeu foram proibidas na Rússia para não se mostrar a solidariedade com a Ucrânia.</li> <li>• Dinamarca investe mais 780 milhões de euros em defesa em 2 anos (acima de 2%), quer independência do gás russo e convocou referendo para que a opção de não estar nos projetos de defesa e segurança da UE sejam cancelada.</li> <li>• Bruxelas: Se Kiev cair, sanções atingem petróleo e gás - 120 mil milhões de euros.</li> <li>• Perto de se atingir acordo com Irão sobre petróleo – Rússia dificulta.</li> <li>• Governo russo prepara-se para desconectar-se da internet global até 11 de março – transferir tudo ru.net (internet que russos prepararam desde 2014).</li> <li>• Russos especializaram-se em ciberataques – São os que mais fazem e dizem que estão sempre a ser atacados.</li> </ul> <p>⇒ O número de refugiados pode atingir os 5 milhões. Esta é a onda mais rápida de refugiados desde a segunda guerra mundial. Para já, a maioria agora tem amigos e familiares, mas nem todos serão assim.</p> <p>⇒ O ginasta russo, Ivan Kuliak, está a ser investigado depois de se apresentar em competição com o símbolo “Z” – que significa “até à vitória”. Os atletas russos, bielorrussos, bem como árbitros, foram proibidos de competir pela Comité Internacional de Ginástica.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ucrânios continuam a lutar pela pátria.</li> <li>• Estranho silêncio na capital: Explosões pararam há umas horas.</li> </ul> <p>⇒ Durante o dia ecoou o hino nacional da Ucrânia nas ruas.</p>
08/03/22	Terça-feira	<p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cerca de 20% do exército ucraniano são mulheres.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Saíram do centro de Kiev e viram a destruição dos combates. Foram ter com uma família de duas mulheres.</li> </ul> <p>⇒ Ucrânia não vai insistir na adesão à NATO, diz Zelensky.</p>

- ⇒ Ucrânia denuncia morte de importante general russo em Kharkiv. É o segundo general russo que morre.
- ⇒ Ataques em Sumy, a 50 km de Kiev, mataram 21 pessoas, entre as quais estão duas crianças.
- ⇒ Hospitais enchem-se com vítimas de ataques. Kharkiv está sob pressão.
- ⇒ Odessa prepara-se para assalto russo.
- ⇒ OMS denuncia que foram atacados 61 hospitais e centros de saúde na Ucrânia, afirmando ser um crime de guerra. Há 9 mortos em ataques a hospitais e ambulâncias, 16 relatos de ataques a unidades de saúde e mais vão ser verificados.
- ⇒ Kiev diz que já morreram de mais de 12 mil militares russos.
- ⇒ Habitantes em Irpin fogem durante bombardeamentos. Já não tem eletricidade, aquecimento ou água.
- ⇒ Em Zhytomyr, os depósitos de combustíveis foram atacados durante a noite.
- ⇒ Únicos jornalistas portugueses em Kiev.
- ⇒ Impostas medidas de exceção para lidar com o aumento dos combustíveis em Portugal: Redução do IVA sobre a energia e redução do ISP sobre os combustíveis.
- ⇒ Intervenção de Pedro Santos Guerreiro:
  - ISP tem um valor fixo e o IVA, quanto mais altos forem os valores dos combustíveis, maior é. Objetivos das medidas: Quanto mais se ganhar no IVA, menos ganham no ISP para ficar nivelado.
- ⇒ Um autocarro com civis foi atacado, em Irpin, pelos russos, quando fugiam da cidade. O número de mortos não para de aumentar, incluindo crianças.
- ⇒ **14:52:15:10: “imagens das redes sociais: vídeo mostra hospital após ataque russo” – slogan – José Alberto Carvalho: “a internet que foi fornecida pelo empresário norte-americano Elon Musk através do seu sistema de satélites tem permitido aos ucranianos usarem as redes sociais (...) teríamos uma imagem diferente da guerra se os telemóveis não pudessem publicar imagens e textos nas redes sociais”.**
- ⇒ **15:40-16:37: “imagens das redes sociais”.**
- ⇒ **16:37: “o vídeo foi partilhado pelas forças armadas ucranianas no Facebook” – Texto de reportagem.**
- ⇒ Os corredores humanitários funcionaram pela primeira vez em Sumy e em Irpin. Já Mariupol foi bombardeada na estrada por onde chegavam os mantimentos e por onde as pessoas iriam sair, o que constitui outro violar do cessar-fogo depois da promessa de 5 corredores. Russos dizem que mais de 700 pessoas saíram de Sumy.
- ⇒ Oito camiões e 30 autocarros partiram de Zaporizhzhya. Novos bombardeamentos impediram a sua chegada.
- ⇒ Presidente ucraniano pede mais sanções para a Rússia no discurso na Câmara dos Comuns, no Reino Unido: Insiste na zona de exclusão aérea.
- ⇒ Boris Johnson anunciou que vai deixar de importar gás, petróleo e carvão russos até ao fim do ano. A União Europeia não o consegue por não ter alternativas, mas pretende reduzir 2/3 da importação do gás russo até ao fim do ano e garantir que os armazéns de gás estejam a 90% da capacidade no inverno de 2023. Vão existir ajudas do Estado para

		<p>empresas mais afetadas pela subida dos preços, e o objetivo é acelerar a transição para as energias renováveis.</p> <p>⇒ Estados Unidos da América vão deixar de comprar combustíveis russos para não subsidiarem a guerra. Moscovo ameaça com cortes na distribuição de gás à Europa, já que metade do gás natural consumido na União Europeia é russo. A alternativa pode ser o Médio Oriente ou as Américas.</p> <p>⇒ Direto de Luís Costa Ribas, em Boston, nos Estados Unidos da América:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estados Unidos da América ainda não anunciaram alternativa do petróleo russo, mas falou-se na possibilidade de levantarem as sanções ao Irão e à Venezuela, a troco da libertação de americanos, e do Irão voltar ao acordo nuclear.</li> <li>• Libertar mais petróleo da reserva se for preciso, embora o processo demore semanas. Preços vão aumentar.</li> </ul> <p>⇒ O petróleo disparou quase 9%, mas depois abrandou. As bolsas dos Estados Unidos da América reagiram bem. Já na Europa, as praças fecharam sem tendência definida.</p> <p>⇒ Há cada vez menos empresas a operarem na Rússia. O Mc Donald's vai fechar temporariamente os 850 restaurantes no país. Os 600 funcionários vão continuar a receber os salários.</p> <p>⇒ Intervenção de Pedro Mourinho:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pacientes tiveram de sair do hospital entre os escombros.</li> <li>• Armas fornecidas pelo Ocidente têm sido fundamentais.</li> <li>• Russos com 4 cidades em seu poder: Kherson, Melitopol, Konotop e Berdiansk. Noroeste, nordeste e leste mais atacados.</li> </ul> <p>⇒ 29:48: “tem-se falado muito na cobertura que os repórteres jornalistas de todo o mundo tem feito desta guerra e de como é difícil para eles identificarem no terreno os avanços reais dos exércitos” – Pedro Mourinho.</p> <p>⇒ Familiares de tropas russas ligam para as linhas de apoio na Ucrânia para perceberem como estão os seus filhos, que foram para uma guerra sem saberem. Esta é a única forma de saberem se os soldados ainda estão vivos, já que a Rússia não informa. O primeiro objetivo da linha é ajudar as famílias e o segundo é dar a conhecer o que se passa verdadeiramente na Ucrânia.</p> <p>⇒ O número de refugiados já ultrapassa os dois milhões. São 2 011 312: 1 204 403 Polónia, 140 745 na Eslováquia, 191 348 na Hungria, 82 062 na Roménia, 82 762 na Moldávia e 210 239 noutros países europeus. O número real deve ser 3 vezes superior, dado que o fluxo é cada vez mais intenso. Os números são fornecidos pelas autoridades, mas a rapidez de movimentação faz com que o número real seja superior às estimativas da ONU.</p> <p>⇒ A segunda vaga de refugiados vai ser constituída por pessoas com maior vulnerabilidade. Hipotermia é um dos principais sintomas dos refugiados.</p> <p>⇒ Mais 120 ucranianos chegaram a Portugal, com voluntários portugueses. 3179 pedidos de proteção concedidos.</p> <p>⇒ Grupo de 150 refugiados órfãos chegaram à Polónia. Os voluntários transformaram o pavilhão de uma escola na Polónia para os receber. No futuro vão para outras cidades para casas de acolhimento ou lares. A</p>
--	--	--

		<p>associação “<i>Happy kids</i>” tem ajudado a retirar as crianças do país para que não sejam separadas.</p> <p>⇒ Entrevista a Paulo Fonseca:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ligou ao Pedro Mourinho porque não tinha noção das bombas onde as bombas tinham caído. Em 40 minutos arranjam uma carrinha para sair de Kiev com a família da mulher, ucraniana. E40 onde os russos estão (autoestrada). Shaktar ligou para ir para o hotel Opera onde já estava quase a equipa toda Conta a história de fuga.</li> </ul> <p>⇒ Plataforma “We help Ukraine” dá apoio aos ucranianos.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvem-se sirenes, o que significa que atiram projéteis para a cidade.</li> <li>• Pessoas cada vez mais preocupadas e vida cada vez mais difícil. Parte da cidade aberta com pessoas e carros a circular, mas com zonas já interditas.</li> <li>• Comida existe, mas há produtos importados mais caros e faltam bens como arroz, feijão e cereais. Não há dinheiro no multibanco. Quem tem dinheiro sobrevive, mas para quem não tem é difícil.</li> <li>• Coragem dos ucranianos e dos habitantes de Kiev. Ainda conseguem sair de Kiev porque a principal gare está aberta, podendo sair para Lviv. Cerco pode fechar-se de um dia para o outro.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior parte dos 3 milhões de habitantes continuam lá. Civis não saem porque tem tudo lá e não querem abandonar e há quem não tenha condições físicas.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Refugiados chegam num estado de grande cansaço físico e exaustão psicológica.</li> <li>• Estádio de Lviv é um centro de acolhimento. Tem ajuda médica, psicológica e tudo o que se precisam.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Cristina Reyna, em Przemyśl, na Polónia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Político de direita de Itália foi humilhado por defender Putin – Salvini tinha uma t-shirt com Putin e “exército russo” escrito. Presidente da Câmara disse que o levava a ver os refugiados, mas virou as costas e disse que não confiava nele.</li> <li>• 1 milhão e 300 mil refugiados. Portugal apoia Polónia.</li> <li>• Polónia anunciou que vai enviar 28 caças de combate para a base aérea alemã. Esta é a forma de contornar o “colocar diretamente na Ucrânia”.</li> <li>• Rússia intensifica cerco a sul e aproxima-se de Odessa. Embaixadas pedem que ajudem os refugiados.</li> <li>• Presidente da Câmara diz que o limite serão 2 milhões de pessoas. Fuga é cada vez mais longa e perigosa.</li> </ul> <p>⇒ Direto de André Carvalho Ramos, em Quichinau, na Moldávia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mais de 400 mil refugiados.</li> <li>• Já não há onde comprar colchões para acolher refugiados.</li> <li>• Mesmo número de refugiados que a Roménia, mas a Roménia tem 20 milhões de habitantes e a Moldávia tem 2 milhões.</li> <li>• Este é um dos países mais pobres da Europa e é aquele que tem mais refugiados per capita. 255 mil, sem capacidade para mais.</li> </ul>
--	--	---

		<p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dois dos corredores abertos com capacidade de evacuação de pessoas – em Kiev e Sumy.</li> <li>• Zelensky e Putin com discursos opostos para moralizar tropas.</li> <li>• China aproximou-se da UE e elogiou os esforços de mediação da Alemanha e da França.</li> <li>• Este foi o dia em que os interesses da UE e dos EUA se separam a bem: América pode não importar gás russo porque é exportadora de energia e só depende em 7% do petróleo da Rússia. A Europa depende em 23%.</li> <li>• EUA importam gás do Canadá, além do que produzem. Europa importa cerca de 40 %.</li> <li>• 11 países da UE dependem do fornecimento russo e não têm alternativa para gás.</li> <li>• Menos dependentes da Rússia: Polónia, Portugal e Suécia.</li> </ul> <p>⇒ EUA negocia petróleo com Maduro.</p>
09/03/22	Quarta-feira	<p>⇒ Ataque a hospital pediátrico em Mariupol. Há um número indeterminado de vítimas. Pelo menos 17 feridos.</p> <p>⇒ <b>00:57: Escrito “Twitter Volodymyr Zelensky”.</b></p> <p>⇒ <b>00:58: “(...) as imagens que vemos agora foram partilhadas pelo presidente ucraniano no Twitter (...)” – José Alberto Carvalho.</b></p> <p>⇒ Há cada vez mais pessoas sem água, sem comida e sem casa em Mariupol. Esta é a zona mais crítica.</p> <p>⇒ Rússia continua a bombardear cidades. Segundo a ONU, já morreram 516 civis e 908 feridos. Ataque a Sumy, na madrugada de segunda-feira, terá matado 23 civis.</p> <p>⇒ Habitantes de Irpin aproveitam o raro e curto cessar-fogo para escapar. Foram acordados 6 corredores humanitários e de Sumy já saíram 7 mil pessoas para Poltava, incluindo quase 2 mil estudantes estrangeiros. De Irpin saíram milhares de civis em direção a Kiev pelos destroços. 12 horas de tréguas não foram respeitadas: Rota de Iziurm para outra cidade ucraniana, na região leste de Kharkiv, foi bombardeada, o que impediu a entrada de autocarros para levar os refugiados ou fazer chegar mantimentos.</p> <p>⇒ Zelensky insiste em zona de exclusão aérea.</p> <p>⇒ Central Nuclear de Chernobyl está sem energia elétrica. Governo ucraniano alerta para perigo de fuga radioativa. Agência de Energia Atómica garante que não há perigo.</p> <p>⇒ <b>06:44: “(...) na redação da TVI seguimos em permanência as redes sociais que permitem obter informações e imagens de muitos locais em toda a Ucrânia. As redes ajudam-nos, de facto, a entender um pouco melhor o caos que está instalado (...)” – José Alberto Carvalho.</b></p> <p>⇒ <b>06:45: “Guerra nas redes sociais” – Subtítulo.</b></p> <p>⇒ <b>07:26: “(...) um momento partilhado no Twitter, assim como o próximo (...)” – José Alberto Carvalho.</b></p> <p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ 27 preparam novas sanções económicas à Rússia na Cimeira de Versalhes. Mais 160 russos ligados a setores chave vão ser banidos, bem como 14 oligarcas e famílias alvo de sanções adicionais, com bens</p>

		<p>congelados. Roman Abramovich não consta na lista, mas constam o corredor de fórmula 1, Nikita Mazepin, e o pai. 3 bancos bielorrussos vão sair do sistema SWIFT e as sanções serão também para as criptomoedas.</p> <p>⇒ Putin ameaça retaliar sanções económicas com cortes de exportações de petróleo e gás russos – assinou decreto para impedir exportação de matérias-primas. Políticos pedem que os países poupem para reduzir dependência e pelo facto de as reservas serem poucas. Moscovo também está muito dependente das exportações para a Europa.</p> <p>⇒ Sistema petrolífero português em risco amarelo: Indícios de problemas que possam afetar de forma significativa a distribuição de combustíveis.</p> <p>⇒ Devido à guerra, os combustíveis voltam a aumentar na próxima segunda-feira em Portugal. Gasolina a mais de 2 euros, gasóleo perto dos 2 euros. Via aumentar entre 10 a 15 cêntimos. 138 dólares por barril de petróleo. Alívio só vai acontecer dentro de suas semanas.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouviram três explosões e viram clarões naquela direção. Saíram da cidade e foram a um bairro residencial junto à linha da frente e assistiram à troca de bombardeamentos em Bucha, Irpin e Hostomel.</li> <li>• A cidade continua a ser abastecida, apesar de já faltarem muitos produtos.</li> </ul> <p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que se passa em Mariupol é o apocalipse, tal como diz a Cruz Vermelha.</li> <li>• Enerhodar e Zaporizhzhia foram outros corredores que resultaram.</li> <li>• Palavra russa “Rasputitsa”, quer dizer “estação das más estradas”. A chegada da primavera transforma as estradas e terrenos planos em lama devido ao degelo. Os fluxos de água aumentam e isso tem consequências para o exército russo, mas também para a contraofensiva ucraniana. Não pára a guerra, mas torna-a mais lenta.</li> <li>• Análise a entrevistas de Zelensky à ABC.</li> <li>• Ucrânia bloqueia exportações de cereais. Parte da colheita foi destruída e a outra parte é precisa para alimentar a população.</li> <li>• Portugal importa 40% do seu milho à Ucrânia. Efeito sobre as rações que, por sua vez, impactam no leite e na carne. 211 milhões de produtos agrícolas importados da Ucrânia em 2021.</li> </ul> <p>⇒ Pep Guardiola, treinador espanhol de futebol, critica instituições políticas pela falta de atitude contra a guerra.</p>
<p><b>10/03/22</b></p>	<p><b>Quinta-feira</b></p>	<p>⇒ Cratera que se abriu no ataque ao hospital pediátrico em Mariupol tem cerca de 6 metros de profundidade. Todo o tipo de edifícios atacados, desde igrejas, a escolas, a hospitais, etc.</p> <p>⇒ 1170 mortos em Mariupol – alguns de causas naturais. Sepultados em sacos de plásticos em valas comuns - Numa só vala já são 70. Corpos espalhados pelas ruas – Residentes foram alertados para os deixarem ali, cobertos e com as mãos e pés atados. Autoridades não permitem cerimónias fúnebres.</p> <p>⇒ 200 mil pessoas encurraladas em Mariupol começam a lutar entre si por comida e água potável, revela a Cruz Vermelha. Cidade cercada há uma semana e sem corredores humanitários prometidos.</p>

- ⇒ Habitantes continuam a abandonar Irpin com a ajuda dos militares e enquanto os bombardeamentos russos continuam. Sem ligações e sem nada há uma semana.
- ⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:
  - 2 milhões e 300 mil deslocados.
  - ¼ da população da Ucrânia vai precisar de ajuda humanitária.
  - Igrejas – St. Peter e St. Paul, do século XVII - são transformadas em abrigos: Caves podem receber cerca de 500 pessoas.
  - Há cada vez mais barricadas nos edifícios públicos.
- ⇒ Zelensky diz que ataque a maternidade em Mariupol (Hospital 3) é um genocídio. Há 3 mortos confirmados, incluindo uma criança. Uma grávida em trabalho de parto foi transferida de urgência para outro hospital.
- ⇒ População roubou tudo o que conseguiu de um centro comercial.
- ⇒ A maioria da população está em abrigos com temperaturas negativas e sem aquecimento – Cortam árvores para se aquecerem.
- ⇒ Ministério de Defesa da Rússia diz que os ucranianos encenaram ataque a Mariupol. Sergei Lavrov diz que não estava ninguém na maternidade já que tinham sido expulsos pelo batalhão Azov, que tinha o hospital como base.
- ⇒ ONU confirma bombardeamento a mais três maternidades: Em Zhytomyr, por exemplo, e em Kharkiv. Não se sabe se há vítimas.
- ⇒ **15:00: “(...) Um vídeo publicado nas redes sociais pelo presidente da câmara desta cidade mostra (...)” – José Alberto Carvalho.**
- ⇒ Militares ucranianos travam russos em Brovary, a leste de Kiev, com recurso a armamento vindo dos Aliados. Menos dois carros de combate, um de transporte, cerca de 30 soldados e um comandante. Material russo foi depois confiscado.
- ⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:
  - Equipa esteve na entrada de Irpin. A população teve de derreter neve para conseguir beber água. Doentes e feridos, com fome e sede.
  - Metade da população de Kiev já abandonou a cidade.
  - Rússia e Ucrânia sem acordo de cessar-fogo.
- ⇒ Comentário de Coronel Mendes Dias, com quadro interativo:
  - Míssil terá sido o que causou a cratera em Mariupol. A forma e a profundidade denunciam-no. Sem mais conclusões.
  - Descreve o ataque dos militares ucranianos aos militares russos.
  - Redes de comunicação via satélite estão a ser usadas para o presidente Zelensky falar com todos os países do mundo sem ser intercetado pelos russos. Ministro da Defesa e Ministro dos Negócios Estrangeiros possivelmente também têm – Habitual nos EUA.
- ⇒ Primeiro voo humanitário chegou a Portugal: 267 pessoas da Ucrânia - Já têm familiares no país ou já viviam em Portugal, mas estavam de férias no país natal. Várias crianças e, na maioria, mulheres. Presidente da República e outros elementos do governo receberam-nos. Iniciativa foi de um empresário português e de outro ucraniano. Dividimos em dois grupos com diferentes destinos: Azambuja e Leiria.
- ⇒ Direto de Paula Caeiro Varela, na Azambuja-Lisboa, em Portugal:

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pavilhão desportivo onde estão 140 pessoas. 20 ficaram instaladas na Pousada da Juventude – mães com bebés de colo - e outras 120 vão para aquele pavilhão. Estrutura com camas de campanha.</li> <li>• Onda de solidariedade muito grande: Empresas de norte a sul do país contribuíram. Chegaram, por exemplo, cobertores de empresas têxteis e alimentos de empresas alimentares.</li> </ul> <p>⇒ Direto de António Pereira Gonçalves, em Leiria, em Portugal:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estádio de Leiria transformou camarotes em quartos em dois dias. Cada camarote pode receber 4 pessoas.</li> <li>• Acolheram já 22 pessoas, e na próxima semana vão acolher mais.</li> <li>• Entrevista a Vereadora da Câmara Municipal e a voluntária russa.</li> </ul> <p>⇒ 51:42: “A primeira vítima da guerra é a verdade” – José Alberto Carvalho.</p> <p>⇒ Comentário de Pedro Santos Guerreiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Há muita propaganda dos dois lados. Muita desinformação e contra informação.</li> <li>• <b>“(…) não é uma guerra só militar, é uma guerra também de informação pela pressão que faz sobre as opiniões públicas. Sobretudo a partir do momento em que há redes sociais que difundem de uma maneira tão explosiva imagens, muitas delas, falsas, manipuladas ou descontextualizadas” “exemplos que mostram como há alegadas notícias que são publicadas nas redes sociais e não são verdadeiras (...)”.</b></li> <li>• Manipulação de imagens nas redes sociais sobre os próprios meios de comunicação. CNN Internacional alvo de várias: Mostrou uma manipulação no Twitter que não foi contabilizada.</li> <li>• Desmente várias imagens que circularam nas redes sociais – Não conta porque não são verdadeiras para análise. É um esclarecimento.</li> <li>• 240 mil grávidas na Ucrânia e estão previstos 80 mil partos nos três meses seguintes, segundo a OMS.</li> </ul> <p>⇒ José Alberto Carvalho alerta para a necessidade dos jornalistas se manterem atentos às notícias falsas.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Presidente diz que metade da população já saiu da cidade. 1,5 milhões de pessoas continuam na cidade. Bairros da periferia são os mais vazios.</li> <li>• Cidadãos que ficaram resistem aos russos e prometem ficar. Armam barricadas e têm algumas armas.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Margarida Neves de Sousa, em Przemyśl, na Polónia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• António Vitorino, Diretor-Geral da Organização Internacional de Migrantes, na frente da ajuda aos refugiados para evitar tráfico humano.</li> <li>• Há muitos voluntários de Portugal ou emigrantes noutros países para ajudar.</li> </ul> <p>⇒ Direto de André Carvalho Ramos, em Siret, na Roménia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Refugiados entram por Siret e pela fronteira com a Moldávia. Começam a chegar mais ucranianos a partir da Moldávia do que da Polónia. Resposta da Roménia esgotou.</li> <li>• A equipa esteve dois dias na Moldávia e a Moldávia também já não consegue responder: Sem colchões ou medicamentos no mercado.</li> </ul>
--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Há muitos moldavos a fugir do país com medo de uma invasão da Rússia. Têm malas preparadas para fugir.</li> <li>• Há 346 mil refugiados na Roménia.</li> <li>• Uma viagem que se faz em 3 horas, fez-se em 10 horas.</li> <li>• A Roménia é dos países menos procurados pelos refugiados.</li> </ul> <p>⇒ Hungria já recebeu mais de 200 mil pessoas.</p> <p>⇒ Presidente francês, Emmanuel Macron, não acredita numa solução diplomática nos próximos dias – Cimeira de Versalhes.</p> <p>⇒ António Costa defende um limite de intervenção política sobre o aumento dos preços. Diz que são necessárias outro tipo de medidas a nível europeu.</p> <p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Primeira tentativa de intermediação falhou. Cessar-fogo pedido pela Ucrânia foi negado pela Rússia.</li> <li>• Lavrov diz que neutralidade se discute na Bielorrússia, ignorando a mediação da Turquia. É um quadro mais favorável e menos internacional para a Rússia.</li> <li>• Lavrov avisa a Europa quanto ao envio de armamento à Ucrânia.</li> <li>• Russos têm cinco cidades cercadas – Oster, Ivankiv, Hostomel, Brovary, Borodyanka, Bucha, Irpin e Yasnogorodka em risco.</li> <li>• Putin quer cansar ucranianos com vários bombardeamentos, ou que a Ucrânia capitule antes da batalha em Kiev.</li> <li>• Rússia diz que não vai atacar outro país no mundo. Para quem faz fronteira com a Rússia, essas palavras não valem nada.</li> <li>• Armamento que o Ocidente enviou para a Ucrânia: 17 000 <i>javelin</i> (antitanque), 2000 <i>stinger</i> (antiaéreos), informação tática e comunicação com Zelensky.</li> <li>• Chefes de Estado europeus reunidos em Versalhes. A guerra é o principal tema: Discussão sobre os que querem dar uma resposta mais rápida à Ucrânia, Moldávia e Geórgia, armamento e despesas.</li> <li>• Inflação a aumentar em vários países, com foco especial nos Estados Unidos da América.</li> <li>• Lavrov diz que quer cortar o cordão umbilical com o Ocidente para não enganarem mais a Rússia. Estreita as relações com a China.</li> </ul> <p>⇒ Tenista mais velho do mundo, Leonid Stanislavskyi, com 97 anos, vive em Kharkiv e quer competir até aos 100.</p>
11/03/22	Sexta-feira	<p>⇒ Jornalista ucraniana, Myroslava Ulianina, que fugiu da guerra abre o Jornal das 8.</p> <p>⇒ Dnipro bombardeada pela primeira vez – cidade de Lutsk – 4 pessoas mortas e 6 feridas – Unidade militar e fábrica de sapatos destruída. Junto à União Europeia também houve bombardeamentos, perto da Polónia.</p> <p>⇒ Em Mariupol já morreram 1582 habitantes.</p> <p>⇒ Dois aeródromos destruídos no oeste da Ucrânia.</p> <p>⇒ Separatistas de Donetsk tomam Volnovakha.</p> <p>⇒ Kharkiv: Hospital psiquiátrico atacado e 48 escolas bombardeadas. Metro é o abrigo das pessoas.</p> <p>⇒ Coluna militar a cercar Kiev mudou de estratégia. Carros reposicionaram-se fora da estrada e em posição de combate.</p>

- ⇒ Odessa prepara-se para o assalto. Sirenes tocaram a avisar para bombardeamentos.
- ⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:
  - Ambiente cada vez mais tenso e pesado. 2 milhões de habitantes já deixaram a cidade. Os restantes vão lutar e fortificam as ruas e os edifícios.
  - Há água, comida, telemóveis e eletricidade. Atenção ao sul por onde entram os abastecimentos: Comerciantes dizem que os motoristas começam a ter medo de fazer o percurso.
- ⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:
  - Mudança na estratégia: Três cidades no ocidente foram alvo de bombardeamentos. Duas próximas da fronteira com a Polónia e uma perto da fronteira com a Roménia.
- ⇒ 2,5 milhões de habitantes já saíram da Ucrânia. Mais um milhão espera para sair.
- ⇒ Cruz Vermelha monta tendas. Alimentos e donativos chegam à fronteira: Lápis, bonecos e outros itens para as crianças. Piano no meio da cidade de Lviv que une as pessoas através da música.
- ⇒ Kiev diz que a Bielorrússia pode invadir a Ucrânia. Putin e Lukashenko reuniram-se em Moscovo. Relações com a Ucrânia pioraram. Acusam Rússia de incentivo.
- ⇒ Presidente da Bielorrússia disse que tinha um plano preparado já que horas antes do ataque da Rússia, a Ucrânia ia atacar os exércitos bielorrussos e russos.
- ⇒ 16 mil voluntários disponíveis do Médio Oriente para irem para a guerra.
- ⇒ “Quem não apoia a guerra, não é bom russo”, dizem as autoridades russas.
- ⇒ Líder da Comunidade Judaica do Porto foi detido por dar nacionalidade portuguesa a Abramovich. Tem mais de 3 milhões de euros em bancos. É suspeito de ter sido corrompido. Mais de 80 mil processos em causa.
- ⇒ Órfãos e crianças em instituições fogem também da guerra.
- ⇒ Já morreram mais de 71 crianças. Mais de um milhão fugiu do país, segundo a UNICEF. Algumas, incapacitadas ou doentes, estão a ser levadas para a Polónia para serem tratadas – Comboio com equipamento e pessoal médico transporta-as.
- ⇒ Há filas de autocarros na fronteira com a Roménia.
- ⇒ Rússia acusa Estados Unidos da América de estarem a desenvolver armas químicas em colaboração com Kiev e dizem que o objetivo é contaminar populações com doenças. Acusação preocupa vários líderes.
- ⇒ Rússia é acusada de usar bombas de fragmentação e de vácuo – Bombas termobáricas estão proibidas pela Convenção de Genebra: Sugam o oxigénio à volta.
- ⇒ Comentário do Coronel Mendes Dias, com quadro interativo:
  - Só russos e norte-americanos têm armas termobáricas, mas são proibidas desde 2010. Mas nenhum dos países, e outros mais, retificou o tratado que a proíbe.
  - Uma bomba de fragmentação pode lançar até 600 pequenas bombas. Cerca de 40% não rebentam no solo, ficam por rebentar. São perigosas para quem depois as tenta manusear.
  - Explica como funcionam as bombas termobáricas e o que fazem.

- Tropas estão a preparar-se se para o combate. Reposicionamento vai acontecer nas restantes colunas.
  - Explica o que pode ser o reposicionamento e o ataque.
  - Governo ucraniano acusa Rússia de terrorismo nuclear.
- ⇒ GNR pode ser destacada para um ataque químico, biológico ou nuclear. Unidade de Emergência de Proteção e Socorro podia ser chamada para qualquer região da Europa e destacada para fora. Faz parte do Mecanismo de Resposta de Defesa Europeu da Proteção Civil. Têm a responsabilidade de localizar e identificar o perigo de radiação e depois limpar as vítimas. Vários materiais e veículos com distintas funções. Só está atribuída a 2 unidades francesas, 1 dinamarquesa e 1 portuguesa.
- ⇒ 54:48: “(...) Quando a guerra também se faz com contra informação é preciso distinguir a verdade da mentira (...)” – Sara Pinto.
- ⇒ Intervenção de Pedro Santos Guerreiro, com quadro interativo:
- Técnica de desinformação: Rússia acusa a Ucrânia de encenar ataques para fingir mortos e feridos, em conspiração com os *media* do Ocidente.
  - Explica várias imagens que circularam na internet e que a Rússia acusou de serem atores, como por exemplo, a mulher grávida na maca no ataque à maternidade de Mariupol.
  - **“(...) Uma publicação que foi feita nas redes sociais pela propaganda russa (...)”**.
- ⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:
- Ucranianos ouvem as mensagens de Zelensky logo de manhã. **“(...) são repetidas ao longo do dia nas redes sociais (...)”**.
  - Ucranianos dizem que enquanto o presidente ficar, eles também ficam. Já Putin também une a população, pois a população que fala russo não quer ficar por debaixo das mentiras russas.
- ⇒ Direto de Margarida Neves de Sousa, em Przemyśl, na Polónia:
- Todos os dias chegam várias famílias ao centro de refugiados para ajudarem.
  - 1 milhão e 546 mil pessoas atravessaram a fronteira com a Polónia em 16 dias.
  - Voluntários levam doces e brinquedos para as crianças.
  - Dois motoristas ucranianos a viver em Portugal chegaram à fronteira com 50 toneladas de equipamento médico para a Polónia e para o centro militar de Lviv. Vai ser instalado no posto médico avançado da Associação Humanitário de Busca e Salvamento Internacional.
- ⇒ Presidente da República de Portugal diz que é preciso medidas para travar aumento de preços devido à guerra.
- ⇒ Governo anuncia novas medidas contra o aumento dos combustíveis: Imposto sobre os combustíveis baixou 1,7 cêntimos na gasolina e 2,4 cêntimos no gasóleo. ISP desce 3,4 cêntimos na gasolina e 3,7 cêntimos no gasóleo. Aumento da taxa de carbono continua suspensa e autovoucher prolongado: 2 milhões de portugueses inscritos, 400 mil só nesta semana. No entanto, preços vão aumentar para 16 cêntimos a gasolina e 11 cêntimos o gasóleo. Por litro.
- ⇒ Produtores de batata e de tomate preocupados com a seca e com os preços de energia. Vão ter prejuízo com o que vão plantar.

		<p>⇒ Chefes de Estado da União Europeia reunidos em Paris. António Costa conseguiu que Portugal exportasse mais energia para a Europa, com apoio dos 27. Bruxelas quer plano para não depender da Rússia.</p> <p>⇒ Líderes europeus querem aumentar investimento na defesa.</p> <p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolvimentos na zona ocidental indicam que o teatro da guerra se está a aproximar da União Europeia (87 km). Objetivo pode não ser parar em Kiev, pode apontar para a ocupação total da Ucrânia ou então confundir.</li> <li>• FAU diz que preço dos cereais já estava inflacionado antes da guerra. Sendo os dois países produtores, piorou. Trigo vai subir 22%.</li> <li>• UE vai atentar aumentar o acordo de associação com a Ucrânia. Vai fornecer indiretamente armamento, financiando a sua compra: 500 milhões de euros.</li> <li>• Rinat Akhmetov, oligarca ucraniano, mas russo, é o homem mais rico da Ucrânia – dono do Shakhtar Donetsk – que declarou que a guerra era um crime. Putin a perder apoio.</li> <li>• Rússia passou o Irão como o país mais sancionado do mundo, tendo em conta as pessoas e as identidades (5881).</li> <li>• China permitiu que as empresas comprassem ações na Rússia, “ajudando a salvar” a economia. Sanções encostam a Rússia à China.</li> <li>• Várias empresas que saíram da Rússia e outras que não. Algumas deixam de investir, mas mantêm o comércio, ou então não fazem novos negócios, mas mantêm os que já tinham. Por exemplo, a Nestlé, a Danone e a Pepsi.</li> </ul> <p>⇒ Esposa de Zelensky escreve uma carta aberta sobre a guerra, onde pede que fechem os céus da Ucrânia.</p> <p>⇒ Estádio do Desna Chernihiv e uma biblioteca à volta atacados.</p> <p>⇒ Apresentadora de televisão ucraniana conta a sua história.</p>
<p><b>12/03/22</b></p>	<p><b>Sábado</b></p>	<p>⇒ Mísseis russos atingem portas de Kiev. Base militar destruída e terminais de petróleo destruídos nos arredores a sul.</p> <p>⇒ Corredor humanitário está a ser atacado. Há civis mortos.</p> <p>⇒ Russos a 25 km da capital. Ucranianos temem assalto total.</p> <p>⇒ 1300 soldados ucranianos e 6000 soldados russos mortos, embora a Ucrânia diga que são mais de 11 mil soldados russos mortos.</p> <p>⇒ 7 refugiados mortos perto de Kiev.</p> <p>⇒ Bombardeamentos contínuos em Mykolaiv e em Volnovakha. Sem mais cidades tomadas.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvem bombardeamentos ao longe.</li> <li>• Ucranianos dizem que abateram drone com 1 kg de explosivos no centro de Kiev. Dia de combates acesos.</li> <li>• Em Irpin luta-se. No oeste da capital, os russos têm feito avanços.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Santuário de Fátima vai enviar a imagem da Virgem Peregrina a pedido do arcebispo da catedral de Lviv: Processo mediado pelo Vaticano.</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Monumentos, estátuas e edifícios estão a ser protegidos com barricadas. Cidade é património cultural da UNESCO.</li> <li>⇒ Tanques russos disparam sobre edifícios residenciais em Mariupol. Antes da guerra havia 400 mil habitantes na cidade. Habitantes estão cercados há 12 dias e sem nada. 1600 mortes em bombardeamentos na cidade. 80 pessoas refugiadas em prédios. Nenhum corredor humanitário respeitado.</li> <li>⇒ Presidente da Câmara de Melitopol, Ivan Fedorov, foi levado por 10 soldados russos por não colaborar com o inimigo. Duas mil pessoas juntaram-se em protesto para exigir a libertação do autarca. Ucrânia acusa a Rússia de violar as leis internacionais.</li> <li>⇒ Melitopol tinha 150 mil pessoas antes da guerra.</li> <li>⇒ Cidadãos estão dispostos a defender Odessa, onde a qualquer momento pode existir um assalto russo. Preparam-se com armas e treino. A cidade tem 1 milhão de habitantes.</li> <li>⇒ Comentário de Coronel Mendes Dias, com quadro interativo: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explica o cerco a Kiev. A iniciar no centro até cobrir o sul.</li> <li>• Explica a intervenção de militares estrangeiros.</li> </ul> </li> <li>⇒ Daniel Litvak detido no Aeroporto do Porto. Sem passaporte, não pode sair do país e tem de se apresentar às autoridades. Líder religioso da comunidade judaica é responsável pela atribuição de 90% dos vistos aos sefarditas. Abramovich e dono da Altice são dois exemplos. Advogado Garrett será cúmplice. Comunidade do Porto passou os 100 mil certificados. Pede 250€ para o processo. 90% dos feitos em Portugal eram feitos no Porto.</li> <li>⇒ ONU alerta para a possibilidade de tráfico humano nas fronteiras.</li> <li>⇒ Direto de Margarida Neves de Sousa, na Fronteira Polónia/Ucrânia: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Equipas reforçadas para controlar possibilidade de tráficos. Motoristas identificados e refugiados avisados. Só podem ir com motoristas que tenham pulseiras com nomes dos destinos.</li> </ul> </li> <li>⇒ Primeira caravana humanitária chegou a Chernivtsi desde a Roménia.</li> <li>⇒ Barricadas nas estradas e postos de combustíveis vazios na Ucrânia.</li> <li>⇒ Presidente da Câmara de Chernivtsi oferece 300 euros a quem conseguir abater ataques.</li> <li>⇒ Comentário de Pedro Santos Guerreiro, com quadro interativo: <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>“(…) publicação falsa, mas que teve nas redes sociais (…)”</b>.</li> <li>• Desvenda informações falsas nas redes sociais e em televisões ou outros <i>media</i>.</li> <li>• <b>“(…) tudo isto manipula a opinião pública (…)”</b> <b>“(…) uma guerra não apenas militar, mas de informação e propaganda (…)”</b>.</li> </ul> </li> <li>⇒ Milhares de refugiados continuam a chegar à Polónia, mas há centros já esgotados.</li> <li>⇒ UNESCO teme integridade do património cultural. Ataque próximo do memorial do holocausto lançou o alerta. País tem sete lugares considerados património.</li> <li>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estação de comboios está cheia. Pessoas continuam a tentar sair.</li> <li>• Dois espanhóis foram de carro até Kiev para levar mãe de uma amiga ucraniana.</li> </ul> </li> </ul>
--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupo de combatentes estrangeiros foram combater na Ucrânia. Juntam-se ao Batalhão Azov.</li> </ul> <p>⇒ Homem mais rico da Ucrânia era pró-Rússia e está a denunciar crimes praticados contra ucranianos.</p> <p>⇒ Empresários ucranianos podem perder todos os ativos.</p> <p>⇒ Comentário de Rui Santos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• FIFA, UEFA e COI tomam medidas contra a Rússia no desporto.</li> <li>• Liga russa isolada, liga ucraniana suspensa, Estádio do Desna destruído, todas as modalidades sancionadas ou suspensas. Figuras sancionadas. Patrocínios cancelados.</li> <li>• Abramovich afastado do Chelsea. Calendários alterados e provas suspensas.</li> <li>• Premier League rescinde direitos de televisão para a Rússia e doou 1,2 milhões de euros para as vítimas da guerra. China bloqueou difusão da liga.</li> <li>• Abramovich foi desqualificado como dirigente do Chelsea.</li> <li>• UEFA toma decisão frente à Rússia: Liga dos Campeões de São Petersburgo passou para Paris; clubes e seleções de fora das provas internacionais; jogadores e treinadores podem rescindir unilateralmente.</li> <li>• Futebol do Chelsea congelado. Contratação de jogadores, venda e renovação, venda de bilhetes e de merchandising com luz vermelha.</li> <li>• Luz verde para o Chelsea pagar salários, deslocações com custos razoáveis, gestão corrente e televisões podem transmitir.</li> </ul> <p>⇒ Primeira caravana humanitária portuguesa chega à Ucrânia. De volta trouxeram 140 ucranianos da Roménia e da Polónia.</p>
<p><b>13/03/22</b></p>	<p><b>Domingo</b></p>	<p>⇒ Rússia ataca a 15 km do território da NATO, na fronteira com a Polónia – Base militar de Yavoriv. É um dos principais lugares que acolhe voluntários.</p> <p>⇒ Balanço de Lviv: 35 mortos e mais de 130 feridos.</p> <p>⇒ Direto de Judite de Sousa, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Já se esperava o ataque, mas não que fosse tão rápido.</li> </ul> <p>⇒ Quatro portugueses na base militar atacada. Estão há várias horas incontactáveis.</p> <p>⇒ Yavoriv foi palco de exercícios antes da invasão. É o centro logístico onde entra a ajuda militar ocidental e o centro de treino de voluntários internacionais. Estavam cerca de mil elementos na altura do ataque. 3,5x a área de Lisboa.</p> <p>⇒ Ex-jornalista do <i>The New York Times</i>, Brent Renaud, morreu baleado por militares russos. Estados Unidos da América prometem sanções adequadas. Outro fotógrafo foi baleado enquanto fotografavam refugiados a fugir.</p> <p>⇒ Há bombardeamentos em várias frentes. Zelensky diz que a Rússia já perdeu mais militares do que nas duas guerras da Chechênia. Militares avançam lentamente para Kiev.</p> <p>⇒ População protesta nas ruas de Kherson.</p> <p>⇒ Em Mariupol já foram mortos 2187 civis.</p>

- ⇒ Rússia e Ucrânia voltam a negociar. Estados Unidos da América avisam China que não permitem ajuda à Rússia – Países vão reunir: Pequim quer compensar a Rússia pelas sanções do Ocidente. Encontro acontece em Roma, com representantes dos dois países. Ministro dos Negócios Estrangeiros francês diz que espera o pior depois do ataque às portas da NATO.
- ⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:
- Há sinais de que os russos se preparam para sitiar a cidade: Já tomaram várias aldeias à volta - 6 mil pessoas. Há vários autocarros a prepararem-se para levar civis.
  - A estratégia russa é bombardear armazéns de alimentos. Câmara Municipal disse que já tem aprovisionamento para duas semanas, capazes de alimentar 2 milhões de pessoas. Um dos maiores foi atingido com 3 mísseis – carne e peixe, sobretudo.
- ⇒ Comentário de Major-General Agostinho Costa, com quadro interativo:
- Comenta ataque a Yavoriv e explica mudanças táticas. Mísseis não foram intercetados por serem baixos demais.
  - Tática até agora: Ocupam cidades de forma tranquila se não houver resistência e desenvolvem combates nas cidades que oferecem.
- ⇒ Papa Francisco volta a pedir que a guerra acabe.
- ⇒ Analistas militares acreditam que um dos objetivos principais da Rússia é tomar toda a zona costeira da Ucrânia.
- ⇒ Direto de André Carvalho Ramos, em Odessa, na Ucrânia:
- Sirenes na cidade soaram durante a noite. Residentes cada vez mais preocupados.
  - Recolher obrigatório a partir das 19h. Fecha tudo às 17h.
  - Há várias ruas cortadas e várias barricadas – Chamados “ouriços”.
  - Apenas alguns estabelecimentos se mantêm abertos, como as farmácias.
  - Sacos enchidos com areia da praia.
- ⇒ Direto de Margarida Neves de Sousa, em Medyka, na Polónia:
- 1 milhão e 720 mil refugiados na Polónia.
  - Pressão enorme sob as autoridades polacas. Médicos dizem que feridos de guerra vão começar a atravessar a fronteira. Meios na Ucrânia já não conseguem socorrer mais.
  - Ambulâncias já iam buscar grávidas ao lado de lá. Há médicos de todo o tipo e de todo o mundo para ajudar.
- ⇒ Portugueses estão na base atacada e bem de saúde.
- ⇒ Odessa era uma das cidades mais cosmopolitas da Ucrânia, e é uma das mais culturais e decisivas economicamente.
- ⇒ Comentário de Paulo Portas:
- Explica ataques da Rússia: Instalações militares ou aeroportos são principais alvos. Russos querem interceptar a chegada de mísseis. Comenta ataque perto da Polónia, por onde tem vindo a maioria da ajuda e diz que Putin avisou.
  - Rússia terá pedido certo apoio militar aos chineses, segundo o Financial Times.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• É necessário ter em atenção as diligências do governo de Israel, pois são muito ligados às comunidades do leste na Ucrânia e na Rússia.</li> <li>• Pelo menos 14 mil opositores russos presos desde a invasão. Sociedade russa é, na maioria, a favor, e um quarto vê mal a guerra.</li> <li>• Dados da Ucrânia (não acredita): 12 000 russos, 1500 ucranianos. Dados da Rússia (desatualizados): 500 russos e 3000 ucranianos. Dados externos: 3500 russos e 2 a 4 mil ucranianos. Baixas militares de parte a parte.</li> <li>• “(...) verdade é uma das vítimas de qualquer guerra (...) e propaganda”.</li> <li>• Não acredita na afirmação de Zelensky quanto à Chechênia: 5700 e 7400 soldados mortos, na primeira e segunda, respetivamente. No Afeganistão foram 14500.</li> <li>• Na Rússia e na China, a maioria das pessoas não sabem que os ataques ferozes estão a acontecer.</li> <li>• Ataques estratégicos idênticos na Síria. Destruição pavorosa, bairros, escolas e hospitais como alvos, onda de refugiados que divide a Europa, militares treinados e armas usadas.</li> <li>• Armas termobáricas não estão na Convenção, e a Rússia usou-as em Kharkiv. Armas biológicas ainda não foram utilizadas. As químicas há mútua acusação: Convenção proíbe.</li> <li>• Economia russa: Inflação de 20% e queda do PIB (12 a 15%), risco de <i>default</i> e reconstrução da Ucrânia 40 vezes mais na Chechênia e ainda gasta muito dinheiro na reconstrução.</li> <li>• Guerra estende-se a várias áreas, incluindo cultura.</li> <li>• Rússia começou por plano “limitado” de desconexão de internet. Desconectou-se das webs oficiais. Instagram vai ser bloqueado.</li> <li>• Compara vários líderes soviéticos.</li> <li>• Refugiados continuam a aumentar na Polónia, mesmo a esgotar a capacidade.</li> <li>• Guerra vai custar 175MM de euros, em 2022, à UE – conter preços (50MM), independência do gás (75MM), refugiados (30MM), mais defesa (20MM). 1,1 a 1,4% do PIB.</li> <li>• Economia dos Estados Unidos da América pode ir à recessão.</li> <li>• Macron beneficia da situação de guerra. Biden recuperou 4 pontos na escala de desaprovação.</li> </ul> <p>⇒ Rússia travou acordo com Irão sobre o petróleo.</p>
14/03/22	Segunda-feira	<p>⇒ Marcelo Rebelo de Sousa diz que “vêm aí tempos difíceis”, abordando as consequências da guerra.</p> <p>⇒ Escalada de tensão nas últimas horas. Negociações suspensas e adiadas para o dia seguinte. Primeiro ataque a Kiev, numa zona residencial, em Obolon.</p> <p>⇒ 200 mil pessoas ainda estão em Mariupol, uma das cidades mais atingidas. É intitulada de “zona de catástrofe humanitária”. Corredor humanitário funcionou pela primeira vez: 160 veículos entraram e saíram para deixarem mantimentos e levarem pessoas.</p> <p>⇒ Coluna russa dirige-se para Zaporizhzhya, onde há dias tomaram a Central Nuclear.</p> <p>⇒ Elevada destruição em Donetsk e Lugansk – Míssil lançado pelas milícias ucranianas, segundo os pró-russos. Moscovo diz que é crime de guerra.</p>

- ⇒ Volnovakha “deixou de existir”. Polícia popular de Donetsk, pró-Rússia, lidera.
- ⇒ Kharkiv sitiada. Cidade está destruída.
- ⇒ Kremlin diz que avanço lento é proposital.
- ⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:
  - Ouvidas fortes explosões. Forças abriram fogo em três zonas de Kiev. Em Obolon, o ataque fez dois mortos e 12 feridos. Há vários edifícios danificados, incluindo uma escola.
  - Outras zonas continuam a ser bombardeadas para cortar ligação com Kiev. Habitantes estão em pânico e inquietos.
  - 2 milhões de pessoas mantêm-se porque não têm dinheiro ou não conseguem mover-se por dificuldades ou não querem deixar as famílias.
- ⇒ 2500 civis mortos em Mariupol. Cidade foi atacada há 14 dias. Civis que foram levados através do corredor humanitário foram para Zaporizhzhya.
- ⇒ Grávida ferida no ataque em Mariupol não sobreviveu, tal como o bebé. Outras duas sobreviveram e um dos bebés já nasceu.
- ⇒ Direto de Ana Sofia Cardoso e David Luz, em Lviv, na Ucrânia:
  - Ouvem-se constantemente sirenes. Ouviram-se explosões ao longe.
  - Alerta de ataque em Lviv, junto à fronteira da Polónia.
  - Diz-se que as colunas militares russas ainda estão bastante afastadas de Lviv.
  - Há mais duas instalações militares, uma de reparação a tanques e outro de aeronaves, que podem ser os principais alvos militares.
  - Querem manter este corredor livre para levarem os ucranianos para fora do país.
- ⇒ 20 pessoas morreram e 28 ficaram feridas após míssil ter atingido Donetsk. Ucrânia nega qualquer responsabilidade no ataque.
- ⇒ 2 civis mortos em ataque a prédio de habitação em Kharkiv. Há pessoas presas no meio dos escombros. Cidade fica apenas a 50 km da Rússia – É cidade estratégica. Primeiro bombardeamento a edifícios governamentais, e agora a civis.
- ⇒ **28:21: “(...) Na Rússia, a rede social Instagram deixou de funcionar à meia-noite. É cada vez mais difícil e perigoso comentar a guerra ou assuntos políticos. A repressão está a atingir níveis paradoxais. Basta, por exemplo, mostrar um papel em branco para ser preso (...)” – José Alberto Carvalho.**
- ⇒ **29:26: No topo “via Twitter”.**
- ⇒ Milhares de manifestantes contra a guerra presos na Rússia.
- ⇒ Pausa técnica nas negociações entre os dois países.
- ⇒ **31:13: “(...) Deste encontro saiu uma pausa técnica, foi a expressão que Mykhailo Podolyak utilizou nas redes sociais (...)” – Texto de reportagem.**
- ⇒ Zelensky quer encontrar-se com Putin.
- ⇒ Estados Unidos da América dizem que China pode sofrer consequências económicas se ajudar a Rússia na guerra. Rússia pediu assistência militar a Pequim, embora ambos os países o neguem.

- ⇒ **33:00: “Guerra nas redes sociais” – “(...) Tem sido fundamental acompanhar em permanência as redes sociais para ter acesso a inúmeras informações e imagens que ajudam a perceber e a enquadrar a guerra. A cada instante são publicados imagens e textos que nos revelam desenvolvimentos militares ou momentos de humanidade (...)” – José Alberto Carvalho.**
- ⇒ Ucrânianos cantam ópera e não deixam militares passar, crianças são aplaudidas na escola.
- ⇒ Comentário do Major-General Agostinho Costa, com quadro interativo:
- Há mais civis mortos do que militares.
  - “(...) A batalha é travada na comunicação social (...)”.
  - Russos avançam a uma média de 10 km por dia.
  - Obstáculo: Rio Dniepre.
  - Explica as fases de operação, a nível tático e operacional. Refere-se aos acontecimentos do dia.
  - Ataque a torre de televisão numa das zonas.
  - Objetivo: Dnipro atacado a partir de Kharkiv.
  - Exercício da NATO na Noruega.
- ⇒ Entrevista a família que fugiu da Ucrânia:
- Família amiga do jornalista da TVI, Irineu Teixeira, e da mulher ucraniana, mas a residir em Portugal.
  - Contam a fuga do país, de Chernihiv propriamente, até Portugal. De carro e com desconhecidos durante oito dias.
- ⇒ Direto de André Carvalho Ramos, em Odessa, na Ucrânia:
- Ouviram sistemas antiaéreos pela primeira vez.
  - Falta saber quando invasão por mar pode acontecer.
  - Há minas e tanques dentro da cidade. A cada esquina há muitos militares armados. Tudo vale para travar tropas: Móvel, sacos de areia ou vasos.
- ⇒ Comentário de Paulo Portas:
- Comenta o bombardeamento ao bairro de Kiev. Tática é bombardear, aterrorizar, provocar a fuga das pessoas e quebrar a força dos ucranianos – Guerra do terror.
  - Corredor Donbass-Crimeia fechado. Rússia prepara-se para atacar Odessa e frota naval considerável. Ucrânia passa a ser continental e com consequências económicas. Tudo o que exporta e importa por mar deixa de o fazer. Será um dos pontos principais da guerra.
  - Putin já bombardeou 31 hospitais. 24 pesados e 7 individuais destruídos, 12 mortos e 34 feridos.
  - Polónia aumenta investimento na defesa para 3% e duplica forças armadas. De 2 para 3% do PIB em 2023, 143 mil homens para 300 mil e equipamento vai ser melhorado.
  - Encontro entre Estados Unidos da América e China, em Roma. Reunião durou 6 horas. EUA acreditam que China quer ajudar Rússia. Possíveis consequências: China quer EUA humilhados na Ucrânia como no Afeganistão; assistência militar pode significar que um dia a China pode tentar tomar Taiwan; se houver sanções contra a China, elas serão bilaterais entre os dois países; pode ser mais fácil chegar assistência militar à Rússia do que assistência ocidental à Ucrânia.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• China mantém 5,5% de crescimento em 2022, e aumenta defesa 7,1%. Impostos baixam.</li> <li>• China pode “resgatar” Rússia. Petróleo e trigo mais baratos. Obriga a pagar o Renminbi e compra ativos russos. Resgate não acontece em linhas de crédito porque as cortaram para evitar sanções europeias e americanas; CIPS não anula SWIFT; China produz chips, mas não são sofisticados.</li> </ul> <p>⇒ Editora aparece atrás de pivot com cartaz a dizer “Não há guerra, vocês estão a ser enganados pelo que diz esta emissora”. Um dos atos a que se tem assistido na televisão estatal na Rússia.</p>
15/03/22	Terça-feira	<p>⇒ Já há mais de 3 milhões de refugiados ucranianos.</p> <p>⇒ Bielorrússia acusa a Ucrânia de atacar o terreno. Kiev nega e diz que é uma desculpa para reforçar as forças russas no norte da Ucrânia.</p> <p>⇒ Rússia decreta sanções ao Presidente dos Estados Unidos da América e ao primeiro-ministro do Canadá.</p> <p>⇒ Ministros da Polónia, da República Checa e da Eslovénia viajaram de comboio até Kiev em solidariedade. Apresentaram pacote de medidas para ajudar a Ucrânia em nome da União Europeia.</p> <p>⇒ Morreram 4 pessoas em ataque a prédio residencial em Kiev. Autarca de Kiev alerta para momento de perigo. Capital ucraniana em confinamento 35 horas seguidas.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Autoridades esperam escalar do conflito e, por isso, querem as pessoas dentro de casa ou em abrigos subterrâneos. Recolher obrigatório a decorrer e durante todo o dia seguinte. Ninguém pode sair à rua até quinta-feira de manhã.</li> <li>• Russos ou aceitam negociar a paz ou aumentam a violência, diz Zelensky.</li> <li>• Bombardeamentos durante a madrugada. Três edifícios atingidos. Ataque acabou em incêndio que durou quatro horas.</li> <li>• Mortos em sacos mortuários. Cada vez mais alvos civis.</li> </ul> <p>⇒ Ataque aéreo em Kharkiv atinge prédio de três andares. Resgatadas 21 pessoas.</p> <p>⇒ <b>18:00: “(...) nas redes sociais (...)”.</b></p> <p>⇒ Presidente ucraniano admite ficar fora da NATO, mas espera apoio internacional. Admite que a guerra pode terminar em dois meses, quando os mantimentos russos acabarem.</p> <p>⇒ Mais dois jornalistas mortos: Repórter de imagem e produtora da Fox News. Outro repórter perdeu parte de uma das pernas durante ataque a Kiev.</p> <p>⇒ Kremlin atua contra a jornalista Marina Ovsyannikova, que foi detida e levada a tribunal. Interrogada durante mais de 14 horas e privada de qualquer contacto ou apoio jurídico do exterior – apareceu com cartaz durante emissão de jornal russo – presidente ucraniano agradeceu luta contra propaganda. Porta-voz do Kremlin diz que ato foi vandalismo. Redes sociais da jornalista desativadas e momento em direto foi removido.</p> <p>⇒ Direto de Ana Sofia Cardoso, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preparativos físicos, desde barricadas, e preparativos para lutar.</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duas sirenes consecutivas logo pela manhã, o que significa que ataques visam a região de Lviv. Moradores intensificam treinos militares.</li> </ul> <p>⇒ Marcelo alerta para o aumento do custo de vida em Portugal como consequência da guerra.</p> <p>⇒ UE atualiza sanções de figuras e entidades ligadas à Rússia. Abramovich tem acesso a Putin. Não se sabe onde está.</p> <p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Destruição quase completa do aeroporto de Dnipro, no centro leste, e pressão crescente da Rússia sobre a Bielorrússia para reforçar militares.</li> <li>• Primeiro-ministro de Israel teve 90 minutos ao telefone com Putin – é via de mediação das negociações não desconfortável para nenhuma das partes.</li> <li>• Chanceler alemão foi à Turquia. Fecha a passagem a navios militares, prejudicando a Rússia.</li> <li>• Ministro dos Negócios Estrangeiros do Irão em Moscovo – Rússia não assina acordo sem garantia que os negócios com o Irão não são sancionados.</li> <li>• Viagem dos três primeiros-ministros: António Costa deu a ideia e vice-primeiro-ministro da Polónia defendeu projeto da Ucrânia na UE.</li> <li>• Não há condições para a Ucrânia entrar na NATO.</li> <li>• Rússia limita cereais.</li> <li>• Novas sanções. UE investe na defesa.</li> <li>• Rússia sanciona Joe Biden e Antony Blinken, proibindo-os de entrar no país. Porto fechado para bloquear exportação de grão para a Eurásia.</li> <li>• Índia anuncia compra de petróleo russo com desconto – é o terceiro maior importador, adversário da China e mantém canal com a Rússia aberto. Transação em rúpias para traduzir para dólares. Evita as sanções.</li> <li>• Estudo de opinião na Rússia: 59% pela guerra e 22% contra. Jovens mais contra.</li> </ul> <p>⇒ Rádio Comercial, em Portugal, começa app “comercial Ucrânia” para refugiados. Apresentador ucraniano e português com música e informação para ajudar.</p>
16/03/22	Quarta-feira	<p>⇒ Putin e Zelensky podem encontrar-se para assinar acordo de cessar-fogo imediato. Deverá ter 15 pontos essenciais – Ucrânia desiste de entrar na NATO e forças armadas da Ucrânia limitadas em troca do cessar-fogo e da retirada de tropas russas. Ucrânia pode aceitar estatuto de neutralidade, como a Suécia ou a Áustria.</p> <p>⇒ Ataque a teatro com quase mil pessoas refugiadas em Mariupol. <b>03:00: “imagens Twitter”.</b></p> <p>⇒ Hospital de Mariupol está sobrelotado.</p> <p>⇒ Bombardeamento matas civis na fila para comprar pão em Chernihiv.</p> <p>⇒ Zelensky mostra vídeo emotivo ao congresso americano, a partir de Kiev. Relembra Pearl Harbor e 11 de setembro de 2001. Invocou Martin Luther King para pedir apoio e insiste na exclusão aérea. Diz a Joe Biden que</p>

		<p>“ser líder do mundo significa ser líder da paz”. Imagens de propaganda, mas que mostram estado da Ucrânia.</p> <p>⇒ Líderes do leste europeu reforçam apoio à Ucrânia.</p> <p>⇒ Prédio residencial de 12 andares foi bombardeado. Forças russas atacaram de madrugada. Primeiro-ministro espera o pior. Jornalistas estão obrigados ao recolher obrigatório.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não entendem porque lhes foi imposto o recolher. Talvez porque reconduziram forças militares nos arredores. Forma de ter maior segurança.</li> <li>• Bombardeamento maior não aconteceu. Destruída panificadora – Objetivo russo: Cortar abastecimento ucraniano.</li> </ul> <p>⇒ <b>12:45: “(...) Os russos parecem estar muito mais ativos nas redes sociais e na internet em geral. Estão a ser libertadas imagens que procuram ilustrar o avanço militar, como estas que partilhamos agora com os nossos espetadores divulgadas pelo Ministério da Defesa da Rússia (...)” – José Alberto Carvalho.</b></p> <p>⇒ Forças ucranianas ainda não receberam novas armas do Ocidente, mas continuam a fazer frente à Rússia.</p> <p>⇒ Kiev continua a defender com o sistema antiaéreo, abatendo a maior parte dos aviões russos.</p> <p>⇒ Já morreram entre 5 e 6 mil soldados russos, em média.</p> <p>⇒ Cerco russo não está completo. Situação mais difícil no sul.</p> <p>⇒ Massacre em várias cidades ucranianas: Chernihiv, Kiev, Kharkiv, Donetsk, Mykolaiv e Mariupol.</p> <p>⇒ Hospital de Mariupol foi tomado pelas tropas. Há mais de 400 reféns – homens, mulheres, crianças e idosos. 2500 pessoas morreram.</p> <p>⇒ Retidos cerca de 350 mil habitantes em Mariupol. Prateleiras dos supermercados vazias e população desesperada.</p> <p>⇒ Zelensky diz que já morreram 100 crianças desde o início da guerra.</p> <p>⇒ 10 mortos em fila do pão em Chernihiv. Ministério da Defesa russo nega o ataque e diz que é encenação dos serviços secretos ucranianos.</p> <p>⇒ <b>18:45: “(...) a notícia espalhou-se depois do tweet da embaixada americana na Ucrânia” – Dizem que o ataque foi feito por artilharia pesada Porta-voz militar russo desmentiu.</b></p> <p>⇒ Retirados cinco cadáveres de prédio, três deles crianças, em Chernihiv. Rússia continua a dizer que não ataca civis.</p> <p>⇒ Dois edifícios atingidos em bairro residencial em Kiev. Cerco intenso em Kharkiv. Escolas destruídas. Mykolaiv não tem espaço para tantos corpos que chegam. Ataque em Donetsk faz 10 feridos, entre as quais 3 crianças – ataque dos separatistas.</p> <p>⇒ Comentário do Coronel Mendes Dias, com quadro interativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explica a importância das armas pedidas por Zelensky e o avanço lento das tropas russas.</li> <li>• Teatro era base do Batalhão Azov. Comenta e dá opinião sobre.</li> <li>• <b>25:35: “(...) foi publicado no Twitter (...)” - José Alberto Carvalho – tanque russo ataca homem no meio da rua.</b></li> <li>• Blindados são uma das armas mais importantes.</li> <li>• Mariupol é importante porque é ligação da Crimeia com Donbass.</li> </ul>
--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Armas explicadas. Tipo de armamento que os Estados Unidos da América vão disponibilizar são as metralhadoras.</li> </ul> <p>⇒ Não há clínicas e hospitais em Mariupol. Único hospital que existe serve para tudo – até guardar cadáveres. Há recém-nascidos entre os mortos. Bebés amontoados em mantas, acabado de chegar da maternidade.</p> <p>⇒ Clínica improvisada em Kiev tem 21 bebés à espera para os pais os irem buscar – Barrigas de aluguer é uma prática na Ucrânia. Pais de todo o mundo aguardam.</p> <p>⇒ Direto de Ana Sofia Cardoso, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dia mais calmo desde que chegaram.</li> <li>• 35 mortos na base de treinos – Acompanharam os funerais. 134 feridos recuperam do ataque.</li> <li>• Instalações militares podem ser próximos alvos. Viram as despedidas. Ex-imigrante ajuda filha e neto a fugirem para Portugal, onde já viveu – quer juntar-se ao combate se for preciso, apesar de já ter 61 anos.</li> </ul> <p>⇒ Sistema antiaéreo ativado em Odessa. Sirenes tocam várias vezes por dia. Russos podem entrar pelo mar. Habitantes enchem sacos com areia das praias para a defesa dos edifícios.</p> <p>⇒ Há mais de 3 milhões de refugiados: 1,8 milhões na Polónia, 220 mil na Eslováquia, 272 mil na Hungria, 467 mil na Roménia e 344 mil na Moldávia.</p> <p>⇒ SEF controla viaturas em vários pontos de Portugal devido aos alertas das redes de tráfico. Já entraram 10 mil pessoas vindas da Ucrânia.</p> <p>⇒ Jornalista russa teme pela segurança e apela à união contra guerra. Alerta que cidadãos russos não sabem o que está a acontecer na Ucrânia.</p> <p>⇒ Preços dos combustíveis vão descer em Portugal. Gasóleo desce 19 cêntimos e gasolina desce 14 cêntimos. Petróleo ao preço praticado antes da guerra.</p> <p>⇒ Alimentos e combustíveis registaram subidas recorde desde a guerra. Muito mais alto do que antes. Depósito de 50 litros de gasóleo em Portugal é 100 euros (+ 16) e gasolina 102 euros (+10 desde o primeiro dia). Preço do peixe e da carne podem disparar. 30/40 cêntimos por kg de uma semana para a outra. Pode disparar entre 20 e 30% nos próximos dias e frutas e legumes entre 30 e 40%.</p> <p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Comenta acontecimentos do dia: Memorando com 15 pontos, uma das partes pode procurar fragilizar a posição da outra; neutralidade em cima da mesa da Ucrânia – adesão à NATO e à UE está na Constituição, o que implica uma revisão constitucional imposta por um Estado terceiro; bases militares ou armas no seu território; estatuto da Crimeia revisto - seria russa e reconhecida por Ucrânia, assim como o Donbass; Ucrânia recuperava saída para o mar e direitos da minoria russa dentro da Ucrânia no ensino, língua, etc; saída do atual governo de Kiev não está em cima da mesa – pode ter a ver com a Rússia ter de pagar a reconstrução da Ucrânia; “modelo” Suécia e Áustria: Finlândia com acordo bilateral com a Rússia, Áustria neutra por acordo de vencedores, Suécia neutra desde as guerras napoleónicas.</li> <li>• Zelensky fez discurso emocional, embora no seu tom calmo. Evitou o tema NATO e negociações. Pediu mísseis S-300, os “<i>javelins</i>” que</li> </ul>
--	--	--

		<p>existem em países da NATO, como a Eslováquia, a Grécia e a Bulgária – Atingem com maior precisão a maior altura e são de fabrico soviético.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ingleses dizem que mísseis terra-ar vão para a Ucrânia.</li> <li>• Alemanha tem 100 mil milhões de euros para a defesa e vão comprar 35 f-35 que levam carga nuclear e escapam aos radares e infravermelhos. Alemanha mandou ainda abrir pesquisa do petróleo no Mar do Norte e tentam gás na Noruega para substituir o gás russo. Fazem pressão sobre ns1 e a sua suspensão.</li> <li>• Consequências económicas na China – Bolsas e indicadores caem para valores de 2008 e 2012.</li> <li>• Reserva Federal dos Estados Unidos da América vai subir juros 7 vezes mais para controlar inflação.</li> </ul> <p>⇒ “Valquírias de Kiev”: Mulheres ucranianas juntam-se ao exército. Várias idades e diferentes perfis.</p> <p>⇒ <b>01:21:00: “imagens Twitter”.</b></p>
<p>17/03/22</p>	<p>Quinta-feira</p>	<p>⇒ Imagem peregrina de Fátima já está em Lviv, na Igreja da Natividade. Milhares de pessoas receberam a imagem. Vaticano e Fátima entregam país a Virgem Maria.</p> <p>⇒ Teatro de Mariupol estava assinalado com a palavra “crianças”.</p> <p>⇒ Coluna de carros prontos a sair. Abrigo na cidade de Mariupol não colapsou e a maioria sobreviveu. Já não há operações de resgate porque os serviços colapsaram. Cruz Vermelha deixa a cidade por falta de garantias de segurança. 30 mil pessoas conseguiram sair, 350 mil continuam na cidade. 90% da cidade está destruída.</p> <p>⇒ Mais de 50 pessoas morreram em Chernihiv. 53 mortos em apenas 24 horas, segundo o governador. Ataque em Kharkiv mata 21 pessoas: Centro cultural e escola em escombros. Mercado Barabashov em chamas.</p> <p>⇒ Destruição em Volnovahka.</p> <p>⇒ Mykolaiv: Ucranianos dizem que vão resistir até ao fim.</p> <p>⇒ Recolher obrigatório terminou em Kiev. Silêncio estranho - Ministério de Defesa ucraniano alerta para forte possibilidade de assalto à cidade. Ataque com míssil durante a noite fez um morto num prédio residencial. Não foi pior graças ao sistema antiaéreo.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dia mais calmo. Tropas russas estão a lidar com baixas pesadas e não têm capacidade para o assalto e para cercar a cidade.</li> <li>• Estudantes vivem num bunker na universidade de Kiev.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Ana Sofia Cardoso, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 4 milhões de ucranianos são católicos.</li> </ul> <p>⇒ Joe Biden classificou Putin como “criminoso de guerra”. Tribunal Penal Internacional está a investigar as alegações da Ucrânia contra a Rússia e Rússia acusa de volta – Crimes e uso de armas proibidas. ONU já avisou russos em relação aos bombardeamentos. 31 instalações hospitalares bombardeadas, dizem ucranianos. Rússia acusa Ucrânia de ataque em Donetsk que matou 20 pessoas e deixou 28 feridos.</p> <p>⇒ Ucranianos e russos voltam a negociar acordo e uma cimeira entre Putin e Zelensky – Vão finalizar documento por videoconferência. Ucrânia</p>

apresenta também exigências porque sabe que não pode confiar na Rússia – Ajuda da Turquia parece essencial.

⇒ Zelensky falou no parlamento alemão e lembrou o Holocausto e o muro de Berlim. Foi ovacionado. Diz que a guerra é um novo muro na Europa.

⇒ **25:22: “(...) toda a gente no TikTok nos apoia (...)”.**

⇒ Zelensky visita feridos e condecora socorristas. Envia mensagens recorrentes aos ucranianos. Até em russo.

⇒ Comentário do Coronel Mendes Dias, com quadro interativo:

- Muito difícil a leste a oeste, só a sul e sudoeste de Kiev é mais fácil.
- Fala sobre os mísseis usados na guerra.
- Dia de consolidação de posições.
- Chernihiv mandou recolher tropas. Forças russas tentam contornar.
- Explica as possibilidades de ataque através de várias cidades.
- Míssil anticarro *javelin* – Fala sobre a arma e os ataques já feitos com ela - 4 km e míssil controlado por infravermelhos. Entrou em 1996. Ataque direto e modo de ataque no carro.

⇒ Outros assuntos.

⇒ Comentário de Paulo Portas:

- Comenta bombardeamento do teatro de Mariupol e acontecimentos do dia.
- Ministro das Finanças da Rússia evitou insolvência do Estado russo porque acabou por não fazer *default*.
- Ofensiva de bombardeamentos, mas sem grandes avanços.
- Biden reforça ajuda militar: Mais 800 mísseis *stinger*, 9000 armas antitanque e s-300 poderão ir pelo leste.
- Sinais de recrutamento em locais exteriores à Rússia, como a Tchetchênia – Terror psicológico e extrema violência, posições em Kiev e em Chernobyl e têm alvos seletivos (comandos com ordens – dirigentes, responsáveis).
- No lado da Ucrânia estão batalhões de islâmicos que estiveram contra os russos na guerra da Tchetchênia e que viraram alguns terroristas contra e que libertaram povos do Cáucaso.
- Russos pagaram cupão de dívida russa, 117 milhões de dólares para não entrar em *default*, e fê-lo a partir de conta sancionada porque tem tudo bloqueado, o que para os americanos.
- Comenta subida e descida do valor do rublo sob domínio de Putin.
- Países mais expostos à dívida russa: Itália, França, Áustria, Estados Unidos da América, Japão e Portugal.
- OCDE publica projeção: Menos 1,4% do crescimento da economia da Europa, 1,1% no mundo e 0,9% nos Estados Unidos da América.
- Inflação na zona Euro: 2,25%, 2,5% no mundo e 1,5% nos Estados Unidos da América. Inflação na indústria em Portugal já subiu 20,7% e energia a 60,9% (comparado com há um ano).

⇒ Marcelo em Moçambique: Conflito na Ucrânia domina conferência de imprensa.

⇒ Intervenção de Pedro Santos Guerreiro:

- Fabrico de imagens com ferramentas de inteligência artificial – “*Deepfake*”.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) já foi banido das redes sociais (...)”.</li> </ul> <p>⇒ 01:10:39: “(...) ucraniano sabe da morte dos filhos pelo Twitter (...)”. “(...) publicada na rede social Twitter (...)” – Reportagem. “(...) vi uma foto no Twitter e reconheci os meus filhos (...)”.</p> <p>⇒ Criança refugiada de 11 anos reencontrou família na Eslováquia.</p> <p>⇒ Guerra já fez quase 3 milhões e 200 mil refugiados: 1,9 milhões na Polónia, 228 mil na Eslováquia, 282 mil na Hungria, 491 mil na Roménia, 350 mil na Moldávia.</p> <p>⇒ Há muitos voluntários na Polónia. De várias línguas e na língua universal - A música. Voluntário quer ir a Kiev resgatar 450 cães. Habitantes de Odessa ajudam militares – Restaurantes transformados em barricadas.</p> <p>⇒ Há dois milhões de deslocados internos no país.</p> <p>⇒ Imagens de satélite mostram o antes e o depois de Sumy.</p> <p>⇒ Aumentos na eletricidade e no gás natural em Portugal, como consequência da guerra. Vai afetar 900 mil pessoas na luz e 230 mil no gás.</p>
18/03/22	Sexta-feira	<p>⇒ Enquanto a Rússia festeja com um estádio cheio, na cidade de Lviv homenageiam-se as 109 crianças mortas na guerra, com centenas de carrinhos de bebés vazios na praça principal.</p> <p>⇒ Equipa da TVI, em Kiev, esteve a 3 km da linha de combate.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tropas russas parecem não ter capacidade para assaltar Kiev. Estão em pequenas aldeias, na floresta, ainda afastados do centro. Estão a sofrer baixas e perdas pesadas.</li> <li>• Forças ucranianas estão muito motivadas e a lutar pelos seus e pelas suas terras.</li> <li>• Corpos de russos que viram são muito novos e alguns, aparentemente, asiáticos. Deverão ser do outro lado do país.</li> <li>• Há cada vez mais bombardeamentos e a técnica continua a ser destruir o abastecimento. Presidente da Câmara de Kiev diz que este é um ataque contra civis e que já morreram mais de 200 pessoas.</li> </ul> <p>⇒ Novo ataque em Kiev causou um morto logo pela manhã. 19 feridos, incluindo 4 crianças. Kiev abateu caça em Bucha.</p> <p>⇒ Direto de Ana Sofia Cardoso, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouviram-se três explosões nas primeiras horas da manhã, causados por 4 mísseis cruzeiros lançados do Mar Negro. Foram lançados 6. Instalação militar para reparação de aviões foi atacada.</li> <li>• Autoridades pedem que as pessoas publiquem a foto dos carrinhos de bebé nas redes sociais para que os russos vejam. <b>14:00: “(...) as autoridades aqui na Ucrânia pedem às pessoas que partilhem estas imagens, que as partilhem nas redes sociais, e que as publiquem, em especial, em plataformas que os próprios russos possam observar (...)”.</b></li> <li>• Número de vítimas mortais pode disparar em Mariupol, sendo que ainda não se sabe ao certo quantas são as vítimas do teatro. Abrigados não têm acesso à água, nem a aquecimento.</li> <li>• Restam poucos mantimentos nos supermercados e pouco combustível. Em Donetsk morreram quatro pessoas em ataque a prédio residencial</li> </ul>

		<p>durante a manhã. Há filas de pessoas nos bancos para levantarem dinheiro.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ataque em Kharkiv durante a manhã fez um morto e 11 feridos.</li> </ul> <p>⇒ 130 pessoas resgatadas do abrigo de Mariupol. Há 1300 presas nos destroços. Itália ofereceu-se para reconstruir teatro. Rússia nega ataques.</p> <p>⇒ Cidade de Odessa receia ataque. Cidadãos continuam a preparar-se para o ataque.</p> <p>⇒ Rússia admite que Ucrânia pode estar próxima de um acordo sobre a neutralidade da Ucrânia – não participar em guerras de terceiros - e a renúncia à NATO. Acusam Ucrânia de atrasar negociações. Garantias de segurança de Kiev para abdicar da capacidade militar e da proteção da aliança atlântica em falta para negociar.</p> <p>⇒ Zelensky diz que Rússia vai pagar preço alto pela guerra e apelou ao Ocidente para intensificar sanções e pediu armas antimísil.</p> <p>⇒ Putin garantiu aos russos que vão alcançar todos os objetivos na Ucrânia, no Comício que celebrava os 8 anos da anexação ilegal da Crimeia. Evento ficou marcado pela suspensão do discurso pela televisão russa durante alguns momentos - problema técnico na origem. Presidente diz que genocídio no Donbass é o principal motivo da invasão.</p> <p>⇒ Presidente norte-americano e presidente chinês estiveram duas horas ao telefone. Objetivo era Biden convencer o presidente chinês a não fornecer qualquer tipo de apoio financeiro ou militar à Rússia. Chinês diz que é contra a guerra e pediu mais diálogo, respeito e cooperação. Porta-avião chinês sobrevoou estreito de Taiwan, possível provocação ao Ocidente.</p> <p>⇒ Comentário do Coronel Mendes Dias, com quadro interativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explica as especificidades do caça MIG-29, fabricado na Rússia e com origem na década de 80. Destina-se a luta aérea, mas é multifunções.</li> </ul> <p>⇒ Segurança alimentar mundial ameaçada pelo conflito. Há escassez de cereais e de alimentos. Secretário-Geral das Nações Unidas alertou para “furacão de fome no planeta”. Guerra afeta produção de cereais e vai provocar ainda mais dificuldades em certos países e populações, como é o caso das 17 milhões de pessoas no Iémen.</p> <p>⇒ Produção do trigo e do milho, cevada, óleo de girassol, fertilizantes e combustíveis (importantes para recolher, fabricar e transportar) em perigo – Ucrânia é o quinto maior produtor de trigo no mundo.</p> <p>⇒ Cabaz com alimentos essenciais, com 63 produtos, para uma família em Portugal é agora oito euros mais caro. Feiras e mercados com menos clientes. Registado maior aumento dos preços.</p> <p>⇒ Luz e gás vão ficar mais caros em Portugal a partir de abril. Mercado regulado sofre aumento de 3% em abril. Governo negocia com Bruxelas medidas para travar estes aumentos – Portugal, Espanha, Itália e Grécia querem medidas imediatas – António Costa sugere preço de referência máximo do gás. Países do sul esperam decisões na próxima semana do Conselho Europeu.</p> <p>⇒ Combustíveis descem, em Portugal, na próxima semana. Gasóleo menos 17 cêntimos e gasolina menos 13. Governo não vai aumentar ISP.</p> <p>⇒ Setor do retalho diz que não vão faltar alimentos em Portugal, mas pede que o país arranje soluções para os cereais. Propõem que a Europa compre ao Brasil ou a outros países e pedem que baixem o preço da energia.</p>
--	--	--

		<p>⇒ Outros assuntos.</p> <p>⇒ Portugal congelou conta bancária de 242 euros de um oligarca russo. Abramovich está proibido de viajar para a União Europeia, mas Portugal é exceção porque tem nacionalidade portuguesa. No entanto, tem de ir de Moscovo para a Lituânia para seguir para Portugal – não pode parar em mais países e pode na Lituânia porque também tem nacionalidade.</p> <p>⇒ Presidente russo pode ser o mais rico do mundo: Palácio no Mar Negro, iate e apartamento no Mónaco – “<i>Panama Papers</i>” e “<i>Pandora Papers</i>”.</p> <p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Comenta novo ataque no oeste da Ucrânia, perto da fronteira com a Polónia; a conversa de duas horas dos presidentes norte-americano e chinês e os crescentes casos de desinformação.</li> <li>• Comunicado chinês diz que está a redigir plano humanitário de seis pontos e diz que se deve prosseguir negociações. Já Biden manifestou-se contra alteração unilateral da definição de Taiwan.</li> <li>• Instrução dada aos jornalistas chinês: Criticar Ocidente e não falar mal da Rússia. Declarações importantes foram “censuradas” nos paralímpicos, já que não foram traduzidas. Militares russos ajudam nos corredores humanitários. Taiwan mostra que EUA não ajudam China.</li> <li>• Rússia teve de recuar na ONU por falta de apoios quanto à ação humanitária.</li> <li>• Polónia supera 2 milhões de refugiados ucranianos (estima-se que destes, 300 mil voltam à Ucrânia por quem e pelo que deixaram) e “deslocados” são 6,5 milhões. 3 270 662 refugiados. É a maior crise do ponto de vista do crescimento.</li> <li>• Rússia pode abalar preços mundiais que já estão em alta porque exporta paládio, fertilizantes, platina, gás, alumínio, trigo, aço, carvão, níquel, crude e óleos para vários países no mundo.</li> <li>• Inflação dos produtos: Níquel (+48%), petróleo (+12%), carvão (+43%), trigo (+33%), gás (+40%) e alumínio (7%). Problema na área do consumidor, na indústria e na agricultura. Podem faltar produtos.</li> </ul> <p>⇒ “a guerra normalmente tem verdades horrorosas e narrativas heroicas” – quanto à desinformação de ambos os lados. Por exemplo, patrulha russa supostamente afundada reapareceu, cerco de Odessa porto de Sebastopol. Ministro da Defesa inglês esteve 10 minutos ao telefone com impostor, achando que era o primeiro-ministro ucraniano, que era fisicamente igual.</p>
<p><b>19/03/22</b></p>	<p><b>Sábado</b></p>	<p>⇒ Direto de Pedro Mourinho, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ambiente calmo. Sirenes só se ouviram uma vez.</li> <li>• Notícia que marca o dia: Utilização de um míssil supersónico Kinzal pela Rússia. Bombardearam zona de paiol em Deliatyn, em Ivano-Frankivsk. Esta arma é à prova das defesas antiaéreas – Demasiado rápida para ser identificada.</li> <li>• Pelo menos 50 mortos em ataque militar em Mykolaiv. Autoridades retiram pessoas dos escombros. Mais de 200 soldados dormiam durante o ataque no quartel.</li> <li>• Tremenda devastação de Mariupol. Civis começaram a ser levados para cidades remotas na Rússia.</li> </ul>

- Zelensky apela a um encontro direto com Putin para alcançarem a paz o mais depressa possível. Continuam a tentar negociar os corredores humanitários.
  - (Há um rebentamento durante o direto da equipa da TVI.)
  - (Jornalista relata regresso a Kiev, desde Lisboa, passando pela Polónia e até Kiev. De quinta-feira a sábado.)
- ⇒ Há 3 milhões e 300 mil refugiados, segundo a ACNUR. Mais de 800 civis mortos, de acordo com a ONU.
- ⇒ Dois mortos em ataque a prédio em Kramatorsk.
- ⇒ Zelensky perde controlo do Mar de Azov.
- ⇒ Habitantes de Mariupol e de outras cidades tentam fugir. Há quem fugiu, mas que vai voltar para combater, inclusive mulheres.
- ⇒ Dez corredores humanitários, incluindo na capital, negociados na nova ronda.
- ⇒ Kiev diz que já morreram mais de 14 mil soldados russos e que há milhares feridos.
- ⇒ Polónia propõe novo pacote de sanções à Rússia.
- ⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:
- Não houve combates no centro de Kiev. Muitas famílias no centro a passearem e a abastecerem-se.
  - Residentes tentam aproveitar a acalmia. Lojas não essenciais começam a reabrir.
  - Ainda há 2 milhões de pessoas na cidade.
- ⇒ Direto de Ana Sofia Cardoso, em Lviv, na Ucrânia:
- Vida mantém-se calma e “normal”. Ataque não desmoralizou população.
  - Ataques mais a leste e a sul da Ucrânia.
  - Residentes foram para as praças principais, e há muitos artistas de rua. Tentam aproveitar também a acalmia.
  - Sirenes tocaram, mas nem assim os comerciantes e os clientes foram embora. Sinal de que já estão habituados a estes avisos constantes.
  - Militares também estavam nos mercados. Compraram talismãs e anéis caso tivessem de ir para a guerra.
- ⇒ Comentário do Coronel Mendes Dias, com quadro interativo:
- Comenta a utilização do míssil hipersónico e o porquê da sua utilização neste momento.
  - São mísseis mais rápidos do que o som. É muito manobrável e voa a baixa altitude. Não é detetado por alguns sistemas aéreos - Só os mais baixos e são muito poucos. São impossíveis de neutralizar.
  - Ataque com o míssil supersónico foi a 100 km da fronteira com a Roménia.
  - Comenta ataque ao quartel de Mykolaiv.
  - Volta a comentar ataque por Odessa.
- ⇒ Redes criminosas de tráfico humano aproveitam-se do desespero dos ucranianos. SEF controla entradas e saídas em Portugal para impedir atuação das redes, sobretudo com mulheres e crianças. Redes de prostituição e tráfico de droga são para o que mais servem. Até os comboios inspecionam. Autoridades europeias atentas.

- ⇒ Chegaram quase 400 refugiados a Lisboa vindos da Polónia – “Missão Ucrânia”. Voluntários foram apoiados por particulares e empresas. À ida levaram mais de três toneladas de medicamentos e bens alimentares. 70 voluntários para o acolhimento. Alguns vão ser distribuídos por instituições em todo o país. Há familiares que já vivem em Portugal e esperam pelos que vêm da Ucrânia.
- ⇒ Já chegaram mais de 5 mil ucranianos a Portugal desde que a guerra começou. Portugueses apoiam ucranianos com várias plataformas – helpucraina.pt e helpua.pt, por exemplo.
- ⇒ **36:25: “(...) não sabia como obter ajuda, e só escrevi estas palavras: ‘por favor, ajudem’. E as pessoas começaram a responder-me no instagram (...)” – ucraniana. “(...) a publicação foi vista por esta influencer portuguesa que usou as redes sociais para mobilizar a ajuda de milhares de seguidores (...) – Texto de reportagem. “(...) neste momento também é para isto que as redes sociais servem (...) – influencer.**
- ⇒ Crianças ucranianas começam a aprender a língua portuguesa. Alunos têm integrado escola portuguesa, outros esperam regressar em breve.
- ⇒ Manifestação pela paz em frente à embaixada da Rússia, em Lisboa, patrocinada pela Amnistia Internacional.
- ⇒ Bielorrussos protestaram contra a guerra em Lisboa, no Terreiro do Paço, e deixaram claro que estão contra a decisão de Lukashenko. Havia 500 em Portugal.
- ⇒ “Trailer” de documentário sobre o poder de Putin, que estreia no dia 20 de março no Jornal das 8, na TVI.
- ⇒ Outros assuntos.
- ⇒ Juiz autoriza Mário Machado, combatente de extrema-direita, a combater na Ucrânia.
- ⇒ **01:02:44: “A operação Ucrânia1143 foi anunciada no Youtube pelo próprio Mário Machado (...)” – Texto de reportagem.**
- ⇒ **01:09:10: “(...) soldado ucraniano a publicar vídeos a dançar no TikTok para mostrar à filha que estava vivo (...)” – Texto de reportagem.**
- ⇒ Três cosmonautas aterraram na Rússia com as cores da Ucrânia. Não se sabe se foi propositado. Justificação é que tinham muito material amarelo e azul.
- ⇒ Desportistas ucranianos voltam ao território para defender o país. Yaroslava Manuchikh sagrou-se campeã do mundo do salto em altura coberto e dedicou a vitória a quem está a combater na guerra, tal como o tenista Sergiy Stakhovsky. Ex-tenista, Alexandr Dolgoplov, teve aulas de tiro e foi combater.
- ⇒ Roger Federer vai doar 450 mil euros através da sua fundação para as crianças da Ucrânia continuarem a estudar.
- ⇒ Direto de Pedro Mourinho, em Kiev, na Ucrânia:
- Soaram as sirenes e logo a seguir ouviu-se os rebentamentos. Neblina de fumo na imagem. Hora de recolher obrigatório e é difícil recolher informações. Marca o regresso dos ataques.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 228 mortos, incluindo 4 crianças, 900 cidadãos feridos e 16 eram crianças. 40 casas destruídas, 6 escolas e 4 infantários danificados de várias formas – Segundo a Câmara de Kiev.</li> </ul> <p>⇒ <b>01:14:59: “(...) conteúdos sobre a guerra (...) são partilhados muitas vezes sem filtros nas redes sociais (...)” – Sara Pinto.</b></p>
20/03/22	Domingo	<p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ Há combates de rua em Mariupol. Tropas russas entraram por vários pontos da cidade. Escola artística, com centenas de pessoas refugiadas (400), foi atacada. Zelensky diz que é mais um crime de guerra.</p> <p>⇒ Kiev denuncia deportação de ucranianos para território russo.</p> <p>⇒ Ucrânia acusa Rússia de atacarem lar de idosos em Lugansk propositadamente. Mataram 56 pessoas e 15 pessoas foram raptadas e levadas para centro geriátrico em território dominado pela Rússia. Ataque ocorreu no dia 11 e vai ser tratado como outro crime de guerra e contra a humanidade julgados pelo Tribunal Penal ou outro tribunal que seja criado.</p> <p>⇒ Rússia diz que voltou a usar mísseis hipersónicos. Já usaram contra paiol subterrâneo na zona ocidental e outro contra depósito combustível em Mykolaiv, onde já tinham morrido 40 soldados ucranianos num ataque a uma base militar com dois destes mísseis.</p> <p>⇒ Mais de 3 milhões e 300 mil refugiados ucranianos.</p> <p>⇒ Explosões e chamas na maior metalúrgica da Ucrânia, e uma das maiores da Europa.</p> <p>⇒ <b>15:58: “(...) o vídeo (...) foi partilhado pela deputada ucraniana Lesia Vasylenko, na sua conta do Twitter (...)” – José Alberto Carvalho.</b></p> <p>⇒ Direto de Pedro Mourinho, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• De manhã houve um disparo que foi intercetado pelo sistema antiaéreo ucraniano e o míssil acabou por cair junto a um prédio. Um morto e 19 feridos, incluindo 4 crianças.</li> <li>• 1000 e tal mortos civis em toda a Ucrânia, 220 só em Kiev.</li> </ul> <p>⇒ Infantário e escolas destruídas em Borodyanka.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Enorme explosão no início da tarde a oeste da capital. Apenas feridos (10) e vários danos (4 prédios).</li> <li>• Estratégia continua a ser bombardear. Em alguns lugares de Kiev começa a faltar a eletricidade.</li> <li>• Zonas bombardeadas e com muitas pessoas ainda a morarem.</li> <li>• Autoridades de socorro ainda conseguem reagir.</li> </ul> <p>⇒ Zelensky pediu ajuda para impedir a Rússia de obter “uma solução final” – a de extinguir os judeus - a Israel, no parlamento, “Knesset”.</p> <p>⇒ Tel Aviv manifesta-se e pede o fim da guerra. Discurso foi transmitido por videoconferência em Tel Aviv, onde ficam a maioria das embaixadas, incluindo a ucraniana. Zelensky elogiou sistema de defesa de Israel, e Israel disse que ia continuar a ajudar no que fosse possível.</p> <p>⇒ ONU estima que já haja mais de 10 milhões de deslocados ucranianos, seja dentro ou fora do país.</p> <p>⇒ Direto de Ana Sofia Cardoso, em Lviv, na Ucrânia:</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abrandamento de pessoas na fronteira. Na semana passada chegavam 60 mil pessoas a cada dia, e neste momento chegam 10 mil.</li> <li>• Há 200 mil pessoas deslocadas. Grande pressão, sendo que é um quarto da população de Lviv.</li> <li>• É necessária muita ajuda humanitária. Ajuda chega através de várias agências humanitárias e das pessoas de Lviv, que dividem as suas casas com outras pessoas.</li> <li>• Civis, com qualquer profissão, recebem treino militar para defenderem as cidades.</li> </ul> <p>⇒ Direto de João Fernando Ramos e Nuno Santos, em Przemyśl, na Polónia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrada na Polónia é cada vez mais complicada. Todos os dias é preciso mais carimbos. Demora-se 4 horas a entrar. Vão-se criando rotas. Fronteiras informais vão sendo cada vez mais usadas, sendo que 500 km de fronteira não são controlados.</li> <li>• Passam por centro de controlo e depois vão para carrinha ou autocarro que têm o nome do destino, mas não sabem se vão para lá.</li> <li>• Há quem facilite o processo e outros só o fazem em troca de dinheiro. Está a gerar uma crise.</li> <li>• Fronteiras têm câmaras de videovigilância. Centenas de refugiados tentam fugir, e há quem os ajude nestas passagens.</li> </ul> <p>⇒ Papa Francisco visitou crianças ucranianas refugiadas num Hospital de Roma – Hospital do Menino Jesus - 19 crianças com cancro, problemas neurológicos e ferimentos graves da guerra. Papa discursa contra a guerra na Praça de São Pedro, voltando a apelar à paz.</p> <p>⇒ Outros assuntos.</p> <p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Comenta discurso de Zelensky em Israel. É um passo atrás, sendo que disse que está indisponível para fazer cedências quanto à integridade territorial da Ucrânia – Donbass e Crimeia e ligação até Odessa.</li> <li>• Putin “ainda” não está pronto para encontrar Zelensky.</li> <li>• Não adesão à NATO e direitos da minoria russa na Ucrânia, cerca de 20% é onde Putin e Zelensky se podiam entender.</li> <li>• Putin subestimou a Ucrânia e precisa de mostrar que está à frente dos EUA quanto às armas hipersónicas.</li> <li>• Russos fizeram ultimato aos ucranianos quanto a Mariupol.</li> <li>• Explica míssil hipersónico. 5-30 vezes a velocidade do som, nem radar nem previsibilidade, 8 países têm ou vão ter. Perigo aumenta.</li> <li>• Aborda a cedência de armas da Europa à Ucrânia e até que ponto se é uma "força beligerante" por isso.</li> <li>• Nível de probabilidade de uma guerra nuclear é baixo, mas há um mês era nulo. Risco é a escalada de violência.</li> <li>• Bitcoins foram valorizados desde que a guerra começou, mas não tanto como se diz. Criptomoedas estão dos dois lados da guerra, já que conseguiram fazer chegar muito dinheiro à Ucrânia. A Rússia com a desvalorização do rublo e ativos congelados pode virar-se para aqui.</li> <li>• <b>Zelensky é “rock star” nas redes sociais: corajoso, direto, natural e constante. Em fevereiro tinha 9,3 milhões de seguidores no Instagram e 480 mil no Twitter. Em março tinha 16,1 milhões de ‘gostos’ no Instagram, 5,5 milhões de partilhas no Twitter e 2,6</b></li> </ul>
--	--	---

		<p><b>milhões de ‘gostos’ no Facebook, sendo que em fevereiro não o utilizava. Guerra mudou de natureza. “a guerra de comunicação - propaganda” passa-se nas redes sociais onde os russos foram surpreendidos e ucranianos muito mais ocidentais.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Comenta conversa do patriarca da Igreja Ortodoxa de Moscovo e do Papa por videochamada. Relações muito difíceis desde sempre. Explica o facto de a Igreja Ortodoxa da Ucrânia se ter separado da de Moscovo em 2019.</li> <li>• Rússia tenta abolir herança cultural da Ucrânia - Igrejas, catedrais, museus, teatros e galerias são alvos. Museus retiram as obras. Restantes servem de abrigo.</li> <li>• Explica a letra “Z” em materiais como equipamento militar. “Para a vitória” – “para oriente ou para o ocidente”. Estendeu-se ao desporto e às artes – equipas dispostas em z no hóquei em campo, e lago dos cisnes também em z – “ópera” de Donbass.</li> <li>• Conselho Europeu e Cimeira da NATO: Baixar o IVA é mais simples do que tabelar preços. Comissão publica opções possíveis. Alemanha defende soluções nacionais. Tarifa máxima do gás em 180 euros. Bélgica prolonga as duas centrais nucleares até 2035.</li> <li>• UE diz que vai reduzir dependência energética da Rússia em 2/3. Explica como poderia ser possível - Mais nenhum contrato com a energia Rudd, aumentar as reservas de energia, continuar o investimento nas energias renováveis, ativar o nuclear que possa ser ativado, substituir caldeiras por bombas de calor, trabalhar eficiência energética dos edifícios e ares condicionados, restrições energéticas – dias de carro, uma só pessoa, estacionamento.</li> </ul> <p>⇒ Macron continua à frente nas eleições, mas a subida dos preços fê-lo parar. Orban à frente na Hungria – 300 mil refugiados, armas para a Ucrânia não. Espanha não consegue gerir as migrações e fronteira sul sem Marrocos.</p>
21/03/22	Segunda-feira	<p>⇒ Presidente da Ucrânia ignora ultimato da Rússia e garante que não entrega nenhuma cidade.</p> <p>⇒ Centro comercial Retroville em Kiev, em zona residencial, bombardeado. Pelo menos 8 mortos. Decretado novo recolher obrigatório até quarta-feira. Foram usados mísseis de cruzeiro.</p> <p>⇒ Dezenas de habitantes de Kherson enfrentaram russos e estes dispararam sobre eles na praça principal. Não se sabe se há vítimas e se foi propositado ou tiros para o ar.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Mourinho, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ministro da Defesa da Rússia diz que violência vai-se agravar em Kiev.</li> <li>• Jornalistas afastados do perímetro do centro comercial. Ginásio “in” de Kiev destruído. Bombas por rebentar - Polícia o teve de fazer em segurança.</li> <li>• <b>“(...) surgiram muitas dúvidas sobre se de facto o que tinha sido atingido era apenas um alvo civil porque foram divulgadas fotografias nas redes sociais feitas por um morador da zone que mostrava a garagem (...)”.</b></li> </ul>

- ⇒ Habitantes já tinham visto atiradores perto do centro comercial. Seis prédios, duas escolas e dois jardins de infância foram atingidos. Noutros bairros também continuam os bombardeamentos.
- ⇒ Mais de 900 não combatentes morreram até à noite de sábado, diz ONU. Organização alerta que o número deve ser maior e que deve continuar a aumentar, já que os ataques contra civis só se intensificam.
- ⇒ Recolher obrigatório: 20h de segunda-feira às 8h da manhã de quarta-feira.
- ⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:
  - Reportagem no principal cemitério de Kiev, o maior crematório do país, e acompanhamento do funeral de um dos combatentes ucranianos.
  - Chegaram 200 urnas só naquele dia a Kiev. Há famílias que não recuperam as urnas.
- ⇒ Zelensky usou o som das sirenes para dirigir novo apelo ao Ocidente, em especial, aos políticos alemães.
- ⇒ Direto de Pedro Mourinho, em Kiev, na Ucrânia:
  - Presidente ucraniano quer que Aliados se envolvam na guerra diretamente, nomeadamente a NATO. Foi por isso que pediu a zona de exclusão aérea.
  - Joe Biden vai viajar até à Polónia e diz que poderá discutir uma força de paz com a NATO para intervir na Ucrânia. Além das iniciativas de outros governos como a Turquia, a Suíça ou Israel.
- ⇒ Direto de Ana Sofia Cardoso, em Lviv, na Ucrânia:
  - Cidade está altamente pressionada. 725 mil habitantes para mais de 925 mil. Continuam a chegar muitas pessoas, apesar do fluxo migratório estar a diminuir de forma significativa. Isto preocupa já que poderá ser pelo facto de a cidade estar a ficar sem mantimentos.
  - Abrigar mais pessoas é cada vez mais complicado, ainda que a cidade queira criar mais abrigos. Tal pode estar a conter as pessoas em chegarem a Lviv. Já havia muitos sem-abrigo que agora aproveitam estes centros porque necessitam.
- ⇒ Há quem esteja disposto a dar tudo para defender a Ucrânia, mesmo quem não é ucraniano e que apenas tem alguma ligação ou empatia.
- ⇒ Direto de João Fernando Ramos, na fronteira Polónia/Bielorrússia:
  - Fila de 50 km de camiões que deveriam de estar a entrar na Bielorrússia – e na Polónia – vindos da Rússia, mas há um protesto contra a guerra: “Não há dinheiro, não há guerra”. Começou por voluntários, mas está a ser feito pela polícia.
  - Polónia quer um embargo económico. Camionistas estão há 5 dias sem água, comida ou condições.
  - Número de refugiados sobe para 3,5 milhões.
- ⇒ Número de refugiados, segundo a ONU: 3 489 644 no total, 2 083 854 na Polónia, 250 036 na Eslováquia, 312 120 na Hungria, 535 461 na Roménia e 365 197 na Moldávia.
- ⇒ Situação mais dramática é a de Mariupol. 90% dos prédios residenciais estão destruídos. Governo ucraniano não cedeu à “rendição” até às 5h da manhã para serem criados mais corredores humanitários.

- ⇒ Bombardeamentos continuam a atingir zonas residenciais em Mykolaiv. Em Sumy, um ataque a uma central química provocou uma fuga de amoníaco. Rússia acusa Ucrânia de criar ataque de forma voluntária.
- ⇒ Cinco civis mortos, incluindo uma criança, em Kharkiv, em ataques aéreos que atingiram casas e supermercados.
- ⇒ Missil russo destruiu hotel em Mykolaiv. Cidade já tinha aberto o comércio e alguns serviços.
- ⇒ Outros assuntos.
- ⇒ Acalmia na zona de Lviv leva a acreditar que a guerra pode estar a acabar e, por isso, os ucranianos não saem da cidade.
- ⇒ Combustíveis em Portugal baixaram, ainda que continuem altos para os portugueses.
- ⇒ Portugal recebe 9 milhões de euros da reserva de crise de Bruxelas para o setor agrícola devido à crise na agricultura agravada pelos efeitos da guerra – Regular abastecimento das populações.
- ⇒ Outros assuntos.
- ⇒ Outros assuntos.
- ⇒ Ucranianos e russos retomaram negociações por videoconferência. Kremlin diz ser muito cedo para falar de encontros entre os presidentes. Zelensky agradeceu esforço de primeiro-ministro israelita.
- ⇒ Comentário do Major-General Agostinho Costa, com quadro interativo:
  - Aborda a utilização de mísseis hipersónicos.
  - Segundo patamar do conflito. Primeiro foi a demonstração do conflito antes do dia 24 de fevereiro. Estamos na fase do conflito limitado – mísseis, armas de precisão e tática no terreno.
  - Russos travam a batalha decisiva em Mariupol e Donetsk. Lugansk já está praticamente conquistada.
  - Explica a estratégia de utilizar pouca tecnologia em Kiev e de atacarem, sobretudo, à noite.
  - Centro de gravidade dos russos é a NATO e não a Ucrânia. Utilização de armas é “aviso”, demonstrando que têm as armas, que funcionam e de forma fácil. Explica mísseis e ataques recentes.
- ⇒ Combatente voluntário na Ucrânia envia carta onde explica porque está na maior base militar do país a combater. Defende o método de seleção feita pelos ucranianos para o exército. Diz que falsos voluntários russos têm sido detidos. Testemunhou ataque à base militar de Yavoriv e diz que muitos voluntários desertaram.
- ⇒ Comentário de Paulo Portas:
  - Aborda a “não rendição” de Mariupol. Mapa com edifícios danificados totalmente ou parcialmente destruídos. 60 mil saem da cidade.
  - Estratégia: Bombardear, assustar, evacuar e fazer desistir pode levar a “guerra crónica” – não ser rápida e não ter desfecho imediato, como a Chechênia e a Síria.
  - Ucranianos vão resistir, mas sem apoio do Ocidente. Se interviessem, iria existir uma guerra entre os EUA e a Rússia. O plano continua a ser apoiar e armar o mais possível a Ucrânia.
  - Fala sobre o míssil anglo-sueco que ajuda na defesa de Kiev - Antitanque 2.0. Chegaram 4500 destes mísseis à Ucrânia. Menos pesados e custam menos. Combates de curta distância, isto é, até meia

		<p>milha. Eficazes na destruição de tanques russos. Têm capacidade de romper blindagem e entrar na torre da tripulação.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rússia é o “grande vendedor” de armas para a Índia e para a China, o que pode ajudar a explicar o “não voto” contra a guerra. Exportam também para Egipto (votou a favor porque depende do trigo e das armas, vem de há muito tempo), Argélia, Vietname, Cazaquistão, Iraque, Bielorrússia (a favor) e Angola.</li> <li>• China é potência militar crescente e a única que acompanha o crescimento económico norte-americano. China depende da Rússia nas compras militares. Também compra à França, à Ucrânia e ao Reino Unido. Vende ao Paquistão (nuclear), à Nigéria (maior exportador de gás em Portugal), à Malásia e à Arábia Saudita. Tradições que vêm da União Soviética.</li> <li>• Espanhóis abandonam ideia ibérica de “teto” para preço da eletricidade. Já Itália prefere tabelar centrais. Interessa a Portugal limite no gás, que manipula os preços da energia.</li> <li>• Alemanha vai dar desconto de 30 a 40 centavos por litro na gasolina. Foi ao Qatar fechar acordo para o gás que antes não quis.</li> <li>• Guerra trava produção de cereais e sobe preços. Risco de fome em África. Ucrânia e Rússia: 35% do trigo. Duas vezes o preço da última fome que deu origem à Primavera Árabe e a outros conflitos. África e Médio Oriente estão em causa.</li> </ul> <p>⇒ Outro assunto.</p>
22/03/22	Terça-feira	<p>⇒ Ucrânia está no limite da sobrevivência, diz Zelensky perante o parlamento italiano. Afirma que não sobrou nada em Mariupol. Exército russo tem apenas três dias de provisões e de combustível, diz governo ucraniano.</p> <p>⇒ Russos dizem que Zelensky vai à reunião da NATO.</p> <p>⇒ Guterres afirma que a guerra é absurda e impossível de vencer.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Mourinho, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi o dia com bombardeamentos mais audíveis devido ao silêncio da cidade que está em recolher obrigatório.</li> <li>• Fortes tiroteios ao redor do centro. Ucranianos conseguem fazer frente e já resgataram Makariv.</li> <li>• Ainda não há informações dos alvos. Apenas que a explosão foi em Obolon e que atingiu dois edifícios e um camião. Há um morto e três feridos.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Um dos primeiros alvos dos russos foi a grande antena de televisão e, entretanto, morreu um repórter de imagem. Tentaram tirar as notícias da Ucrânia, mas não conseguiram.</li> <li>• Canal de televisão trabalha a partir de um bunker. Televisões trabalham agora em conjunto para dar notícias sobre a guerra. Régie subterrânea construída antes da guerra começar, mas suspeitando que ia acontecer. Quando o risco de ataque passa, a emissão volta ao estúdio.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Carla Rodrigues e João Franco, em Odessa, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Recolher obrigatório a partir das 20h. Sirenes tocaram durante 3 minutos. Entraram a partir da Roménia. Viagem demorou 6 horas (220</li> </ul>

		<p>km) pela quantidade de <i>checkpoints</i> e fiscalização maior e mais agressiva.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Russos bombardeiam a cidade. Cidade está praticamente deserta. Comércio fechado, poucos carros e poucas pessoas a circular.</li> <li>• Há muitas portas e janelas protegidas por tábuas de madeira. Sentimento de grande resistência e perseverança. Ucranianos acreditam que Putin vai ter a vida muito dificultada.</li> <li>• Duas ameaças militares diretas: Frota no Mar Megro e colunas de infantaria e blindados que avançam através da Crimeia.</li> <li>• Autoridades ucranianas avançaram os primeiros ataques. <b>“(...) as autoridades ucranianas fizeram questão de a divulgar, de mencionar nas redes sociais (...)”</b>.</li> <li>• Terceira maior cidade da Ucrânia é um ponto vital na economia ucraniana. Putin tem dito muitas vezes que Odessa não faz parte da Ucrânia.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Ana Sofia Cardoso, em Lviv, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Intensificação das sirenes. É cada vez mais difícil manter a normalidade porque tudo tem de fechar.</li> <li>• Deslocados ficam em centros de acolhimento improvisados. Muitos refugiados de Kherson, Kharkiv e outras cidades muito afetadas pela guerra. Já lhes chamam “quartos” por estarem ali há tanto tempo.</li> </ul> <p>⇒ Direto de João Fernando Ramos e Nuno Santos, em Medyka, na Polónia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• ONU afirma que há mais de 3 milhões e 600 mil refugiados. Esperam-se 10 milhões e é necessário que os países europeus se preparem.</li> <li>• Fluxo de refugiados diminui devido às negociações - Esperança de paz que se esvaiu com o intensificar de ataques.</li> <li>• Mais de 2,1 milhões de refugiados estão em solo polaco. Entrada com espera de cinco horas. Mulheres são levadas à noite, sobretudo. Fronteira não vigiada está a ser cada vez mais utilizada, e a polícia intensifica vigília.</li> <li>• Há muitos ucranianos que chegam, mas esperam voltar para a Ucrânia em breve.</li> </ul> <p>⇒ Contra-ataque das forças ucranianas em Mykolaiv. Um dos mísseis russos destruiu hospital psiquiátrico. Não há vítimas porque todos tinham saído 20 minutos antes. Mykolaiv foi bombardeada três vezes: Estaleiros navais, bomba de gasolina, três mortos e um ferido na segunda-feira. Ponto de passagem chave para atingir Odessa – O mais importante porto de toda a Ucrânia - Única ponte que atravessa o sul. Os russos tentam circundar a cidade há um mês.</p> <p>⇒ Governo ucraniano anuncia três corredores humanitários em Mariupol. Um dos corredores foi emboscado por milícias pró-russas. Cidade foi ainda mais destruída depois de não se renderem à Rússia. Moradores fogem para o norte da Ucrânia. Já 45 mil pessoas deixaram a cidade.</p> <p>⇒ Televisão estatal russa divulga imagens do aeroporto de Mariupol, armazém de armas e munições, desativado desde 2014, segundo os russos. Explosão foi captada por telemóvel e publicada no site “Glória à Ucrânia”.</p> <p>⇒ Mariupol tem valor estratégico, simbólico e económico. Foi onde a ofensiva russa parou para anexar a Crimeia e avançar para sul há 8 anos.</p>
--	--	---

		<p>Continua sem água e eletricidade. Permite ligação entre a Crimeia e o Donbass – Ucrânia perde o acesso ao mar e ao porto e centro logístico comercial do país. Economia ucraniana fortemente afetada porque é exportadora de aço, carvão e milho para todo o mundo. Conquista significava aniquilar Batalhão de Azov, símbolo de nacionalismo e resistência ucranianos que impediram o controlo russo da região em 2014. É a décima maior cidade da Ucrânia. 450 mil pessoas no total, das quais 200 mil ainda estão na cidade. Autoridades ucranianas dizem que morreram mais de dois mil civis.</p> <p>⇒ Já entraram 17.504 ucranianos em Portugal.</p> <p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ Inflação após a guerra influencia os juros.</p> <p>⇒ António Costa vai propor preço fixo do gás natural para travar o aumento da energia devido à guerra. Conselho europeu quer entendimento. Portugal propôs a Espanha preço fixo da eletricidade.</p> <p>⇒ Renault retoma produção de carros em Moscovo. Tinha suspenso produção no início da guerra. Tomou a decisão com o apoio do governo francês.</p> <p>⇒ Burger King, Dunkin’ Donuts e Papa John’s mantêm lojas. Acordos de <i>franchising</i> dificultam saída. AstraZeneca, Johnson &amp; Johnson e Pfizer mantêm fluxos de medicamentos e de outros produtos considerados essenciais.</p> <p>⇒ Jovens ucranianos tentam bloquear iate de Abramovich, na Turquia, empenhando bandeiras da Ucrânia.</p> <p>⇒ Alexei Navalny, opositor de Putin, condenado a nove anos de prisão. Detido em 2021 depois de ter sido envenenado. Luta contra a corrupção de Putin.</p> <p>⇒ Porta-voz do Kremlin garante que vão usar armas nucleares se sentirem ameaça.</p> <p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso do nuclear evoluiu a partir de 2017 no lado russo.</li> <li>• Reuniões da NATO, G7 e União Europeia durante a semana.</li> <li>• Joe Biden procura conciliar os Aliados. Vai estar nas várias reuniões e depois vai à Polónia. Ida a Kiev descartada por questões de segurança. Boris Johnson quer ir.</li> <li>• Armas defensivas para a Ucrânia, vindas dos EUA, e treino militar. Países ocidentais em dúvida se sobem ou não “escalão de armas”, não sabendo se as conseguem fazer chegar. Países de leste assombrados. Ataques cibernéticos na Europa e nos EUA em evidência. Polónia quer convencer a NATO a fazer uma missão humanitária na Ucrânia.</li> <li>• Europeus divididos quanto ao petróleo: SG da NATO já não deve sair; força de destacamento rápido na União Europeia e parceiros – NATO, ONU, OSCE, UA E ASEAN; sanções ao petróleo vetadas na Hungria.</li> <li>• Países que cumprem compromisso dos 2% da NATO: Grécia, Estados Unidos da América, Croácia, Reino Unido, Letónia, Polónia, Lituânia,</li> </ul>
--	--	---

		<p>Roménia e França. Quem não cumpre: Noruega, Eslovénia, Hungria, Turquia, Bulgária, Portugal, Alemanha, Dinamarca e Espanha.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pode ter acontecido a primeira troca de prisioneiros de guerra. Nove soldados russos foram trocados pelo autarca de Melitopol “raptado”, e sob a Convenção de Genebra.</li> <li>• Imagens satélite em parceria com a Ucrânia – NASA, DIA e privados – códigos de segurança dão alvos a Kiev. É o “soldado invisível” dos Estados Unidos da América. Mostra onde está, a quanto tempo e o que vai atacar.</li> <li>• Não acredita que o petróleo vai ser embargado porque os países não estão de acordo e não podem ficar sem gás e eletricidade de um dia para o outro.</li> <li>• Mais de 200 mil russos jovens deixaram o país desde a guerra. Arménia com 80 mil, Geórgia com 25 mil e Turquia com 15 mil.</li> </ul> <p>⇒ Sobrevivente do Holocausto que passou por três campos de concentração, Boris Romanchenko, morreu durante ataque em Kharkiv aos 96 anos.</p>
23/03/22	Quarta-feira	<p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ Joe Biden já está em Bruxelas. Presidente dos Estados Unidos da América diz que há risco de guerra química. Vai participar na cimeira da NATO, UE e G7. Três dias intensos de decisões imediatas e a médio prazo sobre como responder à evolução da guerra.</p> <p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ Primeira chuva de projéteis, em Kiev, em duas zonas residenciais. Bombeiros recebidos com metralhadores. Quatro feridos e um morto. Tropas russas destruíram 100 objetos militares ucranianos em 24 horas, dizem eles.</p> <p>⇒ Estados Unidos da América alertam que a frustração russa poderá aumentar a violência contra civis.</p> <p>⇒ Ucrânia lança diversas contraofensivas e diz que recuperou algumas cidades como Irpin. Russos confirmam que ucranianos contra-atacaram, sobretudo, no sul. Estados Unidos da América confirmam. Russos avançaram pouco nas últimas duas semanas e estão a perder terreno.</p> <p>⇒ Autarca de Kiev diz que Makariv também foi reconquistada através da luta que os ucranianos estão a dar aos russos à volta da cidade.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Mourinho, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Centro comercial Retroville foi novamente atacado. Explosões e incêndios destruíram pavilhões e laboratórios. Obolon e outros locais têm sido muito atacados.</li> <li>• Já não há recolher obrigatório. A vida é mais “normal”.</li> <li>• Instituto ucraniano que estuda materiais duros e muito duros foi atacado por míssil de cruzeiro. Rússia diz que instituto escondia mísseis.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pelo menos 264 civis mortos.</li> <li>• Utilizadas armas muito pesadas.</li> <li>• Foram a uma pequena povoação que já não tem habitantes, a não ser uma senhora de 75 anos que ajuda os militares, lavando-lhes a roupa e</li> </ul>

dando-lhes de comer. Perto da linha da frente. Acolhe os militares em casa.

⇒ É impossível de fazer balanço de mortos e de desaparecidos em Mariupol. Cerca de 4 mil pessoas saíram no início da semana para Zaporizhzhia ou Polónia. Há ainda 100 mil pessoas na cidade. Washington diz que atacaram a cidade pelo mar. Maioria da população é russófona, mas nunca cederam a Putin.

⇒ Direto de Carla Rodrigues, em Odessa, na Ucrânia:

- População tenta viver naturalmente. Há quem se refugie nos bunkers.
- População continua a preparar-se para eventual ataque russo. Sirenes a tocar desde as 7h da manhã.
- Serviços fechados, e até serviços de primeira necessidade. Só supermercados abertos.
- Ninguém passa, apenas com autorização de militares. Ouriços de aço e sacos de areia protegem todos os edifícios.
- Refugiados ucranianos voltaram para a Ucrânia porque não aguentavam as saudades da família.

⇒ Direto de João Fernando Ramos, Przemyśl, na Polónia:

- Atravessaram a fronteira com uma rede humanitária e perceberam que o processo é muito difícil.
- Centros de refugiados passaram a ser controlados pela polícia. Redes de tráfico estão a atuar em força. Há muitas famílias extraviadas e não se sabe onde estão.
- Refugiados dormem espalhados pelos corredores da estação de comboios.

⇒ Outro assunto.

⇒ Direto de Pedro Bello Moraes, em Bruxelas, na Bélgica:

- NATO unida como não estava há muito tempo, militarmente e politicamente.
- Estados Unidos da América relembram que armas químicas são ameaça real.

⇒ Direto de Pedro Benevides, em Bruxelas, na Bélgica:

- Conselho europeu discute situação na Ucrânia. Biden é convidado.
- Sanções em debate. Há quem queira mais e há quem não concorde porque provocam recessão na Europa, nomeadamente, relativamente ao petróleo.

⇒ Ursula Von Der Leyen propõe 3,4 mil milhões de euros aos estados-membros para apoiar na receção aos ucranianos.

⇒ Outro assunto.

⇒ Zelensky diz no parlamento francês que Renault, Auchan e Leroy Merlin têm de sair da Rússia para não continuarem a financiar a guerra. Já ao Japão pediu embargo à Rússia.

⇒ Zelensky falou ao telefone com o Papa. Francisco criticou a procura pelas armas. Zelensky não gostou e Boris Johnson pediu mais armas e disse que vai convencer estados-membro.

⇒ Renault suspende fabrico em Moscovo. Cumpre sanções internacionais contra a Rússia.

⇒ Conselheiro de Putin demitiu-se por estar contra a guerra. Refugiou-se na Turquia.

		<p>⇒ Comentário de Paulo Portas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Russos dominam meia cidade de Mariupol. É inevitável não tomarem a cidade.</li> <li>• Rússia acaba de comprar violência no próprio território durante muito tempo. Terrorismo e violência durante os próximos tempos.</li> <li>• Comenta possível uso de armas químicas e declarações sobre Joe Biden. Rússia já tem alguma experiência, já que as usou na guerra da Síria. Explica a utilização ao longo do tempo e os vários tipos e as consequências a nível de saúde. Consequências são para seres humanos, animais e vegetais quanto a bactérias e vírus.</li> <li>• NATO vai rever forças: Um batalhão em cada fronteira com a Rússia. Oito batalhões para as oito fronteiras. Em média cada um tem 700 militares e são multinacionais (Hungria, Roménia, Eslováquia e Bulgária), e normalmente, com cinco companhias.</li> <li>• Polónia (45) e Bulgária (12) expulsam diplomatas russos. Considerados “serviços de espionagem”. Polónia propõe à NATO uma força de paz – Levaria a NATO para dentro da Ucrânia. Ministro dos Negócios Estrangeiros russo diz que seria confronto.</li> <li>• Comissão abre cinco hipóteses para intervir no preço da energia. Comenta as cimeiras e a falta de consenso porque o composto energético de cada país é diferente. Convêm medidas nacionais e não europeias. Preço limite nos produtores, preço fixo e outras.</li> <li>• “Países hostis” só podem pagar gás russo com rublo russo, disse Putin.</li> <li>• Escassez de alimentos na Rússia começa a fazer lembrar as filas para o pão da URSS – açúcar, panificação, remédios e detergentes.</li> <li>• Governo alemão (MNE) estima que haverá 8 milhões de refugiados na EU. Estamos a caminho dos 4.</li> </ul> <p>⇒ Rússia manifestou interesse em organizar Europeu de 2028 ou de 2032, mesmo com clubes e seleções suspensas para já na UEFA e na FIFA.</p>
<p>24/03/22</p>	<p>Quinta-feira</p>	<p>⇒ Zelensky pediu mais armas à NATO. Presidente diz que Putin usou bombas de fósforo contra civis. Utilização de fósforo branco em Kiev já tinha sido denunciado.</p> <p>⇒ Forças aliadas colocadas na Europa: 40 mil tropas sob comando direto da NATO, 100 mil soldados norte-americanos, 130 aviões em alerta máximo e 140 navios.</p> <p>⇒ NATO apoia Ucrânia em caso de ataques químicos e alerta Rússia, ameaçando “na mesma moeda”.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Bello Moraes, em Bruxelas, na Bélgica:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• NATO reforça flanco leste com quatro grupos de combate.</li> <li>• Zelensky pede ajuda militar “sem restrições”.</li> <li>• Cimeira serviu para passar sinal de coesão.</li> <li>• Ocidente está pronto para deixar “dependência energética”. Foram apresentadas mais sanções.</li> <li>• Quinta maior reserva de ouro do mundo da Rússia foi congelada em parte pelo G7, complicando operações do banco central da federação. Sanções estendem-se.</li> <li>• Isolamento internacional da Rússia é cada vez maior. Contração da economia russa esperada em 15%. Rublo a baixar e bolsa de Moscovo fechada durante muito tempo.</li> </ul>

	<p>⇒ Conselho europeu discute situação energética. Zelensky pede bloqueio total à economia russa para estrangular financiamento da guerra.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Benevides, em Bruxelas, na Bélgica:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de consenso na questão energética. Negociada entrada de gás norte-americano. Portugal e Espanha querem fazer notar que a Península Ibérica é uma entrada de energia para centro e norte da Europa.</li> <li>• António Costa diz que Rússia está a unir Europa e NATO.</li> </ul> <p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ Outro assunto.</p> <p>⇒ Ucrânia destrói importante navio de guerra russo em Berdyasnk, cidade já tomada pelos russos.</p> <p>⇒ Sobrevivência em Mariupol é cada dia mais difícil. Centenas aguardam em fila por comida e mantimentos. Parte da cidade é controlada por forças russas.</p> <p>⇒ Direto de Pedro Mourinho, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bombardeamentos devido à contraofensiva ucraniana. Enviaram as tropas russas para oeste e norte.</li> <li>• Explosões em parque industrial no caminho de oeste. Exército cortou estrada a sul de Irpin. Posição de artilharia nesta zona foi descoberta pelos russos.</li> <li>• Habitantes pedem que NATO feche zona aérea. Ucranianos a viver em Portugal voltaram para ajudar – Um levou uma ambulância.</li> <li>• Bombeiros sempre presentes para ajudar.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Pedro Moreira, em Kiev, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Deslocaram-se a Makariv, aldeia recuperada pelos ucranianos. Acompanharam militares até linha da frente.</li> <li>• Cúpula da Igreja Ortodoxa está desfeita. Moradores fugiram e está quase tudo destruído. Soldados bombardeiam as cidades e depois roubam comida das casas.</li> </ul> <p>⇒ Direto de Carla Rodrigues, em Odessa, na Ucrânia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Zona costeira com 50 habitações bombardeada a 20 km de Odessa.</li> <li>• <b>“(…) já tinha feito publicar nas redes sociais explosões na água (…)”</b>.</li> </ul> <p>⇒ Direto de João Fernando Ramos, em Varsóvia, na Polónia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Há cerca de 4 milhões de crianças deslocadas.</li> <li>• Refugiados estão instalados um pouco por toda a cidade. Vários aguardam na estação por ligações para o aeroporto e outros lugares.</li> <li>• Polónia investe na organização e receção de refugiados. Exige investimento na defesa por parte dos Estados Unidos da América</li> <li>• Biden visita Polónia.</li> </ul> <p>⇒ Um mês de guerra na Ucrânia. Números confirmados pela ONU: 1035 civis mortos, 15800 soldados russos (segundo as Forças Armadas ucranianas), 108 aviões russos, 124 helicópteros russos, 530 tanques russos e 5 navios russos abatidos. Deverão ser mais.</p> <p>⇒ Kiev reivindica avanços nos arredores de Kiev e em Mykolaiv. Makariv, Irpin, Bucha e Hostomel. Tentam reconquistar aldeias perto de Kherson. “reviravolta militar”.</p>
--	--

		<p>⇒ 498 mortes na primeira e última contabilização a 2 de março. “(...) guerra é também de informação e em terreno fértil, a internet (...)”. Difícil de contabilizar pela manipulação de parte a parte. Rússia deixou de contar, ao contrário da Ucrânia.</p> <p>⇒ Ucrânia acusa Kremlin de esconder números. Tabloide russo anunciou quase 10 mil soldados mortos, mas a notícia foi apagada e disseram que foi um erro do sistema.</p> <p>⇒ Pelo menos cinco generais russos morreram, diz imprensa.</p> <p>⇒ <b>55:25: “(...) Outras baixas têm sido publicadas nas redes sociais (...)”.</b></p> <p>⇒ Estados Unidos da América estimam a morte de mais de 7 mil russos. Número de mortos equivale a 2 anos de guerra na Chechênia.</p> <p>⇒ Zelensky pediu caças e tanques, mas afirma que ainda não os recebeu e repetiu que a Rússia não fica pela Rússia e vai invadir Polónia e bálticos.</p> <p>⇒ Comentário do Coronel Mendes Dias:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explica o que são as bombas fósforos e as suas consequências. Doutrina diz que está banida contra civis, embora não seja arma química nem incendiária – É usada em fogos de artifício e foi usada no Iraque, no Afeganistão e a Síria. Serve para marcar alvos.</li> </ul> <p>⇒ “Guerra” é palavra proibida na televisão russa. Utilizam “operação militar russa especial”. Relatam “êxito” dos militares e dizem que bombardeiam civis por serem inimigos nacionalistas. Dizem que Rússia tem mais apoio do que países ocidentais e que a maioria do mundo não apoia as sanções.</p> <p>⇒ <b>01:05:10: “(...) faz as contas a partir de tweet de um representante oficial da china (...)” – José Alberto Carvalho.</b></p> <p>⇒ Repórteres dizem que ucranianos ficam felizes por receberem russos e pedem-lhes para não abandonarem o país.</p> <p>⇒ Outro assunto.</p>
--	--	---

## Apêndice D

**Quadro 5** | Referências às redes sociais nos 28 episódios do Jornal das 8 analisados

DATA DE EMISSÃO DO JORNAL DAS 8	NÚMERO DE REFERÊNCIAS ÀS REDES SOCIAIS	REFERÊNCIAS ÀS REDES SOCIAIS
24/02/22	3	“rede social(is)”
25/02/22	3	“rede social(is)”
26/02/22	4	“rede social (is)” (3) “Instagram” (1)
27/02/22	2	“rede social(is)” e “Twitter”
28/02/22	2	“rede social(is)”

02/03/22	0	-
03/03/22	1	“rede social(is)”
04/03/22	4	“rede social(is)”
05/03/22	2	“Twitter”
06/03/22	0	-
07/03/22	3	“rede social(is)” (2) e “Twitter” (1)
08/03/22	5	“rede social(is)” (4) e “Facebook” (1)
09/03/22	5	“rede social(is)” (3) e “Twitter” (3)
10/03/22	3	“rede social(is)”
11/03/22	2	“rede social(is)”
12/03/22	1	“rede social(is)”
13/03/22	0	-
14/03/22	5	“rede social(is)” (3), “Instagram” (1) e “Twitter” (1)
15/03/22	1	“rede social(is)”
16/03/22	5	“Twitter” (3), “rede social(is)” (1) e “tweet” (1)
17/03/22	6	“Twitter” (3), “rede social(is)” (2) e “TikTok” (1)
18/03/22	1	“rede social(is)”
19/03/22	6	“rede social(is)” (3), “Instagram” (1), “YouTube” (1) e “TikTok” (1)
20/03/22	6	“Twitter” (2), “rede social(is)” (2),

		“Instagram” (1) e “Facebook” (1)
21/03/22	1	“rede social(is)”
22/03/22	1	“rede social(is)”
23/03/22	0	-
24/03/22	3	“rede social(is)” (2) e “tweet” (1)
<b>TOTAL</b>	<b>75</b>	-

## Apêndice E

### Guião inicial das entrevistas

Bom dia! Desde já, quero agradecer mais uma vez ao Pedro/Filipe por colaborar na minha dissertação. Fico mesmo muito contente, não só pela pertinência do testemunho e da importância de ser parte deste estudo, como por apreciar desde há muitos anos o trabalho do Filipe/Pedro enquanto jornalista.

Para começarmos, vou pedir apenas autorização para gravar a entrevista para fins de transcrição.

Como já tive a oportunidade de descrever no email, o meu nome é Ana Damázio e estou a concluir o Mestrado em Jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social com a elaboração desta dissertação sobre a importância das redes sociais no jornalismo de guerra televisivo durante o primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022.

O objeto de estudo escolhido foi a utilização das redes sociais e dos seus conteúdos nas peças jornalísticas e nos diretos do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022, do Jornal das 8 da TVI. Para tal, analisei descritivamente e quantitativamente este período no Jornal das 8.

Um dos objetivos delineados é entender o uso das redes sociais pelo enviado especial na guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022, daí que nesta entrevista o objetivo é perceber a importância e o impacto das redes sociais no trabalho do jornalista no terreno de guerra.

Perguntas:

1. De que forma são utilizadas as redes sociais pelo enviado especial na guerra?  
Em que situações se recorre às redes sociais e com que objetivos?

2. Pelas redes sociais, o jornalista consegue chegar a informação, a imagens ou mesmo ao contacto com “possíveis fontes” e até vítimas. Que trabalho é feito para conseguirem chegar ao outro lado através das redes? Pesquisa?
3. Com tempo incerto no terreno de guerra, onde tudo acontece rapidamente, como é que se filtra o que se vê e recebe das redes sociais para evitar a desinformação e as *fake news*?
4. Uma das conclusões da análise ao primeiro mês de guerra no Jornal das 8 é a utilização de várias redes sociais para disseminar o conteúdo da guerra, mas o Twitter, o TikTok e o Telegram foram algumas das preferidas. Estas são também as redes a que o jornalista mais recorre quando está no terreno?
5. O que procuram nessas redes sociais que seja pertinente para o trabalho no terreno? Que tipo de informação pode ser útil? Sendo que na análise, os conteúdos mais utilizados eram bombardeamentos, destruição ou declarações.
6. É visível que ao longo do tempo, o conteúdo das redes sociais acaba por ser menos utilizado no Jornal das 8, muito provavelmente pela possibilidade de ter jornalistas em vários pontos cruciais e não precisar só/tanto do que é partilhado nas redes para informar e mostrar o que se está a passar. No terreno, o jornalista também acaba por diminuir o acompanhamento do que circula nas redes sociais e mesmo a utilização para desenvolver o trabalho jornalístico?
7. Há alguma situação específica que o Filipe/Pedro se lembre de usar as redes sociais e que tenha sido pertinente para o trabalho desenvolvido a partir do terreno de guerra?
8. Para o Filipe/Pedro, qual é o impacto que, de facto, as redes sociais têm para o jornalista no terreno? Aspectos negativos e positivos?
9. Na sua opinião, quais são as dificuldades que as redes sociais podem criar no jornalismo de guerra? E oportunidades?
10. As redes sociais são concorrentes da guerra?
11. Para finalizar, as redes sociais influenciaram ou alteraram a cobertura jornalística durante o primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 2022? Como?

## Apêndice F

### Entrevista a Pedro Moreira

**De que forma são utilizadas as redes sociais pelo enviado especial na guerra? Em que situações se recorre às redes sociais e com que objetivos?**

**PM:** Para mim, rede social é praticamente só uma. É uma em especial, que é o Twitter, agora o X. Mas, na altura, o Twitter. E eu sou correspondente em Bruxelas e já estou no Twitter há mais de dez anos. Comecei, talvez, no início da crise financeira, na crise do Euro, algures em 2010 ou 2011. Estou a dar-te aqui um contexto também para veres como é que eu cheguei à Ucrânia. E, portanto, já tenho muita prática no Twitter. E o Twitter, enfim, não te dou novidade nenhuma. É um portal e um espaço onde está toda a gente. Aqui, em Bruxelas, é um absurdo. A informação passa toda pelo Twitter, não só pelos jornalistas, mas os jornalistas estão todos no Twitter, assim como os protagonistas políticos. Dou-te um exemplo. Havendo uma Cimeira Europeia, ou seja, uma reunião ao nível dos Chefes de Estado e de Governo, a comunicação é quase toda pelo Twitter. O presidente do Conselho Europeu, quando a reunião acaba ou quando se toma uma decisão importante, comunica diretamente no Twitter ou alguém o faz por ele, mas no Twitter oficial dele anuncia-se “acabou a reunião” ou “chegámos a acordo”. E, portanto, tens de estar no Twitter e toda a gente em Bruxelas está no Twitter. Mais ativamente, menos ativamente. Mas basicamente é quase assim que nós comunicamos.

Acho que o Twitter agora já passou há muito tempo outras formas de comunicação. E muitas vezes é assim: antes dos *mails*, antes de tudo o resto, é estar no Twitter. Eu sou obrigado a estar ali a fazer *refresh*, pelo menos nesses momentos importantes. Então tenho muita prática de Twitter, não só passivamente a receber informação, como a usar o Twitter para mostrar o meu trabalho. Agora tenho estado um pouco afastado do Twitter porque não tenho gostado muito desta transição para o X. Agora já há muitos vídeos de gatos e coisas assim, acho que aquilo se está a transformar em algo um bocado diferente. E, talvez, desde que vim da Ucrânia já não estou tão motivado para o Twitter, porque na Ucrânia foi tão bom em termos de trabalho que agora me parece um bocado aborrecido.

De qualquer forma, quando cheguei à Ucrânia já tinha esta experiência toda de Twitter, de estar sempre ali a fazer *refresh*, e continuei. O Twitter na Ucrânia servia-me... Eu, antes de ir para qualquer sítio, pode ser no resto da Europa, se houver um atentado terrorista, uma coisa qualquer, eu vou ao Twitter e tento reunir uma série de pessoas ou fontes e, a partir delas, encontro outras que me localizam, que vão dando informação

sobre o que está a acontecer. Muitas vezes são jornalistas. Outras vezes são outras pessoas. E na Ucrânia fiz o mesmo.

Continuei a usar o Twitter para saber um pouco o que estava a acontecer antes de chegar e depois continuei a utilizar. Juntava talvez, na Ucrânia, o Telegram, que era uma “coisa” que eu não usava. O que é uma “coisa” assim um bocado sem filtro. Bastante sem filtro. O Twitter parece uma “coisa” regulada ao pé do Telegram. O Telegram tem fontes primárias de soldados com a câmara no capacete a mostrar o que está a acontecer, supostamente, na linha da frente. O Telegram parece-me uma coisa mais *underground* e alguma coisa assim mais gráfica. O Twitter ainda assim... No entanto, fez parte sempre da minha rotina.

### **O que procuravam exatamente quando recorriam ao Twitter ou ao Telegram?**

**PM:** O Twitter agora é quase como ler um jornal. Abres o Twitter e vês o que é que se diz, o que é que se está a passar, o que é que os teus colegas andam a fazer, colegas internacionais. A partir do Twitter, chega-se ao trabalho de uns e de outros e depois também se chega a algumas personagens políticas, pessoas que se podem contactar diretamente. Mas, em geral, o Twitter serve para nos informarmos e para sabermos o que está a acontecer, o que é que as outras pessoas estão a fazer, o que é que está a acontecer noutra zona. Eu sigo uma série de colegas meus, jornalistas internacionais para, antes de chegar, perceber o que uns e outros andam a fazer, e depois pessoas oficiais do governo. Por exemplo, eu agora continuo a ter muitas coisas da Ucrânia.

E os analistas. Também gosto de analistas. Gosto de seguir pessoas que são mais académicas e que nos dão uma ideia, uma reflexão, sobre o que está a acontecer. Por exemplo, qual é o objetivo dos russos? Querem fechar o sul da Ucrânia? Querem fazer uma ponte terrestre desde a Rússia até à Transnístria? Qual era o objetivo desta guerra? Enfim, essa reflexão ajuda-me porque eu, no terreno, não consigo fazer essa reflexão ou não sou qualificado para a fazer.

Depois, também, gente especializada. Isto é muito importante: generais, pessoas que formaram os soldados ucranianos... Enfim, a guerra passava-se um pouco no Twitter, havia muita coisa no Twitter e havia próprios militares que estavam a reportar o que ia acontecendo na frente. Isto é uma agilidade que um órgão de comunicação social normal não tem.

Por outro lado, mais uma vez, todos os jornalistas estão no Twitter e estão ali e mostram o seu trabalho. E eu próprio, enquanto estive na Ucrânia, o Twitter fazia parte

do meu trabalho. Ninguém me pede para fazer o Twitter. O meu Twitter é mais ou menos pessoal, sendo que o nosso Twitter passa na página, agora da CNN e, portanto, tem uma parte profissional também. Eu, em todas as reportagens que fazia usava o Twitter, ou seja, perdia tempo (que neste caso não é perder, acho eu) para fazer uma fotografia da pessoa com quem estava a falar e depois, em dois ou três *posts*, contava a história da pessoa ou o que estava a ver. E isso ajuda-me para quê? Ajuda-me para organizar ideias. Por exemplo, ajudava-me a preparar a reportagem da noite ou a minha comunicação, e também a contactar diretamente o público. Eu faço televisão, certamente tenho mais público na televisão do que no Twitter. Mas ali é o público que responde e que reage. E isso é muito interessante.

Tive umas conversas muito interessantes pelo Twitter. Às vezes depois passam a conversas privadas com pessoas que têm informações sobre o que se está a passar ou que te podem ajudar. E eu como cheguei lá muito no princípio tinha algumas dúvidas sobre a segurança, o que é que nós andávamos ali a fazer, como é que nos podíamos proteger na medida do possível. E houve várias pessoas que me deram pistas sobre isso e tive algumas conversas com algumas pessoas.

Depois, em alguns fóruns, há conversas às vezes privadas com grupos de pessoas que percebem de coisas militares e analistas militares e tudo isso ajuda-me. Às vezes “uso” muitas dessas pessoas, ou seja, comunicamos para que eu saiba o que é que está a acontecer. Imagina: Caiu um míssil qualquer. E, muitas vezes, não sabia o que era. Não que me interesse especialmente dizer qual é o míssil, mas há ali uma série de pessoas que podem ajudar e dizer “nós, através de uma aplicação, descobrimos que este míssil é tal, o outro é tal”. Isso ajuda-me no meu trabalho. Fica mais rico porque tem esse retorno. Eu gosto muito dessa parte.

**Com tanta informação e, nesta guerra em especial, tanta disseminação de informação nas redes sociais, como é que conseguem filtrar o que vem das redes sociais para evitar a desinformação e as *fake news*?**

**PM:** Eu sou jornalista profissional há quase 25 anos. É evidente que muito mudou desde então, mas quero acreditar que consigo, mais ou menos, distinguir o que é verdadeiro e o que não é verdadeiro. Normalmente sou um bocado clássico: Leio jornais todos os dias de manhã, leio os meus colegas, leio os meus jornais preferidos, leio os colegas que respeito e, portanto, não embarco em loucuras da conspiração. Tento ler pessoas que estão referenciadas, que são conhecidas e que não são anónimas. Tento saber

com quem estou a falar. Não falo com qualquer um. E depois tenho uma postura na rede social que é: Eu não estou ali enquanto indivíduo pessoal, nem a partilhar “coisas” pessoais. Estou a trabalhar e sou um jornalista que está no Twitter, mas não faço comentários pessoais ou análise de “coisas”. Faço factos.

Este é o risco às vezes, da rede social. Não só a contrainformação, mas perdermos nas emoções. A rede social é feita para isso, e esse é o lado muito mau da rede social: Eles brincam com as nossas emoções. Querem umas reações epidérmicas e zangadas e eu não entro nisso. Normalmente, quando me criticam, e há muita gente que critica isto ou critica aquilo, às vezes com uma base ideológica... Enfim, pessoas que estão em casa, no sofá, têm uma ideia sobre as coisas e criticam. E eu nunca respondo a essas pessoas. Não respondo a provocações. Não entro nesse diálogo porque depois isso desgasta-nos e atrai-nos para um campo que não é útil. E eu, normalmente, respondo a pessoas que põem questões, ou que podem ajudar, ou que têm uma atitude colaborante, ou que têm alguma coisa a dizer. E, portanto, tento separar um bocadinho.

Com o trabalho da Ucrânia, um pouco ao contrário do que é o trabalho em Bruxelas numa dessas Cimeiras Europeias em que estamos mais à frente do computador, há ali uma grande parte em que não estamos a fazer *refresh*, porque nem sequer podemos ou não há rede. O Twitter fazia parte da minha rotina ao longo do dia, mas, sobretudo, no período da manhã, enquanto preparava a reportagem e, muitas vezes, à noite, ou quando ia fazer o direto da noite, ou antes de dormir. Aí sim, Twitter, jornais tradicionais e televisão tradicional - *media* tradicional. As duas coisas.

Eu gosto também muito do Twitter por essa parte analítica, uma parte a que eu não consigo chegar. Eu acho que essa é a grande vantagem da rede social. É termos, ali, de graça, de forma acessível, pessoas com conhecimentos que nós não temos e a quem nunca chegaríamos. Um jornalista português na Ucrânia não vai saber o que sabe um general americano. No Twitter sabe.

No resto do dia eu estava em reportagem e aí desligava um bocado da rede social. Porque a rede social também tem esse lado: Há pessoas que são especialistas nas suas matérias, outros que não são especialistas de coisa alguma e têm uma ideia sobre as coisas que é teórica. O valor da reportagem, e de estar fora das redes sociais, é o valor de ver as “coisas” por nós próprios no local. É uma visão micro, mas eu acho que é uma visão muito importante. A maior parte das pessoas que estão nas redes sociais não têm esta visão porque isto é a visão do repórter. E este é o valor de ir aos sítios.

Por exemplo, havia aquela ideia quando nós chegámos a Kiev que os russos ainda estavam a avançar e a cercar a cidade, e toda a gente dizia (às vezes colegas meus que estavam na redação, outras vezes analistas): “isto é trigo limpo”, “eles vão fechar a cidade”, “vão não sei quê”. Eu quando cheguei tinha essa ideia também: “eles vão fechar a cidade e isto acaba”. Mas, depois, no terreno percebe-se que (eu já conhecia Kiev, já lá tinha estado) é uma cidade muito vasta, muito ampla. E nós fomos a todas as direções. Todos os dias tentava ir numa direção diferente. Fomos na direção de Irpin e percebemos, por exemplo, que as pontes tinham sido destruídas e que os campos tinham sido alagados. Depois, por outro lado, percebe-se que há um rio, que é muito largo, com pontes, duas ou três apenas. Depois, há uma zona de prédios, um subúrbio enorme, muito extenso. E, depois, uma floresta. E o que eu dizia é: Como é que estes russos que vêm em fila, em tanques, cá chegam? Não chegam. E eu quando comecei a ver, comecei a achar: “Eles não chegam cá”. E depois começa a ver as pessoas e a determinação delas. Falas com pessoas que nunca lutaram na vida e, de repente, estão com uma arma na mão. Vês a população local a ajudar os soldados, vês a coragem de uns e de outros e, de repente, começa a perceber: “Não, eles não conseguem”. Não conseguem porque eles não estão a fugir. Quer dizer, muita gente saiu, mas não estão a fugir, têm armas, estão treinados e a geografia é assim. E isto é uma “coisa” que só se percebe estando lá. E fazia-me um bocado de confusão porque via sempre nas redes sociais, na televisão, toda a gente a analisar uma coisa que não era aquilo que eu estava a ver. Isto é a vantagem de estar fora.

Nós quando só estamos na rede social, aí talvez respondendo à tua pergunta, somos conduzidos numa direção ou noutra. É bom vermos por nós próprios e eu tive esse privilégio. Tanto que fiquei com a ideia: A pé eles não chegam cá, nem com os tanques, mas podem atirar umas bombas por cima e destruírem a cidade toda e matarem-nos a todos.

**Na análise ao primeiro mês da guerra no Jornal das 8 é perceptível que o conteúdo das redes sociais acaba por diminuir, e isto aconteceu, talvez, porque a TVI tinha vários jornalistas em vários pontos cruciais da Ucrânia, naturalmente. No próprio terreno, o acompanhamento também diminui ou mantém sempre uma rotina de estar alerta para tudo o que se passa nas redes sociais?**

**PM:** Mantemos! Eu acho que mantemos, mas se calhar diminui. Diminui certamente em relação, por exemplo, ao trabalho que eu faço aqui. O trabalho mais de política diminui porque a reportagem num cenário destes é tão intensa e o teu dia de

trabalho é tão intenso... Não é que aqui não seja, mas é diferente, porque tens de sair de manhã cedo, de carro, atento aos perigos, ultrapassando “coisas” difíceis. Depois tens de falar com as pessoas e não se tem tempo para estar à frente do computador, ou do telemóvel e, portanto, vai diminuindo a utilização, certamente, das redes sociais.

E é esta transição de que eu falava: Tu deixas de ter um conhecimento apenas teórico sobre o que está a acontecer e passas a ter um conhecimento *in loco* e próprio, visto com os teus olhos, que eu acho que supera o outro. Ou seja, parece-me mais interessante e parece-me que este é que é o objetivo.

Mas, neste mundo em que somos todos comentadores de alguma coisa, a minha perceção ali é que a minha mais-valia no local não é tanto dar eco à discussão que há nas redes sociais, é acrescentar algo como a experiência vivida. E, uma experiência vivida, não é uma experiência de redes sociais. Há algumas coisas que eu posso confirmar, outras não. As redes sociais são muitas vezes históricas. Ou tem aquela câmara de eco, que nós seguimos uma série de pessoas... Eu, em geral, tento fazer uma coisa que é: Sigo pessoas com as quais não concordo, ou que até, às vezes, me repelem um bocadinho.

Na Ucrânia nós temos o problema desta câmara de eco. Estamos só a ver o lado ucraniano, não estamos a ver o lado russo e, portanto, tentava seguir umas pessoas que estivessem um pouco mais do lado russo. Havia poucas, mas tentava.

No covid tentei seguir pessoas que eram contra as vacinas, na política segui toda a gente e, muitas vezes, segui pessoas que eu digo assim: “Este tipo é um idiota, não concordo nada com isto”. Mas é bom, que é para furar aquela barreira. Se não estamos sempre a ouvir o mesmo e esse não é o meu trabalho. O meu trabalho é sentir um bocado a empatia e tentar perceber uns e outros.

Eu concordo com essa ideia de que a rede social ficou sempre presente porque, atualmente, não se consegue desligar das redes sociais. Até porque faz parte do meu trabalho. Imagina, nós vamos filmar um sítio que foi atacado. Eu chego lá, tiro duas fotografias, falo com uma pessoa e faço uma lista no Twitter: É uma mini reportagem, portanto estou ligado ao telemóvel. Agora já não tenho é tanto tempo para estar a ouvir todas as análises e tudo mais, até porque não me interessa. Nesta fase já não me interessa. Interessa-me tentar perceber o que aconteceu e o que as pessoas estão a viver por mim próprio, porque eu é que estou lá, e contribuir com isso.

Depois, às vezes corroboras “coisas” que aparecem e outras vezes não. Dei-te o exemplo de: “Eles não vão chegar”. Mas outra ideia é: “Os russos são demónios com cornos e não sei quê”. Uma vez vimos soldados russos mortos no chão, numa batalha que

tinha havido de tanques. E aquilo impressionou-me porque havia muitos corpos de russos no chão. E eram rapazes. Eu tenho 47 anos, na altura tinha 46, e ali eram miúdos de 17, 18 e 19 anos, muitos deles asiáticos. Então, presumia eu, que tinham 20 anos. E, depois, dava para ler as insígnias e muitos vinham de divisões motorizadas, de tanques do outro lado da Rússia. Se calhar vinham de 8000 quilómetros de distância. Lisboa está mais perto de Kiev do que eles viviam de Kiev e, portanto, são pessoas pobres. Então, tu sentes ali qualquer coisa e isto é informação, parecendo que não. Uma pessoa sentada em Lisboa numa rede social não consegue ler isto assim.

Agora, isto não é a minha emoção, de eu ter pena deles e achar que podia ser pai deles. Não, a minha emoção é: Estes tipos são asiáticos, vêm do outro lado da Rússia. Depois tu vês os objetos pessoais, além deles mortos, vês as pastas de dentes, as cartas de jogar (algumas são cartas de manga), a comida, a ração de combate e percebes que está fora de prazo, que estão mal alimentados. Imaginas que, se calhar, a mãe deles lhes deu uma carta, ou uma coisa qualquer, um daqueles objetos e, de repente, percebes: “Qual é a motivação destes tipos para lutar?”. É pouca. Eles foram obrigados a estar ali e, se calhar, estão pelo dinheiro.

Do outro lado (Ucrânia) é diferente. Eles estão a lutar pela terra deles e são homens mais velhos, mais treinados, se calhar. Portanto, tu percebes logo o equilíbrio das forças. Consegues sentir alguma simpatia e empatia por aqueles russos mortos, o que ajuda, porque o nosso trabalho não é, propriamente, ter uma opinião, ou estar de um lado, ou estar do outro. Mas ajuda também a fazer uma reflexão. Por exemplo, juntando àquela reflexão de que “Eles não vão chegar aqui”, a outra reflexão “Eles não têm motivação suficiente para ganhar esta guerra”, sobretudo quando têm uma resistência. Se essa resistência não existisse, ganhavam. E, portanto, eu percebi isto no princípio, estando no terreno. A rede social, aí, não ajuda nada. Eu precisava de estar lá. E é bom.

É bom também sair da rede social porque a rede social tem essa parte que me atrai e que ainda me é muito útil para fazer uma reflexão mais geral para tentar perceber algumas pessoas. Mas desumaniza um bocado porque tudo é instantâneo e tudo é opinião. Às vezes nós temos de sentir as coisas e temos de ter outros seres humanos à frente. E, portanto, também gostei muito dessa parte de sair da rede social. Mesmo que lá voltasse para dar o meu contributo. Até porque, atualmente, não dá para fazer trabalho jornalístico sem estar numa rede social. Não há hipótese.

**Há vários estudos que indicam que, durante os conflitos, os jornalistas conseguem chegar mais facilmente a cidadãos nos locais através das redes sociais, sendo que acabam por ser tornar fontes. Por vezes verídicas e outras não, mas que levam a novas histórias. Há alguma situação específica em que o Pedro se lembra de utilizar as redes sociais para encontrar uma história e conseguir desenvolvê-la para reportagem?**

**PM:** Sim, algumas. Quando tu chegas a um sítio vais alargando o teu espectro de ação e, ao princípio, não tens ainda a logística montada e não tens carro. No caso da televisão portuguesa temos poucos meios, então tens de começar a montar a tua logística e a ganhar confiança. E, no primeiro dia, de certeza que não apanhas um táxi e vais tentar ir à linha da frente, porque isso vai correr mal. Vais tentando. E eu tinha uma ideia: “O que é que eu vou fazer aqui de histórias?”.

A primeira história foi aquela, óbvia, das defesas da cidade, aquilo que estava ali à vista na praça principal. Mas, depois, a segunda história que fizemos foi algo que eu encontrei numa rede social. O maior hospital pediátrico de Kiev, que tinha crianças que estavam a ser levadas, nomeadamente, os doentes oncológicos, para a cave do hospital, para uma espécie de *bunker* durante os bombardeamentos. E eu vi isso através de uma rede social, vi através do Twitter, fixei e guardei. Tirei uma nota “hospital pediátrico” e fomos lá bater à porta no dia seguinte. Eles abriram-nos a porta e queriam mostrar aquilo. Depois tivemos sorte porque à porta estava uma ex-primeira-ministra ucraniana que entrevistámos, já que a história verdadeira estava lá dentro. E, quando lá chegámos, eles mostraram-nos tudo e era um horror. Crianças mortas, sobretudo das zonas à volta de Kiev, e feridas. Histórias terríveis. Mas eu cheguei a isto através da rede social, se não nem sabia onde era o hospital pediátrico.

Outra: Universidade de Kiev. Os alunos que ficaram na universidade, porque não tinham para onde regressar. Ou seja, eles eram alunos, estavam a estudar em Kiev, mas a terra deles era em zonas que agora estavam ocupadas pelos russos e, portanto, viviam ali também em *bunkers*, em *bunkers* do tempo da Guerra Fria, da guerra nuclear. Também cheguei através da rede social. E, certamente, outras. Não foram a maioria, eu creio.

Temos de perceber que o que nós estamos a fazer ali, em conflito, é uma “coisa” muito diferente do trabalho habitual do jornalista. É uma “coisa” muito mais intensa, muito mais rica também para contar. E há muitas “coisas”, ali, a que chegamos no contacto humano e na conversa. Muitas das histórias que nós fizemos era conversa com

outros jornalistas, ideias, falar com o nosso intérprete... Alguma coisa que surgia na conversa, uma pista. Era jornalismo puro, à antiga: “Agora, vamos conhecer o lado sudoeste da cidade, que ali há outra frente de combate”. Metemo-nos no carro e vamos. Essas são, talvez, as que gosto mais, que é a ideia de “vamos um bocado à aventura e vamos apanhando o que está na estrada”.

Porém, certamente, em várias reportagens chegámos lá através da rede social... Vamos conhecendo pessoas. Sendo que, aqui, também há a barreira linguística e, neste caso, há uma barreira linguística grande. E agora há muitas pessoas que não estão nas redes sociais, é preciso dizê-lo também. E, quando vais à Ucrânia, Ucrânia russa, ou seja o que for, são pessoas de uma certa idade que não estão nas redes sociais. É preciso ir lá mesmo. Mas eu não tenho a teoria disto. Tenho a prática, não tenho a reflexão sobre isto.

**Além destas oportunidades que as redes sociais oferecem, quais são as principais dificuldades que as redes sociais podem criar ao trabalho jornalístico no terreno de guerra?**

**PM:** Voltando um pouco atrás. Eu acho que a rede social nos dá uma perspectiva de conjunto que nós não teríamos de outra forma. E eu, por exemplo, fiz há muito tempo, em 2003, a Guerra do Iraque e, nessa altura, não havia telefones inteligentes, não havia nada. Eu consultava a *internet* no final do dia, num computador, no hotel com uma *internet* muito lenta. Imprimíamos uns papéis e íamos para o direto assim. Basicamente, a nossa reportagem era o que tínhamos visto durante o dia, só: “Vi isto, fiz uma história sobre isto” e impressões nossas. Agora continua a ser assim, mas temos uma visão do conjunto que é inacreditável e, portanto, isto é uma diferença enorme. Em 20 anos é uma coisa que não se compara. O valor da rede social, no caso do Twitter, é ter esta compreensão total do que está a acontecer. Às vezes não tão micro, mas mais o especialista, o analista, o jornalista. É ter aquelas vozes todas ali que me ajudam a compor o quadro geral, e isso para mim é mais interessante.

Quanto às dificuldades atuais, eu acho que tem a ver com as pessoas estarem cada vez menos predispostas a aceitar ou a ouvir. A rede social é para falar e reagir, mas há pessoas que... Acho que perderam o coração, ou perderam qualquer coisa, estando na rede social, porque aquilo ali é fácil. A rede social é meio anónima e o modelo de negócio deles é porem-nos zangados uns com os outros. Nós é que somos o produto. E eu vejo coisas que, às vezes, penso: “Como é que as pessoas perdem (às vezes, pessoas inteligentes) a calma, perdem a paciência e, depois, não têm predisposição para ouvir?”.

Eu vejo isso no meu trabalho de repórter e, quando fazia essas fotografias e essas “coisas”, houve reações de pessoas que vieram não sei de onde. Aquilo vem desses ódios e desta fermentação que existe.

Na minha base eu faço política e as “coisas” não eram assim. As pessoas antigamente aceitavam mais a diferença, aceitavam mais outras opiniões, isto é, clubes de futebol, partidos políticos, guerras, o que tu quiseres. As pessoas aceitavam mais a diferença. As pessoas agora têm duas ideias. Têm uma que é “sabem tudo” e a opinião deles vale tanto como outra qualquer, independentemente de terem uma opinião qualificada ou não terem. Depois, a rede social permite-lhes interagir com pessoas. Eu não tenho problema nenhum que interajam comigo, que falem e que perguntem. Eu até respondo a perguntas.

Mas outra coisa é chamarem-te nomes. E isto é a dificuldade. E eu apanhei muito isto. Por exemplo, em Portugal, havia muitas pessoas que tinham uma visão da guerra muito ideológica, que no fundo compraram em parte, ou em boa parte, à propaganda russa. Estamos a falar de pessoas, naturalmente, que são mais de esquerda, mais próximas do Partido Comunista. Mas compraram a propaganda russa, para eles, a Ucrânia era dominada ou tinha uma grande percentagem de nazis, que é uma coisa que lhes toca. E a parte de: “Houve aqui uma invasão a um país a ser invadido e outro que invadiu” não lhes tocava e, portanto, eu tinha muitas dificuldades com isto.

Dou-te um exemplo. Fiz uma pequena entrevista a um tipo do Batalhão Azov, e ele era um miúdo era voluntário e era espanhol. E ele era de extrema-direita. Não tenho dúvidas nenhuma que era, que eu até pesquisei um bocado no Google e ele tinha um histórico de pertencer a movimentos de extrema-direita, mas eu não fiz nenhum juízo de valor sobre ele. Entrevistei-o: “Porque é que estás aqui? De onde é que vens?”. E na própria reportagem, no Twitter, dizia-se isso, que isto era um movimento de extrema, que era uma unidade... (Não sei se todos os Azov são de extrema-direita atualmente, porque são tantos, mas, na base, é evidente que é)... E eu não o neguei. Não queiras saber... O dia todo com mensagens a dizerem que estávamos a contribuir para a disseminação do extremismo e do nazismo, e que eramos uma televisão e um jornalista ao serviço do nazismo... “Coisas completamente descabidas”. Eu não disse: “Eu adoro este tipo”, “Este tipo é fantástico, impecável”. Reportei apenas uma “coisa” que estava a acontecer. Aliás, mais para a frente alguém há de fazer um filme com o Batalhão Azov. É um elemento importante de reportagem. Agora, se eu gosto do nazismo, não gosto. Mas isso não me interessa, isso não é o meu ponto. O meu ponto é: Isto é um ângulo da história.

Estas notícias as pessoas não querem ouvir, querem confirmar aquilo que já acham que sabem. Pelo contrário, o que funciona sempre numa rede social é um cão ou um gato. Nós víamos, às vezes, aqueles prédios a cair. As pessoas ficavam feridas e, no meio daquilo tudo, os serviços de socorro ucranianos tinham sempre tempo para salvar também os animais domésticos. Muitas vezes havia um vídeo do cão que saía, em braços, com um bombeiro (e ainda bem que o cão saía), que tinham mais interações com o cão do que muitas vezes a salvarem as pessoas.

**Nesta guerra intensificou-se a ideia de que as redes sociais são concorrentes do jornalismo. Qual é a opinião do Pedro?**

**PM:** É quase contraditório, não é? Nós usamos muito as redes sociais, mas as redes sociais estão a matar o nosso negócio... Se já não o mataram. Mas claro que são, obviamente. Eu ainda sou do tempo em que a televisão fazia muito dinheiro porque tinha a publicidade. E as redes sociais (talvez mais um Facebook ou a Google) tiraram-nos a publicidade. Eles agora ganham a publicidade. Supostamente eles não são produtores de conteúdo porque nós produzimos os conteúdos por eles, mas eles estão no mesmo negócio do que nós e estão a ganhar. Vão ganhar e já ganharam. E as pessoas informam-se muito diretamente nas redes sociais e veem as coisas diretamente nas redes sociais. Ou, então, até é uma maneira de chegarem até aos *media* convencionais, mas vão através das redes sociais. Muitas não chegam sequer aos *media* convencionais ou não pagam por eles.

A rede social mudou, completamente, o panorama do jornalismo. A era digital mudou e nós tentamos adaptarmo-nos e beneficiar também com isso. Mas temos a plena consciência de que desvalorizou o nosso trabalho. E, tu, tens trabalho altamente qualificado, jornalístico, altamente dispendioso, mas não há maneira de isto se compensar porque as pessoas, muitas vezes, consomem o que é gratuito. Isso é uma questão que nos ocupa a todos e que não se sabe muito bem como é que se sai disto.

Tem havido boas experiências. O *The New York Times* ou o *Financial Times*, os grandes produtores de jornalismo do mundo, conseguiram. Voltaram atrás ou nem sequer entraram nisso de disponibilizar gratuitamente os seus conteúdos. Agora, nós não somos um competidor global, nem mundial, com língua inglesa. Temos mais dificuldades com isto, portanto, o nosso trabalho também está mais disperso.

**Esse fator aumenta a importância de ter maior cobertura jornalística no terreno de guerra, por exemplo?**

**PM:** É difícil porque fazemos menos dinheiro e, portanto, fazendo menos dinheiro, a cobertura no terreno diminui. Eu sou espetador disso na minha carreira. É evidente que nós investimos imenso na guerra da Ucrânia, particularmente a CNN e a TVI. Talvez, tenham sido o canal que investiu mais. O meu colega, o Sérgio Furtado, está lá desde o princípio, em permanência, e, portanto, acho que sim. Acho que não cometo, aqui, injustiça nenhuma em dizer que somos a televisão que mais investiu na guerra.

Agora, é caríssimo. E eu, quando lá estou, sou o gestor das contas. Sou eu que pago o intérprete, o carro, o hotel e é uma brutalidade de dinheiro. Mas nós temos de investir porque a história é tão grande e tão importante, que nós, que somos jornalistas e fazemos jornalismo, temos que investir nisto. Agora, custa-me muito. Mas tem diminuído a cobertura jornalística, sobretudo, noutras valências: A grande reportagem, que é uma coisa que precisa de tempo e investimento e não tem um retorno imediato, porque a guerra ainda assim tem um retorno. Aqui, as pessoas veem-nos, é o assunto principal do dia, é *hard news* e, portanto, eu quando lá estive, fazia sempre as primeiras peças de jornal, fazia 10 ou 15 diretos por dia e, portanto, alimentava muito a antena e alimentávamos muito a antena. Agora, jornalismo mais lento, grande investigação, esse tem vindo a morrer aos poucos. Eu vi isso na minha carreira. Antes nós investimos muito porque tínhamos muito mais meios financeiros do que temos agora. É uma questão existencial para o jornalismo. O jornalismo, tal como o conhecemos, não sei se voltará alguma vez.

### **Mais ainda com o surgimento de cada vez mais redes sociais...**

**PM:** Eles no fundo fazem conteúdos como nós fazemos. E os nossos conteúdos, em geral, são melhores, mas não há maneira de haver um modelo de negócio aqui que funcione contra esses monopólios mundiais, americanos, que dominam o planeta. Quer dizer, quem é que consegue competir? Ninguém. Esse é o lado mau da rede social. Como jornalista, é evidente.

Agora, queria voltar só ao princípio e dar-te outro exemplo de como é que a rede social é útil, em relação à minha experiência: Antes de ir para a Ucrânia, debatia-se muito se os russos estavam a fazer *bluff* ou não, se iam invadir ou não a Ucrânia. E eu fui acompanhando e houve, ali, uma altura que desviei a minha atenção. Como jornalista, este é um tema fundamental... Um mês antes, ou dois meses antes, andava distraído e, de repente, comecei a dizer “Vai haver uma guerra”, porque seguia pessoas muito especializadas em defesa e tudo mais. E isso é uma coisa que nós não tínhamos antes. Porque o próprio cidadão filmava aqueles comboios de tanques russos que chegavam à

fronteira da Ucrânia e havia pessoas a filmá-los. E, claro, há especialistas, agora com a geolocalização, que diziam: “Este tanque vem dali”, “São não sei quantos homens aqui”. Por exemplo, os serviços secretos americanos já sabiam, mas, eu, enquanto jornalista e cidadão, comecei a acompanhar coisas que, antigamente, eram inimagináveis através das redes sociais e li alguém que dizia (um analista militar): “Se começarmos a ver, nestes comboios de tanques, divisões que vêm da Sibéria ou do meio da Rússia, ou lá do outro lado, é porque vai haver guerra, porque ninguém vai desproteger o flanco com a China e tudo mais, se não for mesmo para fazer guerra a sério”.

A partir dessa altura disse “Isto é guerra”. E havia muitos colegas meus que diziam: “Não, isto é só *bluff*, é não sei quê”. E eu tive essa perceção pela rede social e já fiz outras guerras e outros conflitos e isto é um valor acrescentado enorme. Tu tens ali pessoas altamente qualificadas. Mais uma vez, para mim, a grande utilidade da rede social é ter pessoas especializadas que partilham o seu conhecimento livremente, isso é uma riqueza muito grande. O cidadão comum, às vezes, para mim tem menos interesse, sobretudo se não estiver lá, se estiver só em casa a dar uns bitaites.

Agora, eu acho que o valor de lá ir, para o jornalismo, é incrível. Isto é uma reflexão que, se calhar, nós temos de fazer, enquanto jornalistas dentro das redações, e eu acho que esta linha se está a perder um pouco porque nós próprios nos estamos a transformar num *feed* numa rede social. Ou seja, o mercado jornalístico está fragmentado, as pessoas consomem informação aqui e ali. Há gente mais nova, e não tão nova já assim, que já não tem televisão e, portanto, escolhem o que querem ver, ou não escolhem, se calhar alguém escolhe por eles. Mas enfim, têm, pelo menos, essa ilusão. E, o que nós estamos a fazer, a transformarmo-nos.

Tenta encontrar um país com o nosso tamanho e riqueza que tenha tantos canais de televisão 24 horas. Não existe. Se calhar, o exemplo que vais encontrar é França, mas não se pode comparar Portugal com França e a riqueza noticiosa de França com a riqueza noticiosa de Portugal, ou com a riqueza material de França e a riqueza de Portugal. Portanto, nós temos uma coisa absolutamente *sui generis*. Temos duas. Uma é os jornais principais, dos canais principais, serem tão longos, isto é, terem 1h30 ou 2 horas. E termos tantos canais de notícias para um país que é mínimo e que não tem notícia nenhuma. Nós não temos notícias para alimentar aquilo tudo. Isto é uma coisa completamente original em Portugal. É uma originalidade, para não dizer uma deturpação, que acontece em Portugal e não acontece em mais lado nenhum.

Eu vivo, aqui, na Bélgica - tinha, agora, que me atualizar -, mas durante muitos anos nunca houve um canal de notícias em lado nenhum e eles são mais ricos do que nós. Mas é um país que tem tantas pessoas, até mais do que nós e, portanto, não têm. O que eles têm é quando há um evento especial, interrompem a emissão do canal principal e dão notícias. Agora esta coisa das 24 horas é uma coisa muito específica nossa. É claro que isto acontece por razões financeiras, porque aquilo dá audiência e alimenta a subscrição e ganha-se dinheiro com aquilo. Mas eu acho que estes canais de notícias se adaptaram.

Falava-se, obviamente, do ciclo das 24 horas, mas nós adaptámo-nos agora ao *feed*. Nós próprios somos um *feed* da rede social. E tu vês isso em menos reportagens, quase nada de investigação de fundo, horas de comentadores, pouca presença no terreno ou quando a presença está no terreno, não está a fazer reportagem, portanto não está a fazer profundidade, não está a ouvir pessoas, e a falar ou a comentar. É como enviarem-me para um sítio qualquer e eu falar. Se eu fosse para Ucrânia só fazer diretos, de manhã à noite, no telhado do hotel, não aprendia grande coisa sobre a Ucrânia. Ficava a saber um bocadinho o que as pessoas do hotel diziam, o que outros jornalistas diziam.

Eu tenho de sair para a rua. Mas, atualmente, com esta coisa de alimentar o *feed*, tu és quase encostado a isto, a dizer: Eu agora vou falar muito, ... falar, falar, falar, falar, falar, falar”, como fazem as redes sociais. Mas não se está mais bem informado por isso, pelo contrário, é preciso, às vezes, parar um pouco e dizer: “Eu preciso de umas horas para ir filmar qualquer coisa”, “preciso de umas horas para falar com uma pessoa”, “preciso de umas horas para fazer uma reportagem” e isto para mim é melhor jornalismo. Atualmente é mais difícil fazer isto porque o tempo foi tão acelerado que nós temos que estar sempre a comunicar com muito menos para dizer. Há um valor incrível em desligar durante umas quantas horas e ir à aventura ou ir à reportagem e sair de lá com um conhecimento mais profundo das coisas.

Há 20 anos tinha um dia para fazer uma reportagem. Tínhamos horas para filmar. A qualidade estética, o tempo que eu tinha para falar com uma pessoa era incrível. Agora, estou sempre a ser apertado com um direto aqui, um direto ali. O meu valor enquanto repórter no terreno é cortar um bocado isto e ir mais profundo, mas isto é cada vez mais difícil fazer. Mas há aqui, também, uma ilusão, às vezes, de conhecimento, ou melhor, a rede social dá-te conhecimento das tais pessoas que são altamente qualificadas e que partilham o seu conhecimento. Antigamente, tinha de se fazer um curso superior para saber tanto sobre covid como se sabe agora. Depois, também é preciso separar o que é justo, o que não é justo, o que é sério, o que não é sério. Isso é um valor incrível. Agora,

ao mesmo tempo, nós estamos, se calhar, a perceber menos o que está a acontecer, porque estamos a acelerar.

Por exemplo, a visita do Papa. O Papa esteve em Portugal. Toda a gente viu o Papa de manhã à noite. Não porque sejamos muito católicos, mas porque dá audiência e é um espetáculo que eles já têm montado. Eles vêm com o seu programa, aquilo é um espetáculo da Igreja, que serve também para mostrar a Igreja e para arregimentar pessoas novas para a Igreja ou religar outras. Nós damos o espetáculo, tal como ele está montado, e durante dois ou três dias não houve mais nada. No dia em que o Papa apanhou o voo e se foi embora, à noite e no dia seguinte, já era: “Portugal está a arder”. Eu não sei se Portugal estava a arder, mas os fogos estavam a acontecer, também, por trás do Papa e ninguém via. Quando o Papa saiu, só havia fogos. E, portanto, isto é, claramente, rede social.

Nós, agora, temos muito pouco tempo para refletir, para pensar, para ir contra a corrente. O *chat* da rede social é isso, às tantas estamos todos a dizer o mesmo e não estamos a parar para pensar. Eu, para mim, esse é o grande problema da rede social. As pessoas estão muito mais zangadas, têm montes de opiniões e, às vezes, zangam-se por nada. É uma coisa impressionante. Tem muitas que estão um bocado desumanizadas.

Eu faço muita política. Quando é que se tornou uma coisa grande chamar um nome a uma pessoa? Ser de direita ou de esquerda: “direitolas” ou “esquerdalhos”. Quer dizer, eu na minha própria casa tinha família que era de esquerda, de direita e vivíamos todos juntos e não víamos mal nisso. Somos todos democratas. Há uns que não são, mas éramos. E, portanto, tornou-se essas coisas das clubites. Isto foi completamente assoberbado pelas redes sociais, pela *internet* em si.

### **Para finalizarmos, a cobertura desta guerra teria sido muito diferente sem as redes sociais?**

**PM:** Necessariamente, sim. E eu acho que até do ponto de vista militar, se formos ver bem, esta é uma guerra que é clássica, uma guerra com tanques e trincheiras e tudo mais, mas tem uma nova componente. E aí o Telegram, os drones e a parte eletrônica da guerra - em que eles veem mesmo onde tu estás lá em cima e vão deitar uma granada na cabeça - é uma “coisa” completamente nova.

Depois a compreensão do que estava antes, do que está a acontecer, de quase ver a guerra em direto. Aquele soldado que tem uma câmara e que está na trincheira a matar russos, ou a defender-se dos russos. Antigamente isso não existia. Não existia nada disso.

Por isso, sim, teria sido diferente. Agora acho que podemos voltar sempre também ao mesmo. Seria diferente? Sim, mas isto é uma guerra ao mesmo tempo que tem raízes profundas, que tem a ver com uma certa conceção do que era o Império Russo, dos ressentimentos da guerra fria, do regresso da história.

O mundo mudou a forma de fazer, mas no essencial, a história tem o seu peso e as pessoas têm a sua parte. Estamos a viver num mundo novo e com novas ferramentas, mas o essencial da guerra é o mesmo de sempre e é a coisa mais bárbara que as pessoas conseguem conceber. Nesse sentido não mudou no sentido, não mudou. É uma guerra, é uma guerra antiga. E a forma como eles falam, não é? “Os nazis”, “O discurso do Império russo”, tudo isto são coisas de tempos onde não havia redes sociais.

Eu não sei se mudou tanto assim, mas na forma de operar enquanto jornalista sim. Volto a sublinhar esta ideia de o jornalismo estar em risco. Ao mesmo tempo, este jornalismo que nós lá fomos fazer foi também muito clássico, pelo menos da forma como eu tentei fazer. Eu e o meu colega Tiago Ferreira tentámos fazer um jornalismo à antiga.

Foi talvez o trabalho mais à antiga que eu fiz nos últimos 10/15 anos. E gostei porque consegui desligar-me um pouco, ou talvez porque o que estava a acontecer era tão forte que o valor da reportagem dos olhos no terreno era demasiado grande. Conseguimos fazer algumas reportagens e algumas peças e experimentar uma coisa antiga. Ou seja, foi muito diferente da experiência que tive há 20 anos, porque aí não havia muita internet. Mas a grande parte do meu trabalho conseguiu ser ainda assim, muito presencial. Por exemplo, eu aqui faço jornalista em presença. Se eu sou correspondente de uma cimeira europeia, estou a falar com pessoas, mas sinto muito mais esse peso da rede social aqui porque os políticos estão a comunicar pela rede. É quase tudo virtual, mais virtual do que na Ucrânia. Na Ucrânia senti-me muito mais presente do que sinto na maior parte dos meus trabalhos. Ainda bem, se não tinha ficado no hotel a falar no telhado.

Eu tento também usar a rede social para comunicar diretamente com as pessoas. Tu podes ver que as histórias que eu fiz há quase dois anos eram muito simples. Podíamos tirar uma *selfie*, a mostrar uma “coisa” e ter uma linha para contar. Era quase uma estrutura de reportagem para a noite e depois ver a reação das pessoas e tal. Esta coisa dos generais, das bombas e das setas não me diz nada. Eu chegava lá, tentava deixar as pessoas contarem as suas histórias e fazer um retrato humano. Tentei fazer a coisa mais clássica possível, precisamente para tentar.

Eu fui com um colega meu Tiago Ferreira, que para mim é o melhor repórter de imagem de guerra de Portugal. Tem mais experiência do que eu. E isto não se fazia sem

ele, certamente. E não se faz sem as duas pessoas. É sempre importante dizer. E o que nós mais gostámos de fazer foram as peças que depois passaram a noite no jornal principal, que foi quase um artesanato à antiga. Fomos fazer peças que tivemos umas horas para filmar e editar. Como uma reportagem no terreno é sempre a correr, quase nem respiras, mas tentámos fazer aquilo de forma clássica, falando com as pessoas, filmando e é disso que eu tenho orgulho. Dos 350.000 diretos sobre tudo e nada... Isso passa. A reportagem é o que eu gosto de fazer e isso saiu-nos da pele.

## Apêndice G

### Entrevista a Filipe Caetano

**De que forma são utilizadas as redes sociais pelo enviado especial na guerra?  
Em que situações se recorre às redes sociais e com que objetivos?**

**FC:** Mesmo antes da guerra, eu já usava as redes sociais, não todas. E com a guerra houve uma novidade. A minha utilização das redes sociais por afunilar no Twitter como ferramenta de trabalho. Já era uma ferramenta absolutamente usada no meu dia-a-dia como editor do Internacional. Ainda antes destas alterações do Twitter para o X, por exemplo, havia uma ferramenta que deixei de utilizar muito útil no Twitter, que era o “*tweet hack*” que me organizava as listas, ou seja, a minha utilização do Twitter é a partir de listas de interesses.

Quando a guerra da Ucrânia começa eu vou criando uma lista específica com contas oficiais de jornalistas ou atores principais que eu fui identificando como credíveis para me fornecer informação sobre a questão específica da guerra da Ucrânia, tanto meios locais como políticos, como elementos ligados às forças de um exército e outras, tanto em inglês, como em ucraniano ou russo. Porque, mesmo eu não sabendo falar ucraniano e russo, as ferramentas automáticas do Twitter permitem a tradução, pelo menos dos títulos, e isso leva-me a ter um maior entendimento sobre algumas questões. Depois, para fornecimento de informação privilegiada ou para uma informação mais rápida... Essa estratificação por listas é algo que eu já tinha utilizado noutros cenários e noutras circunstâncias. Por exemplo, no acompanhamento de eleições. E ali também se tornou muito útil. Portanto, o Twitter foi algo que eu já usava, continuei a usar e foi muito útil no terreno, principalmente quando a guerra começou.

Usando também a minha experiência, há sempre muita informação que não é verdadeira e é muito importante mantermos essas práticas de utilização de meios

credíveis. E mesmo assim há muitos meios credíveis que não podem ser a nossa única informação... Temos de ir confirmando. Aliás, até houve vários casos de meios considerados credíveis que acabaram por partilhar imagens que não eram verdadeiras, nomeadamente no início mesmo da ofensiva. Isto trouxe problemas também e desafios novos aos meios de comunicação social.

A novidade na rede social foi que eu passei a usar, e acho que usei exclusivamente quando viajei para a Ucrânia e quando viajei para a Rússia, foi o Telegram. As listas de distribuição do Telegram tornaram-se extremamente úteis e eu percebi que, naquela parte da Europa, o Telegram era muito mais usado do que em Portugal. Eu não tinha utilização do Telegram, mas lá percebi que havia muita gente a usar por razões de encriptação das mensagens e pela questão das listas de distribuição, que são muito usadas não só por meios de comunicação, como por atores ligados à guerra, ministros e elementos do exército de regiões específicas na Ucrânia. No lado russo também há muito essa utilização e, portanto, até o acesso ao conteúdo multimédia se tornou muito mais útil a partir da utilização do Telegram. Acho que foi a novidade que eu senti, pelo menos, durante o início da guerra.

**O Filipe falou da informação não verdadeira que circula. No terreno de guerra, onde tudo é incerto e rápido, como é que se filtra o que se vê e recebe das redes sociais para evitar a desinformação e as *fake news*?**

FC: É a sistematização, ou seja, há uma série de regras que nós devemos seguir e a rapidez é inimiga da liberdade e da verdade. É por isso que muitas vezes eu falo em redação que, mais vale despende alguns minutos para a verificação dos factos do que dar uma informação errada porque o dano é gigantesco. Atualmente eu acho que essa consciência está mais presente, mas o risco de cometermos os mesmos erros também está sempre presente. E há de facto muita pressão para que a informação seja logo libertada. Mas os *standards* foram algo introduzido com esta parceria que nós temos com a CNN e que são os *standards* aplicados também à TVI. Somos obrigados a confirmar. Era algo que eu já fazia, que é a verificação em várias fontes.

Por exemplo, a nível de imagem e de vídeos, no início da guerra começaram a circular muita informação. Quase que havia uma expectativa de que surgissem imagens do género de outras guerras como, por exemplo, da Guerra do Iraque, que ficaram muito conhecidas pelas imagens dos ataques durante a noite em que se via os tiros ou os ataques com aviões e drones. Mas sempre é tão visual. E em sempre é possível, no terreno de

guerra, verificar esse tipo de imagens. E verificar em primeira mão, portanto, visualmente, nós estando lá, muitas vezes é mais ao nível do ruído e não em termos de impacto de explosões. No início da guerra houve vários vídeos com aquilo que seria o impacto de explosões muito fortes, mas também surgiram vídeos que não eram verdadeiros.

Como é que eu normalmente faço? Se for vídeo, utilizo o Google Images utilizo o que me permite ir colocando vários *frames*. Se esse *frame* já tiver sido utilizado, ou seja, se esse vídeo for antigo, imediatamente conseguimos perceber que aquele *frame* é antigo e que aquele vídeo não é da Ucrânia.

Depois... Essas imagens foram partilhadas por quem? Foram partilhadas por fontes credíveis, ou seja, por meios de comunicação social certificados? A pessoa que partilhou essa informação, imagem ou vídeo através das redes sociais está no local ou é alguém também confirmado como credível? Essas questões são sempre importantes de verificar. Há várias pessoas a partilhar? A certa altura também podemos contactar essa pessoa. Essa pessoa consegue confirmar que está nesse local e que esse vídeo é verdadeiro? Posso utilizar esse vídeo e citar essa pessoa? Há uma série de passos que são inimigos da rapidez e da veracidade informativa, colocando-nos desafios. Portanto, há uma série de situações que podem servir de salvaguarda para nós, jornalistas, para não cometer os erros.

**Há vários estudos que indicam que, durante os conflitos, os jornalistas conseguem chegar mais facilmente a cidadãos nos locais através das redes sociais, sendo que acabam por ser tornar fontes. Como é que se chega a essas fontes?**

**FC:** Através do contacto direto. Nós, por exemplo, estamos a pesquisar algo num território específico, não sendo só uma notícia de última hora nas reportagens.

Na Ucrânia houve uma mudança em termos de cobertura jornalística, pelo menos na perspetiva portuguesa, muito grande. Eu acho que foi o maior investimento dos *media* em Portugal, para equipas de reportagem, para a cobertura de um conflito. Esse investimento não tem a ver só com um envio de muitas equipas de reportagem, por exemplo, na televisão, é uma operação muito mais pesada porque obriga à utilização de mais pessoas. Mas houve um elemento que se surgiu foi a questão do *fixer*.

A figura do *fixer* é alguém local que nos serve quase como produtor, tradutor e jornalista porque nos ajuda a encontrar reportagens. Essa pessoa muitas vezes faz esse caminho de “Eu identifiquei uma pessoa que eu vi nas redes sociais, vamos contactar”. Normalmente, fazendo um contacto direto a partir das redes sociais, por exemplo.

Sei que há algumas histórias minhas que eu acabei por consegui-las através do Instagram e do contacto direto, normalmente até com a ajuda do *fixer* porque as pessoas podiam ter receio de quem é que os estava a contactar, sendo que, de um momento para o outro, muitos jornalistas estrangeiros foram para a Ucrânia. Para os ucranianos também passou a ser estranho ter de falar tanta coisa com os jornalistas estrangeiros. Portanto, após a identificação das histórias num meio local ou numa conta na rede social, procurávamos essa pessoa através do Google, do Twitter, do Telegram, Instagram e contactávamos diretamente essa pessoa, muitas vezes com a ajuda do *fixer* que fala a língua local.

**Na análise ao primeiro mês da guerra no Jornal das 8 é perceptível que o conteúdo das redes sociais acaba por diminuir, talvez pela grande presença jornalística da TVI em vários pontos cruciais da Ucrânia. No próprio terreno, o acompanhamento das redes sociais também diminui?**

**FC:** Não concretamente. Ou seja, a rede social é sempre uma fonte de informação e pode ser também uma fonte de inspiração. E, por isso, para outras reportagens, porque obviamente há tanta coisa a acontecer que há histórias que nós... Nós estamos sempre à procura de histórias. Ou seja, o desafio de um repórter de guerra ou de um enviado especial, na minha perspetiva, tem várias fases. Uma é quando eu, por exemplo... Eu fui a primeira vez à Ucrânia antes da guerra começar, ainda no final de janeiro quando se falava que podia haver uma invasão. Os Estados Unidos da América avisavam da movimentação de tropas na fronteira com o povo da Rússia.

Depois regresssei Lisboa e voltei à Ucrânia uns 10 dias antes da guerra começar. Não sabia que a guerra iria começar efetivamente, mas voltei. E, portanto, estamos sempre à procura de reportagens, não é? Antes da guerra começar é a expectativa da guerra, depois quando a guerra começa a reportagem tem muito a ver com a caracterização do ambiente, mas depois há uma vontade também de perceber quais são os movimentos das frentes de batalha, pessoas que viveram sob a ocupação russa, território ocupado russo que foi libertado, pessoas que estão a ser alvo de bombardeamentos, muitos refugiados. Todas essas componentes colocam-nos desafios e as redes sociais ajudam-nos.

Para além das fontes de informação tradicionais, eu encaro as redes sociais como uma fonte de trabalho e de informação. Não estou a dizer que dou o mesmo nível de credibilidade do que aos meios tradicionais, mas a minha utilização de redes sociais já é usual. Eu próprio já estou a certificar as pessoas ou os contactos que sigo, portanto

também já lhes dou uma credibilidade adicional, o que já não é “tudo o que vem à rede é peixe”. Já é algo filtrado por mim através dessas listas e das contas específicas que sigo.

E depois também surgem outras sugestões que, muitas vezes, vêm da redação e que nós temos de tentar verificar se são verdadeiras ou não. Eu acho que as redes sociais, mesmo que nós estejamos a ter reportagem de primeira mão no local, têm sempre um *input* importante que nunca deixamos de lado. Há sempre, por exemplo... Eu começava o dia sabendo que tinha de fazer a reportagem, que tinha de preparar sempre nos dias anteriores, e havia sempre um contacto com a rede social para perceber o que se estava a passar. E, de facto, houve histórias que surgiram por tê-las visto partilhadas por alguém e eu depois fui escavar fundo até chegar à história. E foi a partir das redes sociais.

### **Há alguma história específica que se recorde que tenha acontecido?**

**FC:** Por exemplo, uma história em Bucha. Mas isto não foi no início da guerra, foi depois, quando eu voltei. Portanto, Bucha quando foi ocupada pelos russos houve a história de uma senhora que foi filmada a ser alvejada por um tanque. Ela ia de bicicleta numa esquina e foi alvejada por um tanque.

Há uma foto muito conhecida das unhas dela. Estavam cuidadas, eram vermelhas, ou cor-de-rosa, e a senhora morreu. Havia uma foto da Associated Press em que se mostrava a senhora, portanto o corpo, mas só se via as unhas. Mais tarde, quando estava a falar com a minha *fixer*, percebi que era possível falar com a filha dessa senhora. Fomos à procura dessa história e voltei a Bucha, já desocupada, fiz uma reportagem no local.

Seguindo essa linha, mostrei o local e reconstruí aquilo que se tinha passado, explicando quem era a senhora, através do testemunho da filha. Mas há várias histórias deste género. Por exemplo, uma outra tem a ver com uma pintora que se tornou muito conhecida, a Maria Primachenko, que era uma pintora que retratava os valores da Ucrânia Viveu na altura do Picasso e foi ele que acabou por descobri-la, com espanto porque era uma senhora que vivia na zona de Chernobyl, portanto, caracterizava muito o que era viver depois da explosão da central nuclear.

Eu estive nessa localidade várias vezes e, numa das vezes, percebi que a neta dessa pintora era presidente da ‘Fundação Maria Primachenko’ e uma daquelas pessoas que faz parte de um grupo que são “As crianças de Chernobyl”, ou seja, pessoas que nasceram naquela região já com alguns reflexos e repercussões da radiação deixada pela Central de Chernobyl. Essas pessoas foram trazidas para a Europa Ocidental, nomeadamente para Itália, Espanha e Portugal. E, portanto, nessa localidade onde eu estive descobri que há

peessoas que falam português, espanhol e italiano por causa dessas questões de terem sido crianças que foram levadas em campos de férias para esses países para ganharem saúde e para respirarem um ar mais puro.

Essa também foi uma história que fui descobrindo a partir das redes sociais. E é curioso que essa localidade, que se chama Ivankiv, foi uma localidade também ocupada por russo. Portanto, no cerco de Kiev. E onde eu, por exemplo, fui mais do que uma vez e onde eu falei português, espanhol, italiano. Portanto há uma série de coisas que fui descobrindo em que as redes sociais foram muito úteis como ponto de partida, mas não como história final.

**Além destas oportunidades que as redes sociais oferecem, quais são as principais dificuldades que as redes sociais podem criar ao trabalho jornalístico no terreno de guerra?**

**FC:** Eu não senti dificuldades. Houve coisas que não têm a ver comigo, mas que têm a ver com a empresa. Por exemplo, eu sei de um episódio específico em que nós utilizámos imagens que não eram verdadeiras, ou seja, não foi da minha responsabilidade, mas eu sei porque fui chamado para prestar esclarecimentos à ERC por causa de uma queixa de utilização de imagens que não eram verdadeiras. Tem a ver com coisas mais “tipo explosões”.

Na noite em que a guerra começou, eu estava em Dnipro e eu fui avisado poucas horas antes pelo embaixador português na Ucrânia que estava iminente um ataque e uma invasão russa. Eu estava em Dnipro, no sul da Ucrânia, e estava a fazer reportagens no Donbass. Eu ficava em Dnipro e ia ao Donbass e voltava todos os dias. Na véspera da guerra começar eu estava em Kramatorsk, que é uma cidade que já vivia com uma lógica da guerra desde 2014. E eu aviso a redação de que poderia haver um ataque durante a madrugada para estarmos preparados em termos de operação logística. No fundo, era para estarmos preparados na redação porque a guerra ia começar. Mais tarde, apercebo-me que, quando eu entro em direto, pela primeira vez por telefone com a CNN, são utilizadas imagens falsas. Eram imagens de um jogo que circularam nas redes sociais. Eu acho que o querer mostrar logo as “coisas” acabou por levar alguns órgãos de comunicação social, e nesse caso concreto, porque isso é público, a cometer esse erro.

No terreno eu não senti nada que me prejudicasse, pelo ao contrário, foi surpreendente até por ter o apoio da população. Eu fui publicando algumas coisas nas redes sociais e, de facto, foi avassalador. As pessoas estavam preocupadas connosco, com

a nossa segurança e foi um apoio incrível. Eu não tinha total noção do impacto que poderia ter, e fomos tendo muitas vezes noção, eu e os meus colegas, do impacto que estava a ter na sociedade o que estava a acontecer, e como era importante o nosso papel de explicar, mas não me lembro de nenhuma situação concreta comigo. Lembro-me de situações que possam ter prejudicado a imagem da empresa por causa da utilização indevida de informação, sim.

**Nesta guerra intensificou-se a ideia de que as redes sociais são concorrentes do jornalismo. Qual é a opinião do Filipe?**

Não acho que haja concorrência, sinceramente. Eu nunca embarquei nessa tese. Achei sempre que, mesmo quando surgiram, as redes sociais são um sítio onde os jornalistas devem estar, onde as empresas devem estar e onde devem marcar pela diferença, pela simplificação da informação, pela veracidade da informação. E acho que isso deve ser feito de forma sistemática e contínua.

Quando existem perigos, no sentido de ameaças à informação, aí ainda devemos estar mais presentes no esclarecimento com factos. Eu acho que é a única forma. As redes sociais podem ser muito úteis também a jornalistas. Mesmo quando existem críticas, acho que devemos estar disponíveis para as fazer dentro da razoabilidade. Se houver críticas, não sejam identificadas, ou com contas falsas ou com contas sob anonimato, acho que não devemos sequer considerá-las. Se houver alguma interação com pessoas, devemos promovê-la, desde que seja saudável e construtiva. Portanto, não acho que sejam ameaça.

Acho que as redes sociais devem ser entendidas como ferramenta de trabalho. Mas não é usar as redes sociais explorando-as ou explorando as pessoas e, eventualmente, usando sem citar. Atualmente já usamos as redes sociais citando, até porque é uma segurança para nós porque, citando as fontes especificamente, eventualmente se formos questionados, podemos dizer que foi aquela fonte. Mas isso não nos deve libertar de verificar. Não podemos estar a citar só por citar. Se aquela fonte for credível, isso não nos serve de nada. Mas se aquela fonte não for credível, devemos certificar e citar para que seja atribuída a responsabilidade da informação.

**Para finalizarmos, a cobertura desta guerra teria sido muito diferente sem as redes sociais?**

**FC:** Claramente. Acho que não só guerra, mas tudo nos dias de hoje. Acho que nós vivemos numa altura em que existe uma dispersão enorme de informação, o que é um

desafio gigantesco para os jornalistas. Já não nos socorremos, nem nos podemos socorrer, de um tradicionalismo na abordagem à informação, seja através de fontes primárias, como agências de notícias ou de outras fontes que nos possam surgir, por exemplo, outros colegas ou meios de comunicação social. No jornalismo internacional, as redes sociais são importantes para estas situações específicas. Não acho que devam ser fontes privilegiadas, devem ser fontes usadas como as outras.

Eu tenho algum receio quando me dizem “Ah, isso tornou se viral!”. Eu acho que o conceito ‘viral’ tem de ser um conceito muito bem enquadrado porque, quando temos redes sociais que têm algoritmos e que no fundo são elas que constroem consoante os nossos gostos, isso pode ser viral para uma pessoa, mas não para outra não. Portanto, há no fundo esse esclarecimento em relação às redes sociais que tem de existir e acho que não existe sempre. Na minha perspetiva, eu acho que ir atrás apenas do que está, alegadamente, ‘viral’ não é um entendimento que deve ser utilizado no jornalismo. O que deve ser entendido é a utilidade da informação que está nas redes sociais, que são só mais uma fonte para o nosso trabalho. Portanto sim, acho que seria muito diferente se as redes sociais não existissem. É, de facto, uma realidade palpável, existente e que já não podemos controlar.